Mundos Mortos

Octavio de Faria

Romance

Editora do Autor

Octavio de Faria

Mundos mortos

(Tragédia burguesa - I)

Editora do Autor

Rio de Janeiro – RJ

1962

NOTA

O EMPREENDIMENTO da Editora do Autor, iniciando com "Mundos Mortos" a reedição de "Tragédia Burguesa", levou-me a uma decisão que de há muito vinha sendo estudada, mas que, por um motivo ou por outro, sempre fora protelada: a de me lançar à correção definitiva dos textos dos romances antes da conclusão dos 15 volumes da série.

No que diz respeito a "Mundos Mortos", cuja 1ª edição data de 1937, essa necessidade era flagrante. Tanto na sua 2ª edição (Liv. José Olympio Ed. - 1950) como na edição portuguesa (Livros Do Brasil, Lisboa 1961) as alterações feitas foram mínimas, direi mesmo: insignificantes. Impunha-se um esforço mais demorado, de "limpeza" e "arrumação", de supressão sistemática de frases e detalhes inúteis, enfim, toda uma longa e minuciosa correção que permitisse apresentar o romance numa espécie de "edição definitiva". Tal a que hoje oferecem ao público a solicitude e a boa vontade da Editora do Autor.

Muito embora tenham sido eliminadas (em relação ao texto de 1937) mais de oitenta páginas, não considera o autor que o romance tenha sofrido nenhuma modificação essencial. E mais uma vez lembra que se trata de livro que só deve ser lido por pessoas já formadas, sendo necessário, para entendê-lo sem escândalo, uma certa compreensão das coisas que só a idade traz. Insiste, também, em que nenhum dos seus personagens representa pessoa viva ou morta nem o próprio autor.

O.F.

Rio, 1962

“Não apartes de mim a tua face,
para que eu não seja semelhante aos
que descem ao lago”.

(Salmos - CXLII, 7)

I PARTE

DESCOBERTA DO MUNDO

1

IVO já tinha feito as orações da noite, mas ainda não adormecera. Como nos dias anteriores, o sono demorava a vir, resistente, parecendo mesmo, em certos momentos, totalmente impossível. Os minutos passavam, iguais, de uma regularidade imperturbável. Tinha a impressão de se estarem escoando horas enquanto ele permanecia ali, estirado, lutando contra a insônia.

Esse espaço entre a última oração e o adormecer, mínimo em outros tempos, fazia-se agora cada dia maior. Não sabia o que era, porém o sono parecia fugir com o beijo rápido dado no pequeno crucifixo de prata de sua cama, logo em seguida ao Ato de Contrição com que, a conselho de padre Luís, terminava sempre as orações da noite. Não compreendia bem porque era, mas, apenas se deitava, tranquilo, disposto a dormir, logo o sono fugia. Fugia, misteriosamente. E era tolice pensar que viesse de volta somente porque queria dormir, porque precisava dormir. Nervoso, irritado, pensava: como resistirei, se as tentações vierem? Dispunha-se a combater certas recordações perigosas, olhava o teto, olhava para os lados, mergulhava a cabeça no travesseiro, procurava enganar-se, ganhar tempo, mas era inevitável: as tentações acabavam vindo. A princípio vagas, traiçoeiras. Aumentavam, tornavam-se mais precisas e, em pouco, tinham-no dominado completamente. Inútil lutar, não conseguia afastá-las. Tinha de aceitá-las para ficar tranquilo, para sentir de novo o descanso no corpo e na cabeça. Só conseguia dormir assim, entregando-se. Sem aquelas mulheres despidas, incansavelmente se oferecendo e se recusando, não havia sono.

E como sabia que precisava dormir, compensar o cansaço do dia que passara e se preparar para novo dia de colégio, cedia sem procurar resistir. Deixava-se invadir e logo se sentia transportado para regiões equívocas, onde parecia só haver uma regra, a da excelência do pecado. O sono vinha pouco depois, certo, infalível.

AQUELA foi uma noite de inquietação excepcional, mas Ivo não percebeu bem em que diferia das outras. Depois de longa insônia, chegou à conclusão de que não adiantava querer opor resistência. Se não conseguia

dormir de outro modo, por que não se entregar logo? Por que ficar se gastando em esforços inúteis? Sabia bem o perigo que corria, mas estava cansado de lutar em vão. Na próxima confissão, falaria a padre Luís, explicaria tudo. Até lá, teria paz, voltaria a dormir assim que terminasse as orações, acordaria bem disposto, descansado.

Ao contrário do que supunha, a resolução não o tranquilizou e o sono não veio. Não compreendia bem por que, mas sentia-se contrariado, a consciência doendo. Até onde uma permissão daquela natureza podia levá-lo, sabia bem, Por isso, não devia aceitá-la. Não era bem o que queria - uma permissão daquelas... Podia aceitá-la, honestamente? Que todas as noites, depois de uma longa luta, verificada a impossibilidade de resistir, tivesse de ceder, parecia-lhe certo. Mas assim, inicialmente, definitivamente? E logo em seguida às orações da noite, a um Creio em Deus Padre dito com tanta fé, a um Ato de Contrição que devia ser inteiramente sincero? Assim, o beijo no Crucifixo não passaria de um beijo de Judas...

Era demais para a excitação em que estava. Sacudiu o lençol, irritado, voltou-se para um lado, para outro. No quarto vizinho, Carlos Eduardo devia estar dormindo. Não queria perturbar o sono tranquilo e leve do irmão. Na saleta, suas duas tias, Matilde e Lisa, provavelmente ainda estariam lendo ou cosendo. Gostava muito delas, mas convinha não chamar a atenção, não provocar explicações. Num momento daqueles, quanto menos barulho, melhor.

Sem saber o que fazer, parou no meio do quarto. Pensou em Lourdes, no último beijo que lhe roubara, quase sem protestos... Logo afastou o pensamento porque associara a esse beijo de namorado em namorada, beijo tão rápido e tão tímido numa face muito menina ainda, outro beijo, pesado de pecado, interminável, que Leandro naquele momento deveria estar dando numa mulher perdida, se realmente tivesse ido, naquela noite, onde pretendia. Devia ainda estar por lá. Que horas seriam? Não tinha a menor ideia. Já deviam ter passado várias horas desde que viera para a cama. Muitas horas, talvez. Mas como então poderiam suas tias estar ainda na saleta? Às onze horas, onze e meia no máximo, iam se deitar, com regularidade absoluta. Já deviam estar na cama há muito tempo. Podia se mover com mais liberdade - Carlos Eduardo não acordaria. Quando se é menino - pensou, reforçando a afirmação de pouco antes - tem-se o sono seguido, um só bloco do adormecer ao acordar, nada havendo capaz de

perturbar uma existência que desconhece tudo o que há de realmente sério no mundo.

Aproximou-se da janela, abriu com cuidado uma das persianas. Chovia desde alguns minutos. Da terra recentemente molhada, subia um cheiro forte e quente de que comumente gostava, mas que, naquele momento, lhe pareceu desagradável. Sem indagar mais nada, fechou a persiana e se surpreendeu de novo na cama, indagando de si mesmo, como se esperasse resposta: - Que fazer? Que fazer, agora?

Não suportou mais o lençol em cima do corpo. Podia estar chovendo, e muito até, mas o que sentia era calor. Muito mesmo - como num dia de verão, quando o abafamento angustia mais que qualquer temperatura elevada. Lá fora, chovia mais forte, agora. Como se fosse impossível conciliar todas as coisas que estava sentindo, sacudiu a cabeça e mergulhou-a fundamente no travesseiro. Viesse agora o que viesse. Estava por tudo, cedia de uma vez. Para que lutar? Para que se desesperar, noites e noites, diante de uma coisa contra a qual não podia nada, absolutamente nada? Sacudiu o lençol com irritação várias vezes seguidas e sentiu que uma leve aragem lhe passava pelo corpo. O mesmo abafamento permanecia, no entanto, Ivo continuava acordado. E dentro dele, reforçadas pela temperatura cúmplice, as imagens de sempre, da véspera e da antevéspera, de todos aqueles últimos dias, continuando a viver nele, convidando-o incessantemente a um abandono completo. As mesmas ideias, as mesmas visões, ali ao seu lado, no travesseiro onde mergulhava a cabeça, fora, independentes. As mesmas visões: Leandro beijando... e, subitamente, foi o sono que veio.

No dia seguinte, ao acordar, não se lembrava de mais nada. A noite da véspera se confundiu sem dificuldade com as outras. Atrasado para o colégio, pulou da cama: não teria tempo de repassar nenhuma das lições que, na véspera, tentara aprender numa meia hora de interrupção do romance de mistério que Lourdes lhe emprestara.

IVO completara dezesseis anos e terminava o curso no Colégio São Luis de Gonzaga. Tinha um irmão, três anos mais moço, Carlos Eduardo. Viviam ambos em casa de suas tias, Matilde e Lisa Freitas, que haviam cuidado deles desde a morte de seus pais, ocorrida num desastre de estrada de ferro, em 1920. As crianças, uma de quatro anos, a outra de onze meses, tinham

escapado e desde então encontraram nas irmãs do pai verdadeiras mães. Cresceram tranquilamente, entre cuidados constantes. Aos poucos mesmo, a lembrança do terrível desastre havia se apagado da memória de todos e as crianças dificilmente tinham ocasião de se lembrar que eram órfãs.

Ivo mal se recordava dos pais. E como em casa se evitava falar neles, era como se nunca tivessem existido. Toda a sua afeição era para as tias, até o dia em que apareceu Lourdes, sua prima, que se mudara para a vizinhança. Lourdes passou a ser a preocupação exclusiva dos seus doze anos. E como nada de sério viesse contrariá-lo, esse namoro pacato e mais ou menos bem recebido pelas famílias prolongou-se pelos anos seguintes. “Amor de passarinho que ainda não mudou as penas” - dizia o pai de Lourdes do fundo de uma triste experiência de rapaz que ninguém conhecia nos seus detalhes, mas que todos imaginavam terrível... Sem dizer nada, Matilde se revoltava contra aquele “cinismo” e comentava com a irmã: “É, mas são esses também os que duram mais, os que atravessam a vida toda”. Lisa concordava - concordava sempre com tudo e todos - e os dias prosseguiam. A única coisa que todos lastimavam era que Lourdes tivesse a mesma idade de Ivo. “É pena - dizia Matilde - o marido deve ser sempre um pouco mais velho”.

Ivo, naturalmente, nem pensava nisso. Gostava muito das tias, do colégio, de Carlos Eduardo, tinha mesmo por ele toda uma veneração, mas ninguém podia competir com Lourdes. Lourdes era tudo: era o que fazia passar as horas no colégio e era as próprias horas da tarde, quando se encontravam. Não era extraordinariamente bonita, mas isso Ivo só veio perceber depois dos quinze anos, quando começou a poder olhá-la um pouco de fora do seu amor de menino. Até então, entre Lourdes e a perfeição, não havia a menor diferença.

A essa descoberta de seus quinze anos não se seguiu nenhum movimento de indiferença. Todavia vieram tantas coisas (estavam vindo, aliás, desde os últimos dois anos, aos poucos, em doses mínimas) que Lourdes deixou, quase de repente, de ser tudo para ele. Agora, seu interesse tinha de se dividir, não podia estar ao mesmo tempo nela e nas coisas que vinham a ele numa solicitação contínua de atenção, de exame, de pesquisa.

Lourdes sentiu. Como não lhe acontecia o mesmo e era incapaz de compreender um movimento dessa natureza, recolheu-se, desconfiada, e teve os primeiros momentos de dúvida sobre o amor do primo. Sentiu, na

primeira tarde em que Ivo faltou ao encontro habitual. Quando, no dia seguinte, ele lhe explicou tranquilamente que tivera de ir à casa de um colega, teve vontade de romper ali mesmo num enorme choro. Conteve-se, e apenas os olhos se encheram dágua. Ivo, que fixava o chão, encabulado porque precisara mentir, nem sequer notou. Quando a olhou de novo, ela sorria, brincando, fingindo duvidar de que ele tivesse estado onde dizia.

Na verdade, desde algum tempo, a vida de colégio entusiasmava Ivo. Por mais vadio que fosse por natureza, sabia compensar a falta de estudo. E completava, naquele ano, um curso que, se não era brilhante, como o de Carlos Eduardo, não deixava de ser satisfatório. Ninguém pensava em estabelecer paralelos: Carlos Eduardo era excepcional. E, melhor que ninguém, Ivo reconhecia essa superioridade do irmão - o meu "mano prodígio", como dizia em casa, caçoando, mas com orgulho. Aliás, o colégio não lhe interessava como competição ou como lugar de estudos. Limitava-se a cumprir estritamente as obrigações impostas. De prêmios e elogios, não cuidava. Ficavam para o irmão que os conseguia naturalmente, sem esforço quase.

O que o interessava no colégio era coisa bem diferente. Tinha pelo velho casarão cinzento, pela Capela, pelos colegas, sobretudo por João Graça, por alguns dos padres mesmo, especialmente por padre Luis, um encanto especial que viera aumentando muito nos últimos anos. Não sabia bem ao certo por que, mas gostava do colégio, daquele ambiente, recreios, sempre entrecortados de acontecimentos inesperados, aulas, Capela, padres, jogos, colegas, tudo indiferentemente, o porteiro e os empregados da cozinha tão bem quanto qualquer dos seus colegas de turma. Gostava de tudo como se gosta das coisas conservadas longo tempo - oito anos de curso -, das casas onde se viveu bem e feliz, da família que se teve e não se tem mais, de tudo que foi nosso algum tempo e de que somos obrigados a nos separar antes do triste momento da saciedade ou do amargor que envenena as recordações. Gostava de tudo aquilo, tinha apego àqueles muros, àquelas carteiras, àqueles bancos de igreja. E nos momentos de maior ternura, chegava a jurar a si mesmo que, quando crescesse e fizesse carreira no comércio, ficando rico e importante, nunca se afastaria completamente daquele meio, sobretudo de padre Luis e de alguns colegas mais próximos: João Graça, entre todos.

Tudo contribuía para esse bem-estar. Era especialmente estimado entre

os colegas, os padres o tratavam com consideração. Nenhum privilégio, nenhuma separação marcada, porém percebia facilmente que não era um qualquer. Padre Luis, por exemplo, insistia sempre em que não visse nele apenas o superior, mas também, e fundamentalmente, o amigo. E isso, mesmo no confessionário. Tinha com ele, aliás, toda uma intimidade inteligentemente criada ao longo de quatro ou cinco anos de atenção diária, de longas conversas nas manhãs de domingo e de conselhos cheios de compreensão e amizade através das grades do confessionário.

Fora nessa atmosfera de tranquilidade que as primeiras manifestações da crise tinham vindo atingi-lo. Dia a dia as coisas se puseram a progredir e o que a princípio parecera sem importância mostrava-se agora de uma gravidade inquietante. Os primeiros olhares de inequívoco desejo, lançados quase sem querer sobre as formas em plena fixação de Lourdes, foram o sinal do desnorteamento.

Passaram-se os dias sem que serenasse a crise. Evitava pensar em Lourdes nos momentos de tentação, mas não faltavam imagens que despertassem seus desejos. E as noites de crise se sucediam sem que encontrasse solução.

NESSA manhã, ao se aproximar do Colégio, ia pensando: procuraria padre Luis para se confessar. Ninguém poderia compreender melhor sua crise. Por que então não lhe contar logo tudo?

- Freitas, a última sineta já tocou...

O porteiro só o chamava assim - como a maioria dos padres, aliás. Talvez só padre Luis e o velho padre Godo o chamassem pelo seu primeiro nome. Por que padre Godo, também?

A primeira pessoa que viu foi Leandro saindo apressado da Capela para não chegar atrasado na fila. Lembrou-se logo: Leandro devia ter ido, devia estar ansioso para contar tudo... Mas, Leandro sainda da Capela do mesmo modo que nos outros dias, queria dizer: Leandro não foi. Mas, Leandro?... Decididamente, só esperando para saber. Aumentou o passo para ver se ainda o pegava antes de entrar na fila, mas já era tarde. Lá no fim do pátio, as primeiras turmas começavam a andar em direção ao pavilhão de estudos.

Minutos depois estava na aula, ouvindo sem a menor atenção o professor de botânica. De quando em quando, cochichava-se. Todavia, Ivo não ouvia coisa alguma. Leandro ainda não pudera contar nada. Passeava

triunfantemente os olhos sobre todos numa promessa de revelações espantosas. Também, os olhos de muitos - e Ivo entre eles - não o deixavam um momento. A todo instante o vizinho tentava lhe arrancar uma palavra reveladora. Mas Leandro não queria perder o seu efeito e esperava a ocasião sonhada para uma longa narração - preparada em casa com todos os detalhes.

O professor não perdoou nem um só minuto de sua hora, mas, como todos esperavam, o de zoologia continuava doente. Teriam um estudo e padre Paulo, sempre desocupado, tomaria conta. Como de costume, fez-se o mais completo silêncio e não havia uma carteira sem um livro aberto e dois olhos a devorá-lo. Andando de um lado para outro, padre Paulo procurava vigiar não só a aula, mas o corredor, e o pátio lá fora. Como sempre, inquieto, olhando com curiosidade, como à espera de súbita desordem. Por fim, não se conteve:

- Vocês não precisam mais de quem tome conta do estudo. Já estão bastante grandes para compreenderem suas próprias vantagens...

Era o que todos esperavam. Diante do sorriso satisfeito que Marcos e Leandro não souberam refrear, padre Paulo se calou, ameaçando-os amigavelmente com o dedo. Da porta, ainda disse, quase cúmplice:

- Não façam barulho. Tenho muito que fazer e não quero ter de voltar aqui. Ouviram?

Saiu apressado, sem esperar resposta. O movimento de convergência para a carteira de Leandro foi instantâneo e quase unânime: “Que tal, Leandro?” “Como foi?” “Então?”... A espera havia sido muito longa, estavam todos ansiosos por saber. Mesmo os que, como Ivo, ou João Graça, não tinham se manifestado em voz alta, ouviam com atenção as respostas entusiasmadas de Leandro: “Uma maravilha!” “Um sonho, uma loucura!”, e as interjeições com que comentava a aventura. Quem os visse de longe, teria a impressão de que os alunos rodeavam o professor, solícitos, apaixonados pelo que estava dizendo, atentos como nunca. Apenas dois ou três se isolavam, intencionalmente alheios ao interesse geral: os dois gêmeos Álvaro e Arnaldo Bezerra e Mário Brandão, que se recusavam a pactuar com os outros.

À volta de Leandro, todos se tinham posto a falar ao mesmo tempo, fazendo perguntas, discutindo minúcias. Como o barulho aumentasse, Álvaro lembrou, do outro extremo da sala, que era um absurdo aquela

gritaria, depois de se ter prometido ficar estudando. Era o primeiro sinal de hostilidade e não surpreendeu a ninguém. Apenas Marcos, talvez o mais interessado nas revelações de Leandro, lançou a resposta por todos:

- Cala a boca, carola.

Irritado, Álvaro se levantou para protestar, mas uma assuada fê-lo se sentar. Mais confiante, Marcos fulminou:

- Não quer ouvir, não ouça. Isso aqui é conversa para homem... Não se meta.

- Quem é que está se metendo?

- Ora, quem havia de ser? Você, que está ouvindo tudo, como qualquer outro aqui...

- Eu? Não ouvi coisa alguma. Nem estava prestando atenção. Estava estudando.

Como a risada fosse geral, Arnaldo achou que convinha vir em defesa do irmão:

- Quem é que se interessa por ouvir sujeiras dessas?

- Sujeiras?!...

Pela indignação de Leandro, não podia haver dúvida sobre o grau de admiração que o possuía. E, à sua volta, não era menor a indignação.

A batalha ia se travar, inevitavelmente. Mais uma vez as forças se dividiriam e, por alguns minutos, se digladiariam de modo mais violento, como se se tratasse de reais inimigos. Mais uma vez os chamados “carolas” da classe, os que ainda conservavam a fé viva e procuravam viver mais ou menos de acordo com ela, iam se lançar contra os outros, a maior parte da aula, uns quinze que não cessavam de proclamar que todas aquelas preocupações de virtude e de orações eram tolices, os padres não valendo nada e pecando tanto quanto eles, embora continuassem, na maioria, a crer e, na Páscoa, pusessem em dia as suas contas com Deus...

A EXISTÊNCIA dos dois grupos se delineara no princípio do ano anterior e desde então viera se tornando cada dia mais nítida. Já agora era coisa aceita, catalogada, conhecida até dos padres, e não perturbava mais, senão momentaneamente, a boa paz que reinava no curso De um lado, os “carolas”: cinco rapazes, quase todos pouco inteligentes: os dois gêmeos, Arnaldo e Álvaro, os únicos que eram verdadeiramente antipatizados na classe, Luis Soares, Mário Brandão, que todos chamavam o Brandão, e Ivo,

que era incluído entre os “carolas”, apesar de se fazer sempre uma grande diferença entre ele e os outros.

Do outro lado, o grosso da turma. O único que verdadeiramente perdera a fé fora João Graça. Afirmava não acreditar em Deus e não ver necessidade de se admitir sua existência. Dos outros, muitos ainda comungavam com frequência, mas quase todos, na vida de todo dia, sem preocupação religiosa, dispostos já a aceitar o que lhes viesse cair às mãos, ansiosos por provar as coisas boas e agradáveis da vida.

No momento da confissão, arrependiam-se com sinceridade, comungavam ainda cheios de bons propósitos. Contudo, no mesmo dia, às vezes horas depois, já o olhar inquieto e ansioso se perdia em contemplações que sabiam proibidas e o pensamento se deixava contaminar de novo sem resistência. Começavam então a surgir os palavrões mais fortes e as anedotas sobre freiras e padres, sobre noites de casamento e corredores de internatos. Em pouco, eram de novo as mesmas criaturas incapazes de respeitar o que quer que fosse, sempre predispostas a encontrar maldade em tudo. Nos fins de recreio, uma vez terminado o futebol, nos estudos em que não eram vigiados, toda aquela massa acumulada irrompia e era um desfilar de obscenidades, uma jactância de pequenas misérias.

Ultimamente, porém, tudo se modificara com a agitação de um problema novo que se viera colocando aos poucos, mas que, agora, se apresentava sob um aspecto positivamente iniludível: o das primeiras relações sexuais. Pois, por mais estranho que possa parecer, a verdade é que, no início daquele último ano de colégio, daquela aula de vinte rapazes, todos já de calças compridas de há muito, alguns até de buço forte, apenas dois conheciam mulher. E assim mesmo, dos dois, só um o confessava. E esse era João Graça, o pouco comunicativo João, que, na verdade, nunca falava sobre o assunto. O outro, Luis Soares, escondia o que acontecera, por se julgar obrigado a isso, dado que se dizia católico e era dos mais exaltados nas discussões religiosas. Ouvindo-o falar, ninguém seria levado a suspeitar que, logo no início do terceiro ano, assim que pusera calças compridas, fora bem mais longe do que os outros rapazes de sua idade costumavam ir nas aventuras que tinham com as empregadas de casa e da vizinhança.

Aventuras, naturalmente, todos ou quase todos tinham. Alguns mesmo, como Marcos ou o Nunes, não descansavam um minuto na faina de

descobri-las - e de inventá-las, se preciso fosse. Mas nunca ultrapassavam determinados limites, ou por se satisfazerem com o que conseguiam, ou ainda por escrúpulos de ir mais além, ou talvez mesmo por simples impossibilidade de vencer certas resistências encontradas. Os dois que, no curso, tinham chegado ao fim da experiência, na verdade não modificavam o ambiente geral de suspensão e curiosidade ansiosa. De modo que a ida de Leandro à casa de pensão de Mme. Ninon fora um verdadeiro acontecimento.

Falara-se muito sobre as possibilidades de uma aventura dessas. Longas discussões haviam-se travado. Muitos ainda hesitavam, receosos não sabiam bem de que, mas indiscutivelmente receosos... Em alguns, os escrúpulos eram visíveis, justificados, porém, em muitos, como Marcos, Lauro ou o Nunes, não se compreendia a razão das hesitações. Por fim, mais afoito, Leandro se decidira. Iria ele, o primeiro, os outros que o seguissem, se quisessem. Bastava de dúvidas ridículas, de discussões inúteis. E explicava entusiasmadamente: queria experimentar por si mesmo, só assim sendo possível formar opinião justa sobre o assunto. Veria se os padres, os catecismos tinham razão de falar daquele pecado com tanto desprezo. E diria, depois, o que achara, ele que todos sabiam incapaz de mentir e de enganar. Estava cansado dos pecados habituais - esses sim, eram vergonhosos, como os padres diziam. Desses, sim, vinha sempre humilhação. Mas, ter uma mulher nos braços, possuí-la como um homem, dormir depois a seu lado... Saberia enfim aquilo que, evidentemente, todos se esforçavam por ocultar - em casa, os pais: no colégio, os padres.

Marcos o teria acompanhado, se o fim do mês não o tivesse encontrado inteiramente sem dinheiro. Assim, Leandro fora só, estando de volta, agora. E eis que sua impressão, seu entusiasmo, procavam de Arnaldo, que ignorava tudo, apenas aquela reação. Era realmente de pasmar, dava vontade de dar uma surra no imbecil, e ali mesmo.

E LEANDRO, indignado, desafiava:

- Sujeiras? Sujeiras?...

À volta, todos apoiavam prontos para segui-lo nas afirmações que fizesse. Todavia, nem Álvaro nem Arnaldo ousaram aceitar a provocação. Sentiam a aula toda contra eles. Faltou-lhes coragem: a batalha teria de se travar num terreno perigoso, onde quase sempre eram fragorosamente

derrotados - mesmo quando Ivo se metia na discussão, o que não era muito frequente. E Arnaldo pensou: “Ainda dessa vez, por que Ivo fica calado, como quem não ouviu nada ou pertence ao outro lado? Por que não fala, não ataca? Por acaso não comunga todos os domingos e dias de festa? E quantas vezes, durante os recreios, enquanto nós estamos jogando futebol, não desaparece para ir à Capela ou para conversar com padre Luis? Hipócrita e covarde!”

Diante do silêncio de Arnaldo, Álvaro atalhou, como se quisesse tornar possível a retirada do irmão:

- Cada um conforme lhe parece. Se não é sujeira para você, é para nós.

- Sujeira o quê, carola de uma figa!... Você não sabe de que está falando! - gritou Leandro sentindo que tinha tido ganho de causa.

Álvaro se calou. E Leandro pôde prosseguir, sem adversários diante de si. Assim, a batalha que se anunciara tão violenta desfazia-se em segundos. O campo estava livre, suas afirmações não encontrariam quem as combatesse. Marcos e os outros cerravam fileira em torno do seu entusiasmo.

Envaidecido pelo sucesso, parecia não querer parar mais, repetindo agora tudo o que já dissera anteriormente:

- Quem quiser que diga que é porcaria, por ser pagando... Eu só sei é que nunca pensei que houvesse nada de parecido. Só quem provou pode dizer.

Como os outros, Ivo também ouvia. Os olhos mergulhados no livro, mas sem estar lendo coisa alguma, não perdia as palavras de Leandro. Muitas das coisas que contava, certos detalhes sobretudo, não realizava por inteiro, dada a sua falta de experiência. Mesmo assim, havia o principal, que entendia perfeitamente e a que respondia com toda a força no que tinha de mais secreto em si mesmo.

Às vezes, tomava pé no movimento que o ia levando e reagia ferozmente. Por que prestava atenção daquela maneira? Por que não se fechava no texto daquela física que estava ali aberta diante dos olhos? Não era muito mais importante? Por que não se negava àquela complacência de ouvidos, de corpo inteiro? No entanto, bem ao lado dele, a voz prosseguia, cada vez mais poderosa:

- Dificuldades? Nenhuma. Ora essa! Nenhuma e nenhuma. Você chega, elas vão logo fazendo camaradagem com você.

- Camaradagem? - era de Rui o pedido de confirmação, numa voz angustiada, como se tudo no mundo dependesse daquilo.

- Camaradagem, sim. É tudo natural, como se não fosse nada. Você brinca, bebe se quiser, ou não bebe, e escolhe... Se já não escolheu logo.

- Como você fez?

- Eu escolhi logo. Vi logo o que queria, assim que entrei na sala.

Os detalhes prosseguiam, mais uma vez repetidos para aqueles ouvidos insaciáveis. E Leandro não parava de falar, parecendo radiante por estar repetindo as mesmas explicações três e quatro vezes. Era um verdadeiro triunfo e Leandro sabia fazê-lo durar...

Por fim, quando o entusiasmo esmoreceu, Leandro se lembrou da invetiva dos gêmeos, pouco antes:

- Como é, vamos lá domingo, Álvaro?

A resposta veio de Marcos:

- Quem vai lá domingo, sou eu! Deixa só receber a mesada no sábado...

Houve risos, movimentos de apoio. Ivo sentiu que ia dizer qualquer coisa, quando subitamente padre Luis apareceu na porta, abriu-a e ficou parado à soleira, como que contemplando a aula. Todos se endireitaram, atrapalhados, à espera de uma censura pela desordem e pela conversa cujo rumor deveria certamente estar sendo ouvido do corredor. No entanto, padre Luis apenas avisou:

- Os que desejarem se confessar agora, para amanhã... eu estarei na Capela.

E saiu sem se referir à anarquia em que a aula estava. Houve um momento de silêncio e de atrapalhação. Sem pensar muito no que estava fazendo, Ivo se levantou e saiu. Da porta, ouviu ainda a voz de Leandro, sem maldade:

- Não vá contar nada, hein!?...

E a de Marcos, aproveitando a oportunidade:

- Senão padre Luis vai querer ir conosco...

Ivo não prestou atenção às brincadeiras, iguais às de sempre. Ia refletindo, cheio de uma irritação cuja origem lhe escapava, que, no íntimo, os gêmeos ou Luis Soares deviam estar pensando: “confessar de véspera não é negócio”... Teve um movimento de náusea e pensou quanto eram desprezíveis aqueles irmãos Bezerra, intrigantes, covardes, completamente imbecis e sempre com a palavra “virtude” na boca, como uma espécie de

anteparo para a absoluta nulidade de ambos. E eram católicos, como Luis Soares, de quem também não gostava (“além de tudo, é hipócrita” - pensava). Eram católicos, como ele ou o Brandão, este valendo bastante como pessoa, porém de um nível intelectual bastante baixo. E João Graça não era, e Leandro já começava a não ser mais... Que iria acontecer a Leandro, que dera provas de tanta coragem, desobedecendo assim, conscientemente a uma mandamento da Lei de Deus? E que teria achado João de tudo aquilo?

Justo nesse momento, João Graça interpelava Leandro. Ficara irritado logo à primeira frase ouvida. Custara a se conter. Com a saída de Ivo, tomara coragem:

- E toda essa maravilha, Leandro, como foi que você a conseguiu? Quanto custou, todo esse amor?...

O tom era irônico, mas Leandro não percebeu. Ainda em pleno entusiasmo do seu triunfo, disse a quantia paga na véspera. Ivo, no entanto, quando no recreio o Brandão, caçoando de Leandro, reproduziu a pergunta de João, compreendeu o que o amigo quisera dizer e porque esperara a sua saída para falar. Sorriu, reconfortado, confiante. Não estava sozinho. Se João não estava a seu lado, como seria o ideal, pelo menos colocara-se muito perto. Sentiu-o mais próximo, mais puro que os outros. E mais uma vez lastimou que andasse desviado do caminho da verdade, em plena falta de fé. Só padre Luis era capaz de reconquistá-lo para Deus. Havia de se esforçar, ainda uma vez, por convencê-lo a se ajoelhar diante do seu confessionário.

2

NENHUM dos padres do Colégio S. Luis de Gonzaga, nem mesmo o Reitor, gozava entre os alunos do prestígio de padre Luis. Se, nas turmas que completavam o curso cada ano, já havia quem o criticasse por essa ou aquela afirmação, por essa ou aquela atitude, as classes imediatamente anteriores o ouviam com uma admiração sem limites. E, mesmo na turma que acabava o curso naquele ano, os mais inteligentes, como Ivo ou João, Leandro ou Carlos, tinham-no como um padre superior, uma inteligência que não podia absolutamente ser nivelada à dos outros padres, em geral dominados, no modo de ver as coisas, por uma série de lugares-comuns que tinham aprendido vinte ou trinta anos antes.

Ainda moço - ninguém entre os alunos sabia ao certo sua idade, mas era evidente que não devia ter mais de trinta anos e talvez mesmo fosse mais moço que padre Paulo -, conseguia chegar mais perto dos alunos, sobretudo daqueles que principiavam a compreender o que de difícil e de perigoso lhes reservava a vida. E essa era a sua maior força. Por isso também, se o seu confessionário já era procurado pelos alunos do primeiro e do segundo ano, não restava dúvida: a grande massa de confissões provinha do terceiro e do quarto, muitas vezes mesmo do quinto, isto é: de meninos já crescidos, mais sensíveis à sua clarividência e ao seu tino de confessor. De todo aquele mundo, os que o procuravam eram as criaturas fundamente inquietas, os mais perseguidos por consciências exigentes, alguns à beira de grandes angústias, um ou outro atolado já em pleno desespero. Vinham a ele ansiosos, lastimavam-se e penitenciavam-se. E acabavam prometendo-lhe tudo o que pedia, firmemente decididos a se emendar, a reagir de uma vez por todas.

Era um confessionário diferente dos outros. Quem queria compreensão, quem em sinceridade procurava esclarecimento de modo a poder mais facilmente vencer o que dentro de si era mais forte e impelia para o mau caminho, procurava padre Luis. E não pensava em nenhum outro. Os demais padres confessavam os alunos quase mecanicamente, uns após outros - aquelas longas fileiras que estacionavam diante dos

confessionários, meia hora antes da missa dos domingos. Confessavam indistintamente a uns e outros, ouvindo raramente os fins das frases, fazendo sempre perguntas invariáveis - e, em alguns minutos, liquidavam cada caso.

Ivo conhecia aquelas confissões: uma vez se ajoelhara diante de padre Godo - o confessor habitual dos gêmeos, de Luis Soares e de todos os que não se importavam com penitências muito grandes, contanto que fosse tudo simples e sem perguntas embaraçosas. O padre indagara logo se cometera esse e aquele pecado, quantas vezes esse, quantas aquele, se esse fora cometido sozinho ou com outra pessoa, se aquele tinha sido repetido. E logo viera a absolvição e a penitência, enorme, evidentemente despropositada. Não deixara de rezar, mas pensara: padre Godo podia ser bom confessor, porém para Álvaro, para Arnaldo ou para outros. Não para ele que não estava habituado a expedições sumárias daquela natureza.

Com padre Luis, todos sabiam, o processo era inteiramente diferente. Não que demorasse sempre muito tempo confessando, ou prestasse atenção a tudo, indistintamente. Mas sabia, durante a confissão, insistir apenas nos pontos essenciais. Com isso, não só ganhava tempo, como aumentava muito a precisão de suas censuras e condenações. Via-se logo que conhecia bem a pessoa e que a confissão anterior ainda estava presente na sua lembrança. Inútil, pois, querer esconder alguma coisa. De modo que ou o penitente se entregava à sua direção ou então não voltava mais ao seu confessionário, procurando outro. Padre Luis exigia muito, exigia tudo, e com ele não havia meio de silenciar, a não ser tendo plena consciência disso, isto é: envenenando a sinceridade da confissão. Evidentemente, fazia uma enorme diferença de padre Godo, do Reitor, que só perguntavam as coisas gerais, não se lembrando nunca das confissões anteriores, insistindo apenas na necessidade de se emendar e de rezar a penitência.

Vinha daí o prestígio de padre Luis junto aos seus dirigidos, àqueles que, não tendo se afastado do confessionário logo às primeiras exigências de sinceridade mais profunda, não queriam saber de outro confessor. Assim, quando nas aulas os mais livres zombavam das confissões sempre iguais e inexpressivas da maioria, da ingenuidade dos conselhos de padre Godo, da infinita frieza que marcava tudo quanto padre Leonardi dizia; logo o nome do padre Luis surgia, na boca de Ivo e do Brandão no quinto ano, na de André Alves e de Levino Assunção no quarto ano, e na de muitos outros,

como uma resposta decisiva, fulminante. Padre Luis era então o padre que não perguntava, como padre Godo: “Quantas vezes fez coisa feia, meu filho?” - ou como padre Paulo: “Fez porcaria?” - “Sozinho ou com outro?” - mas que falava diferente, tão diferente mesmo que era como se fosse outra coisa. Não se podia zombar do que ele perguntava, nem era mesmo possível repeti-lo. Não usava fórmulas feitas, não perguntava senão quando era necessário.

Os outros padres não compreendiam muito aquela preferência tão marcada, mas aceitavam-na sem discutir e sem guardar rancor, como coisa natural. O Reitor explicara que aquele privilégio de atrair almas era um dom de Deus que nem todos possuíam no mesmo grau. Uma coisa, contudo, não logravam compreender: como conseguia padre Luis, fora do confessionário, manter com os alunos, especialmente com alguns cuja rebeldia era notória, relações tão íntimas, provavelmente tão cheias de bons frutos para a boa ordem do colégio e para o bem de cada alma em particular? E por que não conseguiam eles o mesmo? Por que João, por que Roberto Dutra, por que tantos outros tinham com padre Luis conversas tão longas e animadas, aos domingos de manhã, e apenas comentavam o tempo e a temperatura, quando eram obrigados a falar com eles?

Era difícil explicar. Padre Luis não tinha fama de ser nem mais inteligente, nem mais culto, que muitos outros padres - que padre Leonardi, por exemplo, capaz de falar todas as línguas, mortas e vivas, de citar de memória Platão e Aristóteles. Nem sua conversa possuía nenhum encanto especial. Nem ninguém o vira contando dessas anedotas avermelhadas com que certos padres, menos escrupulosos, tentam ganhar a confiança dos alunos. Como explicar então - perguntavam-se os padres do Colégio São Luis de Gonzaga - que fosse quase exclusivamente com ele que se estabelecessem as conversas, as semiconfissões que se faziam nos pátios do Colégio em manhãs de domingo, depois da missa? E como, realmente, era difícil compreender, preferiam estender a explicação do Reitor sobre os dons de Deus a tudo o que se relacionasse com a atividade de padre Luis.

PADRE LUIS também não compreendia. De há muito vinha notando aquela estranha atração que as almas mais sensíveis do colégio demonstravam pelo seu confessionário e cada dia sentia se desenvolver em si o interesse por elas; pela possibilidade de auxiliá-las, de esclarecê-las

decisivamente, de repreendê-las nos momentos de desnorteio e abandono. Era a crise mais séria, a mais perigosa de todas - e era decisivo poder influir justamente num momento desses, quando tudo se resolve na alma de cada um, às vezes para sempre, ou, pelo menos, por muitos e muitos anos.

A princípio relutara. Ordenado recentemente, com pequena experiência do mundo, sabendo-se pouco instruído e não se julgando especialmente inteligente, levava longas noites se perguntando se não estaria tomando parte demasiada na vida daqueles meninos, daquelas almas que vinham a ele em plena angústia, e que muitas vezes não lhe contavam mais, nem coisa diferente, do que o seu próprio caso de anos antes.

Ao entrar na adolescência, sentira os primeiros assaltos de necessidades inferiores que, assim satisfeitas, faziam-no sofrer muito e procurar um alívio imediato. Conseguira refreá-las aos poucos, de modo decisivo. E agora, das antigas crises, nada mais subsistia, senão uma recordação talvez um pouco insistente demais. Muitas vezes mesmo se perguntava, receoso, se não seria talvez essa semelhança, essa volta a um passado ainda não inteiramente esquecido, o que o emocionava tanto, despertando tão grande interesse. Não se estaria entusiasmando demais, se excedendo até no cuidado por aquelas almas em luta? Não haveria naquilo qualquer fundo de vaidade? E, para cuidar delas, para estar sempre pronto a lhes dizer a palavra justa (a palavra que não ferisse susceptibilidades, não alarmasse demais), não estaria negligenciando outros deveres, de que os outros padres do Colégio se desempenhavam ao mesmo tempo que exerciam o mister de confessores?

Uma conversa sem maior importância com a ingenuidade cheia de boa vontade de padre Godo, que lhe contou que no Colégio todos se surpreendiam muito com a sua capacidade de diretor de almas, alarmou-o, certa vez. E não descansou enquanto o Reitor não lhe fez ver que estava certo e não devia pôr obstáculos à vontade de Deus. Muito ao contrário, tinha obrigação de continuar, de se esforçar cada vez mais, pois o que fazia era para a maior glória de Deus e não para a sua vaidade pessoal. Se ganhava fama com isso, devia aceitar sem relutância e, em humildade de coração, oferecê-la a Deus.

Normalizara-se assim a situação. Padre Luis aceitara a responsabilidade. E se, às vezes, ainda sofria, era porque os resultados obtidos não correspondiam aos seus desejos. Esforçava-se muito, pedia a Deus que o

inspirasse, que lhe desse forças para lutar. Os resultados, no entanto, não eram brilhantes. Por um sucesso, por uma reação um pouco mais forte que conseguia provocar, os fracassos se amontoavam. Passando pelas suas mãos, quantos não tinham desgarrado logo ao primeiro apelo, como que invencivelmente atraídos pelo pecado, pelas revelações traiçoeiras da vida? Quantos não tinham se desviado do caminho certo? Quantos, que a princípio detivera, obrigando-os a pensar, a esperar, e só se decidir com um pouco mais de conhecimento de causa, não tinham acabado abandonando tudo, alguns se aniquilando logo numa vida de perdição, outros fugindo pacatamente para a tranquilidade sem Deus das vidas burguesas?

Padre Luis sabia: tudo aquilo era vontade de Deus, as dificuldades do próprio problema da liberdade humana, mas não deixava por isso de se atribuir uma grande parcela de responsabilidade. Nada que pudesse ser sanado por meios ao seu alcance. Apenas, sua fraqueza, a incapacidade de vencer a própria timidez e penetrar mais adiante na intimidade das almas em crise. Nesses momentos, sentia-se responsável e pedia a Deus com ardor que não fosse um dia julgado com severidade.

No entanto, só quem não conhecesse a alma daqueles meninos, podia menosprezar os obstáculos que tinha de vencer. Para quem os conhecesse, sabendo da delicadeza dos problemas que geralmente se entrelaçam nesse transe especialmente penoso, sua causa estaria ganha. Pois como ignorar as dificuldades da batalha por ocasião desses primeiros encontros de uma alma incerta, aturdida por choques constantes, com uma força em luta por se manifestar, por se expandir e viver em liberdade? Como desconhecer, também, as dificuldades infinitas do confessor, sempre em luta - e sempre precisando ser amigo, compreensivo, generoso - tendo sempre de contrariar forças em desenvolvimento, tentando dirigi-las para o bom lado, quando, por si, elas procuram o mau lado, sempre mais fácil e agradável, mais rico de possibilidades imediatas - logo visíveis, sensíveis, tocáveis?

Padre Luis nada sabia de pedagogia. Respeitava-a porque padre Leonardi falava das suas possibilidades em termos calorosos, mas tinha a impressão de que o ensino religioso, pelo menos o que recebera e via administrado no Colégio, era bastante deficiente, muitas vezes mesmo contraproducente. Nada daquilo condizia com o que sua experiência lhe ensinara. Naturalmente tímido, não dizia coisa alguma, não querendo parecer que pretendia ensinar aos que sabiam. Inequivocamente, porém,

sentia, entre o que ele procurava dizer no confessionário e o que ensinava nas aulas de Religião um grande abismo. E diversas vezes tinha ocasião de verificar, na timidez das suas observações, que a letra da História da Religião Cristã havia matado em muitos o espírito do cristianismo ou dos dogmas católicos.

Sofria assim duplamente e os dias passavam sem que esmorecesse na luta. Cada insucesso que registrava só vinha confirmá-lo na necessidade de prosseguir, de defender melhor outras almas em perigo.

No momento, porém, o golpe era sempre duro. Permanecia de joelhos horas inteiras, pedindo a Deus que amparasse a pobre alma em crise. Quanto a ele, perdoasse mais uma vez sua inabilidade, alguns possíveis descuidos. E ficava sofrendo em silêncio até que um novo caso o chamava a si e à necessidade de lutar. Por isso, quando dois anos antes Olívio Santos renegara ostensivamente tudo e dissera, num fim de recreio, diante dele e de vários colegas de turma, que não queria saber mais de nenhuma daquelas “mentiras e intrujices”, daqueles meios de “enganar ingênuos e assegurar domínio sobre criaturas de boa fé”, sofrera mais do que ninguém jamais pudera imaginar. Mortificara-se depois com toda a espécie de pequenas privações, realizadas sempre sem ninguém notar, todas com o fim de merecer de Deus ainda um movimento de atenção para aquele menino de sentimentos tão nobres, mas que companhias perniciosas tinham desorientado completamente. Do mesmo modo, quando Roberto Dutra - aluno do atual quarto ano, um ótimo menino, talvez um pouco delicado demais - deixara de se confessar e se afastara de qualquer prática religiosa, rezara por ele muitos dias seguidos. E quando verificara que não havia mais esperanças, chegara a emagrecer de desgosto e de pesar, sofrendo de um modo tão vivo que o Reitor se julgara na obrigação de chamar-lhe a atenção, lembrando-lhe que não ter plena confiança em Deus era começar a desesperar...

Assim era padre Luis. E vivia nessa luta contínua, tentando reter, a custa de esclarecimentos e de conselhos vivos, a irrupção sempre tumultuosa da vida naquelas almas sem nenhuma experiência, quase todas ainda sem a marca de remorsos e amarguras. Vivia portanto fracassando aqui e ali, sempre com um abandono recente amargurando a consciência excessivamente escupulosa.

NAQUELA manhã, quando Ivo, quase fugindo do estudo em que Leandro contara a sua aventura, se ajoelhou diante dele, padre Luis estava bem longe de imaginar o novo transe que se anunciava. Nunca Ivo, em quem depositava grande confiança, lhe dera motivos de supor a iminência de uma crise daquelas.

Não se tratava de nenhuma confiança ilimitada, cega, como a que tinha na pureza absoluta de Carlos Eduardo. Não só Ivo não se podia comparar ao irmão (conhecia-o suficientemente bem, sabia das suas pequenas fraquezas e dificuldades), como Carlos Eduardo não era pessoa que se comparasse a ninguém - nesse particular mais ainda do que no resto.

Fosse como fosse, Ivo não o preocupava mais que muitos outos e sua surpresa foi enorme. Ivo não falou em nada que, de perto ou de longe, pudesse revelar alguma coisa da aventura de Leandro. Contudo, logo às primeiras frases, padre Luis notou que não era o mesmo dos outros dias. Nervoso, hesitante, evitava palavras, fugia de certos assuntos.

Surpreso e inquieto, indagou o que havia, mas Ivo logo o sossegou. Não acontecera nada. Apenas, temia muito pela sua tranquilidade e sentia-se mais inquieto, mais sensível às tentações do que antes. Sob a impressão imediata das revelações de Leandro, a recordação das noites anteriores tomou nova força. Angustiado, além disso, com o silêncio do padre, fundiu tudo numa coisa só, quase sem perceber que forçava um pouco a veracidade dos fatos, e descarregou a massa de confissões como se se tivesse libertado de um peso imenso. E de fato se sentiu logo mais leve, mais tranquilo. Custara, mas valera a pena. Agora, viria o descanso.

A voz do padre foi buscá-lo para uma realidade bem diferente:

- De há um tempo para cá, não? - indagou. E como Ivo não parecesse ter entendido: - Essas tentações vieram se acumulando de um certo tempo para cá ou surgiram bruscamente, essa última semana... esses últimos dias?...

- De um certo tempo... alguns meses, talvez.

- Meses?

- Alguns. Poucos... Dois ou três, provavelmente - é difícil precisar.

A voz do padre veio mais distante, talvez um pouco mais áspera:

- Mas por que, meu filho, por que só hoje você me contou isso?

A censura era clara. E Ivo a sentiu. Na verdade, por que fora assim e não de outro modo? Saberia dizer? Hesitou alguns instantes, visivelmente tão desnorteado que o padre veio em seu auxílio:

- Dois, três meses... Dois, três meses de lutas, de lutas diárias - lutas fortes, não?

- Nesses últimos tempos, isto é: recentemente - atalhou Ivo, já agora com mais presença de espírito para tentar atenuar o efeito.

- Não importa. Durante todo esse tempo você teve de lutar - a princípio menos, agora ultimamente mais, não é? - e não procurou um auxílio mais direto, mais esclarecido: - Por quê? Por que, meu filho? E se confessando sempre, semanalmente...

- Mas eu não menti nunca, padre. Sempre me referi às tentações...

- Em geral, filho... em geral, sempre, sem especificar as circunstâncias.

- ... E sempre que cedi a elas, confessei... não escondi nada.

- Eu sei, nem estou pondo em dúvida sua lealdade para com Deus... apenas censurando sua inabilidade, o perigo imenso a que se expôs. Deixe dizer mesmo: sua leviandade. Ouviu bem: Sua leviandade...

A verdade era que Ivo não ouvira e não ouvia mais nada. Desde que o padre dissera que não punha em dúvida sua lealdade para com Deus, parara de segui-lo. Realmente, padre Luis não punha, ele sabia bem. Mas, agora que a questão se colocara, podia ele próprio se absolver? Por que não falara? Por que evitara tocar em certos assuntos nas confissões anteriores? A voz do padre o chamou à realidade da confissão:

- Na sua idade, essas coisas são importantíssimas. Talvez você não faça ainda ideia, mas eu sei, pela experiência que tenho, de como essas circunstâncias todas são capitais, decisivas.

- As circunstâncias, padre?

- As circunstâncias, certamente. Não lhe parece claro? O modo pelo qual o tentador procura penetrar em nós, não terá importância? E sobretudo em casos desses - quando todas as outras portas estão guardadas, cuidadosamente guardadas...

Houve um momento de silêncio. Ivo percebeu que o padre estava emocionado. Falava depressa, as palavras pesadas de emoção. Prestou mais atenção, sentiu-o que voltava com a voz menos firme:

- De que serviremos nós que conhecemos as almas, que temos longa prática dos meios de que o tentador se serve, nesse e naquele caso, se não for para prevenir e guiar em situações semelhantes pessoas que ainda não têm suficiente experiência? Em muitas ocasiões, a criatura que está ajoelhada diante de nós não vê absolutamente onde fica o perigo real. Pensa

que é outro, em tudo diferente, sem importância às vezes. Somos nós que temos de esclarecê-la, desvendar-lhe o artifício. Conforme cada criatura, conforme suas forças, sua resistência, sua inteligência, sua bondade, sua pureza, o tentador emprega meios diferentes. E às vezes são irreconhecíveis. Só depois, só uma vez tudo consumado, é que se percebe, é que se reconhece o artifício usado.

- Mas padre, eu percebi logo... Eu lutei desde o primeiro dia.

A interrupção de Ivo tinha sido apressada, leviana, porém a resposta veio logo, contundente na sua segurança:

- Você terá realmente percebido o perigo, Ivo? Eu duvido que tenha.

- Como assim, padre?

- Escute, meu filho: toda noite você corre um perigo, não? - o de ceder à tentação, o de dormir com o pecado no coração. Não é assim? Mas não é tudo. Há outra coisa, infelizmente: há o hábito que se está formando em você de encontrar a tranquilidade, o repouso dos seus nervos excitados num estado morno, sensual, a que você se abandona e que lhe traz o sono... Não há nada mais perigoso na sua idade, especialmente numa natureza como a sua, do que essa aceitação. Mesmo que não haja pecado capital... mesmo quando você não pense diretamente em nenhum fato condenável, compreende? O simples ambiente que se forma e a que você se entrega... Não se forma um ambiente assim, muitas vezes, digamos... de pecado venial?

- Quase sempre, padre.

A resposta viera rápida, incontida, mas Ivo corrigiu logo:

- Com muita frequência... a maioria das vezes, talvez.

Lembra-se da véspera, de tantas outras noites, negras, abjetas. Mas, como padre Luis poderia saber da diferença, do clima especial das noites mais brandas? Teve um movimento de entusiasmo e explicou emocionado, falando do mais fundo da sua sinceridade:

- São os momentos mais agradáveis, padre... as noites em que o sono vem tranquilo, em que esqueço de tudo.

- Justamente, meu filho. São as mais perigosas para o seu desenvolvimento, para o seu futuro. São as que facilmente tomam conta de sua alma, porque não provocam reação, não repelem como as outras, terríveis, repugnantes...

A voz de Ivo veio fraca, como se fosse um gemido que não tivesse

podido ficar contido:

- São as que dão tranquilidade, padre.

- Isso mesmo. Justamente como eu dizia. São as que dão tranquilidade e esquecimento da luta que se travou pouco antes, não é? São as que fazem esquecer o Deus que se traiu e abandonou... Eu sei: são as que trazem o sono, o descanso momentâneo da crise.

- Então é preciso não dormir, padre?

Atento ao que dizia e ao que esperava ouvir em resposta, Ivo não notou que, dentro do confessionário, a cabeça de padre Luis, antes encostada na palhinha, recuava de surpresa. Percebeu, no entanto, o silêncio que se formou, a hesitação da resposta. Esperou, de olhos baixos.

Padre Luis hesitava. Diria que sim? Diria tudo? Diria que era preciso velar eternamente, incessantemente, até a consumação dos séculos, com o Cristo em agonia, segundo a grande palavra cristã que repetia sempre? Daria àquela alma inquieta, já torturada, as chaves para a penetração no grande mistério da agonia perene do Cristo, que lhe parecia ser o supremo mistério da vida de cada criatura? Daria o brado de alarme naquela natureza sensível, covarde diante do sofrimento? Poderia dizer tudo, francamente, sem os véus exigidos pela idade difícil que atravessava? Poderia enfim administrar uma dose forte, como seria a afirmativa: - "Sim, é preciso não dormir, é preciso estar sempre em vigília, em luta desabrida"?

Padre Luis sofria com a situação em que frequentemente ficava de não poder dizer toda a verdade. Sofria por ter de atenuar certos golpes. Sofria, porém sabia da impossibilidade de fazer de outro modo sem pôr em jogo a própria tarefa empreendida. Conformava-se, procurando tornar suas palavras adequadas ao grau de desenvolvimento de cada criatura. E mais uma vez sua resposta veio atenuada:

- Não é bem isso, meu filho. Mas é preciso dormir com o Cristo no coração e não com o pecado...

Houve um momento de silêncio. Pareceu a padre Luis que Ivo se afastava da grade do confessionário. Como teria compreendido o que dissera? Concluiu com rapidez:

- Escute uma coisa, Ivo - preste bem atenção, porque é coisa que você precisa saber para a vida toda, coisa essencial para todos os homens e que só talvez quando vier a velhice ou o perfeito amadurecimento de seu espírito, você compreenderá direito: só há verdadeira serenidade em Deus.

Só em Deus, compreende? Tudo mais é agitação incessante, são tranquilidades que, na verdade, não duram todas mais de um instante. São descansos, pequenas paradas - quando não são apenas o primeiro degrau de um novo inferno, ainda velado...

Ivo não teve coragem de levantar o olhar sobre padre Luis. Sentia-se emocionado além de todos os limites. Por que o padre tremera ao pronunciar as últimas palavras? Que se passava com ele? Pensou em perguntar se estava cansado. No entanto, a mesma voz firme de sempre explicava, agora:

- Se alguém lhe disser que encontrou a tranquilidade, o “sono” fora de Deus, não creia. Há engano, há incompreensão - se não houver mentira. Espere só para verificar. O sofrimento, o desassossego, a angústia, voltam sempre nesses casos. Só Deus é o porto, o fim de todas essas misérias... porque é o começo de uma vida nova.

De repente, parou de falar e Ivo não teve coragem de dizer nada. Esperou alguns instantes, angustiado. Já ia falar - dizer qualquer coisa, contanto que não se prolongasse aquele insuportável vazio - quando de novo as palavras do padre vieram até ele, firmes, serenas:

- Para poder dormir, meu filho, é preciso estar com o coração puro.

- Justamente, padre, é o...

- E, se o seu coração não está puro, é que lhe falta oração. “Vigiai e orai”... é o ensino que nós temos, meu filho, e é tudo o que podemos fazer em situações dessas. Se o vigiar não lhe basta mais, é que não o acompanha mais o mesmo orar... “Vigiai e orai”... e nada acontecerá de maior, nada destruirá seu esforço.

Ivo se sentiu de repente abandonado, sozinho. Até o corpo recuou de junto da grade do confessionário, num incoercível movimento de recusa. Achou-se muito longe, quase perdido, sem ninguém a quem recorrer. Era aquela a solução que padre Luis lhe propunha? A mesma que certamente lhe proporiam padre Godo ou o Reitor, mesmo sem ouvir os detalhes do caso? E quem falava assim, exatamente como eles, era padre Luis - não só o homem mais inteligente que conhecia, como, indiscutivelmente, a pessoa que melhor o compreendia?...

Dessa vez, o padre não notou o recuo de Ivo, apesar de ter sido bem mais violento que o anterior. Que já estivesse tão fundamente atingido a ponto de reagir desse modo, não supunha. Por mais grave que o caso lhe

parecesse, não imaginara a situação tão delicada, tão comprometida.

Continuou a falar no mesmo tom. E conselhos se sucederam a conselhos sem que notasse nada. Ivo os ouvia, no entanto, quase estupefato. Pela primeira vez padre Luis perdia pé no seu caso. Seria mesmo para ele que estava falando? Não sentia mais quando se enganava e tomava o caminho errado. Ou não seria, realmente, a criatura excepcional, de sensibilidade e compreensão, que sempre conhecera e todos admiravam?

A penitência foi maior que a de costume. E Ivo sentiu a diferença como mais uma prova de que padre Luis começava a se aproximar do modo pelo qual padre Godo e o Reitor confessavam.

“VIGIAI E ORAI”... Ivo conhecia bem o preceito e sabia a enorme força resultante da combinação desses dois imperativos. Toda a sua infância, os primeiros contactos com a vida e com as seduções da imaginação, transcorreram à sombra dessas palavras de Cristo em que suas tias tinham como que resumido o ensino evangélico para seu uso e de Carlos Eduardo. Não tinha nenhuma dúvida sobre sua importância. No entanto, era forçoso reconhecer, ultimamente tudo mudara de tal modo que o “vigiai e orai” já não tinha mais a mesma força. Padre Luis podia não saber. Mas, para que se iludir? Era como um encantamento que já não existisse. Não fazia mais o mesmo efeito. Às vezes até chegava a pensar: não fazia mais efeito algum.

Naquela noite, Ivo pensava nessa modificação com amargura. Negar, negar simplesmente, fechar os olhos, não adiantava. Evidentemente, devia ter dito isso a padre Luis - na hora não pensara, tão grande fora a surpresa. - Vigiar e orar, quando estava naquele estado? Vigiar e orar... Mas, seria que o padre nem suspeitava do que vinha se passando com ele? Seria que ainda achava que ele era o mesmo menino que, anos antes, lhe perguntara se fazia mal, pegando na mão de Lourdes - “com quem vou me casar, quando crescer...” - trêmulo de emoção pela audácia de falar de uma menina diante de um padre?

Sentia-se preso, levado por um movimento contra o qual nada podia. Quando acordava e pensava em rezar, não tinha coragem. Deixava para quando estivesse na Capela do colégio. Ajoelhava-se, então, e rezava algum tempo. Logo percebia que não era como antigamente. O consentimento da noite anterior, a atmosfera de pecado que o envolvera ao dormir, pareciam

agir, agora. Não se abandonava suficientemente, sempre com as fraquezas da véspera presentes na memória. Estaria sendo sincero? Por que pedia a Deus que afastasse de si as tentações do costume? Se viessem, não se entregaria a elas? E, no momento, não se esqueceria de tudo para só pensar na doçura que devia ser um seio de mulher contra o qual pudesse roçar os lábios? O pecado da véspera perturbava. Sentia que não tirava das orações o efeito habitual: não saía da Capela tranquilo, disposto a passar ao lado das pequenas tentações, sem ver e sem ouvir. Compreendia que estava ansioso, curioso de tudo. Não deixava passar mais nada sem prestar atenção, sem um longo exame. Recebia tudo e procurava, depois, recusar o que julgava errado ou ruim - cada dia menos, era inegável...

Compreendia, aliás, o que estava lhe acontecendo. Padre Luis o prevenira, e mais uma vez, que, em relação a certas coisas, era necessário se recusar inicialmente, ao invés de deixar que elas penetrassem para depois rejeitá-las. Percebia bem, agora, o que o padre lhe explicara: diante de uma alma realmente pura, realmente insensível a certas atrações que levam logo de vencida, no início da adolescência, certas almas, o que o tentador quer, o que procura acima de tudo, é um meio de penetrar nela, mesmo que seja com a certeza de que vai ser rejeitado logo. O que busca, é conseguir penetrar, é vencer a barreira constante que impede qualquer esperança. Logra, pelo menos, essa rápida passagem pelos olhos ou ouvidos. Ser visto pela criatura, examinado, isto é: ser rejeitado com desprezo, derrotado fragorosamente, mas não perder a oportunidade de deixar nela um sinal, um ponto menos límpido ou mais turvo, uma qualquer coisa que lhe facilite mais tarde, depois de outras tentativas igualmente fracassadas, uma penetração mais prolongada, o lançar de uma primeira inquietação, o caminho para coisas maiores e já agora nitidamente positivas.

Um simples olhar basta - dizia padre Luis, repetindo, do fundo do seu conhecimento próprio, o lugar-comum de tantos padres. Um simples olhar. Não é necessário que seja de assentimento, mas de mera curiosidade. - Os pobres e simples olhos que passam e se detêm um segundo, que tomam conhecimento, que verificam ter tido interesse em fixar alguma coisa... Nada mais. E o padre explicava: nesse momento, como o tentador sabe que nós o rejeitaríamos com todas as nossas forças se pretendesse nos seduzir, o que quer é fazer-nos tomar conhecimento de sua existência, de que é alguém no mundo e está ao nosso lado. Depois, procurará caminhar - e sabe

até onde conseguirá ir. Por enquanto, basta-lhe isso: não perder a oportunidade que se oferece e sem a qual nada conseguirá.

Por experiência própria, Ivo sabia que o padre não exagerava. A explicação lhe evocara um fato sucedido tempos antes, quando tivera o seu primeiro desejo de mulher. Numa manhã de domingo, ao se preparar para a missa, vira, através da janela entreaberta da casa vizinha, o peito despido de uma empregada que se vestia despreocupadamente. Só vira os seios e logo afastara o olhar, chocado pelo que sabia que não devia ver. Comungara sem a menor perturbação, e não se lembrara mais da cena nas horas seguintes. Durante o almoço, num momento de alheamento, fixara o olhar numa paisagem suspensa numa parede da sala: um rebanho, levado por uma pastora, marchava de encontro a um pôr de sol. De repente, diante dele, quase que tomando a tela toda, apareceram os dois seios entrevistos, grandes, levemente oscilantes, quase vivos. Uma emoção estranha se apoderou dele. Que tinha? A visão se desfez logo. O que via, agora, era o pôr do sol, o rebanho, a pastora... Alguém o chamou a si - em que estava pensando? - “Na morte da bezerra?” - indagou Lisa, rindo. Ele a olhou com ternura, sem saber o que responder, ainda trêmulo de emoção e de espanto. Que era aquilo? Que sentira, no corpo todo e na cabeça? Que emoção o possuíra, tão diferente de todas as anteriores, tão violenta que o fizera ver de outro modo e lhe revelara, na duração de alguns segundos, a existência, lá fora, de outros mundos, de insuspeitados mistérios?

Os seios voltaram depois, mais fortes, mais significativos - e, sobretudo, mais persistentes. Muitas vezes, e com outras imagens que foi acolhendo timidamente. Não teve forças para lhes opor resistência séria. Por que se demorara olhando aqueles seios, gravando-os na memória? Dela nunca mais se apagariam, podia ter certeza. Bastara um momento de descuido, de abandono. (Para tudo, explicara-lhe mais tarde padre Luis, bastava um momento de descuido...)

Era a vida. Tinham lhe explicado sempre (pessoas sérias, incapazes de mentir, honestas, dignas) que a vida era aquilo: dois seios de mulher que se veem uma vez sem querer, sem compreender que o mundo inteiro está escondido ali, e que, depois, se tem de aceitar para sempre - ou de rejeitar, também para sempre, num esforço terrível de que só padres... e loucos são capazes. Sabia bem que não era exatamente isso o que padre Luis pensava, nem o que João Graça ou o pai de João achavam, mas, naquele momento,

parecia confundir tudo o que ouvira e se sentia esmagado de encontro a esse mundo que se revelava de um modo tão absurdo. Aquilo que vinha a ele e de que precisava se defender incessantemente, aquilo podia ser a vida? E conseguiria se defender? Agora que tudo mudara tanto, agora que já cedera tantas vezes, agora que as orações não tinham mais o efeito antigo? Agora que nem mesmo para Lourdes podia continuar a olhar despreocupadamente, porque havia sempre um perigo na sombra, um fantasma pronto a invadir a pureza dos seus sentimentos?

Vigiar... Mas, se as tentações vinham traiçoeiramente ao seu encontro? Se saíam de dentro dele, como se estivessem contidas na sua memória, no seu passado de pequenas faltas. Como impedir que viessem, se chegavam a ele disfarçadas, irreconhecíveis? Podia fechar os olhos e não ver? Podia não ouvir mais o que se dizia? Diariamente escutava mil coisas, via mil coisas, sem querer, sem pensar que pudesse advir algum mal dali.

De manhã, logo cedo, indo para o Colégio, ia olhando pela rua. A rua, as casas os automóveis, as criaturas que vinham ao seu encontro, estavam nas janelas, nos portões. Olhava, continuava a olhar, apenas curioso. Queria ver o que havia, o que existia à volta, o que constituía o mundo. Que mal podia haver naquilo? Naquele automóvel ia uma família, naquele bonde muitas pessoas diferentes. A casa estava aberta, um empregado limpava uma das salas e, do piano de cauda, ainda fechado àquela hora da manhã, certamente não vinha até ele nenhum convite ao pecado. Continuava tranquilo, pensando se acaso não estaria atrasado. Subitamente, seus olhos fixavam uma pessoa na rua que vinha em sua direção: era uma mulher, talvez uma meninota ainda. Trabalhava ali perto, ia para o emprego, como ele ia para o colégio. Nenhum mal nisso. Mas, por que seus olhos tinham se cravado nos dois seios que o vestido mal dissimulava? Não devia ter olhado?

Adiante, era o colégio, eram as aulas que se sucediam, iguais, insuportáveis às vezes. Vinha o recreio, um pouquinho de liberdade para uns chutes numa bola, uma conversa com João, com Leandro, com Rui, um momento de vida irrefletida. Entregava-se, conversava com esse, com aquele - o ar mudava. Estava sorrindo, agora. Súbito, Leandro se lembrava e abaixava a voz, mesmo quando não havia padre próximo: - “Sabe, Rui, ontem a criada lá de casa deixou o namorado entrar no quarto - eu vi, fui ouvir na porta...” E era inútil dissimular: com mais interesse ainda do que Rui, encurvava-se junto a Leandro. O coração batia apressado, ansioso. E

escutava apaixonadamente o quase nada que o outro tinha para contar.

Pelos ouvidos atentos, pelos olhos curiosos, a vida vinha, entrava dissimuladamente pela porta entreaberta que ele era naqueles anos de descoberta das coisas. Muitas vezes não percebia nada. Aceitava sem perceber o mistério, pressentindo-o apenas. Depois é que ia desvendá-lo e então compreendia que tudo aquilo estava nele, na origem de um desejo que não soubera compreender.

João Graça, com quem costumava conversar com a maior liberdade, achava que era assim mesmo, tinha de ser, e era tolice querer que fosse de outro modo. Apesar de João ser, no Colégio, a única pessoa com consciência nítida daqueles problemas, não era a ele, no entanto, e sim a padre Luis, que ouvia e queria ouvir. A verdade estava lá. Era obrigado, porém, a confessar: dia a dia sentia mais forte essa penetração misteriosa da vida e já as razões de João não lhe pareciam tão frágeis quanto antes. Precisava conversar de novo com ele. No dia seguinte, por certo o procuraria. Pelo menos, por honestidade, para lhe dizer que não tinha mais a mesma certeza inabalável.

Naquele momento, no entanto, o que havia em sua alma era angústia. Revirou-se mais uma vez na cama e não encontrou jeito. Pensou: se já não podia mais se vigiar, era que estava perdido. Como conservar o coração no estado de pureza necessária para a comunicação com Deus durante as orações? O vigiar dependia do orar, o orar dependia do vigiar - e ambos pareciam nele decisivamente atingidos. Que fazer?

Padre Luis parecia só ter uma coisa para dizer: reze, reze, sempre, até a tentação ir embora. Mas, ia? Ia alguma vez? E mesmo assim, como conseguir rezar até esse momento, ter confiança para prosseguir sempre? Ninguém que o conhecesse poderia exigir dele um esforço desses. E que adiantava, se a tentação só desapareceria por alguns instantes? Seguramente padre Luis ainda não compreendera o seu estado. Talvez fosse necessário explicá-lo de novo... Era o que iria fazer.

Com a decisão, a angústia diminuiu muito. Pensou logo em Lourdes. Não a vira naquela tarde porque tivera dentista, depois do colégio. Não iria vê-la no dia seguinte, provavelmente. Depois da missa, pretendia ir para a casa de João e passar o dia todo conversando. Como tinham muita coisa sobre que falar, era possível não sobrar tempo para ir à casa de Lourdes antes do jantar, como fazia sempre. Dois dias sem vê-la era, no entanto,

demais. Precisava procurá-la, que isso só lhe poderia fazer bem. A simples presença de Lourdes bastava para fazer desaparecer todas as tempestades.

Talvez mesmo estivesse exagerando a importância do que vinha se passando com ele. Aliás, fora o próprio padre Luis quem o prevenira do perigo de dar acolhida excessiva a certos escrúpulos. Lembrava-se bem: o padre dissera que era incontável o número de pecados graves a que certos excessos de escrúpulos podiam levar.

NESSE momento de suprema tentação para Ivo, padre Luis, na tranquilidade do seu quarto, já de luz apagada há muito, acabava de se colocar mais uma vez o problema que a confissão de Ivo o obrigara a formular: será possível dizer a um menino que é preciso não dormir, que talvez seja necessário que não durma a vida toda?

Depois de passada a surpresa inicial, voltara sobre a confissão de Ivo, preocupado com o que dissera e mais ainda, talvez, com o que intencionalmente deixara de dizer. Passara um dia difícil, tentando evitar o assunto para poder cuidar corretamente de suas obrigações imediatas. À noite, porém, quando, terminadas as últimas orações, se entregara ao exame do caso, compreendera que a angústia do dia todo fora até um descanso. Agora, de joelhos no escuro do quarto, começava o maior tormento.

No fundo, não sabia se fizera bem ou mal. Teria errado, não dizendo tudo? Poderia ter feito de outro modo? Não sendo absolutamente necessário - como não lhe parecia - poderia lançar sobre a vida calma de Ivo uma angústia que provavelmente não desapareceria nunca mais? Poderia aconselhar que não dormisse, vigiasse incessantemente? “Mas Ivo é uma criança” - murmurou padre Luis angustiado: - “Não é possível dizer-lhe assim... sem preparação alguma, que é preciso não dormir. É uma loucura querer pô-lo diante de um problema desses, quando talvez baste auxiliá-lo a vencer as tentações, a resistir com energia...”

Não durou muito a tranquilidade restaurada. É que havia na confissão de Ivo uma qualquer coisa de novo, capaz de alterar a equação que justificava o seu silêncio relativo. A princípio não notara, porém agora, refletindo cuidadosamente sobre os acontecimentos, tudo parecia evidente, gritante. Ivo era uma criança, sim. Mas, era uma criança que estava se transformando da noite para o dia num rapaz, num homem. Pensando bem, naqueles três ou quatro últimos meses, as mudanças tinham sido enormes. Ele as

presenciara e era obrigado a testemunhar. A última conversa mais prolongada que haviam tido, no domingo anterior, ligada à confissão daquela manhã, falava de um modo bastante claro. No domingo, não prestara muita atenção, mas agora percebia bem a razão de ser de tudo quanto Ivo lhe dissera sobre os seus planos de futuro. Tudo aquilo não passava, evidentemente, de um entusiasmo global, indistinto, pela vida, por tudo que, de um modo ou de outro, dizia respeito à vida. Lembrava-se muito bem: fora um entusiasmo rico de afirmações de sucesso, de triunfo na realização de grandes tarefas, de insustentáveis compromissos com a Pureza, com a Nobreza, com a Beleza (tudo pronunciado enfaticamente, como se estivesse sendo escrito com letras maiúsculas). Na hora, julgara simples excitação de momento, sem a menor importância. Agora, no entanto, percebia que não se tratava unicamente de bolhas de sabão sopradas para longe apenas porque o vento estava dando naquela direção.

Havia, por certo, alguma coisa por detrás de tudo aquilo. E sua primeira palavra, depois dessa descoberta, foi uma lástima pela situação em que Ivo estava. “Pobre Ivo” - murmurou, de joelhos diante de sua cama. E os olhos, habituados já no escuro do quarto, procuraram na parede o brilho conhecido do crucifixo de metal. “Pobre Ivo” - tornou a murmurar. E durante alguns instantes ficou imóvel, sem nem mesmo saber o que pensar. Depois, voltou à situação de Ivo e continuou a lastimá-lo.

Estava correndo um sério perigo e não havia como evitar o sofrimento iminente. Possuído de uma grande emoção, pensou quanto era profundamente triste aquela situação: a vida vinha a Ivo em toda a sua grandeza, e ele, pela sua natureza, pelas suas qualidades, podia e merecia aceitá-la nobremente. Todavia, eis que, nessa vida apenas ainda no horizonte, já o tentador se introduzira. E procuraria, agora, dominar tudo, prever Ivo, deformando o simples oferecimento da vida, a tomada de contacto no momento das grandes dádivas e dos compromissos decisivos.

Uma tristeza, uma miséria, uma traição com que não é possível pactuar. A obra de perversão e destruição não poderá ir adiante - pensa o padre. Ivo não se perderá daquele modo lastimável, como se perderam tantos outros. Ivo não se perderá porque dispõe de mais recursos e porque, também, por seu lado, ele agora tem mais experiência na direção das almas.

A compreensão da importância e das dificuldades da luta exaltam padre Luis. Está disposto a tudo para não falhar. E, de joelhos diante do Cristo

crucificado - desse Cristo que para ele é, acima de tudo, o Cristo em agonia até o fim dos séculos - implora que não seja abandonado na sua tarefa e tenha a força e a confiança necessárias para a luta que pressente em toda a sua violência e nas suas imensas dificuldades. Não se ilude: terá que sustentar nos ombros todo um mundo e os ombros de um homem, mesmo os de um padre, são muito fracos. - Qualquer peso os faz vergar até o chão, se a mão de Deus não estiver servindo de contrapeso. - Os ombros de um padre, sobretudo os de um padre, talvez de todos os homens o mais fraco, o que mais sente o peso terrível da condição humana...

Nem por um momento se ilude sobre as dificuldades. Sente-se mesmo a presa de uma grande angústia. E desde então até a madrugada que lhe traz enfim o sono, é como se soubesse, se pudesse adivinhar, que numa casa, distante apenas alguns quarteirões, numa cama revolvida pelo desatino, imagens impuras triunfaram sobre todas as proibições e se impuseram a Ivo como o mais irreprimível e legítimo apelo da vida.

3

TODOS os que conheciam Ivo e João Graça afirmavam peremptoriamente: João era o maior amigo de Ivo, mas a recíproca não era verdadeira. João não tinha nenhum conhecimento que pudesse ser considerado uma amizade séria. De Ivo mesmo, apesar das aparências, não passava de um bom camarada. Era sabido: “João só é amigo dele próprio.” Os mais amenos diziam: “João é incapaz de se entregar de coração a quem quer que seja. Vive se defendendo de todos”. Uns e outros tinham por certo que, com ele, não era possível contar em momentos difíceis. E, sendo especialmente suspeito junto aos padres do Colégio por sua falta de fé, não era raro que alguns deles - quase sempre padre Paulo, às vezes padre Leonardi - tirassem a conclusão: “Gente sem Deus é sempre assim”... As tentativas de defesa de padre Luis - quando vinham, porque João não era das pessoas a quem mais estimava - esbarravam sempre nessa objeção.

No julgamento geral havia uma base de justiça, e nem Ivo nem João o ignoravam. Da secura inicial, a que muitos se referiam com desprezo, João estava já longe, mas ainda não se distanciara bastante para que se pudesse negá-la. Viera mudando aos poucos e, sobretudo nos últimos tempos, o contacto e o interesse por Ivo tinham-no sensivelmente modificado. Já não pensava só em si e em coisas exclusivamente suas. Também no amigo e em seus projetos, no romance que lhe dissera estar escrevendo, em Lourdes, por quem tinha grande simpatia e mesmo um certo interesse que, sem maldade, por pura timidez talvez, escondia de Ivo.

Certas naturezas precisam de amizade para desabrochar inteiramente. São como flor ainda fechada que exige o ar da noite para mostrar como é, que mistérios abriga. Sem um clima especial de penumbra e de secretas confidências, de conspiração a dois contra o resto do mundo, essas criaturas, especialmente marcadas para a incompreensão, permanecem muradas por detrás de suas defesas e nada conseguem comunicar aos que vêm a elas. Não existem para o simples uso diário, para as conversas despreocupadas entre camaradas que se entendem, mas para os longos caminhos que a amizade faz nos momentos de crise e de alegria profunda.

João era assim e, na sua idade, em essência uma idade difícil e espinhosa, as recusas habituais assumiam aspectos ainda mais decisivos. Pareciam intransponíveis muralhas. E julgavam-no, geralmente, frio e insensível.

Além disso sofria muito, em casa, com o ambiente de dúvidas e discussões derivado da falta de amor de seu pai por sua mãe. Ausência visível, verificada até por ele próprio num encontro casual, numa tarde de domingo em que fora a um cinema de bairro. Nunca houve escândalo, mas Dona Alice não tinha suficiente domínio sobre si e mais de uma vez se manifestara diante do filho. Excessivamente preso à mãe e admirando além de todos os limites a inteligência do pai, João sofrera muito e sua natureza, por si já retraída, ainda mais se fechara. Vivia angustiado com aquela situação insustentável e, desde que surpreendera o pai acompanhado no cinema, adquirira a certeza de que possuía uma outra existência fora da família e que, cedo ou tarde, o escândalo se produziria.

Nos dias comuns, porém, pai e mãe viviam em par e João, filho único, não tinha de que se queixar, pois, mais afetuosos e melhores, sabia que não podia existir. Se os seus dezesseis anos de então não eram felizes, a culpa não era deles. “Até bonito me fizeram” - pensava com certo exagero, pois não se podia dizer que o fosse, com o seu nariz por demais grande e os traços mesquinhos, que excluíam a simpatia de sua expressão, no entanto, aberta e franca. Mas sinceramente se julgava bonito e forte. E com ele, ao menos três criaturas na terra compartilhavam aquele julgamento. Dona Alice, Ivo e a copeira da casa, Djanira, uma mulata de seus vinte anos com quem João tinha já relações íntimas.

O interesse de Ivo por ele, os movimentos diários de amizade que a princípio aceitava hesitando em retribuir - seco, ainda fechado -, o lento progredir de uma camaradagem que nenhuma desavença viera perturbar, acabaram alterando sua atitude. As coisas de Ivo, que a princípio não lhe interessavam muito, tornaram-se preocupações suas, matéria de cogitações diárias. Junto de Ivo, sentiu enfim a possibilidade de se expandir, de se confiar. Era como se se libertasse do ambiente de casa e da atmosfera do colégio, onde encontrava ainda maiores dificuldades de comunicação com os outros. E, às vezes, chegava a se perguntar se, continuando assim, em breve não estaria outra pessoa, irreconhecível.

Assim, naquela tarde, quando Ivo, depois da saída do colégio, lhe falou

detalhadamente do seu estado, João não teve dificuldade em compreender tudo com grande precisão. Sentiu-se mesmo extremamente apaixonado pelo caso do amigo. Não lhe acometera, tempos antes, o mesmo apelo descontrolado da vida? E, ainda que, a ele, não tivessem sido motivos de ordem religiosa que o prendessem, não lutara também e muito? Não só, pois, compreendia o que Ivo sentia, como tinha o que dizer ele próprio.

Tinham ficado conversando numa praça, perto da casa de João. Puseram-se a falar, completamente alheados dos movimentos de um grupo de meninos de oito ou dez anos que cruzavam a praça em todos os sentidos, brincando de uma coisa que nenhum dos dois conseguia identificar. Também, na verdade, não cuidavam disso. Sobretudo depois que João começou a falar, foi como se os meninos e o brinquedo não existissem mais. Um, porque falasse entusiasmado com o que dizia, o outro, por ser só ouvidos. Ivo devorava o que João lhe estava revelando. Apesar de toda a amizade que tinha por ele, nunca lhe merecera tanta atenção, tamanhos olhares de entusiasmo. Na verdade, o que o espantava não era o amadurecimento de suas ideias, a experiência da vida que revelava - porque já conhecia tudo isso, e de longa data... - mas sim, como lograva compreender tão bem a sua situação e chegar tão mais perto dele do que padre Luis. Por quê? Por que João conseguia, ele que, a bem julgar, estava errado, vivia longe de Deus? E por que padre Luis não conseguia, ele que possuía armas tão mais fortes que as de João?

A própria tarde conspirava a favor de João. Depois de um dia, se não quente, pelo menos de grande abafamento, irrompera, logo após uma pancada de chuva de alguns minutos, uma tarde inexplicavelmente fresca. Ouvindo João atentamente, Ivo procurava respirar forte para aproveitar o ar bom. Durante um silêncio mais prolongado, pensou: “Tarde mais bonita, mais pura, é impossível. Que bom se Lourdes pudesse estar aqui ao nosso lado - sem ouvir nada, naturalmente, que a conversa não é para meninas, mas gozando esse ar, seguindo com o olhar tranquilo o brinquedo desses meninos idiotas, me dando a mão sem João perceber!...” Ivo não dizia nada para não perturbar o que lhe parecia ser a meditação do amigo, mas mantinha-se atento às menores modificações da paisagem: uma nuvem cor-de-rosa no crepúsculo em começo, as folhas das árvores da praça que de quando em quando se punham a balançar, os meninos que revelavam qualquer coisa das regras do jogo - mas não o bastante, ainda, para que o

pudesse entender - toda a vida que “vivia” à volta deles.

Subitamente, João prosseguiu, alheio por completo àquela beleza, devorado de interesse pelo que Ivo lhe fizera descobrir na sua própria vida:

- O que os padres não veem - mesmo um padre especial como padre Luis - é isso: a vida vem à gente... as coisas todas que ela tem... E isso, quer se queira ou não.

- Quer se queira ou não... - repetiu Ivo, quase sem perceber que estava dando seu apoio à frase inteira.

- Vem sempre, sempre, e é preciso decidir: aceitar ou não. Recusar tudo ou tomar tudo logo de uma vez. E você sabe o que significa recusar tudo?

- O que significa recusar tudo?

- Recusar tudo é não sentir, não ver. Simplesmente isso: passar por tudo, alheio, recusando sempre. Você acha possível?

Ivo não respondeu logo. Estava longe. A colocação de João lhe lembrara, pela semelhança de certas palavras, a sua pergunta a padre Luis: - se era preciso não dormir... E voltara sem querer ao confessionário. O padre respondera que podia dormir, que bastava dormir com o Cristo no coração. Não era preciso, portanto, não sentir, não ver, não ouvir...

- Tanto assim, João?

- Como não?!

- Eu pergunto: será preciso realmente toda essa renúncia? Não sentir, não ver, não ouvir? Não bastará separar as coisas que devem ser sentidas, vistas, ouvidas, das que não devem, das que são proibidas?

João hesitou alguns instantes. Depois, concluiu:

- Para você, talvez. Para mim... não.

Hesitou mais alguns momentos e carregou no ataque contra Ivo:

- Mas, você não consegue separar e eu compreendo. Para mim, você sabe, não existem esses problemas. Para mim, o ruim não é absolutamente o que os padres dizem que é...

- Eu sei, João. Mas...

- Muita e muita coisa do que eles proíbem fazer, não é mal, absolutamente. Por exemplo, esses desejos que a gente tem de mulher e que dizem que é pecado, baixeza, animalidade... Tudo isso é tolice.

- Tolice? - indagou Ivo sem coragem de contra-atacar de frente.

- Não tenha dúvida. Você sabe o que os homens fazem, quando crescem? Casados ou solteiros, bons ou ruins, fazem tudo isso que é

proibido hoje - e fazem naturalmente, normalmente, sem essas atrapalhações todas.

- Todos, João?...

- Quase todos - salvo os doentes, não é?...

- Eu sei. Mas... e os padres?

- Os padres? Nem todos deixam de fazer... você sabe que nem todos!

- Ora, João, deixa de histórias...

- Não é, Ivo. É assim como eu estou dizendo a você. Nem todos. Papai me disse que é, e que a própria Igreja sabe disso, admite.

Ivo nada respondeu. Ficou esperando, sem argumentos para contestar a afirmação e sem querer aceitá-la. João prosseguiu:

- Depois, há muitas naturezas especiais que, mesmo não sendo doentias, não têm essas mesmas necessidades que nós temos... ou que podem pelo menos passar sem elas.

João parou e Ivo o olhou, ansioso, o coração batendo como se sua vida inteira dependesse daquelas palavras. Era evidente que João não falava unicamente por si. Repetia palavras ouvidas - e Ivo conhecia a fonte, as misteriosas conversas que pai e filho tinham, com evidente desaprovação de Dona Alice, para quem tudo aquilo não passava de “um pecado”... - mas, de qualquer modo, tudo o que João dizia era essencial para ele. E não tinha dúvida que, apesar da origem paterna, havia naquilo muita coisa que era do amigo, que resultava de longas meditações.

A noite vinha se aproximando e já agora os meninos abandonavam a praça, tendo acabado o brinquedo. Ivo não chegou a perceber de que se tratava. Sua atenção continuava presa às palavras de João:

- Essas exceções não podem servir de regra para ninguém...

- Para ninguém?

- Para o comum das pessoas, para mim e para você, por exemplo, que não podemos viver sem isso.

- Não podemos, João?

- Não. Papai me explicou há tempos - você sabe, por ocasião da encrenca que aconteceu comigo, não sabe?...

Ivo sabia. Na vida de João, talvez fosse o fato capital. Marcara-o para sempre. Também, ninguém podia atravessar aqueles momentos sem se tornar uma outra criatura. Depois de vários olhares expressivos, uma noite, a portuguesa arrumadeira da casa vizinha fizera, do quintal, sinal a João e,

ali mesmo, entregara-se a ele numa fúria que assustara muito a sua falta de experiência. Estava começando a retomar pé no mundo, quando, subitamente, a janela do primeiro andar se abrira e logos os gritos da dona da casa, indignada, tinham vindo até ele. Ficara paralisado e fora facilmente identificado. O escândalo correra a vizinhança, a portuguesa fora logo despedida. Dona Alice passara dois dias de cama e João se vira diante de um pai severo que lhe censurava a imprudência, o escândalo, a contrariedade trazida a Dona Alice, mas que insistira, sobretudo, no erro de querer se adiantar sobre a natureza. Evidentemente, ainda não estava pronto para aquelas funções - explicara-lhe gravemente o Dr. Graça. Com os dias, porém, não se falara mais no assunto e até Dona Alice parecera esquecê-lo.

Apesar da rapidez com que tudo se passara, João ficou com um conhecimento seguro. Talvez não fosse definitivo - tudo sucedera tão depressa, tão bruscamente que não podia assegurar nada - mas, de qualquer modo, dissessem o que dissessem, sabia já o que era, o que durante tanto tempo quisera saber. E, muitas vezes ainda, entusiasmava-se ao relembrar o que sentira, o que aquele momento lhe trouxera. Conhecia mulher. Conhecia a vida. Conhecia todas as coisas que importava conhecer!

Contudo, não renegava a explicação do pai: havia época para aquilo. Agora mesmo, repetia-a a Ivo:

- Papai me explicou: é uma questão de idade, de desenvolvimento. Quando se chega a um certo estado, não se pode mais impedir o que é inevitável: tem-se de procurar alguém de outro sexo.

- Uma mulher? - indagou Ivo, como se pudesse haver dúvida e não fosse apenas a atração da palavra misteriosa que o tivesse feito falar.

- É. Uma mulher que seja a nossa companheira na vida. Papai explicou bem: a mulher que a gente encontra deve ser a companheira com quem se deve dividir a vida toda... a existência que a gente tem diante de si.

Sem que compreendesse bem por que, e sem que pudesse reter a pergunta, Ivo interrompeu a explicação de João para indagar:

- Seu pai é católico, não?

- É. Mas não é nada de padres e de sacristias, você sabe...

- Mas... acredita na Igreja Católica?

- Diz ele que sim... Mas isso não importa. Papai é médico.

Parou, porém. Houve um momento de ligeiro embaraço. Ficara no ar uma qualquer reprovação por parte de Ivo, a que ele parecera responder e

que se perdera enfim no silêncio. Ivo saberia de alguma coisa a respeito da "outra existência" de seu pai, da outra companheira que não era a única, aquela com quem se deve dividir a vida toda? E, por isso, teria indagado se ele era católico? Contrariado com a possibilidade, João continuou logo:

- Mas, como eu ia dizendo, chega sempre uma idade em que a gente não pode mais se recusar ao que o corpo está pedindo. Insistentemente, diariamente.

- É a idade em que estamos...

- Mais ou menos... Uns mais tarde, outros menos. Para mim, começou mais cedo do que para você ou do que para a média do pessoal lá da aula.

- Contando vantagem, hein, João? - brincou Ivo para disfarçar um pouco a emoção que as últimas palavras tinham despertado nele.

- Vantagem por quê? Você sabe que foi, todo mundo sabe...

- Eu sei, João. Estava brincando.

A caçoada de Ivo amenizou um pouco a seriedade do debate e João não pôde resistir à confissão:

- Eu, por exemplo, você sabe quanto estou precisando, querendo chegar ao fim do meu caso...

- Djanira continua firme?

- Mesma coisa. Tudo, exceto o que justamente eu mais quero...

- E então?

- Então, não sei o que fazer... mas hei de conseguir, hei de vencer o medo que ela tem de pegar um filho de mim... Estou precisando, Ivo - como você. Há dias em que só penso nisso.

Visivelmente, João exagerava. Exagerava por simpatia, para poder estar na mesma aflição que ele, Ivo. E nada o sensibilizava mais do que aquela solidariedade forçada. Ele, que o conhecia bem, sabia que não era pessoa de pensar unicamente numa coisa daquelas, sobretudo tendo quem lhe satisfizesse, se não aquele maior, pelo menos todos os outros desejos. João contara: depois que todos se recolhiam ia para o quarto de Djanira e ficava lá até tarde. Para Ivo, não havia a menor dúvida: Djanira estava apaixonada por João, como este mesmo, aliás, se convencera desde que a vira procurá-lo com os olhos ao servir a mesa, atardar-se junto a ele, deixar-se depois segurar no corredor e nas peças vazias, franquear-lhe a entrada do quarto. Que não lhe desse tudo, Ivo compreendia: mais desenvolvido do que ele, com aparência já de um rapaz, João lhe parecia perfeitamente capaz de

procriar. Daí a relutância de Djanira que, como todo mundo - e isso ouvira do próprio João que o aprendera do pai - não podia ter confiança nas precauções habituais.

João concordava, exceto nos momentos de exaltação. Ainda agora, sem prestar atenção à realidade, parecia querer resolver ali mesmo um problema que só o tempo podia solucionar. Obstinava-se. Por isso, depois de relutar algum tempo, Ivo lembrou:

- Se é assim, João, se você sente essa necessidade tão forte assim, por que não faz o mesmo que Leandro?

- Casa de pensão? Prefiro não recorrer a meios dessa espécie.

- Por quê?

- Porque prefiro não... Questão de gosto, Ivo. De decência.

- Repugnância?

- Repugnância, não... - explicou João e sentiu logo que tinha decepcionado Ivo terrivelmente. Prosseguiu: - Não é bem repugnância. Mas, prefiro não experimentar esse meio. Você sabe, conhecer por conhecer, eu já conheço... Não quero recomeçar em condições semelhantes... parecidas. Ter de pagar para conseguir uma coisa dessas, que você normalmente consegue sem isso, só por você!...

- Claro, João - e Ivo o apoiou de todo coração, como se o acompanhasse em todos os pontos.

- Talvez seja bobagem minha, mas prefiro não tentar desse modo. Papai acha que isso, sim, é pecado... e grave.

- Por que só esse?

- Não sei. Isso é ideia dele - catolicismo, lá à moda dele... Eu não acho nada disso, você sabe. Nada disso é pecado, para mim. É a vida, simplesmente.

- A vida?

- A vida que a gente tem de viver desse modo, porque todo mundo é assim e não se dever querer ser diferente.

- A vida? - indagou de novo Ivo, a face transtornada de emoção.

João, no entanto, não pôde notar a expressão de Ivo, onde se lia tudo: emoção, entusiasmo, ansiedade, apreensão, porque o crepúsculo já ia adiantado e, agora, a própria noite vinha caindo sem esperar pelo acender dos lampiões. Junto ao banco, permaneceram calados por alguns instantes, conscientes de quanto, na verdade, se compreendiam bem e estavam

próximos pelas ideias, pelos sentimentos. João continuou, disposto a não esconder nada do que pensava:

- A vida sim, Ivo. Você tem alguma dúvida de que isso seja a vida?

- Talvez, João. Não sei... - respondeu Ivo, em verdade menos indeciso do que queria parecer.

- Não tenha nenhuma. Por que você supõe que não seja?

- Não sei, João... Será isso, só isso? Ou haverá outra coisa, maior, reservada apenas para os poucos, os raros, que não se tenham deixado levar pelo pecado?

- Ora, pecado! Deixa de bobagem, Ivo! A vida é isso sim... e não há nada maior. Papai sempre diz que não há nada maior do que a vida quando se sabe compreendê-la, apreciá-la.

- Padre Luis também...

Houve um momento de silêncio. E um certo mal-estar acabaria se fazendo sentir, se João não tivesse logo cortado de alto a insinuação de Ivo:

- A vida que padre Luis chama vida, não é vida... é cativeiro, escravidão, túmulo, morte, tudo o que você quiser, menos vida.

Como Ivo parecesse não se render às suas razões, João prosseguiu - e num tom tão enfático que, ao fim, ele próprio percebeu, sentindo-se um pouco ridículo:

- A vida é isso, sim, que eu estava dizendo... Que é que os homens fazem, quando se casam? Para que trabalham a vida toda? Como é que nascem?

João não obteve resposta para as suas perguntas. Emocionado, cheio de admiração pelo amigo, não o tendo achado nem enfático, nem ridículo, Ivo não sabia o que dizer. Sentia-se num dos momentos capitais da sua vida e não sabia mais como se defender. Felizmente, a conversa não podia se prolongar. A noite caía. Era preciso se separar. Depois de alguns momentos de silêncio, se levantou:

- Eu vou indo, João. Senão, chego em casa tarde para o jantar. Amanhã, depois do colégio, a gente continua, não?

João sentiu que Ivo fugia e tentou retê-lo:

- Você não quer jantar lá em casa?

- Hoje não, João. Não indo para casa agora, não verei Lourdes depois do jantar... e há dois dias que não estou com ela.

- Dois dias?

- Dois dias.
- Por quê? Briga?
- Não. Falta de tempo, de ocasião...
- Falta de tempo? Falta de tempo para estar com Lourdes?...

Havia tanta dúvida e espanto nas palavras de João que Ivo ficou sem jeito. Sorriu e João compreendeu que avançara demais. Atrapalhado, não achou outra coisa para fazer senão perguntar:

- E o romance, Ivo?
- Parado, João. Não tenho tido tempo nem disposição para escrever. Um dia desses, recomeço.

Com esta referência ao romance que Ivo estava escrevendo - “O Príncipe” - e de que, ultimamente, João parecia se lembrar mais do que o próprio autor, despediram-se certos de que o dia não fora perdido para nenhum dos dois.

IVO foi para casa pensando em João, possuído da mais viva admiração pelo amigo e pelo seu espantoso conhecimento da vida. Meses antes, João falava de um modo que o deixava frio, quando não aborrecido. Uma ou outra vez mesmo, ficava indignado. Hoje, via tudo de outro modo e as ousadias de pensamento de João lhe agradavam, ainda que não concordasse com os seus pontos de partida: - nada daquilo era pecado, Deus não passava de conversa fiada de homens com medo ou de padres ambiciosos, e tantas outras coisas evidentemente reprováveis, erradas. Mas, como é que, partindo daqueles absurdos, João conseguia conhecer tão bem a vida, as coisas todas... e a lhe próprio, agora?

Encontrou um ambiente de relativa apreensão, Lisa e Matilde começavam a se inquietar com a sua demora. Saíra de manhã para o colégio, dizendo que ia passar a tarde em casa de João. A noite caíra, porém, sem que o vissem de volta. Não tinham querido telefonar para não parecer que estavam vigiando seus passos de rapaz. Também, o atraso não era de assustar.

Sentaram-se à mesa, certas de que Ivo não tardaria. Os pratos da sopa foram tirados sem que aparecesse. Sem dizer nada a Matilde, Lisa olhou de soslaio a imagem do Coração de Jesus e teve vontade de entregar-lhe o caso. No momento em que Matilde perguntou: - “Não seria talvez melhor telefonar perguntando se Ivo vai jantar com João?” - Ivo entrou. Vinha apressado, querendo ganhar, agora, o tempo perdido. Só então confessaram,

em silêncio, quanto tinham ficado aflitas. Ivo explicou logo:

- Fiquei conversando com João e quando vi, estava atrasado.

Matilde brincou:

- Que foi que vocês arranjaram para ficar conversando tanto tempo?

- Tanto tempo?

- Como não? Recreios, tarde, dia todo, e ainda não basta?...

Limitou-se a sorrir. Ficara na pergunta inicial de Matilde, pensando como poderia responder. Como explicar? Como fazer compreender àquelas duas criaturas, educadas numa época completamente diferente, que viam tudo pelo prisma do catecismo, “da boa moral e da boa educação”, seu caso, suas dúvidas, seus sofrimentos, seus desejos? Como anunciar, sem ofendê-las, o simples assunto sobre o qual ele e João haviam conversado?

Não precisou responder. Não só Matilde não esperava resposta, como Carlos Eduardo mudava o rumo da conversa, dirigindo-se a ele:

- Quem ficou a tarde toda no portão, foi Lourdes...

- Como você sabe? - indagou Ivo, sem raciocinar sobre o que dizia e meio desconcertado com a informação.

- Eu vi.

Lisa riu. Matilde se fez menos indulgente e censurou levemente Carlos Eduardo. Tomando enfim consciência da situação, Ivo brincou:

- Viu?... Mas, você não tem nada que ficar bisbilhotando, ouviu? A tarde toda vigiando. Tem graça!...

Riram-se todos. No entanto, a conversa não foi adiante, porque, era evidente, Ivo ficara um pouco sem jeito. Matilde e Lisa se entreolharam, certas ambas de que havia alguma coisa entre ele e Lourdes, como tinham suposto desde o momento em que lhes dissera que ia passar a tarde em casa de João. E o silêncio teria se prolongado, se, subitamente, Matilde não houvesse lembrado:

- Ah, Ivo, esteve aqui, de tarde, um colega seu, procurando por você.

- Não disse o nome?

- Roberto...

- Roberto? Roberto Dutra?

- É isso mesmo, Roberto Dutra.

- Ora essa. Que queria ele? Eu mal o conheço... é um ano abaixo de mim, lá no colégio.

Carlos Eduardo interveio:

- Ele me explicou.
- Você conhece Roberto?
- Não. Mas eu ia saindo no momento em que ele entrava... Ele me disse que, passando por aqui e, lembrando-se que era onde você morava, tinha batido para ver se você queria passear, aproveitar a tarde... uma coisa assim, pelo que entendi.
- Ora, que ideia! Eu mal conheço Roberto. No Colégio, mal nos falamos...
Lisa tentou explicar, e, naturalmente, pelo melhor lado possível:
- Simpatia, meu filho. Vocês são do mesmo colégio... Ele passou, lembrou-se, estava sozinho... Muito natural até.
- Não. Deve ter sido, provavelmente, por algum outro motivo.
- Indaga amanhã - lembrou Matilde, sempre mais positiva do que a irmã.
- É. Vou perguntar a ele se queria alguma coisa de especial.
Ivo ainda comentou um pouco a estranheza da visita, mas em breve a esqueceu. No dia seguinte, nem mesmo iria se lembrar de falar com Roberto. No momento, uma outra conversa absorveu o interesse de suas duas tias e de Carlos Eduardo. Alheou-se e pensou imediatamente em Lourdes. Logo baniu a preocupação. Já bastava ter de explicar depois do jantar.
Foi em João que pensou. A conversa da tarde não lhe saía da cabeça. E a admiração aumentava sempre. Incrível, realmente, como João já conhecia as coisas, a vida. Muito mais do que ele ou do que qualquer outro colega. Incrível como, de todos, só eles dois pareciam conhecer e dar importância a certas coisas, de que a maioria não tinha nem mesmo consciência.
Estava errado, não tinha fé, mas era ele quem o entusiasmava e não padre Luis. Este, podia estar certo enquanto quisesse. Deixava-o frio. Nas mãos dele, sentia-se abandonado.
A essa altura, a voz de Matilde veio interromper suas constatações:
- Ivo, em que é que você está pensando tanto?
- Na morte da bezerra - disse Ivo rindo e sem querer fixou um momento o quadro da parede defronte. E prosseguiu pensando: “Dos dois, qual estará com a razão? Dos dois, quem conhecerá realmente a vida?”
- Presta atenção, Ivo!
- Estou prestando! - e Ivo ainda se percebeu pensando: “E, para mim, para mim que sou realmente, no caso, quem importa, que é a vida?”...

Voltando-se para Matilde, caiu em si e confessou: estava distraído, o que é que perguntara?

Matilde não perguntara nada. Apenas, estavam falando, mais uma vez, sobre a profissão ideal, sobre o estudo que Carlos Eduardo escolhera: Direito. Matilde falava, não por falar, mas para chamar a atenção de Ivo sobre a necessidade de entrar para uma escola superior. Quem sabe, acabaria voltando atrás daquela decisão que tanto acabrunhava a ambas: não estudar mais, fazer carreira no comércio, entrar para um escritório, tomar pé num negócio qualquer... enfim, lançar-se na vida prática, sem mais delongas. Já tinham discutido muitas vezes. Tinham mesmo, de uma feita, passado bem perto de uma pequena briga. Lisa era de opinião que se devia evitar o assunto. Matilde não perdia uma ocasião. Sempre que podia, voltava sobre o problema, bordando novos arabescos, usando novas cores, sempre esperançosa de que um argumento qualquer ainda acabasse convencendo o sobrinho.

E eis que, daquela vez, apesar de ter alteado a voz e dirigido frases especiais, claríssimas, Ivo não estava nem mesmo prestando atenção, completamente ausente. Devia estar pensando em qualquer coisa de muito interessante que João lhe tivesse contado. Mesmo assim, convinha chamá-lo à realidade.

Inteirado do assunto da conversa, Ivo sorriu e reafirmou seus pontos básicos: estudar, para quem não tinha dinheiro e precisava ganhar a vida, era perder tempo. Estudar Direito, como Carlos Eduardo ia fazer, era perder tempo dobrado. Saía-se da escola sem saber nada e sempre menos inteligente do que se tinha entrado.

Matilde e Lisa riram do que lhes parecia um simples exagero de rapaz irreverente, porém Carlos Eduardo olhou o irmão, curioso: falara, naquele dia, com mais energia do que de costume. Sentindo o olhar de Carlos Eduardo fixo nele, como se quisesse adivinhar alguma coisa de que, evidentemente, ainda não podia ter consciência, Ivo ficou sem jeito e achou preferível dizer:

- Cada um, naturalmente, sabe de sua vida. Eu, por mim, não tenho tempo para perder com estudos... que não adiantam nada.

- Não diga isso, meu filho - censurou Matilde, os olhos fixos em Carlos Eduardo, inquieta com a sua reação.

Carlos Eduardo sorria, como se estivesse solidário com a opinião de Ivo.

Lisa interveio, temendo que a discussão se prolongasse:

- Vamos tomar café na sala?

Levantaram-se todos e a conversa morreu com a mudança de lugar. Ansioso por ver Lourdes, Ivo pediu licença às tias e saiu antes mesmo do café chegar. Foi quase correndo para a casa de Dona Noca.

Se não era brinquedo do irmão - pensava, ao sair de casa - Lourdes esperara por ele a tarde toda. Não devia ser graça. Carlos Eduardo vira do portão e vira a verdade. Certamente, Lourdes sofrera muito com o seu afastamento aqueles dois dias - ela que só pensava nele, que dizia mesmo que ficava contando os minutos, o dia todo, até ele voltar do Colégio.

DONA NOCA o recebeu na varanda, com o habitual sorriso franco e bom que todos lhe conheciam.

- Onde está Lourdes, tia Noca?

- Foi para o quarto, logo depois do jantar. - E, após uma pausa e um sorriso triste, suficientemente significativo, Dona Noca continuou: - Esperou por você de tarde, você não veio...

- É mesmo, tia Noca, não pude vir... tive de ir à casa de um colega.

- E ontem?

- Ontem, tive dentista.

Dona Noca sorriu, eternamente complacente. Olhou Ivo de relance, como para tomar coragem, e explicou, um pouco mais baixo do que falara até então:

- Lourdes anda triste, Ivo. Chorou hoje, no jantar...

Ia perguntar: - "Por minha causa?" - quando, caindo em si, pôde ainda se conter. Indagou apenas do motivo e Dona Noca o achou pouco sensível. - "Egoísta como todos os homens" - dissera o marido, logo que ela lhe dera a entender os motivos por que Lourdes fora se fechar no quarto. E agora, quase lhe estava dando razão... Mas, não. Ivo ficara atrapalhado com a notícia, falara ao acaso. Imaginar outra coisa seria má vontade. E, quanto ao resto, era da sua idade - passava com a idade, felizmente.

Não respondeu, no entanto, à pergunta de Ivo. Sob pretexto de ir chamar Lourdes, deixou-o. Ivo sorriu, pensando que mais uma vez encabulara sem querer aquela estranha Dona Noca que ninguém parecia compreender na sua bondade simples, na sua curiosidade ingênua e ilimitada, no seu cego devotamento a um marido pouco sensível e sempre ausente de casa e a uma

filha de quem conhecia todos os segredos, os sentimentos mais íntimos.

Sabia disso por Lourdes, que parecia preferir de muito Dona Noca ao Dr. Lucas, e que herdara, diziam todos, as virtudes da mãe sem os defeitos do pai... O que eram, ao certo, esses defeitos, ninguém sabia. Exceto que tivera uma mocidade difícil, cheia de aventuras cujos desenlaces não pareciam ter sido muito a seu favor, ninguém avançava nada de importância contra ele. De Dona Noca não vinha, não viera jamais, queixa alguma. Lourdes o achava distante, cerimonioso até com ela, porém bom e justo. Vivia cuidando de sua clínica e já chegava em casa morto de sono e cansaço. Via-o pouco, mesmo aos domingos.

Dona Noca já dissera a Lourdes: a perspectiva de seu casamento com Ivo não era muito bem vista pelo pai: - “Razões vagas, a que é melhor não dar corpo” - dizia Dona Noca, sempre que as perguntas da filha se tornavam mais insistentes, recomendando-lhe em seguida que tomasse precauções para não chamar a atenção do pai sobre o seu namoro. - “Seu pai, opor, não se opõe, mas prefere que não se fale, que se espere para ver, mais tarde, quando for tempo - se ainda se cogitar disso...”

Ivo era tudo na sua vida. Desde que, anos antes, a mudança para a vizinhança das duas irmãs Freitas, primas afastadas de Dona Noca, trouxera Ivo para perto dela, para as olhadelas furtivas de um portão ao outro, para os encontros, casuais a princípio, combinados em segredo pouco depois, protegidos enfim, mais tarde, pelas tias de Ivo e por Dona Noca, não pensara mais senão em Ivo. Uma separação de algumas semanas, para uma estada em S. Lourenço, consolidara a paixão nascente. Inúmeras cartas estabeleceram o ilimitado do amor que tinham um pelo outro. Esqueceu o resto, as leituras e as amigas. E a própria Nininha, a inseparável Nininha, começou a ser deixada de lado. Dona Noca, que não gostava de Nininha e de seus modos, e das coisas que sabia e que ainda era capaz de ensinar a Lourdes, só viu nisso uma razão a mais a favor do namoro. Na companhia de Ivo, em quem confiava muito, a ignorância em que educara Lourdes de tudo o que no mundo considerava como o mal, estava garantida - mais, pelo menos, que junto de Nininha, pouco discreta e debochada.

Desenvolvera-se, assim, o namoro entre Ivo e Lourdes. Dona Noca o seguia atentamente. Sentiu quando estava nos seus maiores dias e percebeu, depois, que já não andava tão bem. Ultimamente, começara a sofrer por ver Ivo menos interessado, distante, seduzido provavelmente por encantos

novos. Nada dizia para não “dar corpo” ao que lhe parecia ver surgir, dia a dia, na imaginação de Lourdes como uma nuvem. Mas sofria e se preocupava. Ainda naquela noite, quando vira Lourdes sair da mesa, olhos cheios de lágrimas, sem ter comido nada, não soubera o que fazer senão tranquilizar o marido, subitamente inquieto, e pedir a Deus que trouxesse Ivo de volta naquela noite mesmo.

Vira-o chegar, pouco depois, com a mais viva alegria. Seu primeiro movimento fora sair correndo, para chamar Lourdes. Lembrara-se porém do marido, das conveniências, da própria Lourdes que não convinha alarmar. Dominara-se, mas não pudera deixar de fazer sentir a Ivo quanto lastimava o que estava se passando. Teria, contudo, compreendido?

Lourdes demorou, mas enfim apareceu. Vinha trêmula e depois de ter chorado muito. No entanto, afetava desenvoltura e foi sorrindo que disse:

- Como é, estamos de namoro em outra zona?...

Lourdes tinha mais ou menos a mesma idade de Ivo. Parecia porém mais velha um ou dois anos. Em compensação, Ivo não precisava exagerar para ver nela uma das meninas mais bonitas dentre as que conhecia. Já a achara mais bonita, mas mesmo assim, ainda se deixava ficar longos e longos minutos contemplando-a. Seus olhos, claros e doces, a tranquilidade de seus traços perfeitamente harmoniosos, haviam resistido sempre a todas as críticas.

Ficou a olhá-la, embevecido, como se Lourdes não tivesse falado ou ele não estivesse ali para se explicar. Parecia-lhe mais linda do que nos últimos dias e fixou seus olhos nos dela. Foi o bastante para desarmar toda a coragem de que Lourdes viera munida. Já sem forças para continuar a sustentar o olhar, virou rapidamente de lado e perguntou, irritada:

- Para que é que você veio?

- Eu? - indagou Ivo, surpreso. Hesitou alguns instantes, desorientado, e depois confessou simplesmente: - Para ver você... Para explicar.

- Explicar o quê?

- Ora, Lourdes. Então a gente não se vê dois dias... e não há o que explicar?

Lourdes ainda tentou sustentar o mesmo tom de luta encoberta:

- Não há nada que explicar... Nada.

- Há sim. Eu não vim hoje de tarde porque não foi possível. Eu tive...

- E ontem, então?

A pergunta já era um sinal de capitulação. Ivo se sentiu mais seguro. Explicou logo:

- Ontem, eu tive dentista.

- Dentista? Como é que na véspera você não sabia de nada?...

- Não sabia? Sabia sim. Apenas, não me lembrei de dizer, meu bem.

- Nesse caso, por que não me avisou de manhã?

- Só me lembrei no colégio...

- E ontem de noite, então, por que você não veio?

- Estava muito cansado.

- Cansado? Do dentista?... Ora, Ivo, eu não sou nenhuma criança para acreditar nessas desculpas tolas!

Ivo a olhou, irritado. Por que não acreditava no que dizia? Estaria por acaso mentindo?

- Você quer que eu invente razões?

- Quero as verdadeiras...

- São essas, meu bem.

- Ora, Ivo, assim é demais. Assim é querer me fazer de idiota...

Ivo jurou, várias vezes, mas Lourdes não quis acreditar. Obstinava-se em recusar todas as explicações. E o tom da discussão logo se alterou. Em pouco, estavam se acusando mutuamente de desinteresse e egoísmo. Mais fraca, Lourdes não aguentou a tensão. A uma resposta mais dura, entrou em casa, os olhos cheios de lágrimas, e foi correndo se trancar no quarto.

Durante alguns segundos, Ivo ainda ficou na varanda, parado, sem compreender nada do que acabara de acontecer. Depois, desceu a escada e, do portão, ainda viu o vulto de Dona Noca que o espiava de uma das janelas da sala. Com certeza - pensou - havia de estar dizendo consigo mesma: “Não é nada, amanhã passa...” Enganava-se, no entanto. Ainda que não tivesse havido, da parte dele, a menor intenção, tinham brigado de verdade...

FIZERAM as pazes no dia seguinte, mas Ivo nunca soube o que levara Lourdes a voltar atrás. Nessa idade, nós homens, em geral, ainda ignoramos esses incontroláveis movimentos de amor, profundos como o próprio ser em que se agitam. Mais egoístas, mais obstinadamente voltados sobre nós mesmos, resistimos, nessas situações, semanas, meses, anos, e não será nesse terreno que nos vamos mostrar fracos e influenciáveis. Tanta coisa

nos preocupa e a vida exige de nós um tão violento e constante estado de guerra que os sentimentos profundos e delicados são raros e no mais das vezes duram pouco, como plantas por demais sensíveis para temperaturas tão elevadas. Será preciso o longo e doloroso aprendizado da vida para que nos eduquemos melhor para o acolhimento dos grandes sentimentos necessários.

Naquela noite, Ivo sofreu sem dúvida muito com a briga, porém cansado de um dia inteiro de agitações e conversas graves, não resistiu muito ao sono que lhe veio com grande violência, assim se deitou. E tanto maior quanto, nas noites anteriores, dormira pouco e mal.

Sofreu um pouco, inegavelmente. Contudo, nada, em comparação com a noite que Lourdes passou, certa de que tudo estava acabado na vida, porque Ivo não se interessava mais por ela e aceitara o rompimento de pouco antes sem maior dificuldade. Nem era impossível que já estivesse gostando de outra. De Nininha, por exemplo, que não escondia, nem mesmo a ela, quanto gostava dele. Não podia assegurar, mas certamente devia ser alguma coisa naquele gênero. Nos últimos tempos, Ivo estava constantemente se esquecendo dela, sempre preocupado com mil coisas que, de um modo ou de outro, não eram ela. Já não a beijava do mesmo modo franco e ilimitado: subitamente se retraía, se recusava, e olhava-a com uma dureza que não podia compreender. Que lhe fizera?

Nesse ritmo desconcertante, e durante grande parte da noite, Lourdes mexeu e remexeu as mesmas queixas, sem se fixar em nenhuma. Somente a ideia de que Ivo estava se desinteressando dela persistia sempre. De todas as conclusões, era a única inabalável. E era, justamente, a única que não podia admitir. Para evitá-la, não havia sacrifício que não se impusesse. De modo que, no dia seguinte, quando viu Ivo procurá-la como se nada tivesse havido na véspera, resolveu esquecer todos os desentendimentos. E não só lhe pediu desculpas do que lhe dissera, como contou, de olhos ainda rasos de água, todas as suposições absurdas que fizera, as pequenas queixas que tinha dele. Separaram-se nessa tarde completamente reconciliados, conforme as previsões de Dona Noca.

4

OS dias passaram. O exemplo de Leandro foi seguido por muitos, exatamente como se estivessem à espera de um sinal. Primeiro Marcos, logo o Nunes e o Rui, uma semana mais tarde Lauro, dias depois Carlos. Seguiu-se Elísio e, nessa mesma semana, diante do entusiasmo geral, a resistência de Firmino Barroso cedeu, levando de arrastão os hesitantes. Como se dizia na aula: ninguém mais queria ficar "na bagagem".

Tímidos a princípio, no íntimo receosos de que não fossem ter as impressões triunfais de Leandro, seguiram-no a medo, apesar de uma certa fanfarronada de atitudes. Estavam tão habituados a ouvir falar daqueles lugares como de coisas vergonhosas, que não podiam se decidir a vencer de um golpe todas as resistências. Foi preciso o exagero descontrolado de muitos, como Marcos e Rui, para que cortassem as últimas amarras. Os resultados foram todos positivos e Leandro, desde então, passou a gozar uma situação privilegiada. A ele, à sua coragem, devia-se o dissipar da grande nuvem.

A tese-mestra da moral que lhes tinham ensinado, pais e padres: a baixeza dos prazeres sexuais, ruía por terra e os que ainda procuravam defendê-la publicamente, como os gêmeos ou Luis Soares, marchavam a passos largos para o ridículo, para suspeições as mais desonrosas. Nos pais, tudo se explicava por preconceitos e bobagens; nos padre, por despeito e interesse. Neles, por motivos ainda mais tristes...

Os prazeres sexuais que tinham tido, até então, vinham sempre acompanhados de muita baixeza, de elementos deprimentes. O Nunes podia não sentir, Marcos podia mesmo passar por cima, contudo a maioria era sensível à carga de lama que os acompanhava. Tinham-nos, naturalmente - e alguns com grande frequência (somente a intervenção de padre Luis impedira a expulsão do Nunes, certa vez) - mas vinham sempre acrescidos de repugnância, de reconhecimento da sordidez do ato. Em muitos isso era tão vivo, tão forte, que o próprio prazer ficava diminuído, envenenado.

Agora, tudo mudara de um modo impressionante. Talvez ainda estivessem pecando, mas o estavam fazendo como homens, como

verdadeiros homens, sãos, normais, capazes de transmitir a vida. Era o que faziam todos, uns mais cedo, outros mais tarde. A consciência sossegada, o pecado comum era subitamente eliminado ou deixado para mais tarde, para os momentos de crise. Ficava apenas a permissão para o gozo, limpo, normal.

Naturalmente, depois de um prazer desses, ninguém mais pensava nos antigos, a não ser com grande desprezo. “Bons para meninos... ou para padres.” Orgulhosos da libertação, ao antigo silêncio diante de certas práticas, opunham agora a mais total das aversões. Sincera, não admitia meio-tons, ainda que, por fraqueza, muitos voltassem, momentaneamente, à antiga escravidão. E os que ainda não haviam ingressado na verdadeira vida, eram globalmente desprezados. Condenados, todos os que não conheciam o que eles tinham descoberto: aquele prazer que tornava os meninos homens, aquela sensação de ter a vida nas mãos, de estar participando dela.

Essa condenação, Ivo a sentia recaindo sobre si. Ninguém acreditava na sua pureza - e ele próprio não escondia que confessava pecados iguais aos dos outros. Quando muito, não o acusariam de ter os mesmos hábitos do Nunes ou de Marcos, sempre às voltas com as classes inferiores. Todavia, a condenação era global e ele se via apontado com desprezo.

Ao lado dessa condenação, sentia a opressão das revelações feitas no recreio ou nas aulas, sempre em termos claros. Ouvia, emocionado, o coração batendo, o corpo complacente aos detalhes mais excitantes, o pensamento tomado de verdadeira febre. Podia deixar de ouvir, de ficar perturbado?

Não sabia explicar, mas era assim. Por que vinha tudo contra ele, e, justamente, naquele momento tão difícil, tão perigoso? Por que conspiravam, todos, contra a sua pobre e ameaçada salvação? Por que lhe vinham repetir aquilo que, por si mesmo, já sabia, adivinhara?

Deixar de ouvir, isso não. Aliás, por mais que o quisesse, jamais conseguiria. Nem era ele quem procurava. No entanto, mais de uma vez no meio das conversas, sentia que a culpa estava sendo sua, que se arriscara demais escutando com tanta paixão. Já agora estava irremediavelmente preso, com o pecado dentro de si. E continuava ouvindo, ao mesmo tempo complacente e revoltado, horrorizado com o seu interesse por aquela linguagem, por aqueles segredos, por todo aquele pecado que ninguém

vacilava em proclamar a coisa mais extraordinária do mundo.

Sentia-se atingido, perturbado no íntimo. Não havia desprezo pelo pecado que matasse aquele desejo de conhecê-lo. Em certos momentos mesmo, tinha a impressão de que estava inteiramente vencido. Podia pensar o que quisesse, podia rejeitar com violências as tolices de Marcos contra os padres, os sorrisos de Rui quando se falava na Igreja. No fundo, estava seduzido, tão inclinado a tentar, também ele, o que os outros já tinham feito, que começava a se sentir culpado, atingido como qualquer um, começando a trair o que sinceramente ainda julgava o bom lado, o lado de Deus.

NO RECREIO, nesse dia, estão os três, Ivo, João e o Brandão, reunidos na mais particular das conversas. Ninguém ousa se aproximar, nem mesmo Luis Soares que, comumente, não se importa de ser demais nas conversas. De longe mesmo se sente que a conversa está inteiramente fechada a estranhos e que João é capaz - por que pôr em dúvida, se dizem que já o fez tantas vezes? - de significar que se está sendo indiscreto, à menor tentativa de aproximação.

A discussão já vai adiantada. Ivo só teme que a sineta do fim do recreio venha interrompê-los. Da importância do que estão dizendo, sente que ainda não pode aquilatar. Sabe que todo ele está empenhado, que nele não há um só pedacinho de corpo, de atenção, que não receba de um modo total as palavras cheias de segurança de João ou as do Brandão, parciais, talvez ainda mais perigosas que as de João - diria padre Luis.

Foi justamente nesse momento que o Brandão explicou:

- Não é isso, João. Não é porque seja pecado.

- Como não é por isso?... indagou Ivo, surpreso.

- Pecado por pecado, a gente peca de tantos outros modos que não há de ser esse que há de pesar mais...

O Brandão não prosseguiu na explicação, deixando Ivo cheio de novas interrogações. Dirigindo-se diretamente a João, continuou:

- Não é por ser pecado, é que acho a coisa em si baixa, vergonhosa, animal. Eu tenho vontade, sim, mas sempre que penso na realização, no ato, sinto repugnância.

João não respondeu logo. Pareceu-lhe que o Brandão só insistia no “não é por ser pecado” por ele estar ali - ele, tido e havido por incrédulo. Só com Ivo, o Brandão falaria de outro modo. Achou-o fraco, dúplice. E mais uma

vez pensou: “Por que será que Ivo gosta tanto de andar com ele? Não merece.” Apesar de tudo, respondeu sem rancor:

- Repugnante desse modo, com essas mulheres. Isso eu também acho. Mas, de outro modo...

- De outro modo, como?

- Ora, há mil outras maneiras, não?... Basta que não seja pago. Basta que não haja esse lado de coisa forçada, de negócio.

- Você acha?

- Seguramente. - E João dogmatizou: Quando a mulher também quer, quando você tira dela um prazer que também dá, não há vergonha alguma.

Ivo olhava fixamente, tão sequioso de detalhes que João tomou coragem:

- Muito pelo contrário. Não há nada de maior. Compreende? Você viver do amor que uma criatura lhe dá, e dar a ela tudo, ser dessa criatura quando ela é sua... A loucura que é isso!

- Loucura mesmo - disse Ivo, esforçando por sorrir.

Não pudera se conter. Falara por excesso de emoção. Precisara contradizer o que sentira ferindo-o fundo e tão vivamente.

Houve um momento de confusão. João não esperava que o ataque partisse de Ivo. Ficou indeciso, mas o Brandão interveio, sentindo necessidade de reforçar o inesperado apoio de Ivo:

- Não sei se é loucura. Sei é que é poesia. Essas coisas são muito bonitas, ditas assim. Vai ver na realidade, para ver se é isso... O que um homem quer de uma mulher é uma coisa. Não é nada de ser dela enquanto ela é dele. É outra coisa...

Ivo sentiu quanto João se irritara com a resposta intencionalmente cínica do Brandão. (Sabia perfeitamente bem que, na verdade, o Brandão não pensava assim.) Não querendo que se dessem novos choques, tentou desviar o rumo da conversa:

- Não sei, João... para mim, tudo isso esbarra nas coisas em que eu acredito mais firmemente (você não acredita, paciência!) e que mandam rejeitar qualquer dessas ideias sem sombra de discussão.

- Mandam, realmente? - indagou João, satisfeito de estar discutindo agora diretamente com Ivo.

- Mandam. Sem a menor dúvida. Você tem alguma, a esse respeito?

- Muitas, Ivo. Muitas!

- Em que sentido? Você nunca me falou nisso.

- Já. Você pode não se lembrar, mas falei. Nesse sentido: acho os padres que interpretam e sempre interpretaram, as palavras de Deus...

Sem saber por que, Ivo se sentiu irritado. Antes que João pudesse prosseguir, as palavras vieram, ásperas, quase inimigas:

- Mas, se eu acredito nos padres, João?... Quando eu falo nas “coisas” em que eu “acredito”, os padres estão incluídos, você sabe. Tudo é um todo só, padres e crenças.

João olhou, também irritado. O Brandão esperava. A alguns passos vinha vindo, em direção a eles, padre Luis. Devia ter pressentido qualquer coisa. Com sorriso de desdém, João disse para Ivo, sabendo que o ia magoar:

- Então, aí vem padre Luis... Peça a ele para tirar de você todos esses desejos. Não são proibidos?

Não houve tempo para a resposta. Nem Ivo teria respondido, de tal modo estava surpreso e desconcertado com o tom que João imprimira à discussão. Já padre Luis indagava, afável:

- Conspirando?...

Não se referia a nada de especial. Apenas, uma maneira de se aproximar sem parecer ignorar a intimidade da conversa. O Brandão precipitou a catástrofe:

- E conspirando contra Deus, padre!...

Riu muito da frase, como se ri de um absurdo qualquer. Atrapalhado com a espécie de denúncia do Brandão, sentindo recair sobre ele as possíveis suspeitas, João repetiu:

- E conspirando contra Deus.

O mal-estar se tornou geral. Diante da confirmação de João, do silêncio embaraçado de Ivo, padre Luis riu um pouco mais fortemente do que seria natural. Também ele estava sem jeito. Agarrou as abas do paletó de Ivo e do Brandão, separando-os de João, e brincou:

- Com esses dois aqui, João, você não consegue nada...

Sentiu logo o erro, mas já era tarde. João tinha recebido mal a brincadeira, ferido num dos seus pontos mais sensíveis. Por seu lado, o Brandão, sem compreender nada, sorriu, triunfante com a confiança e com o reforço. Já pensava mesmo em pôr o padre a par do que estavam discutindo, quando Ivo falou:

- Eu também, padre. O Brandão estava muito abandonado, foi bom o senhor chegar. - E, medindo toda a consternação que lançava em padre Luis, todo o escândalo do Brandão, acrescentou, sorrindo para João que abaixara o olhar, confuso e orgulhoso: - Nós estávamos falando da impossibilidade de resistir a certos pecados, quando se fica homem.

Só então padre Luis percebeu a importância do erro cometido. Caíra em cheio numa panela fervendo. Brincara, e tanto Ivo como João tinham levado a sério. Ivo se julgara, então, na obrigação de defender o amigo atacado.

Ia perguntar qualquer coisa, ao acaso, somente para romper o silêncio formado, quando a sineta tocou. Teve bastante presença de espírito para não perder a ocasião favorável. Passou o braço pelo ombro de João, isolou-o dos outros, e quando se distanciaram um pouco, disse, quase baixo:

- Não leve a mal o que eu disse, João. Foi brincadeira. Sei que você é incapaz dessas conspirações.

- Eu não levei a mal.

- Eu sei, João. Mas o Ivo parece ter levado e você pode ficar sentido...

- Tolice dele, padre. Eu compreendi logo que era brincadeira.

No entanto, o primeiro olhar que Ivo e João trocaram, logo que padre Luis e o Brandão se afastaram, foi de entendimento absoluto, quase de aliança. Cheio de satisfação, Ivo pensou: “Tudo na atitude de João traduz um grande orgulho pelo gesto de amizade e de limpeza que eu tive. Padre Luis andou mal e teve o castigo merecido”. E tornou a rir, refazendo na cabeça a atrapalhação do Brandão, o silêncio forçado em que tinham vindo pela alameda, a alguns passos atrás de João e de padre Luis que conversavam como se nada houvesse acontecido.

QUANDO se encontraram à tarde, depois da saída do Colégio, não tocaram no incidente, mas havia entre eles uma proximidade nova. Falaram das mesmas coisas de sempre, porém com mais confiança e tranquilidade.

Sentiam-se cada dia mais próximos. E Ivo sabia que a sua amizade por João aumentava. Não se cansava de descobrir-lhe novas qualidades. E já era para ele uma necessidade estar constantemente ao seu lado, conversando sobre uma coisa e outra, especialmente sobre sua situação junto a Lourdes.

Ivo escolhia muitas vezes as tardes, mas João preferia as noites. Sabia que, de tarde, Ivo costumava se encontrar com Lourdes - o que não podia fazer à noite, senão raramente, porque o Dr. Lucas não gostava.

Ultimamente, porém, Ivo parecia procurar a mudança de horário. Cheio de escrúpulos, João achava sempre pretextos para, sem dizer nada, só poder encontrar o amigo de noite. Não queria que se pudesse dizer que era ele que o estava afastando de Lourdes. De uma outra qualquer, ainda podia aceitar, mas de Lourdes?

Apesar de tudo, encontravam-se à tarde, uma ou outra vez, e nunca Ivo se mostrara tão satisfeito de estar com ele. Parecia muito mais seguro de si, muito mais tranquilo. E, por conversas e subterfúgios cada dia mais abundantes, João compreendeu que era um pouco por não estar junto de Lourdes que ficava tão contente.

Entre os dois - pensava João - devia haver alguma dificuldade bem séria. As rusgas dos últimos tempos, que conhecia pelas conversas de Ivo, não davam para justificar sua atitude. Havia coisa mais importante e, ainda que suspeitasse de muitas possíveis razões de desentendimento, não atinava com a decisiva.

Resolvera tirar a limpo, perguntando francamente. Naquela tarde, graças ao incidente do recreio, à nova solidariedade que os unia, qualquer confissão era fácil e falou sem nenhum esforço. Sentiam-se muito próximos, quase irmãos, e Ivo não precisou vencer barreira alguma para se explicar.

Era mais ou menos o que João esperava - e o que temia, para o bem do amigo. Ivo confessava não encontrar mais o mesmo prazer em estar junto de Lourdes, em passar a seu lado as horas e horas de sempre. Ou, pelo menos, parecia-lhe que não lhe dava, nesses encontros diários, aquilo que uma mulher deve dar ao homem de quem gosta - mesmo só sendo sua noiva, ou quase isso: uma constante proximidade, uma carícia contínua, um amor real, alguma coisa que ele pedia ardentemente, com os olhos, com as mãos e a que ela se recusava, às vezes até com rispidez, como se estivesse querendo algum favor proibido, imoral.

E contava a João cenas, momentos, em que isso se positivara - ocasiões em que o beijo se prolongara demasiado e ela se arrancara dos seus braços que já a estavam enlaçando - outras em que, estando de mão sobre a mão e tendo ele, naturalmente, começado a subir com a sua pelo braço dela, logo se afastara, encabulada, sob um pretexto ridículo.

O comentário de João viera sem querer: “Lourdes é assim, Ivo” - “Assim...?” João fizera um gesto vago de quem não quer positivar nada. Ivo

prosseguira na sua queixa. Sentia Lourdes longe dele, cada dia se afastando mais. Talvez estivesse se transformando, mudando de gostos - querendo a outro mais do que a ele, quem sabe?...

João protestou, meio encabulado (por que, não saberia explicar, porém Ivo não se deteve e nem sequer notou o protesto. Prosseguiu, já agora menos injusto aos olhos de João. Sentia-se um pouco culpado. Tinha se afastado ele também, tomando interesse por outras coisas. E sorria, confessando que, às vezes, não tinha tempo de pensar em Lourdes. Nada podia fazer contra isso. Se não conseguia se interessar tanto por Lourdes, era que ela também não ajudava, teimava em não querer compreendê-lo e às suas necessidades recentes. Lourdes devia vir a ele, doce, meiga, acariciando-o, prendendo-o, impedindo que outros interesses tomassem o lugar que era dela e que só dela devia ser...

Ivo falava numa exaltação crescente, sentindo vagamente que estava sendo injusto, mas que não podia deixar de ser assim. A seu lado, João, inexplicavelmente perturbado, replicou com uma leve irritação no tom:

- Isso é um absurdo, Ivo! Isso é querer que ela adivinhe o que você está pensando, o que está se passando dentro de você.

- Não é, João. Assim é que as mulheres têm de ser... para com os homens de que gostam.

A solenidade da afirmação passou despercebida a ambos. E foi só a emoção que falou, quando Ivo confessou:

- Eu preciso muito de Lourdes, João.

- Eu sei.

- Eu preciso de Lourdes.

- E ela de você... mais ainda, talvez.

João não poderia dizer porque falara daquele modo. Sentiu que se ruborizava e esperou ansioso que Ivo tornasse a dizer:

- De ninguém, de nada preciso tanto quanto de Lourdes. Preciso de Lourdes para não me perder, para poder continuar a viver tranquilo. Preciso de Lourdes para...

Não terminou, e João não soube nunca o que quisera dizer ao aludir àquela última necessidade. Retomou o caminho adiante e explicou o que João já estava farto de saber: toda a sua vida estava traçada para ser vivida ao lado de Lourdes. Tudo o que existia nele como planos, como ideias, era tão intimamente ligado a ela que, sem ela, passava a não existir mais. E

explicava:

- Você pode acreditar, João... Agora, quando penso no futuro, e tenho a ideia de que Lourdes pode não estar junto de mim, sinto medo. Não sei o que pensar, o que fazer. No entanto, não consigo mais imaginar o futuro ao lado de Lourdes - como antes... Tenho a impressão de que estou ideando uma coisa que, no íntimo, sei que é impossível - como se já tivesse acabado.

João compreendia. A situação de Ivo era ainda mais grave do que imaginara. E o perigo que Lourdes corria, bem maior. Invencivelmente, sentiu que uma ideia se estava impondo ao seu espírito: “Ivo não gosta mais de Lourdes. Precisa dela - ou julga que precisa. Não gosta mais, pelo menos como gostava...” Tentou lutar, mas foi inútil. Dúvida e certeza se misturavam. E, naquela tarde, não pôde dizer mais nada ao amigo, surdo às poucas palavras que ainda lhe dirigiu. Despediram-se sem jeito, prometendo voltar ao assunto no dia seguinte.

PASSARAM-SE vários dias antes que o nome de Lourdes tornasse a ser pronunciado entre eles. Contudo, logo no dia seguinte recomeçou a conversa, livre de qualquer mal-estar. O julgamento de João não alterara a amizade e a camaradagem de todas as horas.

No fim do segundo recreio, num momento em que ouviram o Nunes gritar, evidentemente com o fim de impressionar uns meninos de cursos inferiores, que naquela noite iria a uma pensão, Ivo disse a João, abaixando o tom:

- Sabe, pensei muito a noite passada... e estou mais ou menos decidido a ir, eu também.

João nada disse. Ivo ainda acrescentou: “...um dia desses” e ambos se afastaram para um canto, de modo a poder falar à vontade.

Durante alguns momentos permaneceram calados. No silêncio de João havia, evidentemente, reprovação e Ivo não o ignorava. Poucos acreditariam, mas a verdade é que, naquela aventura, era João quem o retinha de modo mais decisivo. Na hesitação em que estava, nada falava mais fortemente do que aquela reprovação que não se baseava em princípio ou em mandamento algum.

Sincero, João não escondia as fontes de sua sabedoria:

- Papai tem razão: não há nada mais grave, mais delicado, mais perigoso, do que esse primeiro contacto com mulher. Uma partida em falso

pode estragar uma vida. É preciso saber esperar...

Ivo concordava e admirava aquelas ideias, mas o difícil era poder resistir, poder pô-las em prática. Esperar, como?... E, naquele recreio, João teve de empregar novos recursos para acalmá-lo. Ivo recalcitrava:

- Mas esperar o quê?

- Uma ocasião propícia, Ivo.

- Uma ocasião? Que é que você chama: uma ocasião? Que a sexagenária Luisa morra ou que minhas tias despeçam o copeiro ou o cozinheiro?

- Você não conhece nenhuma outra casa, nenhuma outra pessoa?

- Ora, João, você sabe muito bem que não, que eu não conheço ninguém que sirva.

João não continuou logo. Ivo parecia irritado. Ganhou tempo, falando-lhe mais uma vez do seu caso com Djanira. Também ele ansiava por tê-las sem restrições. Tinha porém de esperar até que o amor de Djanira por ele fosse suficientemente grande para que ela, vencendo o medo, se entregasse. O erro seria querer precipitar as coisas - num caso como noutro, para ele como para Ivo.

Todo esse bom senso irritava Ivo, ao mesmo tempo que o seduzia. Percebia que estava dominado por aquele raciocínio seguro de si e das coisas, transbordante de experiência. Por momentos queria reagir, mas sentia-se envolvido e, ao fim das conversas, sempre vencido.

Ao fim daquela conversa, mais uma vez Ivo estava irresoluto, duvidoso de tudo. João lhe falara de encontros misteriosos de duas almas e de dois corpo ao mesmo tempo, de aventuras em que as pessoas trocavam de vida umas com as outras e passavam a ser tudo umas em relação às outras. Falara de outras coisas ainda, de muitas ideias grandes e elevadas, em absoluta discordância com os planos que trazia. Assim, quando a sineta tocou, já não havia mais o que fazer. Retinha apenas o enevoamento de certas frases de João que tinham despertado nele repercussões profundas e informes.

NÃO, Ivo não compreendia bem. Achava tudo aquilo vago, nebuloso. O seu problema era imediato. Tinha de resolvê-lo de um modo preciso, não com esperanças e promessas distantes. Talvez não soubesse como. Contudo, não tinha dúvidas: era impossível adiar a solução.

Sua vida se tornava cada dia mais difícil. Não conseguia prender a

atenção num livro, a não ser que soubesse encontrar nele cenas de amor descritas de um determinado modo. Mas, então, pensava invencivelmente em Lourdes e rejeitava tudo com horror, acusando-se de baixeza, julgando-se incapaz de merecer o amor da menina.

No próprio romance, nesse "O Príncipe" em que João depositava tantas esperanças, nem mais pensava. E, quando ensaiava continuá-lo, era como se não soubesse mais escrever. As frases não saíam, sentia-se desinteressado, caceteado por aquelas aventuras que imaginara para narrar a tentativa heroica de um príncipe que procurava recuperar o trono abandonado num momento de pânico.

O sossego fugira até do sono. Quantas e quantas vezes não acordava - às vezes logo depois de adormecer, às vezes já madrugada alta - o corpo quente e rijo, uma imagem lasciva na cabeça de há muito triunfante? Quantas e quantas vezes não se entregava então a ela e, quando conseguia adormecer de novo, era com a consciência doída e um imenso desagrado no coração? Quantas e quantas vezes não se levantava cansado, quase como se não tivesse dormido e, no entanto, pronto para recomeçar logo à menor solicitação?

Era nesses momentos de amargor que pensava mais angustiadamente em Lourdes, numa Lourdes compreensiva e amiga que pudesse ajudá-lo. Via-se ajoelhado diante dela, contando tudo o que ia de ruim no seu coração, aquelas noites de insônia ardente, aqueles desejos impessoais, quase informes, aqueles súbitos despertares em pleno inferno, a boca seca, o corpo revoltado. Via Lourdes se voltando para ele, alisando-lhe os cabelos, beijando seus olhos inquietos e desnorteados, falando-lhe docemente, obrigando-o pouco a pouco a se acalmar, a esquecer tudo o que não fosse ela, o seu olhar suave, a sua pele macia e pura, o seu beijo ingênuo e repousante - o seu beijo que era a negação de tudo quanto havia de mal no mundo.

Duravam pouco, infelizmente, essas imagens suaves de uma Lourdes ideal. Duravam instantes. O que resistia ao tempo e ao sono, o que atravessava a monotonia dos dias, era o tormento de mil desejos insatisfeitos, a angústia de mil olhares. Bania então a ideia de Lourdes, inútil. Fazia por esquecê-la completamente, por se libertar de qualquer recordação mais precisa. E mergulhava conscientemente na onda impura que o levava...

Foi no decorrer desses dias que a tranquilidade de Carlos Eduardo se fixou no seu espírito como o mais decisivo dos traços. Anos depois, quando lhe chegou a notícia da morte estúpida, incrível, do irmão tão querido, ainda foi o mesmo menino sereno e puro, uma espécie de inocente alheio às desgraças da vida, ao sofrimento e ao pecado, que viu estendido num caixão, levado por amigos inconsoláveis, chorado por criaturas que não compreendiam e pareciam não poder aceitar... como se a vida não fosse aquilo, precisamente aquilo.

Agora, porém, o que o impressionava nele era a capacidade de estudar, de estar atento a tudo, vendo as coisas sem espanto, sem malícia, aprendendo com amor, com o mais puro dos interesses. Invejava-o. Sem maldade alguma, sem rancor, porém invejava-o fundamente. Devia ser feliz.

Às vezes, tinha a impressão que Carlos Eduardo nem de longe suspeitava a existência daquelas dificuldades pelas quais vinha passando. Na sua idade, já sabia de muita pequena miséria e desconfiava de várias outras. Carlos Eduardo, não. Uma vez, tempos antes, tentara indagar, para ver. Carlos Eduardo não sabia de nada. Nenhuma de suas perguntas, intencionalmente pérfidas, produziu o menor efeito. Sentiu remorsos da tentativa. Logo descansou: a superfície tranquila daquelas águas tranquilas nem sequer se havia agitado.

Durante algum tempo, estivera convencido de que o irmão era realmente diferente de todos, privilegiado. Aliás, padre Luis dizia, sempre que se falava em Carlos Eduardo, que uma graça como a que se produzira a seu favor era quase inacreditável. A ele próprio assegurava, uma vez: “Seu irmão é diferente de todos, de todos mais”...

Ultimamente, Ivo mudara de ideia e não via mais entre ele e o irmão senão uma diferença de maior ou menor precocidade. Sempre fora a opinião de João e era, agora, a sua. Inútil imaginar milagres especiais. Também Carlos Eduardo passaria por agonias. Também ele conheceria dúvidas, desejos que passavam do sono para a vigília e da vigília para o sono. Também ele, um dia, sentiria que a oração não tinha mais força para livrá-lo do pecado. E também se inclinaria, seduzido e ardente, sobre as fontes proibidas que ainda desconhecia.

Não escaparia. Ninguém podia escapar àquela lei comum. A própria religião ensinava que o pecado estava na natureza de todos, que na terra todos eram pecadores, sujeitos às mesmas cruzes. Por mais religioso que

Carlos Eduardo fosse - e não era mais do que ele fora, padre Luis podia atestar - não escaparia, quando os anos viessem e a lei implacável se impusesse.

5

NAQUELE sábado ao entrar no Colégio, Ivo se viu subitamente diante de padre Luis e, depois de um simples “bom dia”, não soube mais o que dizer. Teria falado, teria dito as mesmas coisas insignificantes dos momentos difíceis, não fosse o olhar que encontrou - olhar de angústia, de dúvida sobre se iria procurar o seu confessionário.

Ainda não se decidira. Precisava resolver, porém hesitava. Não queria deixar passar mais aquele sábado. E, por outro lado, não sentia jeito de se ajoelhar diante de padre Luis. Se já ali, naquele pátio de recreio, fora tão difícil o encontro de olhares, e tão impossível a conversa, como não seria uma confissão!...

Pensara, por um momento, em procurar outro padre que o conhecesse menos, padre Elísio, padre Leonardi ou outro qualquer. Logo realizou a inutilidade de se confessar desse modo. Se se tratava de procurar um padre que não soubesse o que padre Luis sabia, por que padre Elísio ou padre Leonardi, e não o Reitor? E então, por que não padre Godo? E então, raciocinava Ivo sem perceber o salto que estava dando, para que se confessar?

Sentia, no entanto, que uma nova confissão, bem feita, e diante de seu confessor habitual poderia lhe dar novas forças, talvez abrir um caminho ainda desconhecido. Pelo menos, devia tentar. E a indecisão perdurava.

Ficou assim até que a sineta deu o aviso de costume: os padres estavam na Capela esperando pelos que quisessem se confessar. Ivo se levantou e só então percebeu que, no fundo, já estava de há muito decidido. Notou que mais de um de seus colegas, especialmente João e o Brandão, tinham se espantado com o seu movimento. Saiu logo, como se se sentisse envergonhado. E entrou na Capela trêmulo, sem saber como começar, nem o que dizer, nem se devia explicar tudo a padre Luis: - a razão da sua ausência naqueles últimos sábados, as novas indecisões e as ideias que estavam brotando, os motivos secretos das suas rusgas com Lourdes, tudo, tudo...

NÃO necessitou fazer esforço algum. Mal começava, logo do outro lado da palhinha do confessionário a voz compreensiva completava a frase e era como se fosse ele próprio quem falasse. As expressões não o feriam, nenhuma região sensível acusava um tratamento mais brusco. Dir-se-ia alguém com quem tivesse conversado muito tempo sobre aquilo tudo. E alguém que o compreendesse esplendidamente.

Deslumbrado com a clarividência do padre, que se revelava capaz de segui-lo de tão perto, de acompanhá-lo ali onde João não conseguira ir, de saber de tudo com tantas minúcias, pensava: “Mas, padre Luis não é assim, por natureza mesmo? Não foi sempre essa compreensão, essa capacidade de penetrar fundo, de dizer sem ferir, de tocar sem que se sinta, de obrigar a ver o que parece escondido e ainda distante, que se apontou nele como a sua marca especial, o seu privilégio? Por que estranhar, agora?”

Às vezes, falava sem a menor dificuldade e o padre não o interrompia. De outras, parava logo à primeira ou segunda palavra, e era o padre quem prosseguia. A confiança veio, contínua e forte. Pôde dizer:

- Eu me sinto, padre, inteiramente sem força para resistir... à mercê do primeiro impulso violento. Não me adianta mais rezar. Sinto que não consigo tomar a mesma parte na oração. Fico ausente, distante...

Padre Luis o interrompeu com voz persuasiva:

- Ninguém deve rezar assim. Não é isso que é preciso fazer.

Ivo insistiu porém, como se nada pudesse demovê-lo da sua colocação inicial:

- Não tenho mais força para resistir, sinto que não tenho, por mais que faça, por mais que eu queira.

- Você *quer*, realmente?...

- Eu quero, padre. Mas, não posso.

- Depende, Ivo... Você “quer”, como?

- Quero, padre...

Ivo parou, desorientado. Não sabia o que responder. Compreendendo a dificuldade, padre Luis veio em seu auxílio:

- Há dois modos de se querer, não há um só. Há uma vontade que, quando se indaga, no repouso, no isolamento, se ela quer, diz que sim, sinceramente... em absoluta sinceridade. De acordo com essa vontade,você não quer pecar, não é? Ou tem dúvida?

O “não quero” de Ivo veio fraco. Não porque hesitasse ou tivesse

alguma dúvida. Apenas, já percebera onde o padre queria chegar e, de súbito, uma emoção violenta se apoderara dele. Ouviu:

- Mas, há outra vontade. Essa que faz agir, essa que, diante da tentação, leva a ela, porque realmente a *quer*... Essa que se esconde, que só se declara nos momentos decisivos - essa que, mais tarde, vemos que esteve todo tempo presente, real, profunda em nós mesmos. Essa...

- É isso justamente, padre. É isso. Nesses momentos, sinto em mim todo o consentimento possível. Quero não querer, porém a verdade é que, no instante, estou querendo. Antes, fora do momento, não quero - sinceramente não quero. Mas, no momento, quero. E com tanta força, tanta violência, que não adianta tentar resistir.

Padre Luis apertou angustiadamente uma das mãos contra a outra. Era o que temia: a crise. Ivo se debatia nela, e, em toda a sua intensidade. Não tinha forças para resistir na ocasião da tentação. Talvez nem mesmo a procurasse, porém ela vinha por si. Talvez não a quisesse, mas não podia resistir. Só depois chegava o arrependimento, a impossibilidade de aceitar o pecado. Com essa tardia recusa, vinha também o sofrimento, a consciência de uma terrível miséria. Vinham todas as dúvidas sobre a sinceridade da confissão, as certezas sobre a inevitabilidade do próximo pecado. Vinham os pecados, cada dia mais pesados, e as confissões se espaçavam, cada vez menos produtivas.

O pecado se repetindo sempre, e as confissões se tornando, assim, meras repetições umas das outras, esse era o principal perigo. Nisso residia a grande habilidade do tentador: mostrar o pecado como uma força frequente, regular, constante - inevitável, portanto - e tornar a confissão um ato mais ou menos sem sentido ou hipócrita... “Arrependido?” - indagava o tentador. - “Sim” - respondia uma voz firme. “Decidido a não pecar mais?” - “Sim” - “Certo de que não vai tornar a pecar?” Agora, a voz já não sabia o que dizer e balbuciava ou um “não” que era um inequívoco triunfo ou um “sim” que se prestava a todas as acusações de insinceridade.

Era depois desses diálogos que as confissões se espaçavam decisivamente. Para que se iludir? Não era o que acontecia ali no Colégio com uma regularidade de impressionar? Que sucedera, ainda há pouco tempo com Mário Sena? E não fora esse mesmo, o caso de Roberto Dutra, de que não podia se esquecer, de tal modo o ferira? E o de Olívio Santos? E, mesmo entre os muitos que não abandonavam o Sacramento quantos não

tendiam logo para a simples confissão anual pela Páscoa ou pelo Natal - espécie de compromisso com Deus que não era possível deixar de ver sem um certo mal-estar?

O mesmo perigo estava agora suspenso sobre a cabeça de Ivo. O pecado em si, por mais grave que fosse, nada era diante dessa coisa pavorosa: o hábito do pecado... o demônio tomando não só lugar no coração, mas esvaziando-o de tudo mais, ocupando sozinho o espaço que, entre todos, foi o reservado para a luz divina repousar em cada criatura. E Ivo parecia não perceber o perigo que corria. Deixava de se confessar, protelava. - Seria que não estava vendo? Inteligente, corajoso, por que não se armava convenientemente para a luta? Tinha de arranjar um meio de mostrar-lhe bem claramente tudo o que estava arriscando. E era preciso, sobretudo, dizer-lhe que o conselho continuava o mesmo: vigiai e orai. Não havia outro caminho. Sem a confiança em Deus, nenhuma esperança de salvação. Era preciso confiar em Deus. De Deus, tinha direito de esperar todos os milagres. Implorasse de joelhos. Implorasse noites seguidas. Dias e noites, pouco importava. Poderia haver alguma coisa mais essencial, na sua vida, do que aquela luta?

Padre Luis falou muito tempo e Ivo o ouviu possuído de uma emoção como há muito não sentia. Entregou-se inteiramente e nenhum choque veio colocar barreiras entre eles. Levantou-se do confessionário compenetrado da importância da luta e decidido a vencer. Parecia armado de uma força terrível e sentia que, naquele momento, nem a sombra de um mau pensamento poderia lhe aflorar à cabeça.

NÃO comungou no dia seguinte, como esperava. Durante a noite - uma longa noite de insônia e de desnorteante calor - a vontade fora mais fraca que a tentação surgida das profundidades misteriosas do sono. E faltara-lhe coragem para uma nova confissão no dia seguinte.

Deitara-se de mau humor. Não só pelo calor, pela falta de sono que sentia, como por não poder esquecer a briga que tivera, à tarde, com Lourdes. Uma simples rusga, nada que durasse. Contudo, fora desagradável. O motivo de sempre, mas, dessa vez, Lourdes realmente exagerara o recato.

O sono, longamente esperado, viera enfim e lhe trouxera Lourdes de volta. Uma Lourdes fácil, que começava por lhe oferecer tudo aquilo em

que, à tarde, nem quisera ouvir falar... Despertara nessa situação de vencedor.

Sentira-se fora de si de raiva. Por que despertara naquele momento? E por que o sono lhe dera aquilo, assim, daquele modo grosseiro, baixo, quando não fora dessa maneira que pedira? E por que, mesmo assim, continuava querendo?

Fechou os olhos, vencido pela treva que se oferecia, promissora, e teve um momento que, depois, considerou de verdadeira alucinação. - Acordando, continuaria a sonhar... O pecado veio como costumava vir: rápido, desnorteante - e depois, a repugnância de si mesmo que invade lentamente e devasta tudo. (Nessa idade, somos assim, inconsequentes e fracos a ponto de querer e não querer ao mesmo tempo coisas as mais contrárias. Fechamos os olhos já com a certeza de que, quando tivermos de abri-los de novo, vão ser feridas tremendas, causadas pela luz que sucede violentamente à treva. No entanto, fechamos e não podemos fazer de outro modo. Sofremos muito, antes mesmo de haver motivos para isso.)

Quando se lembrou da comunhão, compreendeu que não teria coragem para reaparecer diante de padre Luis. Hesitou durante alguns segundos e, depois, conscientemente assumiu a responsabilidade da recusa. Pensou consigo mesmo: “No meu caso, não há outra coisa a fazer”.

Sentia-se mais homem depois daquela resolução desesperada. Se perdesse a cartada, pagaria - e pagaria caro, sabia bem. Sobre esse ponto, não se iludia. Mas, que fazer? Procurar padre Godo? Não era preferível carregar tristemente nos ombros o peso de mais aquela carga?

Subitamente, foi o pânico. Ivo se perguntou: que fazer para evitar a catástrofe iminente? Com quem se agarrar? Assumindo uma responsabilidade daquelas, o que não arriscava? Emocionado com a sua incrível ousadia, ajoelhou-se aos pés da cama e pediu ardentemente a Deus que o ajudasse naqueles dias terríveis que ia viver - que não lhe acontecesse desgraça, a ele, tão miserável, tão abandonado... Não prosseguiu, no entanto. Sentiu que estava exagerando. Sentiu que, no íntimo, o que estava era orgulhoso, tremendamente orgulhoso da coragem que tivera renunciando à comunhão num gesto de dignidade que só um homem poderia ter.

Levantou-se logo, aniquilado pela constatação e, em plena crise, deixou-se cair na cama sem mais uma palavra, sem um movimento no coração para

Deus. Estava tudo tão escuro à sua volta! Estaria abandonado? E Lourdes, por que, num momento daqueles, não vinha ajudá-lo?

De repente, lembrou-se: Lourdes não viria mais depois do que lhe fizera há pouco. Lourdes não queria mais saber de um miserável que não a soubera respeitar. Fugira para longe, horrorizada. De lá, não voltaria. E, como se já soubesse, como se já pudesse saber que essa imagem da menina amada que foge para sempre é tudo na vida, é a própria felicidade que visitou pela última vez, mergulhou a cabeça no travesseiro num choro convulso de criança perseguida e apavorada.

Durou pouco a crise. Esgotado de cansaço, não tardou a dormir. Assim, quando, minutos depois, Carlos Eduardo entrou no quarto para ver o que havia - pois, despertara de súbito e parecera-lhe ouvir alguém chorando - já Ivo dormia, como se nada tivesse havido. O escuro não permitindo que os traços das lágrimas traíssem o que sucedera, Carlos Eduardo voltou tranquilamente para a cama, convencido de que ouvira mal ou, talvez mesmo, sonhara.

Ivo passou o domingo inteiro em casa de Leopoldo, um amigo que estava em outro colégio e que não via há algum tempo. Ainda que estranhando a duração da visita, Leopoldo não disse nada, satisfeito, a mil léguas de suspeitar que Ivo estivesse apenas procurando uma justificativa para não ter de procurar Lourdes naquela tarde.

Em casa, Ivo se queixou de cansaço, dor de cabeça e, no dia seguinte, ainda baseado nesse mal-estar que não era inteiramente fictício, não foi ao colégio. Tratava-se, agora, de oferecer a padre Luis uma explicação fácil para a sua ausência da mesa da comunhão. Parecia-lhe evidente a conclusão que o padre devia tirar, quando o visse: faltou ontem por doença - não veio anteontem pelo mesmo motivo. E não seria necessário fazer as perguntas que tanto temia.

Padre Luis não se enganou. Quando, no domingo, após a missa, não o viu entre os outros, indagou logo onde andava. O Brandão lhe explicou que Ivo não viera, e sorriu de um modo tão significativo que não teve mais dúvida: já ninguém ignorava a crise de Ivo...

Durante momentos a indecisão perdurou, porque, mesmo atrasado, ainda podia chegar. Mas, dentro em pouco, perdia as últimas esperanças. Mesmo depois do que lhe dissera na véspera, continuava a se afastar. Era de

inquietar profundamente. Já vira tantos outros se distanciarem assim daquele modo, seguindo aquele mesmo caminho! Tantos e tantos! Por maior que fosse a misericórdia de Deus, que podia fazer sem o auxílio, sem a colaboração da criatura? Quem se negava a participar daquele modo, como podia querer de Deus uma graça? E até onde Ivo não iria, num caminho daqueles?

Nesse domingo, os outros padres de Colégio S. Luis de Gonzaga viram-no de joelhos na Capela a tarde toda, a cabeça entre as mãos, demonstrando grande sofrimento. E se perguntaram, surpresos, por que não ia corrigir os cadernos de aula, a clássica tarefa dos domingos, a que nenhum deles podia se furtar...

Nada sabiam sobre padre Luis, porém suspeitavam vagamente que lutasse com frequência contra grandes tentações de liberdade e de indisciplina. “Inteligente demais” - era a única restrição que lhe fazia padre Godo, no seu grande entusiasmo por ele. Mas, padre Leonardi, a outras, juntava essa: “Procura conscientemente a originalidade, com prejuízo da ordem e da disciplina”. Poucos o compreendiam, e talvez, de todos os padres do Colégio, fosse o menos simpatizado. De sério, nada tinham contra ele. - Vagas suspeitas apenas, que ninguém queria, nem tinha coragem de concretizar, e que o Reitor sistematicamente destruía, assim apontavam.

Era por Ivo que padre Luis pedia. Estava correndo grande perigo e já que, por si, não rezava ou não sabia rezar, nenhuma oração dos outros podia ser excessiva. Necessitava daquilo e de muito mais ainda. Era uma alma que atravessava, talvez, o momento mais difícil de sua vida e num estado de absoluto desnorteamento. Todos os ventos, e os piores ventos, agiam sobre ele. Urgia pois que, aos ventos maus, se opusessem ventos bons. E só pedia uma coisa: que eles, provocados por suas orações, fossem os mais fortes. O resto, os deveres do Colégio - uns cadernos a corrigir, umas perguntas a formular para a sabatina do dia seguinte - podiam esperar. Não tinham importância. Pelo menos, diante daquela outra tarefa. Não se tratava de uma alma em perigo e num perigo daqueles?...

QUANDO Ivo voltou ao Colégio na terça-feira, evitou encontrar padre Luis e este, notando sua intenção, não quis forçá-lo. Naquelas lutas, sabia bem, não se podia insistir além de certos limites, sob pena de comprometer

o resultado final.

Ivo lhe pareceu contrariado e, naquele dia, nem João conseguiu dele uma palavra mais amável, um movimento desembaraçado. Fechado em si mesmo, passou os recreios em conversas de grupo. E não se demorou, à saída, dizendo-se apressado em chegar à casa.

Na verdade, a sua contrariedade provinha não do que padre Luis pensava, nem de algum mal-entendido de conversa, como João imaginava, atribuindo-se as responsabilidades da situação, mas de um bilhete de Lourdes que recebera naquela manhã, antes de vir para o Colégio.

Pedia-lhe que aparecesse sem falta, naquela tarde mesmo. Precisava falar-lhe com urgência. Desde o sábado não se viam e continuavam zangados. O bilhete só podia ser o caminho para um novo pedido de explicação, coisa que muito temia. Pensou um momento em ir procurar Lourdes imediatamente. Mas, não só já era hora do colégio, como não tinha a menor ideia do que devia dizer. Passara o dia todo envenenado por aquela perspectiva, procurando explicações para dar a Lourdes. E, ainda agora, caminhando para o portão da casa de Dona Noca e, reconhecendo de longe o vulto habitual, não fazia ideia do que ia alegar.

NÃO teve que começar. Antes mesmo de dar boa-tarde, Lourdes foi lhe estendendo um maço de cartas e um anelzinho de ouro que lhe dera, dois anos antes, em sinal de noivado entre eles e que, por não poder usá-lo ainda, guardava trancado na gaveta:

- São as cartas que você me escreveu, quando eu estive em S. Lourenço, e o anel. Como não há mais nada entre nós, quis devolver logo tudo para você jogar fora ou fazer o que bem entender.

- Mas, Lourdes...

Não quero guardar mais nada seu - concluiu Lourdes, batendo o portão e voltando as costas, já disposta a ir para dentro de casa.

Ivo abriu o portão e acompanhou-a em silêncio até a escada. Lourdes se voltou, o olhar vermelho de um choro recente e prestes a irromper de novo.

- Que quer você ainda?

Diante do ataque, ficou desnorteado. Estava tudo pronto para que começasse a se explicar: ia pedir-lhe simplesmente desculpas, num tom humilde, contar-lhe tudo o que estava se passando com ele. Ia pedir-lhe que tivesse paciência, que confiasse nele, que o ajudasse, porque precisava dela.

Ia talvez chorar, quando ela, compreendendo tudo, se desarmasse e esquecesse mais uma vez o que tinha contra ele. Mas, o tom de Lourdes o feriu e sentiu-se irritado, precisando se dominar para não gritar com aquela menina que não compreendia, que pensava que só ela sofria no mundo. Murmurou apenas:

- Lourdes, eu não compreendo, meu bem...

Lourdes sacudiu os ombros e virou-se novamente, disposta a subir a escada. Um fingido daquela espécie (nenhuma dúvida: tudo aquilo não passava de pura mentira, invenção de momento, como tantas vezes), não merecia nem mesmo explicações. Sentiu a mão segura e ouviu a voz de Ivo que murmurava um “Lourdes” cheio de uma doçura de que já tinha quase perdido a recordação. Por um momento continuou de costas, emocionada. Uma leve hesitação veio até ela, porém durou pouco. Virou-se para Ivo, disposta a dizer-lhe tudo, o seu sofrimento daqueles dias - a noite do sábado, ainda dominada pela surpresa, pela incompreensão, pelas dúvidas estranhas - todo o domingo passado na janela, os olhos marejando em constante vigia - a tarde da véspera, última esperança que tivera... - em vão, como nos dias anteriores - enfim, a noite passada em claro diante da certeza de que ele não se importava mais com ela e devia ter arranjado outra namorada. Diria tudo àquele egoísta que não gostava dela e apenas fingia. Diria, gritaria para que não tivesse mais nenhuma dúvida.

Não disse nem gritou, porque os olhos logo se encheram de água e não pôde pronunciar palavra alguma. Puxou raivosamente a mão que Ivo segurara e subiu, de frente mesmo, o primeiro degrau da escada.

De novo, Ivo sussurrou:

- Lourdes...

Também ele, nervoso e emocionado, não soube prosseguir. Ficaram um segundo em silêncio sem dizer nada, um diante do outro, sofrendo toda a dificuldade que duas pessoas sempre têm quando é preciso que digam coisas decisivas, falem de sentimentos de que depende o futuro de ambas. Passaram-se alguns segundos. Depois, como que reconhecendo o impasse, Ivo segurou de novo a mão de Lourdes e beijou-a com carinho. Lourdes não a retirou logo, apenas subiu mais um degrau. E, por entre lágrimas, mal enxutas, Ivo ouviu a sua voz que dizia:

- É tolice insistir. Eu não acredito mais em suas mentiras.

Ivo quis protestar, quis tornar a beijar aquela mão que sentia fugindo.

Lourdes porém a arrancou de entre as suas e explicou com firmeza:

- Você pode ir segurar na mão de outras. Não devem faltar... como você gosta.

- Lourdes, eu juro que não há nenhuma outra, juro... - protestou Ivo, por um momento convencido que tudo ia enfim se esclarecer e as queixas de Lourdes não passavam de uma simples suspeita que uma Nininha qualquer metera na sua cabeça.

- Não me interessa mais saber.

- Como não interessa, Lourdes?

- Você, gostar ou não gostar, é a mesma coisa... Você é como todos os homens; só gosta de você mesmo - o resto, é como se não existisse.

Ivo ia protestar, rasgar as chagas com a simplicidade com que, nessa idade, ainda ousamos pedir que nos compreendam nesses momentos em que sentimos jogado todo o futuro, quando Lourdes continuou:

- E eu não vou mais perder meu tempo aqui. Passe bem.

- Lourdes...

Lourdes tinha se virado e subia agora a escada sem se voltar, disposta a ignorá-lo. Ivo ainda a chamou duas vezes, mas em vão.

Não tinha mais nada com Ivo. Estava tudo dito, tudo liquidado, devolvera as famosas cartas do tempo de S. Lourenço que ainda naqueles últimos dias relera com tanto amor, lembrando-se dos lugares onde as tinha lido pela primeira vez, de como respondera a essa e a aquela... Guardasse ou rasgasse, fizesse o que quisesse. Estavam ali e, com elas, o anel que lhe dera numa tarde - para que ela “não se esquecesse que já era noiva dele” - e que todos os dias punha carinhosamente no dedo, às escondidas. Estava tudo acabado. E entrou em casa sem olhar para trás, os olhos de novo cheios de lágrimas.

Dona Noca, que a vigiava há dois dias, compreendeu logo que alguma coisa de novo acontecera. Sem querer, a pergunta lhe saiu:

- Que houve, filha?...

Lourdes não respondeu, foi correndo se trancar no quarto, no segredo daquela cama de colcha cor-de-rosa que era o único refúgio seguro. E Dona Noca não insistiu, já arrependida da pergunta. Chegou à janela e viu Ivo, ainda no portão, com alguma coisa na mão, provavelmente um maço de cartas. Compreendeu logo o que já vinha suspeitando e teve vontade de chamar o rapaz. Positivamente, aquelas crianças já estavam exagerando o

direito de ter rusgas. O hábito era mau: corriam o perigo de, numa daquelas vezes, não fazerem as pazes. Conhecia casos... No portão, tendo dado subitamente pela sua presença por detrás da janela, Ivo saía, fazendo-lhe um sinal de adeus. Dona Noca pensou na advertência necessária e murmurou: - "Não faz mal, fica para amanhã ou para outra vez". Saiu apressadamente da janela e foi cuidar dos afazeres da casa, tão mais sérios que aquelas brigas inofensivas de namorados por demais ternos.

NA rua, Ivo não sabia o que fazer. Brigado com Lourdes, brigado daquele modo que não tinha a menor dúvida fosse definitivo, sentia-se inteiramente abandonado. Que ia fazer? Que ia ser de sua vida, de seu futuro?

Deu um pulo em casa para deixar as cartas e o anel, e saiu de novo, andando sem destino. A tarde, de uma grande beleza, contrastava em tudo com o estado em que se sentia. Nem aí encontrava uma correspondência, um apoio qualquer. Sentia-se sozinho. Sem Lourdes, que podia fazer, que esperar da vida? No domingo, sabia bem, fechara um caminho diante de si aceitando a pesada responsabilidade de ficar em estado de pecado. Agora, acabara de ver destruído outro, o mais belo de todos os que conhecia.

Pensou em procurar João, contar-lhe tudo. Não estavam muito bem naqueles últimos dias, mas isso não importava. Mesmo porque, de sério, não havia nada. Diante do seu aborrecimento, João esqueceria tudo. Desistiu da ideia. Era tarde e João morava longe. Além disso - pensou com amargor depois que resolveu não procurá-lo - João dava sempre razão a Lourdes nas divergências que surgiam entre eles. Era capaz de, ainda dessa vez, estar de acordo com ela. Convinha esperar pelo dia seguinte, falar quando estivesse mais conformado.

Nessa noite, sentiu-se submergido por uma angústia sombria e ruim que se apoderou dele assim que largou o tabuleiro de xadrez e foi para o quarto. Conseguira enganar a contrariedade jogando várias partida com Carlos Eduardo, depois do jantar. Uma vez no quarto, apagada a luz, foi como se todas as forças da derrota avançassem contra ele. Sentiu-se aniquilado, sozinho, lutando contra forças muito mais fortes do que ele, forças más que o impeliam para o caminho que todos na sua idade costumavam seguir.

Muitos anos mais tarde, ainda se lembraria dessa noite de luar que se seguira a um dia de uma beleza tão grande - e tão decisivo para ele. Não

podia esquecê-la na angústia surda e hostil que o impelira tão irrevogavelmente para longe de Lourdes e de tudo o que na vida sempre o seduzira. Viera como complemento, um último golpe. E nem tivera a coragem de opor uma resistência qualquer. Entregara-se sem sofrimento, sem perceber a importância do olhar triste com que envolvera as coisas que estava resolvido a aceitar. Cedera por desalento - um desses desalentos tristes de criança perseguida.

NESSE caminho, lançou-o decisivamente uma conversa que se deu três dias depois, no Colégio.

Ivo nada contara a João da sua briga com Lourdes e a quarta e a quinta-feira tinham se passado para ele debaixo da mais absoluta monotonia. Nenhuma conversa, nada que não fosse aquele sofrimento pequeno e contínuo que tomara conta dele.

Na sexta-feira, enquanto se despedia de Leandro no portão, antes de tomarem as direções opostas de suas casas, Marcos surgiu triunfante diante deles:

- Então, Leandro, amanhã vai ser bom que não é brinquedo, hein?!...

Ivo compreendeu. Os dois falaram um momento, Marcos explicando: Rui também iria, mas seriam só eles três. E repetiu, para que ele, Ivo, pudesse ouvir: tinham combinado, sob pretexto de ir a uma luta de box que só acabaria tarde, passar a noite, pelo menos até uma hora da manhã, numa casa de pensão. Já se dirigindo diretamente a Ivo, Marcos explicava que iam fazer o que ele considerava a suprema delícia: uma farra em comum - muita alegria, muita camaradagem, uma grande noite.

E o entusiasmo o levou ao convite:

- E se você viesse conosco, Ivo?

Antes da recusa, que veio, Leandro notou um momento de hesitação em Ivo. Foi o bastante para que tomasse coragem e intimamente decidisse fazer mais uma iniciação. Sendo a de Ivo, razão dobrada para despertar seu interesse. Foi persuasivo. Pintou tudo com as cores as mais vivas e as mais favoráveis. Marcos se juntou aos seus esforços:

- Só nós quatro, Ivo. Vai ser uma farra e tanto!...

Ivo resistiu. Explicou, embaraçado, que acreditava em tudo o que eles diziam, mas preferia não ir, esperar mais uns tempos.

- Para quê?

Ivo não respondeu. Marcos gracejou:

- João vai também, se você for...

- Deixa João, Marcos - interveio Leandro, receoso de que Ivo se aborrecesse.

Despediram-se. Ivo assegurou que não iria mas, na sua recusa final, havia uma certa indecisão. Quando se afastou um pouco, Leandro lançou contra o ar de fracasso de Marcos a suspeita que lhe viera:

- Vamos ser quatro, Marcos.

- Quatro?

- Você vai ver. Na hora, ele também vai. O Brandão me contou que ele está louco de vontade de ir.

- Isso é fácil de imaginar. Mas... - e, sorrindo, Marcos acrescentou: - Padre Luis é que não dá licença.

- Você queria que desse?

- Não. Queria é que ele não precisasse de licença, como nós...

- Você acha que Ivo realmente precisa? - indagou Leandro cheio de confiança no colega.

- Você não viu?

- Vamos ver. Vamos ver...

Marcos sorriu e acrescentou com má vontade:

- Você está sonhando. Não virá não.

NESSE momento, Ivo já ia longe. E ia pensando no que tinham dito, instantes antes. Nem iria pensar, até o dia seguinte, em outra coisa senão naquele convite.

Dissera que não iria, porém sempre seria tempo de voltar atrás, caso quisesse. A questão era saber se queria, ou melhor: se devia querer. Porque, “querer”, era evidente que sim. Mas, “devia querer”?

Em torno dessas perguntas e de uma série interminável de pequenas variantes, deixou-se ficar grande parte da noite, numa exaltação impressionante. Recusara. Contudo, agora que via afastada a possibilidade, não aceitava mais a decisão tomada. Não era melhor tentar, logo de uma vez, conhecer aquilo que levava dias e noites imaginando? Para saber o que realmente queria, no mais fundo do seu eu, não era necessário conhecer aquele mistério que dividia as pessoas em campos tão irredutivelmente opostos? Como poderia falar, se não sabia, se ignorava fundamentalmente

tudo?

Depois, sabia que, mais cedo ou mais tarde, teria de passar por aquilo. Para que retardar? E, sobretudo, para que perder aquela ocasião que se apresentava? Era inegavelmente ótima. Vinha a ele sem nenhuma das dificuldades que, às vezes, atemorizavam sua inexperiência. Era só impor uma condição a Leandro: não se diria que era a sua iniciação. Far-se-ia tudo naturalmente, como se tivesse a mesma prática que qualquer outro. Se se descobrisse, paciência.

Nesses instantes, quando se pegava regulando detalhes dessa ordem, compreendia que, no fundo, estava decidido a ir. Por que relutava então? Não era melhor ser logo franco e concordar que iria, e que ia porque estava com vontade de ir e ninguém mais, senão ele, tinha a ver com a sua vida?

ACORDOU, no dia seguinte, com um telefonema de Leopoldo, indagando se estava livre naquela noite, se queria ir até sua casa. Diante da resposta - que já estava comprometido para ir a uma luta de box, com uns amigos - Leopoldo se mostrou tão desapontado que Ivo indagou, curioso, se havia alguma razão especial, se o convite não podia ficar para o dia seguinte. Do outro lado da linha, uma voz tranquila e descansada explicou:

- Ah, isso não... É que aquele amigo de que falei e queria que você conhecesse - lembra-se?

- Branco?

- Ele mesmo. Vem hoje aqui e eu queria aproveitar a ocasião. Mas, não faz mal... fica para outra vez.

Por um momento, Ivo hesitou. Depois, lembrou-se do que ia perder e explicou que era pena, não podia mais desmarcar a combinação. Ficava para outra vez, quando quisesse.

Largou o telefone com um movimento de mau humor. Não queria conhecer ninguém naquela noite, fosse mesmo um amigo de Leopoldo, aquele Branco de quem dizia coisas tão espantosas... O que queria, era ir com Leandro e os outros. Iria com eles ou não iria a lugar nenhum. Quando chegasse no Colégio, procuraria Leandro e combinariam tudo.

SÓ encontrou Leandro inteiramente no fim do segundo recreio. Foi a ele rindo e seguro de si.

- Ainda está de pé o convite de ontem?...

- Claro!

Havia um tão grande contentamento no olhar de Leandro que Ivo se sentiu sem jeito. No entanto, combinaram tudo como queria. Leandro parecia contemplado por algum favor especial, de tal modo estava satisfeito, disposto a conceder tudo. Ivo o olhava, surpreso, sem compreender bem. Todavia, o olhar de João, fixo nele desde que tinham começado a conversar, parecia cheio de inquietação. Estaria adivinhando? "É provável que esteja" - pensou Ivo. Mas, afinal de contas que tinha a ver com a sua vida? Por mais amigos que fossem, não era livre? Livre de querer, de fazer o que queria, de estragar a vida se quisesse, de se matar até?

Nessa noite, ao se preparar para sair, olhou longamente no espelho do banheiro o corpo ensaboado e sentiu-se mais homem do que nos dias anteriores. Todo aquele físico não podia enganar. Era um homem. E o que ia fazer não era a prova, enfim a prova definitiva?

6

NA pensão de Mme. Ninon as mulheres perceberam logo que era a primeira vez que Ivo ia a um lugar daqueles. Podia pensar que estava disfarçando, os amigos podiam não dizer nada, mas a verdade era evidente. Lina então, que foi quem Ivo escolheu, não teve a menor dúvida e piscou logo para Olguinha, que estava com Leandro. Fez-se mais meiga, redobrou de cuidados para não espantar o novato. Tinha grande ternura por iniciações daquele gênero.

Apesar de ser sábado, havia pouca gente na pensão e o grupo atraía a atenção. Mme. Ninon, de longe, sem querer perturbar, desdobrava-se em atenções. Estavam ainda na sala, tomando um conhaque - por precaução de Leandro, para Ivo se ambientar. Aliás, Marcos fazia sempre questão daquele cerimonial, nele consistindo, a seus olhos, o segredo do prazer que proporcionavam aquelas farras em comum: alguma bebida, muitas anedotas, umas frases amáveis ditas indistintamente a todas, um gracejo mais salgado feito para com os cinquenta e cinco anos bonachões de Mme. Ninon, e era uma noite agradável antes dos grandes momentos. "Tem-se dois prazeres de uma vez só" - costumava dizer.

O efeito produzido sobre Ivo foi, porém, o oposto do que Leandro tinha esperado. Não se sentia a gosto naquele ambiente. Não sabia o que devia dizer. E achava grosseiras as coisas que Marcos falava. Sua cabeça era fraca, todos sabiam. Mas, também assim, era demais, incomodava. E não podia ser brincadeira. Não havia brincadeira que pudesse ir tão longe.

Depois, o que lhe interessava ali não era aquilo. Aquilo podia ser graça, não discutia, mas, depois - depois que conhecesse o essencial, aquilo sem o que nada mais tinha sentido naquele lugar. Não era sórdido, como João descrevera. Contudo, não se sentia bem. Ainda não, pelo menos.

E foi Ivo, de todos, o que primeiro saiu da sala. Leandro se surpreendeu, mas não disse nada. Mme. Ninon sorriu, calada. Marcos não pôde se conter e gritou:

- Felicidades, Ivo...

Riram todos, as mulheres fingindo ainda não ter percebido nada para

não contrariar possíveis combinações. Marcos insistiu nas graças e contou tudo, o pedido de segredo feito por Ivo, a esperança de que não se percebesse nada...

Riram todos de novo, à vontade. Olguinha propôs que se esperasse pela volta e que se bebesse um trago em homenagem a Ivo. Marcos a interrompeu, efusivo:

- Um?... Três! Só que, quem não fica esperando sou eu!

Depois, levantou-se com Magda e explicou:

- Nós voltamos já - e sublinhou: - Antes deles voltarem...

Pouco depois, estavam de volta. Leandro e Rui não tinham saído dos seus lugares, senão para dançar com Olguinha e Gildete. De Ivo, ainda ninguém sabia.

QUANDO, minutos depois, apareceu na porta do corredor, a surpresa no grupo foi grande. Especialmente para Leandro e para Rui, que o conheciam melhor. Que face iluminada era aquela que jamais lhe tinham visto? Até Marcos - que parara enfim de beber a pedido de Magda, sempre receosa de escândalos - notou e se surpreendeu.

Ivo não parecia o mesmo que deixara a sala pouco antes, mas outro, bastante diferente - um irmão, mais velho de um ano, talvez. Vinha iluminado, transfigurado por um entusiasmo que não sabia e não podia esconder. Todos os traços de sua fisionomia o traíam. Era inútil perguntar-lhe o que tinha achado: a expressão por si falava suficientemente.

Ivo não era um rapaz feio. Antes até, bem afeiçoado, simpático. Os traços não eram finos, o nariz não dos mais bem feitos, todavia a impressão geral agradava bastante. Clara e limpa, sem mesquinharia. Por outro lado, bem proporcionado de corpo, alto para a idade, satisfazia a vista. Os ciúmes de Lourdes não eram infundados: muita menina da vizinhança tinha os olhos voltados para ele.

Naquele momento porém, parecia bem mais bonito do que nos seus melhores dias. A vivacidade do olhar, o ligeiramente afogueado das faces, o sorriso feliz, tranquilo e ao mesmo tempo triunfante, a altivez do porte, sem timidez, sem acorcundamento dos ombros, tudo concorria para torná-lo mais simpático, mais agradável que de costume.

Evidentemente, não era preciso perguntar nada: bastava olhá-lo para compreender que nenhum entusiasmo, nem mesmo o de Leandro, fora

maior do que o seu. Bastava olhá-lo, ver como sorria, espiar nos seus olhos brilhantes, úmidos de alegria e prazer, o que o corpo de Lina representara para ele. Já comumente sincero, parecia ainda muito mais naquele momento, pois, não só não escondia nada, como sua fisionomia ia logo dizendo tudo, gritando aos que o olhavam, informando dos menores detalhes até os que não sabiam de nada e de nada queriam saber.

Parara na porta do corredor um segundo e, na verdade, fora mais por um choque recebido do que por qualquer outro motivo imaginável: feriu-o o ambiente que deixara pouco antes e que agora estava ali de novo à sua espera. Assim que deparou com ele, estabeleceu-se na sua cabeça um desagradável paralelo. Sentiu-se perturbado, irritado até. A diferença era sensível demais. O que deixara lhe parecia muito grande para se continuar daquele modo. Antes, aceitara porque viera esperando encontrar ambiente muito pior e porque ainda não sabia, nem podia prever o mundo comportando uma coisa tão extraordinária como a que conhecera.

Agora, era diferente. Queria a continuação do que tivera, e não aquilo. Pelo menos, alguma coisa à altura. Ou então, nada - o sono. Sentia-se ainda penetrado pela imensidade do que ressentira momentos antes quando, aos primeiros carinhos de Lina, sucedera o contacto mais forte da sua carne com a outra carne, amiga e dócil. Vira-se subitamente transportado, precipitado em regiões de cuja existência nunca suspeitara. Atirara-se cegamente a esse mundo. Estaria sonhando, delirando? Estaria realmente sendo precipitado, de abismo em abismo, entre chispas de fogo, rios caudalosos e estrelas que caíam dos céus fragorosamente, carregando-o como se estivesse pregado a elas? Estaria dominado por alguma doença, alguma febre violenta, desconhecida, que o devorava com aquele calor? Não tivera tempo para decidir. Quando dera acordo de si, estava tranquilamente estendido ao lado do corpo de Lina, quase adormecido, uma cortina de nuvens muito tênues separando-o de tudo mais. Pensando sobre a situação, sentiu-se feliz, descansado como nunca. Lembrava-se mesmo de ter concluído: “Eu estou feliz como uma criança recém-nascida”. Nem sequer refletira que uma criança recém-nascida podia não estar bem, podia sofrer, até mesmo muito. Aceitara simplesmente a afirmação, sentindo-se feliz de verdade, como uma criança recém-nascida devia se sentir. O que estava lá fora, era o mundo, o mundo que, infelizmente, era necessário ir reconhecer. Antes, cem vezes, continuar ali, descansando, separado de tudo

por aquela cortina de nuvens leves. A tristeza, no entanto, era que as nuvens já se estavam desfazendo por si mesmas. Era preciso voltar ao mundo, retomar o seu lugar na sala de Mme. Ninon.

Guardava de tudo uma impressão inclassificável, de sonho e realidade ao mesmo tempo. De onde vinha ele, da morte para a vida? Mas, se era da morte, que morte era essa onde fora tão feliz, imensamente feliz durante segundos? Ou, simplesmente, nascera e esse inesperado nascimento fora para ele um prazer intenso, um momento de felicidade real, sentida? Não sabia. Nem queria pensar mais sobre aquilo. Fora tão feliz, descobrira uma coisa tão grande que não queria saber de mais nada. Padre Luis e João - nos quais pensou num mesmo instante - foram igualmente rejeitados como insensatos. Nada mais contava depois do que tivera. Nada mais podia chegar aos pés daqueles minutos verdadeiramente inolvidáveis.

RECEBERAM-NO entusiasticamente com as perguntas as mais descabeladas. Quando, poucos instantes depois, Lina apareceu, recomeçaram as graças e, entre risadas e felicitações, ela confessou que, se não tivesse adivinhado logo no momento da entrada que Ivo nunca tivera aventuras daquela espécie, não teria tido ocasião de perceber. Mais uma vez, Marcos se excedeu, fazendo toda sorte de observações.

Ivo não sabia o que pensar. Era assim, e, ao que parece, tinha de ser assim mesmo. Notar, estranhar, seria não compreender. Ou querer o impossível. Estavam todos meio bebidos, exceto ele e Lina. Daí, certamente, as perguntas, as brincadeiras. Pura tolice, querer defender um mundo que já se esvaíra, sensações passadas - por mais importantes que lhe tivessem parecido - daquelas brincadeiras sem maldade. O que precisava era se pôr, ele também, na medida dos outros, compartilhar da alegria geral.

- Vamos beber à saúde, todos...

Era Lina quem propunha. Ivo aceitou de bom grado e brindaram todos à sua felicidade pessoal, a uma mocidade feliz e sem preocupações, à repetição constante daquela bela noitada entre gente amiga. Até Mme. Ninon foi convidada. E não se fez de rogada. Tomou um gole apenas, porque, ao que dizia, já não era nem o primeiro nem o segundo, naquela noite. As mulheres se entreolharam, sorrindo da “velha” que, como sempre, supunha coisas fantásticas, aumentando incrivelmente os acontecimentos. Ao ouvido de Marcos, Magda segredou:

- Você pode me crer, essa noite, é o primeiro ou o segundo, no máximo...

- Deixa ela beber! - respondeu alto Marcos que já não ouvia bem o que se dizia.

Mme. Ninon olhou Magda de canto de olho, suspeitando uma traição. Magda piscou o olho, garantindo-lhe por gestos que Marcos não estava mais regulando da cabeça. Mme. Ninon sorriu, mas não tardou a se afastar. O único perigo que havia naquele brinquedo inocente - pensou logo - era que acabassem perdendo o controle, fazendo barulho. Não tardava que a casa se enchesse com novos fregueses. Já não via a festa com tão bons olhos...

Como Marcos, Leandro não se sentia firme nas pernas. Da última vez que se levantara para dançar, ficara tonto. Fora necessário parar no meio. Devia ser por isso que Olguinha insistia tanto em ir logo para o quarto. Todavia, queria ainda olhar Ivo, vê-lo beber, ficar alegre como eles. Precisava, no entanto, estar atento para que não bebesse demais. Afinal,tinha certa responsabilidade, Ivo tendo vindo a convite seu.

De repente, viu a cara de Ivo colada à sua, querendo lhe falar ao ouvido. Indagou:

- O que é?

- E a hora, Leandro?

- A hora? Que hora?

- A hora da gente sair - disse de novo Ivo ao seu ouvido. E explicou, fazendo esforço sobre si mesmo para não gritar, como lhe parecia ter acontecido: - A hora do fim da luta de box...

- Box? - E Leandro murmurou qualquer coisa que Ivo não ouviu, mas que pareceu significar um “não importa” qualquer, dito mais ou menos ao acaso.

Desistiu. Leandro devia estar com a cabeça tão ruim quanto a sua, se não pior. Voltou para junto de Lina, decidido a não cuidar mais nem da hora, nem da luta de box. Foi logo explicando: a hora não tinha importância, podia ficar certa disso.

- Que hora?

- A hora não importa. O que importa é você, compreende?...

Lina compreendia. O que ele queria, era voltar para o quarto. Tentava em vão moderar-lhe a exaltação das declarações mas Ivo estava loquaz.

Queria voltar com ela. Recomeçar, mergulhar de novo naquele intenso mar de que tinham acabado de sair. Queria nascer de novo, sentir-se lançado fora do mundo, preservado por aquela cortina de nuvens de que não podia se esquecer.

Rui, de todos o que ainda estava em melhor estado, interrompeu-o logo:

- Você até virou poeta, Ivo!

Não respondeu e continuou a falar das nuvens por detrás das quais se tinha achado, subitamente. Queria nuvens de novo, nuvens que o protegessem, nuvens que o escondessem para sempre de Lourdes, de João, de Carlos Eduardo, de suas tias, dos padres, de padre Luis, de todos os que não estivessem dispostos a viver daquele modo bom e franco, daquela vida grande e intensa, a única que podia satisfazer um homem.

Diante da sua agitação crescente, Lina lembrou:

- Acho que é melhor levá-lo para conversar no quarto.

Rui aprovou com a cabeça e Leandro também, apesar de não ter seguido a conversa. As mulheres se entreolharam, por um momento indecisas. Consultaram com o olhar Mme. Ninon e, como julgassem encontrar aprovação, deram o sinal da retirada para os quartos. Magda segurou Marcos pelos ombros e fez com que se levantasse. Os outros o imitaram. Rui seguiu Gildete e Leandro Olguinha, enquanto Lina dirigia os passos incertos de Ivo.

Nesse momento, entraram na sala dois rapazes que vinham da luta de box. Discutiam calorosamente sobre a decisão final, mas Ivo nem sequer os ouviu. Continuava a falar sobre nuvens e ondas de fogo, sobre o verdadeiro amor que estava por toda a parte.

7

AO entrar no Colégio, na segunda-feira, a primeira coisa que Marcos fez foi procurar os gêmeos, Luis Soares e o Brandão para lhes contar, em todos os detalhes, a aventura do sábado. A princípio, tanto os gêmeos como Luis Soares protestaram com veemência. Não acreditavam. Marcos estava brincando com eles. Só o Brandão deu crédito imediato. E acrescentou, para os outros:

- Eu por mim, não duvido, porque sei como Ivo estava pensando ultimamente...

A confirmação do Brandão abalou seriamente a incredulidade dos gêmeos e Luis Soares se rendeu logo à evidência. Sem esperar pelo triunfo total, Marcos se afastou para ir contar a aventura a Carlos. No entanto, vendo Ivo aparecer na entrada do pátio, largou tudo mais e correu a ele. A meio caminho parou. Perto de Ivo, surgira João, fazendo grandes gestos de espanto por vê-lo. Certamente Ivo iria contar a João, ali mesmo. Se não, contaria ele, que queria ver a cara do outro, sabendo da notícia. E deu mais alguns passos, de modo a poder vigiá-los com mais segurança e intervir no momento oportuno.

João foi logo perguntando:

- Que é que você teve, Ivo?

- Eu? Nada.

- Nada? Pois eu telefonei ontem de tarde, lá por volta das três horas, e me disseram que você estava dormindo, cansado ou meio adoentado...

Ivo baixou o olhar, atrapalhado. João acrescentou, noutro tom agora, mais baixo, e com certa falta de jeito:

- Eu precisava falar com você.

Ivo teve um momento de hesitação. Diria? Ou era melhor esperar, para contar depois, mais calmamente? No entanto, o contentamento em que estava era tão grande que as palavras vieram, irreprimíveis:

- Farra, João. Uma grande farra, sábado à noite...

- E então?

- Então, fiquei “cozinhando” o domingo todo. Só entrei de madrugada...

alta madrugada!

- E suas tias?

- Não sei. Acho que não perceberam. Não disseram nada.

- A que horas você entrou?

- Não sei ao certo. Tenho ideia que Leandro me disse...

- Leandro? - interrompeu João, surpreso.

- Éramos quatro: Leandro, Rui, Marcos e eu.

João não fez nenhum movimento que denotasse reprovação. Contudo, não era necessário adivinhar o que estava pensando. Sentiu-se irritado e, ao mesmo tempo, cheio de amizade pelo outro que ainda ignorava, que se iludia tanto... Mas o silêncio que se estabelecera e os olhos de João que pareciam querer devorá-lo, tornavam-se insuportáveis. Vendo que Marcos estava ali a dois passos, visivelmente se preparando para abordá-los, tomou coragem e disse, num tom mais baixo, de modo a só João poder ouvi-lo:

- Amanhã ou depois vou voltar lá... e você vai comigo!

- Eu?!

- Por que não? Não é nada do que você pensa.

João ia protestar, explicar que não lhe interessavam aquelas farras tolas de colegiais, quando notou que Ivo tinha falado com alguém. Virando-se, deu com Marcos. Não se surpreendeu. Vinha saber as impressões de Ivo e, durante alguns segundos, os dois falaram com grande entusiasmo.

João esperava calado, aflito por se ver livre de Marcos. A sineta tocou logo, chamando-os para formar. Foram caminhando, Marcos cada vez mais íntimo. Parecia que Ivo tinha ganho um patrono, um guia para a descoberta do caminho da felicidade. João, irritado, pensava: já estava precisando falar seriamente com Ivo de há muito. Agora, a necessidade redobrava. E ainda era capaz de Ivo, por qualquer razão, não poder, nos recreios ou de tarde.

Ao chegarem, a fileira já estava formada, o que não livrou Ivo de receber parabéns do Nunes, à passagem. Sorriu. Era evidente: Marcos já andara espalhando, contando tudo com detalhes. Todos sabiam, mas não era provavelmente por Leandro ou por Rui, mesmo porque ainda não tinham chegado. Olhou os gêmeos que desviaram o olhar, ambos. “Sempre os mesmos” - pensou Ivo. Sempre incapazes de compreender as situações, coisa alguma do que acontecia, por mais simples que fosse. Seria que tinham metido na cabeça a ideia de hostilizá-lo, em consequência do que fizera? Iria ser aquela a atitude dos “católicos” da classe? O sorriso

complacente do Brandão logo o reconciliou com o grupo. Os gêmeos eram uns idiotas, não contavam. Mas Brandão não era. Nem Luis Soares. E não viu que o olhar de Luis, nesse momento, pousara sobre ele, cheio de desprezo.

No corredor, cruzou com padre Luis que lhe fez um gesto de mão, rápido e amável. A esse, certamente, Marcos não diria nada. “Outros dirão” - pensou, irritado com a perspectiva. - “E será preciso explicar, dizer coisas aborrecidas, dificílimas”. Afastou a ideia, contrariado. Era melhor pensar em outra coisa. Era melhor até ouvir o padre Godo recitar, como uma ladainha, o Padre Nosso de antes de cada aula...

HORAS depois, Ivo e João conversavam na mesma praça onde tinham estado, poucos dias antes, frente à casa de João. Não fora possível falar durante os recreios, pois todos tinham querido saber detalhadamente das impressões de Ivo e não sobrara tempo. João esperara, impaciente. Tinham saído juntos do Colégio e vindo para ali, onde poderiam ficar mais à vontade. E o assunto do dia fora se colocando por si mesmo.

Ivo falava com um entusiasmo que surpreendia a João, que viera disposto a discutir e a contradizer. Não media adjetivos e as palavras saíam em tropel logo à mais leve objeção formulada.

A princípio, João o interrompeu várias vezes. Depois, achou preferível esperar, deixar que aquele entusiasmo passassse. De uns dias para cá - pensou consigo mesmo - Ivo está impossível. Não se pode conversar com ele. Não disse nada. Esperou, o ar levemente irônico. Contudo, em determinado momento, não se conteve mais e interrompeu:

- Eu acho que, se fosse lá, acharia porco e sórdido. Isso, eu. Mas, se você foi e não achou, tanto melhor para você. Cada um sabe o que acha bom e o que acha ruim, não é?

- Naturalmente, João...

- Então, para que estamos discutindo?

Havia no tom de João certa irritação. Ivo quis tentar um último assalto:

- Acho que compreendo bem o que você sentiria, se fosse lá. Eu mesmo, em alguns momentos, não deixei de ficar chocado diante de um certo jeito da coisa. Baixo e chato. Uma impressão de que o dinheiro que se vai pagar está sempre ali, vigiando as pessoas...

- Então? - indagou João, já triunfando.

- Então, é preciso não olhar para isso, não prestar muita atenção a esse lado baixo e ruim, olhar apenas o outro. O outro que é quase tudo, que é enorme!...

- Pode ser, mas...

Ivo não quis insistir. Mudou o rumo da conversa, mas a constância da oposição do amigo ficou pesando sobre ele. Realmente, na recordação que guardara, havia uma ou outra coisa, um ou outro pequeno detalhe desagradável, em que viera evitando pensar. E como não senti-los de novo, vivos e importantes, agora que João os chamava a testemunhar e punha aquelas reticências finais como alguém que, não querendo magoá-lo, estivesse certo do que dizia - tão certo que nem mesmo admitia discussão?

Mudaram assim de conversa e Ivo contou, em detalhe, o rompimento com Lourdes. Falou sem prestar grande atenção, como de um acontecimento passado e que já acabara de lastimar. Concluiu mesmo com essa frase que foi o escândalo do outro durante muitos dias:

- Foi mesmo melhor assim...

Surpreso, João não pôde deixar de indagar:

- Como?

- Tinha mesmo que acabar assim.

Ivo não disse mais nada e João compreendeu que não queria falar sobre aquilo. Aliás, era evidente que Ivo não gostava de falar de Lourdes com ele. Tinha sempre reticências, subentendidos misteriosos. E uma vez mesmo dissera: - “Você está sempre do lado de Lourdes, contra mim...”

Abordaram outros assuntos. Mas era loucura pensar que, naquela tarde, pudessem falar de outra coisa além da noitada do sábado. De repente, João indagou:

- Você vai continuar a se confessar?

- Acho que não... Não sei se poderei.

- Como não sabe?

Ivo não percebeu a censura que havia na pergunta de João. Explicou:

- Tenho dúvidas se, honestamente...

- Mas, está claro que não pode! Achando o que você acha, como é que você vai se arrepender?

Ivo ficou algum tempo calado. Apesar de toda a amizade que tinha por João, da intimidade que havia entre eles, sentira-se irritado com a segurança da afirmação. Não era tão simples assim, ia ver... E explicou:

- Depende, João. Eu ainda não sei. Ainda não resolvi nada. Tenho que ver primeiro. Só depois...

- Mas, você se arrepende do que fez?

- Não.

- Então?

- Então, é que não sei, verdadeiramente. Sei que não me arrependo hoje... que vou recomeçar - talvez amanhã mesmo...

João tentou interrompê-lo. Ivo continuou:

- Espera. Sei isso, mas também sei que de vez em quando sinto vivamente o mal que estou cometendo...

- Ora, Ivo!

E João caçoou, sem se lembrar da decisão que tomara (certa vez, quase brigara com Ivo àquele propósito) de não brincar mais com a religião dos outros, fosse qual fosse:

- Obra do diabo, talvez?

- Seja ou não seja, é assim que sinto. Volto amanhã ou depois lá... porque gostei, porque quero mais... e talvez queira sempre. Mas não sei se, depois de amanhã, não estou achando outra coisa, precisando me confessar...

A conversa tinha ficado aí, João não tendo querido insistir. Ivo sabia, porém, que também ele não dissera tudo e a bem dizer recusava-se a discutir com João o principal: aquele fundo de remorso que sentia no coração e que, em certas horas, não podia disfarçar. Por mais que tivesse gostado e estivesse disposto a recomeçar e a recomeçar talvez indefinidamente... no fundo, havia qualquer coisa perturbando a impressão maravilhosa que trouxera. Era uma reclamação surda, persistente - talvez a única coisa capaz de explicar que não se sentisse inteiramente feliz. Remorso? Uma leve ponta de arrependimento? Então, não estaria tudo liquidado com padre Luis?

Assustado, recusou-se à ideia. Se aquilo prosseguisse, teria de se defender, de preservar sua tranquilidade. Era inútil, porém, ter daqueles receios. A recordação de Lina ainda vivia muito fortemente nele para que pudesse temer outra influência. Podia deixar dormindo aquele pequeno fundo que não quisera se entregar.

ANTES de se despedir de João naquela tarde, Ivo indagara:

- E o que você tinha para falar comigo, ontem?...

- Ah, não tinha importância...

Respondera assim, mas agora que estava só na praça vazia tornava a pensar sobre o que devia ter dito. Na verdade bem que procurara Ivo na véspera, bem que lhe quisera falar. Nada de muito urgente. Subitamente porém parecera-lhe que estava retardando demais, que era mesmo trair a amizade que já os unia, não procurá-lo naquele dia mesmo para lhe falar de tudo o que pesava no seu coração - algumas queixas, sobretudo.

A verdade era simples. Ele podia talvez não perceber muito claramente, todavia, quem quer que o conhecesse um pouco mais, já de há muito teria notado quanto se modificara naqueles últimos meses. Talvez não tivesse tido consciência nítida do trabalho misterioso que se processara nele, do verdadeiro desabrochar que a aceitação de uma verdadeira amizade operara, mas os efeitos estavam ali e ele próprio não deixava de senti-los, de reagir contra muitos deles, adivinhando-se talvez ameaçado na sua liberdade futura.

De simples conhecimento, de companheiro por quem se toma interesse e quer conhecer melhor, de amigo na vida de quem se vai pouco a pouco tomando pé a ponto de compreender gestos que ficam para os outros inexplicados, Ivo passou a fazer parte da sua vida, preocupação constante e, não raro, obsessão de muitas horas. Até pouco tempo antes, ainda era: Ivo, o romance de Ivo, os projetos de Ivo. Agora mudara bastante: Ivo, o drama de consciência de Ivo, a noiva de Ivo...

Ora, coincidindo com o máximo de intensidade desse movimento de aproximação, constatara um certo recuo de Ivo. Depois de logos tempos de absoluta franqueza, parecia se retrair agora por detrás de suas preocupações religiosas e de uns pequenos choques insignificantes, surgidos a esse propósito mesmo e a propósito de Lourdes.

Esses senões, realmente insignificantes numa amizade real e profunda como a de Ivo, assumiram aos seus olhos, durante alguns dias, o aspecto de verdadeira traição, de abandono em pleno campo de luta. Ivo não sabia o que queria, era um leviano, ora procurando uns, ora outros, conforme estava querendo comer peixe ou carne. Nesses dias, Ivo passava a não merecer o que tinha recebido, seja da natureza - abandonando o romance, recusando-se a pensar por si mesmo - seja da sorte - não sabendo reter Lourdes, dando importância a ninharias que surgiam entre eles.

Precisava procurar Ivo com urgência, expor-lhe a situação como a via, incitá-lo a desistir daquelas criançadas de ir e vir do confessionário de padre Luis, de ficar de ouvidos atentos às histórias de Leandro e de Marcos. E precisava fazê-lo quanto antes, porque não conversava com ele há vários dias e suspeitava que suas relações com Lourdes já não estivessem muito boas. Custava-lhe um pouco procurá-lo naquele momento, vencendo a distância que o outro pusera entre eles. Custava-lhe, sobretudo, ter que abordar a questão: confessionário. Seria difícil. Mas, talvez mais perigoso ainda, ter de falar em Lourdes... prestar-se, quem sabe, a um equívoco qualquer sobre a natureza dos seus sentimentos, quase suas intenções. De qualquer modo, porém, era preciso falar.

Seguira-se a inútil procura de Ivo na noite do sábado, depois o telefonema, na tarde do domingo, as revelações da manhã de segunda-feira, a conversa da tarde. E ali estava diante do fato consumado: Ivo rompera com Lourdes e de vez, provavelmente, pois Lourdes - pensava ele - não era pessoa que voltasse atrás de um gesto daqueles. Fizera mais ainda: lançara-se na vida fácil das casas de pensão, das farras em comum, e nem ao menos atirara fora a carga morta dos antigos preconceitos.

À medida que as horas passavam, ia julgando o amigo com mais severidade. Bastava ver como se referia ao rompimento com Lourdes, quase como se já fosse uma coisa passada, esquecida... "Quase contente por se ver livre dela" - pensou, indignado. Quinze dias antes, aquele cinismo grosseiro, tolo, teria feito horror a Ivo. Lembrava-se dos termos, tão diferentes, em que lhe falara de Lourdes, da última vez antes daquela... Evidentemente, alguma coisa acontecera, no intervalo. Pessoas novas, e em nada dignas de consideração, tinham intervindo na vida de Ivo.

Foi essa noite de apreensão pela sorte do amigo que decidiu salvá-lo. Fosse como fosse, custasse o que custasse. Talvez não soubesse bem de que, talvez não tivesse bem certeza da vida que poderia propor em lugar da que tanto seduzia Ivo. Sabia porém que, na companhia de Marcos, corria perigo e que aquela vida pela qual se mostrava tão entusiasmado, não lhe podia convir. Era preciso sair dela. E quanto antes. Era preciso retomar a estrada livre e grande por onde ele e tantos outros pretendiam seguir.

IVO voltou à pensão de Mme. Ninon no dia seguinte, como anunciara, e no fim da semana com Leandro e Carlos. Ainda outra vez, no decorrer da

semana seguinte. Mas, na sexta-feira, quando Marcos veio a ele, propondo recomeçarem no sábado a aventura de quinze dias antes, recusou embaraçado, alegando um compromisso.

Apesar da vontade que teve, à última hora, de estar com Lina, não saiu de casa na noite do sábado. Faltou-lhe coragem para aparecer onde sabia que ia encontrar Marcos, Leandro, Rui, Carlos, outros provavelmente. Era gente demais. Preferia ir sozinho.

Já estava em estado de poder esperar. O encantamento tinha se desfeito. Talvez, por não ser mais novidade, começasse a ver senões que antes tinham passado despercebidos. Talvez, por motivos que ainda ignorasse. De qualquer modo, era inegável um certo esmorecimento de entusiasmo, uma relativa frieza de interesse.

Às vezes, pensava que era a atitude de João, influindo sobre ele. Conversara pouco com o amigo - podia dizer mesmo que o evitara um pouco - mas, mesmo assim, recebera muita ducha fria no seu entusiasmo. João parecia cada dia mais seguro nas suas afirmações categóricas, mais amargo quando se referia a aventuras como a que ele tivera. E era ele, Ivo, quem saía das conversas incerto e desorientado, cuidando se não era mesmo uma vergonha ter andado metido numa farra com Carlos ou Marcos.

Se tinham sido as observações de João, não sabia. O inegável era que, depois delas, percebera com muito mais força a sordidez do ambiente, a hipocrisia de determinados gestos e sorrisos, toda uma série de coisas que João não cessava de denunciar. E sentia seu prazer menor, como que rebaixado.

Simultaneamente, renasceu em toda a sua força o antigo conflito. Era inútil se iludir - o que sentia realmente gritando no fundo de si mesmo, era que estava pecando. Que era bom, imensamente bom, nenhuma dúvida. Mas, era pecar. Podia aceitar, no momento, todas as coisas que Leandro ou Marcos proclamassem. Ou concordar com João nisso e naquilo, achar tolas certas proibições, ridículas muitas exigências. Adiantava alguma coisa? Deixava de sentir que estava pecando?

Quando a vontade vinha, fechava os olhos, não ouvia, não sentia mais nada. Ia. Esquecia tudo, passava por cima dos obstáculos. Sentia-se dominado, cego pela imensidade do prazer à sua espera. E não resistia. Contudo, aquilo, por maior que fosse, durava pouco e depois vinha sempre uma espécie de remorso - sensação de que estava pecando. Para que se

iludir, se era o que sentia?

AO MESMO tempo que se reinstalou nele esse conflito, também a imagem de Lourdes voltou ao horizonte de que fora afastada.

Quando dissera a João, a propósito do rompimento, que era melhor assim, aquilo tendo de acabar mais cedo ou mais tarde, percebera que estava forçando um pouco, não sendo inteiramente sincero. E os dias tinham lhe trazido de volta imagens de Lourdes com uma insistência que era a prova evidente de que no fundo do coração nada estava queimando.

Custamos a compreender esse gênero de sentimentos e em geral são necessários vários acontecimentos imprevistos para que tomemos consciência desse fundo sensível que não morreu em nós e vibrará sempre que for tocado. Para Ivo, bastou um quase-nada, uma simples visão.

Foi num dos primeiros dias das férias do meio do ano, que haviam chegado quase sem ele perceber. Ia tranquilamente pela rua, quando, levantando os olhos sobre um bonde, viu Dona Noca e Lourdes, a caminho da cidade.

Lourdes não o viu, ou fingiu não ver. Dona Noca felizmente estava olhando para o outro lado, muito interessada em qualquer coisa que não cuidou em identificar. E o bonde passou sem que nada de mais sucedesse.

No entanto, Ivo fica parado alguns momentos, ainda sob o choque do encontro. - É Lourdes, aquela menina que passou no bonde! Lourdes que vai à cidade, fazer compras. Lourdes que saiu com a mãe, como acontece todas as semanas. É Lourdes...

Compreende subitamente o que todas aquelas constatações estão significando, compreende porque se obstina em persegui-las: Lourdes continua a sua vida de todo o dia longe dele, provavelmente já deu os primeiros passos numa existência que é a dela, mas em que ele não tem a menor participação. Afasta-se, vai certamente conhecer outras pessoas que ele não conhece, continuar a vida longe dele... com outro talvez.

Não vai mais adiante nesse dia, mas fica com a contrariedade e com uma imagem boa nos olhos. Lourdes passou num bonde, ao lado de Dona Noca, muito bonita... Passou e não o viu. Passou sem se virar para ver se o avistava, seguramente preocupada com outras coisas. Ou talvez tenha desviado o olhar, não querendo vê-lo.

A contrariedade, a angústia provocada, vencem sempre o agradável da

evocação. E deliberadamente afasta a imagem da menina que não o viu. Mas, as imagens boas voltam, tão bem quanto as imagens más que envenenam a vida e, de quando em quando, nesses dias de crise, Ivo pensa demoradamente em Lourdes.

COM as férias, com o passar de dias iguais e monótonos - nada, absolutamente nada que fazer - a crise religiosa se agravou muito. As conversas com João não alteraram o curso de um movimento que vinha do que havia de mais profundo nele. Habitualmente evitava tocar no assunto e, sentindo a resistência, João recuava, sensibilizado, mas sempre se prometendo voltar ao ataque em ocasião mais propícia.

Ivo não compreendia bem o que estava se passando. Queria o prazer - tinha-o, tornava a tê-lo, sem se impor reservas. Não bastava. Queria sempre mais. E queria, não porque precisasse mais, mas como alguém que quer uma coisa que não tenha fim. Refletindo, descobrira que era isso o que procurava: não deixar lugar para o arrependimento, para as longas horas de luta consigo mesmo. Era bem isso: queria que certos momentos máximos durassem de tal modo que fossem tudo na sua vida.

Puro desejo, sem realidade alguma - pensava Ivo nos maus instantes. O que acontecia diariamente, era bem diferente. Quase o oposto do que desejava. E esquecia agora, facilmente, os bons momentos passados junto de Lina, para só pensar nas dúvidas de certos minutos, numa certa repugnância por si próprio que lhe vinha sempre que entrava numa igreja ou que seus olhos descuidados caíam sobre o pequeno crucifixo da cama. Este, já agora não parecia nem mudo nem frio, e sim como um sopro quente que lhe batesse no rosto num murmúrio de palavras que não sabia como não ouvir. Logo a tentação da confissão o assaltava, traiçoeira, deixando-o angustiado, ansioso por lançar fora de si a carga de pecados acumulados. Percebia que não podia mais resistir, que era tudo questão de dias, de uma ocasião em que se sentisse mais abandonado - exatamente como, tempos antes, em situação oposta, sentira-se tantas vezes à mercê do mais ínfimo acaso.

NESSES mesmos dias, João atravessava uma das crises mais sérias de sua vida, aquela sem dúvida que mais influiu no seu destino. Inútil pensar em recorrer a Ivo, pois se tratava justamente dele ter percebido, um belo

dia, sem mais nem menos, que não podia viver sem procurar Lourdes, sem ir confessar-lhe a paixão que descobrira no coração.

Há naturezas assim. Honestas, de uma honestidade que muitos já nem sonham possível no mundo, sobretudo em se tratando de sentimentos, de governo de paixões. João Graça, por exemplo. Conhecia Lourdes de há muito e as famílias se davam bem. Achava-a muito bonita, absolutamente encantadora, "digna em tudo de Ivo". Dizendo isso, não era preciso dizer mais nada. Valia tudo - mas, num terreno à parte, onde ele não penetrava. Seguia-a, com o interesse com que seguia todas as coisas de Ivo, sem perceber que houvesse nada escondido no fundo do coração. E enquanto os dois não tinham rompido, não pensara em Lourdes, senão em função de Ivo.

Viera porém, junto com outras notícias desagradáveis, a do rompimento, a do recuo definitivo de Ivo. E eis que, subitamente, na sua alma, com a licença de pensar em Lourdes, deu-se a irrupção misteriosa que não sabia explicar e que levou de vencida, sem dificuldade, todas as resistências. Lourdes não é mais simplesmente a ex-noiva de Ivo. É a menina com quem sempre sonhou e sem a qual não lhe é mais possível pensar em viver. É a criatura que nasceu para ele e que só ele pode tornar feliz. É a luz, a alegria, as estrelas, o sol, as flores, o mundo todo. E ninguém mais tem direito de pensar em tirar a razão de ser de sua vida. Lourdes é dele, foi sempre dele desde que nasceu, e será dele para o resto da vida.

Ao lado do mundo de pequenos monstros de fraqueza e misérias com que deparamos diariamente, que acotovelamos enquanto eles vão traçando, através de pequenas intrigas e traições, a difícil trama que as complicações da vida os obrigam a tecer, há naturezas assim, capazes de não ver antes do minuto exato em que lhes é permitido abrir os olhos e olhar. Seguras de saber o que pertence aos outros e o que a elas próprias, não cedem nada e por coisa alguma desistem do seu lote sobre a terra. Obstinam-se na luta em que transformam a vida e nenhum sentimento encontra esteio para vencer um interesse que se apoia na mais rígida honestidade de caráter. João Graça era assim. Um problema o absorvia inteiramente, agora: aproximar-se de Lourdes, conseguir seu interesse, tomar junto dela o lugar que Ivo ocupava.

Sentira a paixão se acender uma tarde em que sua mãe, de volta da casa de Dona Noca, lhe contara que Lourdes ainda não se consolara da briga e continuava fechada no quarto, sem querer sair ou receber as amigas. Por seu lado, Dona Noca, ainda que muito triste, não tinha a menor dúvida: mais

dia, menos dia, tornariam a fazer as pazes. Tinha certeza: aquele namoro acabava no altar...

João não dera muita atenção às previsões de Dona Noca mas não pudera esquecer a aflição em que Lourdes estava. E sentira, de repente, que era de Lourdes que gostava, daquela força de caráter, daquela coragem, de todas aquelas qualidades que se acrescentavam agora às outras que conhecia. Admiração e recordações antigas se fundiram. Desde esse momento, não tirou mais o pensamento de Lourdes, apavorado apenas com as dificuldades que teria para se aproximar dela, com a possibilidade de não ser correspondido. E, também, sentia-se acabrunhado pela ideia de que aquilo pudesse prejudicar sua amizade com Ivo.

Não se sentia culpado em relação a Ivo, nem de leve que fosse. Entre Ivo e Lourdes, não havia mais nada. A qualquer momento que tornasse a haver, seria tempo de se explicar. Tratar-se-ia de coisas novas, inexistentes por enquanto. De qualquer modo, o receio perdurava. Como compreenderia Ivo o seu gesto? Como interpretaria, sobretudo, os seus antigos sentimentos, as defesas de Lourdes em discussões passadas? E depois, que modificações graves não traria para as relações diárias entre eles?

A situação se lhe afigurava tão mais difícil quanto, justamente agora, começara a ver mais claro no plano que traçara para afastar Ivo da vida para que se encaminhava. Já conseguira grandes resultados. Ivo demonstrava, na sua frente, verdadeiro horror de tornar a ir junto com Marcos ou Rui à casa de pensão. Agora, era só prosseguir e, se a ideia que tinha na cabeça desse certo: arranjar para Ivo uma pessoa mais ou menos nas condições de Djanira - tal como essa lhe prometera descobrir - então tudo estaria resolvido. Tudo consistia, pois, em esperar até lá.

No entanto, João sentia uma invencível necessidade de falar a Ivo do seu sentimento por Lourdes. Donde o perigo - talvez a catástrofe. Ivo aborrecido, sem compreender ou sem jeito, afastando-se, retirando-se e todo o plano indo por terra...

Dessa crise de sinceridade, João saiu um belo dia pela simples e pura resolução de explicar tudo a Ivo. Estavam ainda em férias, poderiam conversar longamente. Falaria com simplicidade. O amigo haveria de compreender.

NESSA tarde, porém - uma das últimas das férias que tiveram - quem

forneceu o assunto da conversa foi Ivo. Em plena crise, cortou todos os caminhos que João esboçou para colocar o seu caso pessoal. João cedeu, disposto a falar depois, no fim. Pôs-se a escutá-lo, não sem certa irritação a princípio, pensando que, às vezes, Ivo parecia acreditar que no mundo só ele existia.

Quando Ivo acabou de explicar o seu estado de espírito, as dúvidas mais fortes que o tinham assaltado na noite anterior, João que o ouvira sem o interromper uma só vez, teve um movimento de ombros mais brusco:

- Você acaba no confessionário, contando tudo!

João parecia achar a possibilidade absurda. Ivo sentiu o golpe. Só agora a ideia passava pela cabeça de João. Somente agora. E tinham falado tanto, tantos dias seguidos, sobre dúvidas e angústias de toda espécie... Irritado, fez face à censura sem vacilar:

- E o que é que tem?

João o olhou, surpreso diante da reação, do tom agressivo. Teria tocado tão fundo assim? Ivo estaria mesmo pensando em procurar padre Luis? Teria mudado de novo, voltado à escravidão das confissões, de bater no peito dizendo que se está arrependido dos pecados, com a certeza de que se vai pecar de novo dias depois? Olhou o amigo bem de frente e disse:

- Nada. Ora essa... Você tem umas coisas!

A irritação de Ivo caiu. Evidentemente, João não o quisera ferir. Espantara-se apenas e, afinal, era bem justo. Ele é que devia ter explicado. Sentiu-se injusto, desconfiado demais. Não merecia o amigo que tinha. Abaixou a voz, sem saber muito por que, e explicou:

- Eu tenho estado pensando muito nisso, João. A única coisa que pode me devolver a minha tranquilidade, dar paz à minha consciência, é eu me confessar...

- A única?

- A única... Eu acho, pelo menos.

- E você pode se confessar?

- Posso.

- Honestamente?

- Está claro que sim, João. Como você queria que eu fizesse de outro modo?

- Eu sei lá! Nessas coisas... - e havia na expressão de João um ar de caçoada que desagradou a Ivo, fazendo-o se recordar imediatamente do pai

de João, da sua religião capenga.

Apesar dos pequenos choques, Ivo ainda insistiu:

- O que você acha?

- Não sei. Isso é com você. Você é quem sabe...

- Mas no meu caso, você faria?

João hesitou. Diria? Diria o que estava pensando? Hesitava porque as últimas palavras do amigo o tinham irritado demais para falar direito, sem sarcasmos inúteis. Esperou alguns instantes, mas uma nova pergunta de Ivo, feita nos termos da anterior, obrigou-o a explicar com crueza:

- Seguramente não.

Ficaram calados, ambos. E o silêncio durou alguns segundos. Ivo o rompeu:

- Por quê?

- Por quê? Ora essa... Porque eu, se me tivesse libertado de um peso desses - para não dizer outra coisa - nunca mais iria desencavá-lo de novo!

- Libertado?

Tudo aquilo parecia estranho a Ivo. “Libertado”! Quem é que se libertara? Ele? Esquecido, talvez. Isso mesmo, por alguns dias. Mas, libertado? Nos primeiros dias talvez tivesse pensado assim... Logo percebera que não tinha nem mesmo esquecido. E João julgara sem dúvida que já tinha se libertado...

- Não foi isso. Ou, pelo menos, não foi essa libertação total que você pensa...

- Ficaram elos ligando, ainda? Restos?

- Ficaram. Muitos. Ou, alguns...

- Por que então você não trata de cortá-los, em vez de procurar voltar à prisão?

- Não sei, João. É que não posso, provavelmente.

Sabia que estava mentindo. Ou que, pelo menos, não estava dizendo a verdade toda, a verdade completa a que João tinha direito. Talvez não pudesse mesmo. Mas, queria? Intimamente, queria?

- Você deveria fazer força, Ivo. Devia. Quando a gente consegue dar alguns passos nesse sentido, tem de procurar dar todos... Ficar logo livre disso. Quanto antes, melhor!

João pareceu a Ivo, nesse momento, duro, hostil. Mais até: pouco inteligente. Quis explicar:

- João, isso é para você que não crê...

- E você ainda crê?

- Em Deus, João? É isso que você pergunta?

Havia muita indignação no olhar de Ivo. Exceto João - mas, João era um caso à parte - podia alguém deixar de acreditar em Deus? Podia pôr em dúvida o que era mais evidente que tudo?

João sentiu que o tinha escandalizado. Ficou vermelho de confusão, tanto mais quanto não era essa sua intenção. Explicou logo:

- Não é isso, Ivo. É muito diferente crer em Deus e crer nessas coisas que os padres inventaram para se aproveitar de Deus e da ideia de Deus... É nelas que eu pergunto se você ainda acredita.

- Não sei, João. Talvez.

- É o cúmulo! Depois de ter se libertado de uma porção de tolices do gênero: castidade, você ainda continua preso...

Ivo não respondeu. Sentia João de má vontade, irritado, disposto a atacar. Em outra ocasião, talvez tivesse ajudado, mas naquele momento, estava também irritado, pronto para defender não importa que preconceito ou dogma, contanto que fosse contra João e contra aquela sombra que sentia por detrás dele - aquele católico pouco escrupuloso que incutia ideias falsas no filho. Sentia o sangue fervendo de indignação. Para evitar uma discussão mais acre, quis encerrar o assunto:

- Não sei, João, sinto que se me confessasse, me sentiria muito melhor... Não sei. É tão difícil, agora...

- Com padre Luis?

- É. Por sem ele...

De novo, o silêncio. Ivo pensou que o debate estivesse encerrado, mas, pouco depois, ouviu a voz de João, difícil, angustiada, procurando palavras, uma por uma:

- Também não sei. Não quero me meter na sua vida, naturalmente... Contudo, se você conseguisse esperar... tentasse vencer sozinho essa crise... era muito melhor. Você não acha?

- Acho. Mas não sei...

Ficaram nisso, nesse dia. João nem pensou em falar sobre seu caso pessoal. Sentia Ivo longe, distante, com uma série de tolices na cabeça, incapaz de compreender o que lhe tinha a dizer. Era melhor esperar uma outra ocasião.

AO ENTRAR em casa, Ivo sentiu que, no fundo, estava mais ou menos decidido a procurar padre Luis. Se não para se confessar - sobre isso era preciso pensar um pouco - pelo menos para conversar, para lhe expor o seu caso. Dir-se-ia que, inexplicavelmente, as objeções de João o tinham decidido.

E nessa noite, quando pensou em Lourdes, foi com uma ternura nova. Parecia-lhe que, de longe, alguém lhe fazia sinal e a esse sinal não havia como resistir. De um bonde, talvez um rosto se virasse e, ao vê-lo, talvez um sorriso se desenhasse na face emocionada. O bonde passaria, porém as mãos, mais próximas do coração que da cabeça, já teriam vencido, num chamado rápido, a decisão heroica de dias e dias. E de longe, ele só veria agora um vulto que se afastava... um vulto que poderia no entanto tornar a procurar quando quisesse. Ainda via as mãos agitadas no ar, chamando-o apesar de todas as resoluções, gritando-lhe na sua mudez alucinada que nada importava senão vê-lo, senão ele.

8

NÃO se podia dizer que Álvaro tivesse informado padre Luis do gênero de vida que Ivo estava levando. Pouco faltara, porém; alguns detalhes apenas, que na hora não tivera jeito de colocar na conversa, ou talvez a dificuldade que sentia de falar de certas coisas na frente de padre Luis - desse padre sempre de cara fechada, severo, até mesmo um pouco hostil a tudo que ele ou Arnaldo tentavam estabelecer como princípios básicos da conduta de um bom católico.

Fora numa conversa de domingo, depois da missa, justo uma semana após a primeira experiência de Ivo. Arnaldo e Álvaro haviam se aproximado do padre, falando do bom tempo e da proximidade do verão. Em dado momento, padre Luis salientara que, da aula só eles dois tinham vindo. E lembrara baseado no exemplo do domingo anterior:

- O Brandão não veio até agora, mas é possível que ainda venha.

- É, talvez... - acrescentou Álvaro, olhando para Arnaldo que parecia disposto a adotar a sua habitual atitude de invencível silêncio. - Quem tem faltado sempre é o Ivo...

Padre Luis o olhou, por um momento interessado. Comentou com simplicidade:

- É. É pena.

- Más companhias, padre... Dão nisso.

- Más companhias? - indagou padre Luis com uma grande curiosidade estampada na fisionomia.

- Péssimas companhias!

- Quem, Álvaro? Certamente não é João Graça que você está chamando de péssima companhia... Ou será?

- Boa, não é. Também não se pode dizer que seja péssima. Mas não é dele que falo.

- De quem é então?

- Desse pessoal todo com quem Ivo tem andado ultimamente, desde que deixou de andar com o Brandão, com Luis e conosco...

- Com eles dois? Com Luis Soares? - Padre Luis sabia bem que Ivo

nunca andava com nenhum deles, que nem mesmo se gostavam. E Ivo não era capaz de andar com pessoas que não apreciava. Contudo, não quis deixar perceber que sentira a mentira. Indagou logo:

- Que pessoal é esse, Álvaro?

- Leandro, Marcos, Rui, o Nunes...

O Nunes, era de novo mentira. Mas Álvaro, só depois de pronunciar o nome do Nunes, é que percebeu e não quis se desdizer, dar a impressão de que não tinha bem certeza. Depois, talvez assim o padre realizasse mais depressa o que havia de grave no mau passo de Ivo.

- Juntos, todos? - indagou padre Luis, ainda sem compreender bem de que se tratava.

- Juntos, e de noite, até altas horas, por aí...

Álvaro hesita, para. A seu lado, padre Luis compreende logo tudo. Pela confissão de Carlos, poucos dias antes - confissão acidental, que o surpreendera muito na hora, pois havia vários meses que Carlos se afastara completamente - percebera sem dificuldade que alguns dos alunos do último ano estavam frequentando regularmente certas casas e, muitas vezes, bebendo. Agora, a confissão de Carlos lhe volta à cabeça e compreende o súbito afastamento de Ivo, o desastre que provavelmente lhe aconteceu, como aos outros todos. Mas, é preciso responder a Álvaro, fazer face à situação criada pelas suas revelações. No entanto, só consegue dizer:

- É uma pena! É uma pena!

- É mesmo, padre. Uma tristeza!...

Ao lado, sempre calado, Arnaldo abaixa a cabeça, concordando também.

- Havemos de dar jeito nisso, vocês vão ver.

- Difícil, padre. Bem difícil, no pé em que as coisas estão - assegura Álvaro com toda a convicção.

- Vocês vão ver.

E padre Luis aproveita o aparecimento de um outro aluno para largar os gêmeos. Já não se sente mais com paciência de suportar tanto fingimento, tamanha capacidade de intriga. Precisa ver outras pessoas, mudar de ar - um ar menos empesteado, um ar que não sufoque...

A NOITE daquele domingo veio carregada de apreensões para padre Luis. E as noites se sucederam, durante todas aquelas semanas, sempre do mesmo modo. Desde que compreendera quanto Ivo já tinha ido longe no

caminho em que se metera, não encontra mais paz, como se fosse ele o culpado.

O culpado, certamente não era. Nem podia ser responsável pelos atos de Ivo. No entanto, no fundo, não teria uma dose qualquer de culpa, por menor que fosse? Não teria mesmo? E se tivesse?...

Expusera o caso, em todos os seus detalhes, ao Reitor, seu confessor habitual. Mas, apesar deste lhe ter assegurado que não tinha a menor responsabilidade, podendo dormir sossegado, continuava com a consciência pesada, mil vezes se perguntando se fizera tudo o que estava ao seu alcance, se não afastara Ivo por alguma palavra inábil ou imprudente. Não queria ceder à tentação do excesso de escrúpulos, mas diante da gravidade do caso, nada lhe parecia demais.

A situação era bem grave. Não só pela alma de Ivo estar correndo perigo, mas também porque existiam outras em risco de se perder: a do Brandão, a de Luis Soares, a dos gêmeos, a de todos aqueles meninos que tinham os olhos mais ou menos fixos em Ivo e que podiam de repente fraquejar, não tendo mais o antigo exemplo diante deles. Ou mesmo, seduzidos por ele, poderiam segui-lo. Superior aos outros, olhado como uma espécie de chefe de grupo, tinha responsabilidade grande.

No entanto era forçoso confessar: ainda que essas preocupações fossem muito vivas o que mais o contrariava era o caso de Ivo. Em todo aquele colégio, em ninguém depositava tanta confiança. A não ser, naturalmente, em Carlos Eduardo, mas este era realmente uma criatura à parte, com quem não se podia fazer comparações. Mesmo assim, Ivo não desmerecia dele. Não só pelas suas qualidades de inteligência e caráter, como pela sua natureza. Achava-o dotado de grandes qualidades para ser feliz na vida, para merecer uma existência tranquila e um fim digno dela.

Justamente por isso, quando apresentara os primeiros sinais evidentes de crise, ficara em dúvida. Não pudera acreditar que se tratasse do terrível sinal do mal. Devia ser alguma coisa de passageiro e de leve - certamente uma dessas crises difíceis, que demoram uma maior número de dias, mas que, de qualquer modo, acabam passando.

Com os dias porém, com as sucessivas revelações das conversas e confissões de Ivo, verificara que o caso era bem mais triste do que imaginara. E, pior ainda que o resto: por mais que fizesse, que se esforçasse, suas palavras como que escorregavam e fugiam por entre as

mãos de Ivo. Reagia, reagia sempre, mas não conseguia impedir a marcha avassaladora do mal E parecia se entregar cada dia mais. Tendo consciência de tudo isso, como seu confessor, sofria, querendo dizer-lhe que o ajudassem, que o decidissem a ser mais forte diante da tentação.

Era debalde, porém. E via, com os dias que passavam, um Ivo a cada hora mais distante, preso na engrenagem do mundo condenado. Esgotava-se em esforços inúteis para retê-lo. Parecia surdo aos seus apelos. Insistia, sem desesperar, porém o coração apertado, cheio de maus pressentimentos. Que estaria acontecendo com Ivo que não vinha mais cair de joelhos ante ele para que o auxiliasse a triunfar do mal? Por que o evitava nos recreios, sempre conversando animadamente com uns e com outros, como a preveni-lo de que não devia se aproximar?

De todas as vezes que, naqueles difíceis dias, tentara uma maior comunicação fora do confessionário, Ivo se recusara. Sentira a barreira, e, conhecendo-o bem, não o quisera forçar. Nada diria, fechar-se-ia todo, tornando ainda mais difícil qualquer auxílio futuro.

Vários dias tinham passado, até que, numa manhã de domingo, depois da missa, Álvaro lhe fizera compreender o que havia realmente, o que já acontecera, e o perigo que Ivo devia estar correndo. Agora, que fazer? Entregue àquele pecado, mais terrível que os outros porque muito mais sedutor, que ameaças não pesavam sobre Ivo? Não era a possibilidade de se habituar ao mal, escolhê-lo contra tudo mais, renegar por ele a própria luz, Deus - que era preciso amar acima de tudo?

Durante dias padre Luis debateu estes problemas, revolvendo-os e sem encontrar paz de espírito. Talvez não fosse culpado, mas, de qualquer modo, era triste que tivesse vindo às suas mãos uma alma como a de Ivo e ele não a conseguisse preservar. Era muito triste, inegavelmente, tanto mais quanto, a par do resto, tinha por Ivo uma afeição especial, sólida e segura de si.

Depois da conversa com Álvaro, tentou várias vezes se aproximar de Ivo. Era, porém, absolutamente impossível. Ivo se recusava. Desistiu, provisoriamente, e ficou à espera da primeira ocasião. A luta seria diferente, bem mais difícil. Contudo, nem por isso estava perdida. Aparecesse uma oportunidade e não recuaria. Enquanto isso, a única coisa que podia fazer era rezar por Ivo. Talvez voltasse por si mesmo...

Tinham vindo as férias e passara quinze dias sem vê-lo. Não fora ao Colégio nem um só dia, ao contrário do que fazia todos os anos. Com o

recomeçar das aulas, nada parecera mudar. No entanto, no primeiro sábado, o terceiro aluno que confessara fora justamente Ivo.

A emoção tinha sido grande. Com a saída do menino que acabava de receber a absolvição, fechara os olhos um momento, recolhendo-se, procurando esquecer tanta ingratidão para com Deus. E eis que, ao abri-los, deparara com Ivo, de joelhos diante dele, já começando o Ato de Contrição. Como poderia ter imaginado que não voltasse mais? "Que negro pecado de falta de confiança, o meu..." - pensou, acabrunhado. E sentiu uma tal alegria no coração que, de novo, fechou os olhos para melhor poder agradecer a Deus a oportunidade que lhe era concedida.

AO ENTRAR no Colégio, naquele sábado, Ivo sentira o coração por demais apertado. Ainda na véspera, estivera na casa de pensão e voltara com uma terrível impressão de pecado. Na manhã seguinte, depois de um sono agitado, compreendeu que estava com remorsos do que vinha fazendo naqueles últimos tempos e que, fosse como fosse, precisava se afastar daquele caminho.

E sentiu que não podia esperar mais nem um dia. Não voltaria para casa com aquele peso na consciência. Tinha que dizer tudo a padre Luis, obter dele a absolvição. Não importava que, na hora, custasse muito. Sabia que o alívio viria depois, grande, imenso. E que era tudo quanto queria, quanto esperava. Se padre Luis ainda não soubesse de nada, seria sem dúvida pior. Mas era pouco provável. Daquele Colégio, podia desaparecer tudo, menos a intriga dos gêmeos. Daquela confissão, João teria conhecimento antes que ele próprio a relatasse. Não viera naquele dia, porém um dos gêmeos, ao voltar para casa, arranjaria certamente um modo qualquer de lhe falar, de contar muito inocentemente tudo o que acontecera durante as aulas: - "Sabe, João, o Ivo hoje tornou a se confessar. Padre Luis deve estar radiante"...

NO CONFESSIONÁRIO falou pouco e padre Luis não o interrompeu. Na verdade, tinha pouca coisa para contar, os detalhes não interessando. Era evidente que lhe custava falar e o padre não quis insistir. Já não bastava o que dissera, o mundo de pequenas misérias que tinham vindo até seus ouvidos?

Deixara, portanto, que falasse à vontade. Mas, quando, no fim, indagara

se realmente estava arrependido, resolvido a não voltar a pecar daquele modo Ivo não se contivera e, diante dele, surpreso, mudo, quase chorara de horror de si mesmo, de desânimo diante da sua pobre vida.

A surpresa paralisou padre Luis. Era um Ivo desconhecido, o que tinha diante de si - um Ivo de olhos embaciados, de palavras surdas e dificilmente pronunciadas, um quase desesperado que se vinha atirar a seus pés para que o salvasse. Estava numa situação tremenda: não querendo nunca mais pecar - não querendo, realmente - porém certo de que, mesmo assim, a tentação seria mais forte. Resistiria da primeira, da segunda, da terceira vez, resistiria um certo número de vezes. Contudo, tinha certeza, mais cedo ou mais tarde, acabaria cedendo. Especialmente agora que o pecado se apresentava à sua imaginação com cores tão vivas. Podia não querer. E, seguramente, não queria. Mas, por quanto tempo durariam aquelas boas intenções? Sentia-se fraco, contaminado por mil lados diferentes. Como esquecer o que fizera, o que os novos pecados haviam posto na sua imaginação? Agora que trouxera para sua vida aquela fonte de impureza, como não se deixar envenenar? Como não ceder ao apelo de todas aquelas sensações que só agora conhecia na sua verdadeira força?

E, subitamente, Ivo parou, sem saber mais o que dizer, trêmulo de emoção. Por que o padre não dizia nada? Tê-lo-ia escandalizado de tal modo que não sabia mais o que responder?

Não fora certamente escândalo. Todavia, a verdade é que padre Luis compreendera, aos poucos, que tudo o que pensara poder dizer a Ivo perdera sua razão de ser. Em outra ocasião, talvez. Agora, urgia fazer face à situação criada e era preciso habilidade. Só Deus o podia salvar, inspirando-o. Era necessário ter confiança. E não hesitou mais em entrar em cheio no problema de Ivo:

- Meu filho, antes de mais nada, quero lembrar a você uma coisa: é que esses pecados que você cometeu ultimamente valem todos, na sua vida, como um fato já acontecido, contra a existência do qual todas as orações do mundo nada podem. Estão feitos. Por mais triste que seja, estão feitos.

- Eu sei, padre - disse do outro lado da palhinha do confessionário a voz humilde de Ivo.

- Portanto, ainda que esse fato acontecido tenha toda a importância como pecado ou série de pecados, você não deve encará-lo como uma catástrofe irremediável... - como me parece que é o que você está fazendo.

É muito triste, tristíssimo - não há como negar. Mas, é triste como todo o pecado - isto é: como coisa que já aconteceu, como coisa que tem de ser tornada *passado* e não mantida no presente indefinidamente... eternamente presente. Para isso, meu filho, existe justamente a Confissão e, depois dela, a Absolvição, que é o direito que você adquire de esquecer o pecado cometido para todo sempre.

- Esquecer, padre?...

- Esquecer, num certo sentido. Vou lhe explicar, antes que me interprete mal e se escandalize: não há nada pior do que esquecer antes da Confissão, *sem a Confissão*. É o pior de tudo, você sabe... Todavia, há uma outra coisa, também terrivelmente perigosa para as almas dos homens, isto é: almas de pecadores que todos nós somos. É mesmo um dos mais hábeis disfarces de que o tentador lança mão para estabelecer o seu domínio sobre certas criaturas: não permitir que esqueçam o pecado *depois da Absolvição*. Compreendeu? Lembrar-lhes sempre que foram fracos e não souberam resistir a essa e a aquela tentação, que pecaram desse e daquele modo...

Padre Luis parou, refletiu um pouco e concluiu:

- Ter o pecado cometido sempre diante dos olhos, antes ou depois da Absolvição, são coisas totalmente diversas. Se a primeira é um meio de salvação, a segunda nem sempre produz bons resultados e, às vezes mesmo, é um perigo terrível, um incentivo involuntário à reincidência no pecado. E a reincidência no pecado, o hábito do pecado, eis, meu filho, o maior perigo.

Padre Luis fez uma nova pausa e voltou com mais força ao que tinha dito:

- Não é o pecado, enquanto pecado cometido, que constitui o perigo essencial para um rapaz da sua idade, porque a misericórdia de Deus é muito grande... Não deixa de haver grave perigo; podemos morrer a qualquer momento, você, como eu, como um homem de cem anos; as probabilidades são as mesmas. Mas enfim, você sabe: a misericórdia de Deus é tão infinita... que, apesar de tudo, temos sempre o direito de contar com ela. O pecado enquanto hábito do pecado, meu filho, é que é tremendo.

- Hábito do pecado, padre?...

- O pecado que se repete, o pecado que se torna hábito no indivíduo. O pecado que adere à natureza, que se torna natureza, compreende? É nesse sentido, Ivo, que a nova orientação da sua vida, nesses últimos tempos, me

parece especialmente grave.

- Como, padre?

- Por isso: antes, você corria menos perigo de se apegar, de se entregar aos pecados que cometia. Mesmo sendo mais frequentes do que agora. Eram de tal modo deprimentes, vergonhosos aos olhos de todos, e aos seus, que o perigo era menor. Mesmo cedendo, você não se entregava... A qualquer momento, havia disposição para condenar, para desprezar.

- E agora?

- Agora, meu filho, é diferente. O pecado é outro. É pecado aos seus olhos, porém, ante esses mesmos olhos, não é vergonha. Na sua confissão você mostrou todo o arrependimento possível - e por isso eu o absolverei. Mas, você considera o ato praticado, em si, vergonhoso, baixo, como os seus pecados antigos?

Ivo não teve um momento de hesitação. Respondeu logo:

- Não, padre. Certamente que não. Mas...

- Eu sei. Você se arrepende, se envergonha de ter sido fraco, de ter pecado. *Mas*, de ter pecado... não do pecado em si. Não é verdade? E não há que fugir; para nós homens, tem que ser assim. E essa é a razão porque, nessa idade em que você está, a crise religiosa é tão séria. De um pecado vergonhoso, que era fácil odiar porque, por si mesmo, era vergonhoso aos nossos olhos, passamos a um pecado que não é fácil odiar, porque, no íntimo, e por mais que façamos, não é possível julgar vergonhoso para nós mesmos, para nós, *homens*... E a crise vem, grave, decisiva como a que você está atravessando... Tudo incita à rebelião, enquanto a palavra de Deus, dos seus ministros, continua igual, como se nada houvesse mudado: despreza, odeia. Despreza e odeia como se tudo continuasse no mesmo, como se ainda se estivesse na miséria dos pecados da primeira adolescência. Contra o pecado novo, mais forte, mais sedutor - tão mais digno para o nosso orgulho nascente de homens -, nenhum preceito novo, nenhuma indulgência: a mesma condenação absoluta, indistinta.

- E então, padre?

Padre Luis sentia bem viva a angústia que ia na alma de Ivo naquele momento. Visivelmente, suas palavras não estavam se perdendo no ar. Contra todas as forças do mundo e todas as seduções do mal, Deus ainda lhe concedia aquela oportunidade para tentar impedir o desgarrar daquela promessa de vida feliz e boa. Dependia dele, das suas palavras, da sua

habilidade, da sua presença de espírito:

- Então é preciso obedecer. Obedecer, cegamente. Fechar os olhos e obedecer. É um momento difícil, sei. Mas, é por isso que é preciso coragem - coragem para obedecer cegamente. Fechar os olhos e atravessar resolutamente essa região perigosa. Só abri-los depois quando, de novo, os horizontes estiverem claros e puros.

- “Vigiai e orai”, padre?...

Era evidente que a pergunta de Ivo vinha de dentro de uma desconfiança perigosa. Talvez mesmo houvesse certa irritação no tom. Contudo, padre Luis não hesitou na resposta:

- Que quer você que eu lhe diga? Não há outra coisa a fazer. Isso ou então atirar-se nos braços da tentação, atolar-se no pecado como você ia se atolando. É o que você quer?

- Não, padre. Mas, fora isso...

- Fora isso, Ivo, não há nada. Na sua idade, pelo menos. Durante uma crise dessas, nada, senão isso. E é por isso que é preciso coragem. E é por isso que eu apelo para o seu heroísmo - para esse heroísmo que nós chamamos: o heroísmo do cristão em luta pela defesa do seu sangue puro contra a contaminação do mundo, do pecado. É uma coisa dificílima, mas é por isso mesmo que acho possível, de você. Olhos fechados para atravessar essa ponte sobre o abismo - já que você sofre a atração do abismo. Tenho quase certeza que seu irmão não precisará fechar os olhos.

- Carlos Eduardo?

- É. Mas não é dele que se trata agora - acrescentou padre Luis, interpretando mal a curiosidade de Ivo. - Você precisa não olhar, passar de olhos fechados. Sem esse heroísmo, sua fraqueza, sua terrível atração pelo abismo, será mais forte. Você sabe disso aliás, não?

- Sei, padre, mas...

- Você acha que não tem coragem? E quem diz que essa ideia que você tem não é, precisamente, uma tentação que se apoderou de você? Por que não tentar o que é possível, o que foi possível a tantas outras pessoas? A mim, por exemplo, meu filho. Na sua idade, tive tentações, fortes como as suas, momentos de desânimo como os seus. Pequei, me arrependi, tornei a pecar, tornei a me arrepender, de novo veio o pecado, até que um dia senti que havia em mim uma paz que nada mais podia tocar de modo decisivo... Graça de Deus - dirá você. Sei bem que sim. Contudo, eu tinha lutado,

lutado muito. Parece que acabei merecendo que Ele se apiedasse de mim, porque não desesperei, nem cessei de lutar, apesar da minha miséria. Nunca, nem mesmo nos piores momentos, pode crer... Deus teve piedade de mim, de minha fraqueza, até que me fez compreender, um dia, que me tinha escolhido para servi-lo. E é por isso que estou aqui para lhe ajudar, para lhe dizer que é preciso não desesperar, não ceder à tentação de se julgar miserável demais (tanto, que não adiante lutar...). E essa é a maior de todas as tentações de que somos vítimas. É preciso lutar, fechar os olhos, caminhar para a frente com o sinal de Deus sobre a testa.

Subitamente, padre Luis parou. Tivera de repente consciência de quanto se animara - falara até de si, de sua vida passada... - alteando o tom. Era preciso mais cuidado, mais domínio de si. Que efeito estariam tendo suas palavras sobre Ivo? Quem sabe estariam produzindo resultado diferente do que esperava? De qualquer modo, era necessário preveni-lo, ainda, de um perigo sério e que parecia não levar bastante em conta. Já lhe falara contra o exagero da importância atribuída a certos pecados, uma vez cometidos. Convinha, porém, voltar sobre aquilo, mostrar-lhe claramente onde estava o verdadeiro perigo.

- Nesse pântano onde você se debate, só há um laço verdadeiramente inquebrável, uma única prisão de que não há saída: o desespero. O perigo supremo é esse: que você desespere de poder deixar de pecar. Esse é, na verdade, o abismo insondável... o abismo que impediu Judas de se tornar, quem sabe, até mesmo um santo.

A surpresa de Ivo não o deteve. No entanto, mudou logo de direção:

- Olhe, Ivo - e sua voz se tornou mais grave, quase solene - há uma coisa que quero que você guarde bem e pense sobre ela, depois em casa, sempre que puder - mesmo que isso a princípio lhe custe. Promete tentar?

Depois que Ivo prometeu, explicou:

- É o seguinte: nunca, nem mesmo depois do milésimo pecado, nunca, nem mesmo depois que você se sinta instalado na vida mais miserável, na abjeção, na lama dos piores dias, nunca você *terá direito* de pensar que não lhe é possível deixar de pecar ou se arrepender.

- Nunca?

- Nunca. Ouviu? Nunca você poderá, honestamente, aceitar que a carga acumulada seja pesada demais para ser levantada ou atirada fora. Nunca você poderá, honestamente, desesperar. A tudo mais, o desespero junta essa

agravante: é desonesto, é fraude no jogo de Deus. A qualquer momento, sempre, sempre, basta um pequenino movimento de coração - um gesto, a simples intenção de um gesto - e, se Deus quiser, tudo se tornará de tal modo fácil que você mesmo nem acreditará. Nada mais há de pesar...

E, do fundo de uma experiência que, nesse momento, pareceu a Ivo muito maior ainda que de comum, padre Luis concluiu:

- A fé move montanhas, é isso. Sei por mim mesmo - posso garantir a você que é *assim* que acontece, que o mundo é assim... A todos os momentos, tudo é facílimo, se estivermos realmente dispostos a tentar e se for a vontade de Deus que seja assim.

Seguiram-se alguns conselhos de ordem imediata, dados com cuidado. A verdade, porém, é que Ivo mal os ouviu. Percebeu o sentido geral das palavras, mas seu espírito ficara preso àquela recomendação especial que o atingia tão fundo, tão decisivamente. Era de crer até que Deus inspirava aquele padre, de tal modo conseguia tocá-lo, feri-lo no que sentia mais vivo, mais à mercê dos maus ventos. E sentia-se renovado por aquela corrente que passara através dele, que chamara de novo à existência tantos pontos que julgara mortos. Tudo lhe parecia mais claro, à volta, e, agora que se ajoelhara para rezar a penitência, o altar lá longe brilhava incrivelmente aos seus olhos deslumbrados. Pelas janelas abertas, via as árvores lá fora, no pátio vazio àquela hora, tocadas pelo vento, cheias de vida. As árvores balançavam, vivendo para Deus. Em cima, o céu completamente azul, puro como nunca. Vivia também para Deus, como ele queria viver. E parecia-lhe ver Deus ele próprio, através aquilo tudo, de um modo evidente, como nunca vira, como não sonhara ver. E estava de joelhos, contrito, a alma limpa, uma imensa tranquilidade à volta.

Procuraria os gêmeos para lhes dizer que a verdade estava igualmente com eles todos e que tudo mais eram misérias e vaidades tolas diante daquela realidade única: Deus. Procuraria João para conversar com ele, para convencê-lo. Procuraria Lourdes para lhe pedir perdão e continuar a querê-la muito, a querê-la a vida inteira.

SAÍRA do Colégio, naquela tarde, com essa ideia: tornaria a procurar Lourdes. Por enquanto, João ficaria em paz, ele e as suas ideias erradas. E os gêmeos poderiam também esperar. Mas, precisava encontrar Lourdes urgentemente. Era absurdo deixar que tudo se acabasse entre eles daquele

modo, por uma briga sem sentido, sem realidade, como fora aquela de poucas semanas antes.

Podia se enganar enquanto quisesse - sem Lourdes, as coisas não andavam mais certo. Sentia-se só, abandonado, e nem ao menos tinha o consolo de poder pensar que fora fiel, que sofrera com dignidade. Não valia grande coisa. Não merecia Lourdes - como um João podia dizer que a merecia.

Por isso mesmo, queria-a cada dia mais, esvaindo-se em movimentos de ternura que começavam e morriam no seu coração. Não só a queria muito - lá no fundo, no que tinha de mais fundo - como precisava dela. Sem Lourdes, que valia a vida? Sem Lourdes, para que lutar pelas coisas, trabalhar, conquistar uma posição?

Voltar simplesmente a ela, pedir-lhe perdão do que lhe fizera sem querer, exigia uma coragem de que não se sentia capaz. Como chegar diante de Lourdes, como contar o que acontecera, a sua triste experiência? E como lhe prometer de novo todo o seu amor, todo o seu interesse, tudo o que ela merecia, se não se sentia seguro de si, do que ia ser levado a fazer no dia seguinte?

Ora, fora justamente essa coragem para procurá-la, apesar das dificuldades, que a exaltação daquela tarde lhe trouxera. Tudo lhe parecia de tal modo bonito e fácil que Lourdes não se recusaria a atender à sua explicação. Inclinaria o rosto amigo e sorriria com amor, com uma ternura que já antevia. O portão da casa de Dona Noca se abriria de novo todas as tardes e a rua permaneceria longo tempo deserta, de modo a ele poder ter, à vontade, entre as suas, as mãos de Lourdes. E os lábios se encontrariam num beijo rápido que não alteraria o sono tranquilo de Lourdes.

Devia pois procurá-la, escrever-lhe. E não convinha retardar, por mais tempo, o que de há muito já devia ter feito. Assim, logo depois de um jantar em que surpreendeu a todos de casa pela alegria, pelo bom humor, pela segurança com que deu conselhos a Carlos Eduardo sobre coisas da vida, Ivo se pôs a escrever uma carta a Lourdes com o propósito de explicar tudo o que se tinha passado com ele e implorar-lhe que voltasse atrás numa decisão que lhe tornara a vida impossível.

Demorou pouco. Não sentiu a menor dificuldade, nem foi necessário vencer obstáculo algum. As palavras pediam perdão por si mesmo e o amor jorrava, em protestos solenes, com a força e a abundância dos movimentos

espontâneos que a vida ainda não veio educar.

9

TINHA sido um dia de grande tristeza para Lourdes. Desde o rompimento, todos os dias eram tristes, porém poucos, mesmo os primeiros, haviam sido tanto como aquele. Sentira as horas pesadas, hostis e, à tarde, já lhe parecia um desses dias intermináveis que não havia jeito de suportar sem um acabrunhamento total.

Mais tarde, explicara tudo como uma espécie de provação à parte pela qual tivera de passar para merecer, depois do jantar, a imensa alegria que de repente lhe viera com a entrega de um envelope onde não fora difícil reconhecer a letra querida entre todas: uma carta de Ivo, escrita momentos antes, pedindo que não o abandonasse, porque precisava dela, porque a queria acima de tudo e de todas as coisas.

Alegrias em momentos assim, quando se passou dias e dias de um sofrimento mesquinho e cinzento, que mudam a face das coisas, tornando as evidências da véspera um montão de absurdos, pagam-se caro na vida - mas Lourdes ainda não sabe disso e tudo o que consegue compreender das coisas é pouco para realizar que a carta de Ivo é o fim daquele sofrimento estúpido. A carta está ali, recebeu-a há pouco - e é tudo o que sabe...

Fora Dona Noca quem a trouxera. Do seu posto de observação de todas as noites, vira, pouco antes, um vulto, logo identificado, deixando alguma coisa na caixa de cartas. Já era tarde, talvez umas dez horas, porém não hesitara em ir apanhar o que desde logo atinara ser uma carta de reconciliação. Sabia que Lourdes esperava tanto por alguma coisa daquela natureza, que se sentira transbordante de prazer. E ficara tão emocionada que até se esquecera de arranjar uma explicação para a descoberta da carta àquela hora da noite. Mas Lourdes nem sequer notara a estranheza do fato.

E, ainda daquela vez, tudo se arranjou perfeitamente bem. Diante dos termos da carta, Lourdes esqueceu as antigas queixas e mesmo as novas que aqueles dias de recolhimento no quarto tinham gasto tanto que pareciam já meio consumidas. E só pensou que também ela fizera Ivo sofrer, mais ainda talvez do que ela própria sofrera. Por mais que Ivo se tivesse comportado mal em relação ao sentimento que os unia - e disso, ele era o primeiro a se

penitenciar - não devia ter levado a zanga tão longe, sobretudo naquele momento.

Aliás, com que lucro? Agora que os maus dias tinham passado procurava uma justificativa para o passo que dera. E não achava. Por que rompera com Ivo, se era tudo na sua vida, se, sem ele, tudo era igualmente vazio e morto? Fizera a experiência somente para reconhecer que tudo era preferível a ficar separada dele? Sofrera aquelas longas semanas, aqueles dias asfixiantes, por pura tolice, por incompreensão? E ainda era ele quem pedia desculpa, quem assumia a culpa...

Recordava-se de uma tarde em que pensara em escrever-lhe, recuando da posição tomada. Uma dessas ideias que não têm dia seguinte, mas que, na hora, tranquilizam e ajudam. Diria que se enganara, que fora precipitada, que o queria muito demais para dar atenção a pequenos desinteresses de momento. Se ele quisesse, podia voltar logo. Recomeçariam, como se nada tivesse havido.

Depois, aborrecera-se até de ter aceito uma possibilidade dessas. Era Ivo quem tinha de vir a ela. E, se não vinha, se os dias passavam sem que se mexesse, era que de fato não se importava com ela. Por si, o máximo que podia fazer, era esperar.

Agora, sofria com a injustiça cometida. Devia ter ido a ele naquela tarde. Devia ter seguido o movimento do coração. Não o fizera, porém, e Ivo sofrera com isso. Bastava ler a carta que estava diante dela, para ver quanto e como... Expusera-o ao perigo de se perder. Sua falta parecia-lhe imperdoável.

A carta falava em coisas que Lourdes não entendia bem. Complicações de vida íntima que, aliás, pensava ela, talvez fosse melhor não compreender. Sentia, por detrás daquilo, muita coisa que não lucraria em ser tirada a limpo.

A verdade era que, na sua sede de se ver perdoado inteiramente e em pleno conhecimento de causa, Ivo achara indispensável se referir, ainda que em termos velados, às suas novas experiências. Revelação totalmente absurda para uma menina criada, como Lourdes, na absoluta ignorância de todo o mal da terra. Aliás, revelação ainda parcial, que só iria ficar clara, quando, dias depois, contando tudo a Nininha, essa lhe explicasse, simples e inequivocamente, que lugares Ivo estivera frequentando.

Por enquanto, porém, Lourdes não percebe nada. E a noite é de total

felicidade. Assim que termina a carta, corre ao telefone e, apesar da hora e da possibilidade de ser ouvida pelo pai, chama Ivo e ali mesmo se firmam os novos pactos. No dia seguinte, à tarde, se veriam. E todas as tardes mais. E sempre e sempre... Tudo ia recomeçar. - Melhor do que nunca, tinha certeza.

Foi uma noite feliz, para ambos. Depois de tantos dias de angústia, Lourdes sentiu que não havia mais contrariedades para o futuro. No dia seguinte, receberia o anel e as cartas devolvidas num momento de desatino. E, das suas mãos, não sairiam mais.

O EXCESSO de entusiasmo de ambos, nessa noite, fez com que, no dia seguinte, o encontro os decepcionasse um pouco. Especialmente a Ivo que esperara uma Lourdes mais compreensiva, mais à altura do que chamava: o seu drama. A ignorância em que Lourdes se mostrou do que se passara com ele durante aqueles dias de separação, não a soube compreender. Não a queria censurar naquele dia, mas, não pôde deixar de pensar que se mostrara um pouco fria, por demais igual à Lourdes de antes do rompimento.

Por seu lado, Lourdes o achara pouco contente, ainda preocupado com outras coisas. Já que faziam as pazes, já que não havia mais nada, por que persistir naquela atitude antiga? Ou não tinha ficado tão alegre quanto ela? Ou havia alguma coisa nova que não queria dizer por medo de perturbar a felicidade daquele reencontro?

Tanto um quanto outro sentiram alguma coisa destoando no céu aberto que tinham imaginado. Nada de importante, felizmente, e o encontro continuava a ser o grande acontecimento sonhado. Contudo, não fora exatamente como cada um havia imaginado. E não restava dúvida: haviam voltado ambos para casa com uma vaga apreensão.

Assim, já nessa idade, duas criaturas que se reencontram em condições como essa, sofrem da impossibilidade de perfeita compreensão. Mais uma vez, o choque entre o ser imaginado e o ser real, entre as palavras que lhe pusemos na boca momentos antes e as que ouvimos momentos depois, vêm revelar insondáveis abismos entre almas as mais próximas. Não é propriamente o amor que é impossível na terra. A comunicação entre os seres é que falha a todos os instantes, o silêncio traindo, as palavras traindo, o mundo inteiro traindo sempre que duas criaturas precisam realmente se

entender. O amor não é impossível. Seguramente não o é. Mas, é um milagre - o milagre de um equilíbrio que nada consegue romper, apesar de sua infinita fragilidade.

Naturalmente, se Ivo e Lourdes, ao voltar para casa, pudessem perceber com clareza o que o encontro representara de decisivo para suas vidas, quanto a felicidade futura de ambos dependera de terem conseguido entregar, um ao outro, um pouco mais ou um pouco menos do que ia de dolorido e angustiado em suas almas, naturalmente, se tivessem uma consciência tão viva do verdadeiro sentido dos acontecimentos que ainda estavam vivendo, teriam chegado desanimados, convencidos de que tudo ficara por se fazer ou de que, o pouco feito, já começava a desmoronar.

No entanto, sentem-se felizes e quase tranquilos, ansiosos pelo dia seguinte. E os dias passam naquela primeira semana de reconciliação sem nada de decisivo. Apenas, o restabelecimento de um hábito antigo: o de se verem todas as tardes. A alegria ainda é grande para que as pequenas decepções signifiquem alguma coisa.

Assim, durante aquela semana, Ivo se sentiu completamente transformado. Não era só a felicidade junto de Lourdes. Ao lado dessa alegria, defendendo-a provavelmente, uma enorme tranquilidade quanto ao resto. Tinha sido Lourdes, tinham sido as palavras de padre Luis? - Não sabia. Contudo podia garantir que, de repente, tudo como que cessara e as terríveis tentações de antes não haviam reaparecido. Não se tratava dele ter forças para resistir. Apenas, delas não aparecerem, de terem como que misteriosamente fugido de sua vida. O próprio sono lhe vinha fácil, à noite - um sono tranquilo, sem pesadelos.

DEPOIS bruscamente, eis que um dia, já na semana seguinte, o final de que tudo ia recomeçar viera num sonho, a que, ao acordar, não dera grande importância, mas que o perseguira o dia inteiro. E, à noite, já antes mesmo do novo sonho, tão ruim como o anterior, tudo se envenenara na sua alma e, na imaginação, mais uma vez, tinham triunfado as forças do mal.

Acordara, no dia seguinte, humilhado e sem ânimo. Desesperado consigo mesmo, levara se amargurando o dia todo. De que servia rezar, comungar, se era assim, se no fundo dele o que havia era aquilo, aqueles

desejos que queriam ser satisfeitos de qualquer modo?

A alguns dias de relativa calma, seguiu-se nova crise. O intervalo seguinte já foi menor. E, em pouco tempo, podia constatar que só havia em sua alma a velha luta que o levara à casa de Mme. Ninon.

A própria Lourdes o tratava, já agora, de modo diferente, cheia de reticências, de pequenas fugas e recusas misteriosas. A confiança das primeiras semanas depois da reconciliação, já não a encontrava mais. Em consequência, também ele se fechava, sem confiança no seu amor, sem coragem de falar - guardando para si uma série de coisas que sabia que não devia esconder de Lourdes.

No momento, porém, ainda é a outra crise o que mais o preocupa. E não sabe como explicá-la. Talvez tenha confiado demais nas suas forças, no auxílio misterioso que recebeu de padre Luís. Talvez tenha descansado demais, ou esquecido de novo a estranha união que prende o “vigiai” ao “orai” segundo a fórmula que lhe ensinaram.

Não chega a nenhuma conclusão. Sabe só que, agora, tudo é diferente. Confissões e orações não têm o menor efeito. Já nem mais consegue rezar com fervor. Talvez mesmo João tenha razão e aquilo não tenha sido senão uma simples “crise religiosa” - alguma coisa já inteiramente ultrapassada.

De qualquer modo, sente-se diante de um fato consumado. A tentação se instalou de novo nele. Os maus desejos vêm, como vinham antigamente. Consegue resistir no início, porém o sono foge logo e as piores imagens povoam sua cabeça, como se ocupassem um terreno vazio e abandonado de há muito. É uma estranha sensação essa - pensa Ivo: ver-se, de repente, como que tomado de assalto por não ter querido aceitar logo o inevitável... Sente-se irritado e seus esforços para reagir lhe parecem inúteis e desprezíveis. Se a própria Lourdes nada pode por ele, que adianta lutar? Para conseguir o quê? E é nesses momentos de fraqueza que os pecados antigos voltam com mais violência, deprimindo-o.

FOI João quem lhe disse, certa tarde em que conversavam sobre essas novas dificuldades:

- Escuta, Ivo, se você está nesse estado, por que, em vez de se atolar na repetição dessas porcarias que não são de homem, por que não vai à pensão, uma noite dessas, e não resolve logo essa história... pelo menos por um

tempo? Ninguém é mais contrário a esse gênero de aventuras do que eu, você sabe. Mas, numa situação dessas...

Ivo o olhou, entre surpreso e irritado. Veio-lhe à cabeça pronunciar o nome de Lourdes. Deteve-se porém. Preferia não dizer nada. Se João não sentia o absurdo que havia nele voltar à casa de pensão tendo reatado com Lourdes, melhor para João - era que não tinha sentimentos. Deixou o conselho sem comentário, como se ainda estivesse pensando, medindo possibilidades.

Ficaram algum tempo calados porque, por seu lado, João não sabia o que dizer. Só depois de falar é que se lembrara: aquilo seria trair Lourdes, pelo menos para o modo de pensar de Ivo. Mais um preconceito diante do qual esbarrava. Contudo, que fazer, se Ivo se recusava a ser livre, senhor de si mesmo? No entanto, depois do seu conselho, depois do silêncio de Ivo, João se sentia terrivelmente embaraçado. “E se Ivo imaginar que estou querendo afastá-lo de Lourdes?”.

Não, nenhuma má intenção no seu conselho. Desde que Ivo e Lourdes se reconciliaram, recusou-se a pensar mais em Lourdes. Não desistiu de nada, naturalmente. Lourdes será sua mulher, sobre isso não tem a menor dúvida. A reconciliação não poderá demorar muito. Ivo e Lourdes não nasceram um para o outro, seus temperamentos não combinam. E a admiração pelo pai o leva a esse pensamento decisivo: “Lourdes precisa de um homem como eu, não como Ivo.” Seu pai lhe explicara, em tempos: - “Seu amigo pode casar com a mulher de que você precisar se separar, nunca viverá feliz com a mulher com quem você se tiver dado bem...” No momento, não pensara em Lourdes. Nem podia imaginar, então, que ainda viesse a disputá-la a Ivo. Só depois compreendera: o que separava Lourdes de Ivo era justamente o que a aproximava dele.

Pensava assim, pelo menos. E com a confiança que tinha nas ideias do pai e nas que lhe nasciam dessa fonte, considerara encerrado o debate. Resolvera esperar. Não podia mesmo pensar em se aproximar de Lourdes antes de tudo aquilo estar liquidado. E raciocinava, nos momentos de maior contrariedade: “Nem que a isso não me obrigasse a minha amizade por Ivo. A própria Lourdes não me olhará, enquanto a questão entre ela e Ivo não estiver definitivamente decidida.”

Mas, apesar da amizade por Ivo, sentia que, no fundo do coração, não deixava de sofrer. Se Lourdes lhe pertencia por direito e por destino, por

que é que era um outro, e não ele que passava as tardes com ela, que tinha licença de ter entre as mãos a sua mão, de beijá-la nos momentos em que era certo que Dona Noca não podia estar vigiando? A esse outro, certamente não guardava rancor, porque era Ivo. Contudo, sofria e inconscientemente desejava o fim de todo aquele episódio, daquele intermédio louco. E, mesmo sem o querer e sentir, trabalhava nesse sentido...

NAQUELA tarde, não haviam dito mais nada de importância. Contudo, três dias depois, voltaram a conversar longamente.

Como Ivo continuasse a se queixar das mesmas pequenas misérias, João resolvera levar avante o seu projeto de fazer Ivo conhecer alguma amiga de Djanira. A "crise religiosa", a reconciliação com Lourdes, tinham feito com que desistisse temporariamente da ideia. Retomava-a agora, certo de que nada podia ser mais útil ao amigo. E era tolice pensar que aquilo tivesse alguma coisa a ver com o caso de Lourdes. "Compartimentos estanques" - como seu pai lembrava sempre a quem tivesse o mau gosto de falar mal na sua frente de aventuras de homens casados.

Quando João positivou que se tratava de uma amiga de Djanira, ama seca de uma casa de família, chamando-se Maria, mulata e mocinha como Djanira, Ivo disse que não. Entretanto, ao fim de algum tempo, depois de João ter falado muito, fazendo-lhe ver que era o fim de toda uma série de dificuldades, e depois de ter pintado Maria muito mais livre e experimentada do que Djanira, pareceu mais seduzido. Acabou dizendo:

- Não sei...

João considerou a partida ganha. O resto era questão de tempo, de deixar Ivo se habituar à ideia. Prosseguiu, como se o outro já tivesse cedido:

- Falei com Djanira que precisava apresentar você a ela... Ficou de combinar, numa noite dessas.

- Que ideia, João!

- Agora, é questão de uma ocasião favorável, alguns dias...

- Espera, João. Não sei não...

- Por quê?

Ivo não respondeu, visivelmente sem jeito. João compreendeu. Tornou a perguntar de novo por quê, mas, só por formalidade. Antes da resposta de Ivo, indagou:

- Lourdes?
- Não sei se deva.
- Ora, que ideia! Que tem uma coisa com outra?
- Não sei...
- Tolice, Ivo.
- Não sei.

Ficara de pensar. De dar uma resposta depois. Mas, ficara sobretudo é com o desejo no coração, amparado por toda uma série de argumentos que João lhe fornecera para que não deixasse passar a oportunidade.

Por outro lado, cada dia suas relações com Lourdes perdiam um pouco do encanto inicial. E, em certas tardes, já tinham disso bem difíceis. Jas as traíra tantas vezes, em pensamentos, que pouca diferença faria uma aventura daquelas.

A verdade é que não podia mais deixar de pensar nessa Maria cujo vulto apenas se esboçara diante dele, às leves evocações de João. Conhecendo Djanira, imaginara Maria por esse modelo que tantas vezes, nas visitas à casa de João, prendera sua vista e dera, depois, à imaginação, longos minutos de furor. E pensou tanto em Maria naqueles dias de incerteza sobre o que deveria responder a João, que não lhe faltou nem mesmo o sonho em que se viu passeando ao lado dela numa praia, à noite...

No entanto, os dias passavam sem que João tornasse a falar no encontro. Desistira? Por seu lado, ficara com vergonha de insistir, de confessar que queria conhecer Maria - apesar de Lourdes. Mas, por que João não falara mais naquilo? Teria imaginado que não dera resposta por não querer? Ou teriam surgido obstáculos imprevistos? Passaram-se mais alguns dias e Ivo perdeu as esperanças. Pensou: “Talvez Maria ou Djanira não tenham querido e João esteja envergonhado de confessar o insucesso...” De qualquer modo, era necessário cuidar de outra coisa. E, de novo, a sombra da pensão de Mme. Ninon se estendeu sobre sua vida.

Cada dia se sentia mais atingido, mais longe dos transportes de entusiasmo da noite em que se reconciliara com Lourdes. As confissões tinham se espaçado, padre Luis tentara revê-lo com toda a sorte de conselhos, ele próprio se esforçara de todos os modos, porém era loucura querer lutar. Podia não ter voltado à casa de pensão, mas não deixara por isso de pecar. E, pior até, pecara de um modo humilhante, ignóbil para um homem. Se alguém era capaz de achar aquela miséria preferível à outra, não

só se enganava, como, pessoalmente, não devia prestar muito. Uma simples questão de caráter, de limpeza, de não se poder aceitar uma humilhação daquelas. Já que era um homem, já que a vida tinha se encarregado de lhe dar as provas disso, não podia mais se rebaixar daquele modo.

VOLTOU à pensão numa noite de sábado, depois de um dia de grande calor e de uma enorme pancada de chuva que alagou a cidade inteira. O trânsito ficou logo interrompido e custou a se restabelecer, mas isso não podia constituir obstáculo para o seu desejo. Com a disposição com que saiu de casa, mesmo que tivesse de ir descalço, por entre rios de água, iria.

Passara o dia todo assediado por desejos insistentes. E, à volta deles, acoroçoando-os, como que prolongando-os no espaço, um abafamento morno que quase impedia a respiração. E que o cair da tarde só fizera aumentar.

De dia mesmo, a tentação de ir procurar Lina o assaltara várias vezes. Ainda confiante na sua resistência, afastara a ideia. No fundo do coração, porém, o temor da noite que ia vir, das imagens que certamente não o deixariam em paz, era tão vivo que não sabia o que fazer para não pensar nele. Andara de um lado para outro durante toda a tarde. E, desde o dia da reconciliação, pela primeira vez deixara de procurar Lourdes.

O calor, a cada hora mais vivo, aumentava sua angústia. Com o cair da noite, as nuvens se formaram, densas, assustadoras. Meia dúzia de rajadas de vento pusaram as ruas em polvorosa. Matilde mandara logo fechar as janelas, preparar as velas e assumira atitude de um comandante de fortaleza que se precavê contra um ataque iminente. Lisa se encolhera, humilde, medrosa, esperando apenas... sem poder deixar de olhar, com o rabo dos olhos, o canto de parede do quarto, onde, protegida pelo armário, atravessaria o período mais agudo do temporal. Carlos Eduardo continuara a estudar, indiferente, longe de todas aquelas apreensões. E, de repente, a chuva caíra com uma violência desusada. Fora uma pancada só, rápida, porém bastante para inundar as ruas. Pouco depois, parava e o céu se abria de novo, tranquilo e puro. O calor desaparecera. E não havia mais o menor abafamento oprimindo ninguém. Matilde e Lisa se rejubilavam e o próprio Carlos Eduardo parecia ter saído do seu alheamento para sentir a revolução que se operara, o verdadeiro alívio que todos acusavam.

Ivo sentiu a modificação do tempo como uma grande força chamando-o

misteriosamente. Foi como se, de súbito, se tivesse descarregado um peso que o retivesse à terra, esmagando-o. Achou-se mais leve e olhou com alegria as ruas alagadas e o céu coberto de estrelas. E aquilo foi como um sinal, como um chamado a que, na verdade, não tinha, não podia ter o direito de resistir. Precisava se libertar do último peso que sentia retendo-o. Precisava jogá-lo fora, para que o céu se abrisse todo.

Parecia que alguma coisa o chamava, de fora. Talvez, a própria vida que desconhecera, que renegara... a vida que João garantia que ficava por detrás daqueles muros que o estavam segregando. Das ruas alagadas, vinha até ele alguma coisa que não podia deixar de ser um convite. Do céu, da terra molhada, do ar puro, de tudo emanava um apelo, naquele minuto. E ele próprio se sentia tão invencivelmente atraído que resolveu não esperar mais, ir ao encontro de Lina.

Iria naquela noite mesmo, ainda que não houvesse condução. Iria, de qualquer modo. E não poderia haver dificuldade. A água das ruas já começara a escoar. O céu aberto, claro, indicava que não havia mais nada ameaçando ou retendo o movimento das coisas. Tudo conspirava para um mesmo fim, tudo vinha no sentido da vida sem barreiras que, por seu lado, corria a ele e a que não tinha o direito de se recusar.

10

DE volta da pensão, Ivo se sentiu muito mais livre, muito mais homem. Dessa vez, não havia possibilidade de equívoco: estava a salvo de quaisquer dúvidas futuras. E, nos dias que se seguiram, construiu toda uma barragem de argumentos para fazer face a qualquer possível ataque por parte de padre Luis.

Escolhera um caminho, rompera definitivamente com outro. Ao contrário de João, que não lhe escondia o temor de vê-lo de novo cair de joelhos no confessionário, considerava seu passo decisivo. Por mais que quisesse - pensava, sem suspeitar da ingenuidade de qualquer raciocínio dessa espécie - não havia mais caminho de volta. Depois de todas aquelas idas e vindas, dos avisos que recebera e desprezara, a sua decisão lhe aparecia como uma renegação definitiva.

Estava convencido de que agira certo, de que, dignamente, só podia ter aquela vida que se abria agora diante dele. Talvez ainda não fosse a grande vida com que sonhava - e não devia ser mesmo, como João assegurava - mas, já era o caminho. Pelo menos, podia garantir que fora ali, naquela casa de pensão, que pela primeira vez realmente conhecera a vida, naquele momento inesquecível em que soubera por si mesmo o que era uma mulher.

Tinham procurado fazê-lo renegar aquele mundo imenso, descoberto com tanta hesitação e tão tardiamente, para ser puro, para não pecar contra os mandamentos da lei de Deus. Por quê? E para quê? Para poder estar mais perto de Deus? Mas, se Deus fugia cada dia mais de sua presença, se não o auxiliava - se só encontrava pela sua frente tentações e tentações?...

E a revolta contra aquelas coisas em que, quinze dias antes, ainda acreditava, ou julgava acreditar, varreu a alma de Ivo naqueles dias de agitação e desordem. As conversas com João se sucediam, sempre em torno dos mesmos temas. Às vezes, Ivo se indignava, alteava o tom, e era o próprio João quem moderava o seu ardor de destruição. Voltava então à calma habitual, porém não cessava o ataque. Revolvia sempre, incansavelmente, os mesmos assuntos. Padre Luis falava em nome de Deus. No entanto, Deus não podia querer o que ele pedia. Não podia exigir aquele

sacrifício, aquela renúncia a tudo que havia de maior, à vida que lhe vinha trazer a sua maior dádiva. Deus não podia querer uma renúncia, uma morte daquelas. O que devia querer era outra coisa, um modo de viver que representasse vida e não morte. Deus, aquele feitor que não fechava os olhos? Deus, aquele vigia mesquinho, tomando conta dos prazeres dos homens, um por um? Deus se erguendo contra aquele ato que lhe dava tanto prazer e que o fazia sentir coisas tão grandes?

Nesses dias de ingenuidade delirante, de descobertas da falta de limites do mundo condenado, sempre que tinha ocasião de falar sobre esses assuntos, chegava às mesmas conclusões. A seu lado, João concordava, emocionado, quase esquecido de que Ivo não fazia senão aportar às regiões onde ele próprio já estava, quando, meses antes, a amizade que os unia havia entrado na sua nova fase. E, à sombra dessa inesperada reviravolta de Ivo, desfizeram-se as pequenas nuvens que se tinham formado entre os dois, nos últimos tempos.

Na aula, a situação de Ivo era agora bastante diferente. Apesar de não querer se meter nas discussões, que não cessavam, não podia deixar de tomar partido. Com escândalo dos gêmeos, não raro se lançava em campo contra alguma afirmação mais leviana de Luis Soares ou contradizia abertamente o Brandão. Talvez não chegasse a endossar certas calúnias, porém sorria traiçoeiramente quando Arnaldo ou Álvaro falavam do voto de castidade dos padres.

Ivo se irritava consigo mesmo, nesses momentos. Era, todavia, mais forte do que ele. Desprezava-se pela fraqueza de não ter ficado calado, mas não podia resistir e falava, apoiava, discutia. Era como se estivesse se vingando de alguma coisa que lhe tivessem feito. Precisava estar do lado daqueles que atacavam com violência os falsificadores da vida, os loucos, os verdadeiros alienados que lutavam contra o prazer em nome de Deus. Não podia fazer como João que, esse, em caso nenhum se manifestava, sentindo-se superior a tudo aquilo. Tinha que discutir com os antigos aliados, convencendo-os de que estavam errados. Questão de sinceridade, de não poder mais ficar calado.

AO VER que Ivo espaçava suas confissões e voltava às antigas dúvidas, padre Luis tivera uma imensa decepção. Era evidente: assim, em pouco tempo, estaria de novo em plena lama e todo aquele recente esforço, tão

bonito e tão grande, perder-se-ia inteiramente, atirando fora aquela extraordinária oportunidade que Deus ainda lhe oferecera.

De confissão em confissão, percebera a degringolada. Debalde tentara chamar Ivo a uma verdadeira compreensão do novo perigo que corria. Sentira-o desanimado, sem forças para resistir. De um certo momento em diante, suas palavras não o tinham mais atingido, as exortações morrendo sem produzirem efeito algum.

Nessa luta ingrata permaneceu muitos dias, até perceber o que o recuo, o silêncio e a falta de jeito de Ivo significavam: voltara à vida de pouco tempo antes e não tinha mais coragem de se confessar. Por isso se afastava, esquivava-se, procurava companhias protetoras.

Era o que tanto temera, a provação mais séria pela qual Ivo tinha de passar. Era o momento em que mais iria precisar de auxílio, de alguém que lhe estendesse a mão. Precisava procurá-lo, vencer com habilidade as dificuldades de uma aproximação, esclarecê-lo, mostrar-lhe o caminho de volta.

Tentou várias vezes, nos dias subsequentes, porém Ivo tornou impossível qualquer aproximação. Logo da primeira vez, sentiu: estava em plena crise e era inútil querer forçá-lo. De uma vez mesmo, a recusa fora inequívoca, de uma dureza surpreendente. E tão mais grave, se dera na presença de padre Paulo que não se privara de um pequeno comentário, sem maldade, mas amargo na sua ironia velada.

- Anda de cabeça virada, ultimamente, ao que dizem. É da idade. Quase todos passam por essa crise, é preciso não dar muita importância...

No entanto, o que mais o afligira, não fora o modo desusado, impolido, e sim a recusa definitiva diante da mão que tentava lhe estender. Aquilo, sim, magoava fundo. Aquilo, sim, era a tristeza daquelas noites de oração constante, de esforço para merecer de Alguém uma graça que, por si, esse pobre Ivo iludido tinha desistido de pedir e já nem mesmo queria...

NÃO ERA padre Luis a única pessoa a quem o novo modo de pensar de Ivo preocupava. Lourdes também sofria e a própria Matilde se inquietara, certa tarde em que ouvira uma conversa entre Ivo e Carlos Eduardo. Felizmente - pensava Matilde - Carlos Eduardo não deixara de rebater com seguranca, e por si mesmo, todas as tolices que o irmão dissera sobre a Igreja Católica e sua história. E Ivo saíra derrotado. Mas, ficara preocupada,

cuidando que talvez fosse bom vigiá-lo e prevenir Lisa para que, também ela, ficasse atenta. Hesitou alguns dias, desistiu da ideia de alertar a irmã, porém a preocupação não a abandonou.

Entretanto, de todos, era Lourdes quem mais se inquietava com as modificações de Ivo. E o cuidado passou a ser sofrimento, depois da tarde em que Nininha a esclareceu sobre o que havia de obscuro e turvo no novo modo de viver de Ivo.

Tinham conversado sobre a reconciliação, sobre os antigos motivos de queixa, sobre os novos, mais recentes e ainda vagos, sobre certos trechos confusos da carta que Ivo escrevera. E Lourdes, diante do espando, da curiosidade de Nininha, não resistira e mostrara uma das páginas da carta, a que continha todos os mistérios.

Nininha não rira. Ficara até um pouco encabulada. E explicara tudo, contando-lhe o que sabia daqueles lugares onde os rapazes da idade de Ivo costumavam ir, onde muitas vezes "descobriam a grandeza das dimensões da vida que iam viver" - como um deles lhe dissera, uma vez, frase que nunca pudera esquecer.

Lourdes ficara calada, mas as palavras tinham entrado nela para sempre. Nada dissera, todavia ouvira tudo - a seu modo, naturalmente, porque ainda ignorava muitas coisas. E, à noite, pensou naquilo, na barreira que aquelas misérias pareciam vir criar entre ela e Ivo.

Não tinha dúvidas: depois da reconciliação, Ivo voltara àqueles lugares, dos quais, na carta, ainda falava com tanta repugnância. Apesar dos protestos, dos encontros diários, voltara. Nem de outro modo podia se explicar a mudança da atitude de Ivo.

Nininha culpara João Graça, o amigo inseparável. Ela, porém, não acreditava naquelas intrigas. Sempre tivera muita simpatia por João, a quem Ivo fazia muitos elogios, de quem sempre gabava tanto o juízo precoce e cuja opinião reproduzia tanto. A Nininha mesmo, objetara tudo aquilo. Em resposta, a amiga repetira o que ouvia sua mãe dizer: - "Olha, filha, só há uma coisa pior do que homem sem religião: é mulher que diz que não crê em Deus e não pede à Virgem para vigiar os filhos, o marido ou as pessoas da família"... Nininha assegurava: ela, Lourdes, podia desde já pôr João de quarentena - se Ivo estava de cabeça virada...

A Ivo, Lourdes nada contou do que Nininha lhe explicara, mas as perguntas mais diretas, mais incisivas, não demoraram. E as discussões

levaram a pequenas brigas que, por mais curtas que fossem, não deixavam de espantar a Dona Noca. E Lourdes foi compreendendo que o desinteresse de Ivo, razão de ser do rompimento de tempos antes, era ainda mais profundo do que pensava. Precisava dela, talvez... como dizia tanto. Precisava, mas era para se distrair à tarde, sem mais. Nada que desse cuidado, atrapalhasse a vida, sua liberdade de menino que queria se divertir. Nininha assegurara que, entre si, os meninos dessa idade só tinham um modo de ver as coisas: - "É preciso aproveitar a mocidade"... Nada mais além disso - garantia a outra, achando certo que fosse assim. Nininha parecia saber de mais, mas devia ser assim. Estava verificando, agora, por si mesma. Ivo queria aproveitar a mocidade - aproveitá-la de todos os modos: com ela, com outras, quem sabe, em outros portões, em outras tardes ou à noite, antes de ir para aqueles lugares ruins de que parecia gostar tanto, apesar de tudo neles ser "baixo e miserável"...

E, ao compreender que Ivo estava perdido para ela, a tristeza encheu de novo seu coração. Uma tristeza pequenina e mesquinha que não é bom ver nascer em criaturas meigas e simples, como Lourdes. Nem por um momento lhe passa pela cabeça que a existência de cada ser é enorme e que os homens como Ivo só têm um amor na vida e estarão sempre à volta dele, não importa onde estejam. Ou pensa que os dias trazem os dias, implacavelmente, e as novas mágoas, a vontade dos antigos consolos, insubstituíveis. Ou imagina que o homem é muito fraco e não tem nada que o ampare senão esse primeiro amor - e que Ivo ainda é uma criança e precisa dele. Seu coração logo se fecha, ferido no que tem de mais delicado e sensível. E não se entrega mais. Será só desconfiança, mesmo nos poucos momentos em que, ainda hesitante nos novos caminhos, Ivo procura atingi-lo, numa carícia mais meiga, num olhar mais aflito, num dos gestos antigos que perduram, que são como os últimos apelos que lança à sua compreensão, ao seu amor.

Lourdes, porém, é só mágoa, ressentimento, desilusão do que esperou e não teve, do que Ivo lhe prometeu e não deu: - esse interesse, esse amor que, provavelmente, está distribuindo à toa, a muitas... E, no fundo do seu coração, já uma recusa decisiva a deixar dividir o que já possuiu sozinha, uma condenação muda que só espera uma ocasião para se transformar em rutura - a última, a definitiva dessa vez.

E OS DIAS continuaram a passar sem novidade para Ivo, até que, numa

manhã, uns dois meses antes do encerramento dos cursos, foi tirado da cama por um telefonema de João. Queria falar-lhe, antes do início das aulas: coisa que interessava muito a ele, Ivo, e que não era possível explicar pelo telefone.

Ivo compreendeu logo de que se tratava. No entanto, só ficou descansado quando João positivou, no Colégio, que se tratava mesmo do encontro com Maria. Seria no domingo seguinte. Djanira e Maria tinham combinado dar um passeio com eles dois, aproveitando o dia de saída em comum.

Ivo exultou. E ele que cometera a loucura de perder a esperança na promessa, só porque tinha custado e João silenciara. Por seu lado, João estava contentíssimo. Dia a dia, a resistência de Djanira ia diminuindo. O exemplo de Maria valeria muito para persuadi-la.

Soubera por Djanira que Maria não quisera encontro, até então, porque tinha uma aventura com o chofer da casa onde trabalhavam. Para Djanira, Maria era uma louca: não temia nada, nem filho, nem coisa alguma. Prevenia-a, sempre. A outra não queria ouvir falar a razão, e sim aproveitar a idade - como dizia. Brigara com o chofer havia pouco tempo. Queria agora conhecer Ivo, já que Djanira insistia. João imaginava: certamente iria ter com ele as mesmas relações que tivera com o chofer. Então, ela e Djanira conversariam mais francamente. E a experiência de uma, comentada e recomentada, tornar-se-ia, aos poucos, uma tentação irresistível para a outra...

O domingo esteve longe de decepcioná-los. Desde o início, o passeio correu às mil maravilhas. Maria simpatizou com Ivo e a delicadeza especial com que a tratou cativou-a de vez. O cinema que se seguiu ao passeio fez o resto. A falta de jeito inicial desapareceu e Ivo tomou coragem para todas as ousadias. E foi ao próprio quarto de Maria, no qual sorrateiramente se introduziu, lá pelas onze horas da noite, enquanto Djanira e João voltavam para casa, repetindo mais uma vez a aventura falhada de tantas vezes.

Horas depois, Ivo saía do quarto, de mansinho, para não despertar ninguém. E nunca um ladrão foi mais cauteloso no abrir de uma porta e no encostar um portão.

Voltou para casa cantarolando pela rua, sem se conter de alegria. Podia dizer que tivera exatamente aquilo com que andara sonhando: uma mulher sua, que o quisesse com a mesma intensidade com que ele a queria. Tivera

tudo isso e de um modo tão grande, tão intenso, que era difícil imaginar melhor. Alguém já sentira o que ele tinha sentido, naquele noite? Alguém?

Por momentos, parecia-lhe impossível. Do contrário, como não viviam essas pessoas gritando que aquilo era a coisa maior e melhor do mundo? Certamente, se permaneciam caladas, era porque não sentiam daquele modo vivo, forte. Ou não encontravam criaturas como aquela Maria que parecia só querer uma coisa na vida: prazer, prazer, mais prazer - e que, em certos minutos, dava a impressão de uma louca, de uma desatinada, sabia lá do que ainda! Ou tinham dúvidas sobre a sinceridade da mulher com quem estavam, suspeitando-a de simular ou exagerar o prazer demonstrado, por um motivo qualquer quem sabe porque pagas para aquilo, como no caso das casas de pensão...

Fosse como fosse, o inegável é que bem poucos deviam ter aquela sorte incrível de encontrar - e justo naquele momento - uma criatura com a natureza e as qualidades extraordinárias de Maria. Menos bonita do que Djanira, talvez um pouco menos clara de pele, mas, quantas outras vantagens! Na verdade, um presente régio da sorte e feito exatamente quando menos esperava.

No dia seguinte, contando a João - a João que não cabia em si de espanto por ver que conseguira, logo na primeira noite, o que ele ainda não obtivera, depois de meses e meses de espera - parecia Leandro no dia em que voltara da casa de pensão. Não poupou o mais insignificante detalhe, numa abundância e num entusiasmo que surpreenderam o próprio João. Quase invejoso, perguntou:

- Quando é que você volta lá?

- Hoje mesmo, João.

- Hoje?!...

- Então?

Brincaram sobre a resistência de Ivo. Riram muito. Ivo se vangloriava: Maria exigia que voltasse, naquela noite mesmo e, por nada do mundo, deixaria de ir. Nem que, para isso, tivesse de se cansar um pouco, o que provavelmente não aconteceria... De qualquer modo, Maria mandava. João lhe deu razão e separaram-se com as melhores disposições do mundo.

Foi uma nova noite de ardor que se prolongou mais ainda do que Ivo julgara possível. Assim, no dia seguinte, João o encontrou ainda entusiasmado:

- Agora sim, encontrei a vida. Agora sim, João...

- Eu não dizia?

- Não porei mais os pés numa casa de pensão, nunca... Por nada desse mundo, João!

- Ainda bem.

- Agora, é outra coisa! Só quem não sabe o que é ter uma mulher nos braços, dando prazer a você porque quer, e você dando a ela porque ela quer, é que pode pensar em ir a uma casa de pensão!

Satisfeito com a vitória, João tripudiou longamente. E, juntos, enterraram nesse dia casas de pensão e pessoas que as frequentavam, Leandro, Marcos, Rui, Carlos: pobres ingênuos que não conheciam a vida e viviam estupidamente pensando que a tinham encontrado ali onde não existia, ou existia tão fraca que mal podia ser percebida na sua verdadeira realidade.

E seu entusiasmo fora tão vivo que, à tarde, quase se traíra diante de Lourdes. Não falara nada de mais. Contudo, pareceu-lhe ver Lourdes desconfiada da existência de uma nova aventura na sua vida.

AINDA que bem menor, não era menos real o entusiasmo de Maria por Ivo. Nas horas de mais folga, largava o serviço para ir conversar com Djanira que trabalhava apenas dois quarteirões adiante. Falava muito e não se cansava de elogiar Ivo e as noites que estavam passando juntos, gozando uma vida de que ela, Djanira, tão tolamente se privava. Discutiam com veemência e, agora, cada dia Maria saía mais vitoriosa.

Falando de Ivo, Maria explicava:

- Muito menino, não conhece as coisas ainda, mas é dos valentes...

Djanira caçoava, Maria insistia:

- Dos valentes! Coitada da pobre que ficar caída de verdade por ele.

- Olhe lá, Maria!...

- Eu? Você é boba, filha. Eu? Sou lá idiota!

Djanira protestava. Ninguém sabia nunca no que podia acabar uma história daquelas. - “A gente põe, e Deus dispõe” - acrescentava, cheia de receio. Maria ria dos seus temores:

- Eu lá quero saber disso, Djana...

- Pode não querer... eu também não quero - Deus me livre! - Mas, a gente não sabe nunca... nessas coisas.

E as conversas iam e vinham, em torno desses pontos, aparentemente sem avançar. A Maria, porém, Djanira parecia já muito abalada e agora, sentia, era só João saber levar as coisas.

ENFIM, no domingo seguinte àquele em que os dois casais tinham passeado juntos, João apareceu, logo de manhã cedo, em casa de Ivo. Vinha radiante, o olhar transbordando de satisfação. Foi logo exclamando:

Enfim, Ivo! - e diante da surpresa de Ivo, continuou: - Até que enfim, ontem de noite...

Ivo compreendera logo. João parou e os dois se olharam com emoção, cada qual mais transtornado pelo que já sabia da vida, pelo que estava recebendo cada dia. Ficaram por um momento sem saber o que dizer. Mas João transbordou logo:

- Eu não disse que, depois do caso de vocês dois, era só questão de mais uns dias? Parece que a Maria andou contando tais coisas...

- É? - e Ivo era só ouvidos para o que João ia dizer: mais uma impressão de Maria sobre ele, sobre as suas qualidades, sobre o seu ardor...

- Parece. Ontem de noite, percebi logo as coisas mudadas, diferentes. E a bichinha não resistiu. Mal foi preciso pedir.

Comentaram longamente. Depois, João concluiu:

- Vamos celebrar hoje a vitória, todos juntos? Vamos?

Ivo concordou, porém, subitamente, lembrou:

- Ora, João, não posso não! Que diabo!

- Por quê?

- Prometi sair com Lourdes... Eles, em casa de tia Noca, vão visitar não sei quem em Jacarepaguá e eu fiquei de ir. Lourdes faz questão...

João não insistiu. Contudo, a alegria de pouco antes morreu instantaneamente. E já se ia formando um certo mal-estar quando, de repente, Ivo explodiu:

- Ora bolas! Que é que eu vou fazer em Jacarepaguá, com Lourdes, e tia Noca, e tio Lucas, e não sei mais quem, se Maria está aqui?

Em silêncio, João esperava. A irritação de pouco antes fora desaparecendo, à medida que Ivo falava.

- Lourdes que vá sozinha! Eu vou mesmo é sair com Maria e com vocês. Vamos embora celebrar essa vitória!...

Foi, de novo, a confiança e a plena alegria entre os dois. As últimas barreiras caíram e falaram durante muito tempo sobre as mesmas coisas,

num entusiasmo delirante que nunca mais esqueceram, nem mesmo depois, quando tudo se modificou para ambos e conheceram a vida sob outros aspectos, longe um do outro, irremediavelmente separados.

Eram as mesmas coisas as que um e outro diziam. Tinham de tal modo sentido identicamente, naquela última experiência, que só podiam dizer aquelas palavras de entusiasmo. Era uma só, a mesma, a descoberta que tinham feito. Não era? Por um momento, ficaram calados, se olhando, se compreendendo, unidos a ponto de pensarem, no mesmo instante, que debalde a vida poderia querer separá-los. Agora, não seria mais possível. Depois, entre eles, que já tinham acabado de dizer tudo o que pensavam saber sobre a vida, correu um mundo de palavras e exclamações: um mundo que pareciam ter descoberto naquele instante e a que davam forma e nome como só dois criadores teriam força e ingenuidade para fazer. Sentiam-se tão próximos, tão solidários na aventura dos homens, que nenhum teve vergonha de se mostrar tão nu diante do outro.

11

ESTAVAM ali diante dele a carta que procurara a reconciliação poucas semanas antes, as cartas escritas para S. Lourenço e o anel de ouro - tudo num embrulhinho mal feito, sem uma palavra de explicação, sem nada que indicasse procedência. Lia apenas no subscrito o seu nome e era letra conhecida, a letra que gostaria tanto, naquele momento, não fosse de Lourdes.

Todavia, era. Lourdes rompia, e rompia de vez, sem nem querer vê-lo, dar-lhe direito de dizer alguma coisa. Rompia, como sempre temera que rompesse: definitivamente. Inútil se iludir - um gesto daqueles, depois do anterior, era um gesto sem apelo, decisivo numa criatura que sabia o que queria, incapaz de tentar entender os outros.

Não compreendia bem a decisão. Lourdes parecera aceitar a explicação, dois dias antes, sobre a impossibilidade de sair com ela no domingo. Dissera ter passado o dia com um pouco de dor de cabeça, só saindo, à tarde, para dar uma volta na praia, tomar um pouco de ar - coisa de uns cinco ou dez minutos. Na hora, Lourdes caçoara do bem arranjado da sua “mentira”, mas, por isso mesmo, não acreditava que tivesse desconfiado. Era bem verdade que, no dia seguinte, devia almoçar em casa de Nininha. Que teria dito essa menina impossível que sabia ou pensava saber todos os segredos? Da sua aventura, já teria por acaso transpirado alguma coisa? Alguém já o teria visto passeando com Maria?

Nesse caso, certamente Nininha saberia. E, em consequência, Lourdes já teria sido informada. Talvez tivesse sido isso. E quem sabe, não demorara tanto em casa de Nininha justamente para não poder estar à tarde no portão, evitando assim, uma explicação de viva voz?... Já decidida a romper, não quisera encontrá-lo. Na manhã seguinte, enviara as cartas e o anel - aquele embrulho mal feito, tudo o que ele parecia merecer, como despedida.

Apesar da mágoa, telefonou-lhe à tarde. No Colégio, contara tudo a João e esse ficara, subitamente, muito pálido. Parecera a ponto de aconselhá-lo a procurar Lourdes, a não deixar que aquilo acabasse de qualquer modo modo: nada dissera, porém. Compreendera, de qualquer maneira, o que

estava pensando e resolvera telefonar.

Reconhecendo logo a voz, a criada fora chamar Lourdes. No fim de alguns instantes, voltara murcha, desencantada, dizendo que Lourdes tinha saído e não sabia quando voltava. Ivo não perdera a calma e tranquilamente pedira que, quando chegasse, desse notícia do seu telefonema, pois precisava falar-lhe com urgência e ficava à espera do seu chamado.

O telefonema, naturalmente, não veio e Ivo não foi à casa de Lourdes. Se não queria mais saber dele, se fazia questão de humilhá-lo com um rompimento daqueles, sem explicações, melhor para ela... Também rompia, também não tinha explicações a dar. Maria lhe bastava. O Colégio estava para acabar, era quase um homem, não podia aceitar que o tratassem daquele modo infantil e ridículo. Não havia mais nada entre eles, podia namorar quem bem entendesse.

João discordou de seu modo de agir, não discutiram. Precisavam estar de acordo. Maria e Djanira faziam com que ambos, facilmente, tirassem o sentido de Lourdes. Mas, João sabia: Djanira era uma aventura - por maior que fosse - um simples passatempo, nada que pudesse se confundir com o curso de sua vida. Este estava adiante e era com Lourdes que o tinha de seguir.

O MESMO Álvaro que dissera, a padre Luis, que Ivo estava andando em más companhias por lugares proibidos, apressou-se a informá-lo do novo gênero de vida dos dois amigos. O prazer de se vingar da “traição” de Ivo, junto ao de poder mostrar Ivo e João num mesmo nível de “degradação”, haviam dado forças a Álvaro para vencer a resistência em ouvi-lo que sabia certa em padre Luis, assim abordasse o assunto.

Fizera tudo sob a forma de uma consulta, ingênua, abusando dessa vez da falta de inteligência que, comumente, lhe era permitida. Começara lamentando que nas “lutas” dos “recreios”, Ivo não só os tivesse abandonado, como até houvesse mudado de partido. Antes que o padre falasse, acrescentara:

- Provavelmente, padre, é influência de João, da vida que estão levando.

Surpreso, padre Luis manifestara certo espanto. Talvez mesmo houvesse chegado a formular a pergunta que se fizera, ele próprio, se Álvaro não tivesse imediatamente contado tudo, ou pelo menos o que sabia: João e Ivo estavam mantendo regularmente relações com duas empregadas, moças

solteiras, que os recebiam à noite em seus quartos e com quem saíam aos domingos. E Álvaro indagava, justificando por essa consulta o fato de lhe ter vindo falar: - Havia alguma coisa de especialmente grave nesse pecado cometido contra o sexto mandamento ou era igual aos outros?

A censura fora maior ainda do que esperava. Padre Luis se indignara, perdera mesmo um pouco a calma. Que pretendia? Queria enganá-lo com pretextos? Que tinha ele com a vida de João, de Ivo? Não tinha a sua, os seus pecados? Por que então se ocupava tanto com os dos outros?

Depois, serenara e tentara explicar: cada um respondia pelos seus próprios pecados. Por maiores e mais tristes que fossem, Ivo e João responderiam somente a Deus ou diante de um dos seus ministros... em caso nenhum, frente aos outros homens. Deixasse, portanto, a vida dos outros e olhasse a sua...

Álvaro saiu desapontado, mas a informação lançara o pânico no coração de padre Luis. Seus pressentimentos não tinham sido exagerados: Ivo corria o grande perigo das almas que, chegando àquela idade, se recusavam a seguir as antigas regras, lançando-se na vida livre e desordenada, para descobrir por elas próprias, por entre espinhos e sangue, sofrimento e lodo, o que está achado de há muito, o que Alguém veio estabelecer para todos os que viessem depois dele.

Conhecia perfeitamente o caso. Tinha sido o de outros a quem tentara ajudar: era como se estivesse vendo, simplesmente, o passado se repetir diante dele. Conhecia aquelas crises. Conhecia sobretudo, no correr dos últimos anos do curso ginasial, aquela súbita reviravolta contra os mandamentos de Deus, contra a Igreja, contra eles próprios, padres, que se esforçavam por se tornar amigos, que os acompanhavam com simpatia e interesse e que, muitas vezes, tinham ocasião de ajudá-los tanto. De cada turma que saía do Colégio, quantos evitavam essa regeneração final? Quantos, ao sair, podiam dizer, honestamente, que ainda possuíam fé, ou alguma coisa de vivo correspondente a isso?

Nesse terreno, não compartilhava do otimismo oficial do Colégio S. Luis de Gonzaga. Talvez por isso o Reitor o acusasse de usar óculos negros... O inegável, porém, é que os alunos que saíam ainda realmente com fé, eram poucos e não os ideais - pelo menos, não os de melhor caráter ou os de melhor coração. Na turma daquele ano, por exemplo, se o Brandão escapava, havia Arnaldo, Álvaro, Luis Soares, sobre os quais fazia sérias

restrições. Podiam contar, verdadeiramente? Enquanto isso, rapazes da qualidade de Ivo e João, iam para o mau lado, renegando tudo.

Os que não quisessem ver podiam fechar os olhos. Mas, por isso, a crise religiosa daquelas almas não deixava de ser tremenda. E, quanto a ele, não podia tirá-la de diante dos olhos. Datava desse momento a maioria dos afastamentos posteriores, a indiferença de futuros homens casados que tranquilamente deixariam às suas mulheres o encargo de ter religião, ou o ceticismo ingênuo de futuros solteirões que sorririam pensando nos tempos colegiais de “misticismo”. Para que negar ou tentar encobrir? Adiantava alguma coisa confiar num futuro cor-de-rosa que a vida desmentia a cada minuto?

O fato estava ali, diante deles: a crise existia. Era quando a fé, antes sempre vitoriosa das pequenas fraquezas, vinha esbarrar diante de uma força mais forte que tudo: o mundo. E dentro dele, reforçando-o, todo esse outro mundo, antes apenas suspeitado: a mulher. Impossível tentar convencer essas almas de que, apesar de tudo, o que ainda valia mais era não procurar conhecer esses universos novos. A tentação de desbravá-los, de provar de todas as fontes para saber por si mesmo o que queriam rejeitar, era mais forte.

Assim, com um pé nesse mundo novo e outro no antigo, travava-se para essas almas a luta decisiva - esse combate ingrato que quase sempre revestia um aspecto ridículo e deformante da verdadeira realidade: de um lado Deus, sob a forma odiosa de uma proibição, do outro a mulher, valendo por um convite, por um apelo à participação na grandeza e na beleza da vida.

Podia testemunhar: a crise de grande parte daqueles rapazes processava-se assim. E o pior era que, uma vez travada a luta, sucediam-se vitórias de um lado e de outro. Quase sempre, porém, o lado de Deus era o mais fraco. Tudo parecia conspirar contra ele, e nada vinha em auxílio da alma em perigo. Aos poucos a vitória final principiava a se desenhar, inequívoca, tão inequívoca como no caso de Ivo já parecia ser - mesmo não desesperando, como absolutamente não desesperava.

Conhecia bem o processo de dominação das almas durante aquelas lutas. Tudo conspirava, então, contra a boa causa, até a própria sinceridade que ia aos poucos exigindo de cada criatura uma atitude em correspondência perfeita com sua ideia própria do que é certo e do que é errado fazer. E o

raciocínio vinha, infalivelmente: se não é possível deixar de pecar, que sentido tem o arrependimento?

Todas essas boas forças impeliam assim, nessa idade - e como se as outras, por si, não bastassem - para o abandono progressivo de uma religião que não podia mais ser observada com absoluta honestidade. Ficava ainda por algum tempo o sentimento religioso, a fé em Deus - vaga e inútil, às vezes simplesmente decorativa. Mas, o hábito do pecado gastava com rapidez essas magras reservas de sentimento, como o hábito de todas as coisas gasta tudo o que não é renovado por forças verdadeiramente criadoras. E, mais dia, menos dia, não era só da mesa da Comunhão que se afastavam esses pobres enganados, era da Igreja, era de Deus. Anos depois, nem mais sabiam certas orações. E, se acontecia de serem colhidos de surpresa pela morte, alguém tinha de dizer a oração dos últimos momentos para que a repetissem, emocionados e ignorantes das únicas palavras realmente importantes que acaso lhes tinham ensinado.

Sabia bem, nada é mais terrível do que o pecado, instalado na alma. Mesmo quando começa só pedindo um lugar para ficar, sem querer aceitação plena. Aos poucos, vai se impondo, roendo, corroendo. Devasta tudo. E eis que, sem saber como, um homem muda inteiramente de modo de pensar e, não só esquece Deus na sua vida diária, como afirma que não existe, renegando-O publicamente. Infiltração misteriosa do pecado pelas fibras do corpo, penetração lenta que não poupa nada, estranhíssima comunicação entre o que os sentidos sentem um dia e o que o pensamento acaba pensando meses depois. Só mesmo por obra daquele para que não há cansaço nem desânimo...

No trato das almas, era essa triste crise da adolescência o que mais o fazia sofrer. Talvez porque tivesse conhecido, por si, uma grande parte dessas dúvidas e angústias, e a vitória não lhe tivesse feito esquecer certas noites passadas de joelhos diante do Cristo. Talvez por um priviletio qualquer que não lhe cabia averiguar ou discutir. De qualquer modo, ninguém era mais sensível àquelas tristes crises, pequenas e muitas vezes ridículas, mas onde, não raro, um destino era jogado contra um prazer que não durava um momento.

Apesar de toda a sua experiência, de todo o seu interesse, no mais das vezes via seu esforço perdido. Ainda naquele último caso, era o que se estava dando. Ivo parecia ter perdido qualquer esperança, recusando-se a

prosseguir na luta. A encosta do abismo faria tranquilamente o resto...

No entanto, está decidido a lutar até o fim. Ivo não virá se confessar, mas não se poderá recusar a uma conversa. E, de uma simples conversa, muita coisa poderá resultar. Deus pode muito - pensa padre Luis; os homens, os padres mesmo, sobretudo os diretores de almas, não devem se obstinar em determinar os caminhos que vai tomar para chegar aos Seus fins. A todos os momentos, nas situações aparentemente as mais claras, as mais líquidas, há sempre uma sombra pairando sobre as coisas. É a sombra de Deus que é preciso não querer demarcar e, sim, servir humildemente. Segui-la ainda é possível, porém é pura loucura pensar em fixá-la. Padre Luis sabe disso, e sabe tão bem que não cessa de lembrar aos que o ouvem no confessionário que o milagre é possível a todos os instantes. Cada homem fornece o seu esforço e Deus faz o resto.

No caso de Ivo, nada está perdido. Tudo depende da vontade de Deus. Cabe-lhe, apenas, a ingrata tarefa de, seguindo a sombra sem querer demarcá-la, tentar forçar Ivo mais uma vez na sua indiferença.

AO SENTIR que padre Luis estava decidido a falar-lhe, Ivo começou a esquivar-se. Lastimava ter de chegar àquele extremo, mas, já que o padre o obrigava a isso, ali estava a resposta.

O que não podia, o que de modo algum queria, era se arriscar a novas aventuras do gênero da última, à qual padre Luis como que o arrastara, graças à sua capacidade de persuasão - a isso que João tão bem chamava o “hipnotismo” dos confessores... Acertara tão bem com o caminho, estava tão satisfeito com a vida, como podia permitir que novas fantasmagorias viessem perturbá-lo, enchendo-o de dúvidas, de remorsos absurdos?

Assim, entre padre Luis e Ivo, estabeleceu-se, durante aquela semana, uma luta curiosa de aproximação e recuos, de fugas constantes, onde Ivo, naturalmente menos experiente, levava sempre desvantagem. Contudo, a sua decisão de não aceitar a conversa não esmoreceu e João, solidário, auxiliou-o muito, sempre a seu lado como um obstáculo vivo a qualquer abordagem mais séria.

Apesar de tudo, não conseguiu evitar a conversa. Adiou-a um pouco, mas, enfim, uma tarde, poucos dias antes da festa do encerramento das aulas, no momento em que ia saindo, casualmente sozinho, padre Luis entrava da rua:

- Aonde vai, Ivo?

A surpresa e o receio emudeceram-no. Com mais presença de espírito, padre Luis falou antes dele:

- Não me diga que vai para casa com pressa, porque precisava muito lhe falar um momentinho...

Não havia como recusar. Olhou o padre com rancor. Como se podia ser importuno daquele modo? E insistente, obstinado, cego, obtuso, como se não compreendesse nada?!

- Vamos entrar - disse logo o padre. - No pátio do recreio dos maiores podemos falar à vontade. Não tomarei muito seu tempo, é coisa de um quarto de hora, no máximo.

Quando chegaram ao pátio, já agora inteiramente vazio, sentiu uma certa dificuldade em começar. Também Ivo estava sem jeito, incapaz de proferir palavra. E ainda mais: sentia-se irritado e não sabia escondê-lo. Padre Luis não se deu por achado:

- Ivo, o que vou lhe dizer tem para mim grande importância e me sinto na obrigação de lhe falar - e com a franqueza de que vou usar. Peço portanto que, se em algum ponto o ferir, você me diga logo. Minha intenção não é machucá-lo. Quero no entanto lhe falar com um amigo que fosse verdadeiramente seu amigo.

Parou, esperando alguma palavra de Ivo apoiando-o. Mas, diante do silêncio e da atrapalhação do outro, continuou logo:

- Eu creio que sei mais ou menos tudo o que está se passando com você, suas dúvidas, as razões da sua ausência do confessionário...

Não foi adiante. Ivo não se conteve:

- Eu mesmo estava querendo lhe falar, padre, para lhe dizer isso... que eu não posso mais me confessar. Foi bom o senhor falar.

- Eu sei, Ivo... Sei que, nesse momento, uma conversa entre nós só pode ser nesse tom de fala entre amigos. Sei que você não se sente em estado de ser ouvido em confissão.

Ivo acolheu a colocação como uma arapuca que habilmente se armasse para ele. Aquele padre queria, provavelmente, que admitisse o seu estado como passageiro, para depois poder se excusar de aceitar qualquer recusa decisiva de confissão. Ia falar, protestar que sua resolução era irrevogável, quando padre Luis falou de novo:

- Veja em mim, Ivo, nesse momento, mais um amigo que um padre ou

um confessor. Um amigo seu, que o conhece e sabe bem o que se passa na alma dos homens, nessa idade, não ignorando também, para a frente, o que acontece, o que o mundo reserva a todos...

Sentiu que o tom estava solene, arriscando comprometer a sinceridade do que dizia. Olhou Ivo a seu lado, acompanhou sua passada larga de pessoa habituada a grandes marchas. Aparentemente, seguindo-o em tudo, submisso. Somente aparência, docilidade do corpo apenas. No fundo, alguma coisa estava em luta contra sua influência, exigindo, insuflando mil ideias. E ele sabia bem o que era. Para a sua fé viva, irrestrita, que não temia frases nem palavras, havia ali uma terceira pessoa - justamente aquela contra quem teria de lutar agora. Mas, era preciso prosseguir, não deixando o silêncio formado pesar demais:

- Ivo, há uma coisa que quero lhe perguntar, inicialmente. Você me promete responder com toda a franqueza, como responderia a um de seus amigos?

- Claro, padre.

- É o seguinte: se essa conversa lhe desagrada, ou se você tem algum interesse nela?

- Claro que tenho. Pelo menos suponho... não sabendo direito sobre o que o senhor vai falar.

- Diga: interessa-lhe conversar comigo como conversaria com um amigo?

- Certamente - Ivo disse e sentiu que mentia, que mentia tanto que o padre devia estar percebendo.

Entretanto, padre Luis prosseguiu, satisfeito:

- Então, Ivo, diga-me sinceramente outra coisa: você já percebeu que esse afastamento a que já me referi... enfim, toda essa sua atitude, é uma crise?

- Uma crise?

- É. Quero dizer: que tudo isso passa, que é uma crise pela qual você está passando?

- Sinceramente não, padre.

Padre Luis suspirou e disse, bem mais baixo do que vinha falando:

- Era o que eu temia. Sim, que você não percebesse que tudo isso é crise... e, portanto, deve ser encarado como crise, como coisa a vencer, a afastar, a superar - coisa passageira, que é preciso não ser tomada como

definitiva.

Fez uma pausa. Ivo teve a impressão de que, depois, suas palavras caíam atiradas com uma força inacreditável:

- Mais tarde, daqui a alguns anos, tudo isso passou. Tudo. E sabe você o que ficou? Sabe? A sua fé perdida, a ausência do auxílio dos Sacramentos, sem os quais não se faz nada na vida. Ficou o quê? Um grande vazio. Nada!

- Um vazio?

- É. Um vazio de Deus, de vida superior, espiritual - de tudo o que importa. Esse vazio, e mais nada! A crise, ela, ter-se-á desfeito em pó. Seus entusiasmos de hoje? Terão morrido todos ou estarão morrendo aos poucos...

Padre Luis estava emocionado, gesticulando, vermelho. E Ivo o ouvia atento, surpreso da súbita carga levada a efeito contra sua vida, seus entusiasmos. Talvez tudo aquilo passasse, realmente. Talvez... Mas, não teria aproveitado antes, não teria gozado? E não seria então tempo de cuidar de outras coisas, do que não se gastava e não se reduzia em vazio?

- Ivo - prosseguiu o padre: - Você já pensou no que é trocar tudo o que há de mais sério, de mais decisivo, por coisas que não duram, que não resistem ao tempo?

- Que importa?

- Que importa? Importa que é arriscar tudo o que você tem de melhor - de certo - de eterno... Ouviu? E quando vier o vazio, o fim de todas essas coisas que entusiasmam hoje - como será?

- Não sei, padre.

- Mas é preciso pensar nisso. É preciso não jogar fora o que presta pelo que não presta, o que vale pelo que é lixo.

- Padre, o senhor sabe: não consegui. O senhor conhece tudo o que aconteceu, como eu não pude resistir... Que quer o senhor que eu faça? Que consiga o que para mim é impossível? Ou que seja hipócrita?

- Hipócrita?

- Padre Luis - falou Ivo sem responder diretamente ao desafio - vou lhe dizer uma coisa: minha sinceridade para comigo mesmo não permite mais que eu me confesse. E basta isso, não?... Não posso mais cair de joelhos pedindo perdão, quando sei que vou pecar de novo, que no dia seguinte vou preferir de novo o pecado.

- Sua sinceridade não permite, é isso que você quer dizer?

- É. Minha sinceridade para comigo mesmo.

- Ivo, o de que todos nós precisamos, e você em especial, é de auxílio de Deus, e não disso: poder se considerar leal, sincero para consigo mesmo. Isso é tolice, é orgulho, é o homem pensando que pode ser livre diante de Deus!

- Orgulho não, padre. É não querer ser hipócrita, como o senhor parece que está me aconselhando a ser...

Ivo se exaltara. O sorriso tranquilo de padre Luis o desarmou:

- Não é isso. Como você pode supor que eu vá dar um conselho desses? Não é isso que estou querendo dizer.

- Então o que é, padre? Não entendo.

A voz de padre Luis se tornou mais macia, mais persuasiva:

- Nós somos fracos e miseráveis, Ivo. Todos nós, não é? Mas, nessa crise por que se passa na sua idade, ainda se é mais fraco e miserável. Não podemos nada por nós mesmos...

- Podemos ser sinceros para conosco e para com Deus.

- Para conosco e para com Deus? Exatamente. É a única coisa que podemos. Contudo, é muito pouco, Ivo. Muito pouco e muito fácil...

- Muito fácil?!

- Mas não é? Acabam as lutas, as proibições, tudo se torna permitido, fácil, espontâneo. É só seguir o que passa pela cabeça...

E padre Luis parou um momento para mergulhar os olhos naquele passado de que tão raramente falava e no qual procurava não pensar:

- Lembro-me, ainda hoje, de uma noite em que resolvi, durante uma das crises por que passei, atirar fora a carga e ser “sincero”, como você diz. De repente, ficou tudo fácil, claro. Era só ir andando, andando, dando e tirando...

Fez uma pausa e, depois, as palavras vieram rápidas, atropeladas:

- Os animais são assim. Nós somos homens, é diferente. Deus quer mais de nós. Deus quer muito mais. Deus quer infinitamente mais de cada um de nós.

Ivo abaixou a cabeça, sem coragem para contraditar. Preferiu dizer:

- Eu sei, padre. Mas, o senhor viu: eu não pude, tive de ceder...

- Que importa isso, em relação ao que estou dizendo? Deus quer que eu evite o pecado tanto quanto é humanamente possível. Todavia, quer também, quando não se consegue, que se continue lutando.

- Lutando, sim. Quando há possibilidade de vitória, não é assim? Nunca cedendo sempre e desejando no íntimo o contrário do que se pede...

A resposta era difícil. Padre Luis não hesitou, porém:

- Ivo, nós somos muito miseráveis, meu filho. E diante de Deus, não temos direito de ter orgulho algum. Não valemos nada. No caso que nos interessa, é preciso continuar humildemente de joelhos sem abandonar a sombra protetora de Deus e da Igreja. Como um desesperado, que não é capaz de viver de acordo com o seu pensamento, pecando sempre e, no entanto, pedindo a Deus que lhe dê, não só a força de não pecar, como a de não querer pecar... o que é mais difícil.

- E que é também a que não sinto em mim, padre.

- Eu sei, Ivo. Por isso mesmo é que digo que você deve continuar de joelhos até que ela venha - porque, você sabe, a regra é infalível: ao que precisa e pede, será dado.

- Mas, padre, quando?... Eu esperei, não pude mais!

- Para Deus, para as coisas de Deus, não há tempo. Tem-se de ficar de joelhos, esperando. E você, o que não quis, foi ficar mais tempo se julgando miserável.

- Nem hipócrita.

- Seja. Muito bem. você não será nem miserável, nem hipócrita. Mas é obrigado a se afastar de Deus, talvez para sempre, porque... não quer viver como um miserável, como um hipócrita. O resultado final é esse: Deus, contra um bom julgamento de si mesmo.

- Não quero mesmo, padre - positivou Ivo sem atender ao que o padre dissera por último. - O mundo é muito grande, a vida por demais bonita para...

Padre Luis o interrompeu antes do fim da frase:

- Mas se, nessa vida, nós somos realmente esses miseráveis?

- Não sei, padre, não posso aceitar essa ignomínia, não posso.

Pararam, emocionados. Aos poucos, padre Luis viera compreendendo que nada podia contra o desmorosamento da vida interior de Ivo. As palavras lhe vieram no entanto à boca, e segurou Ivo pelos ombros, para que falassem cara a cara, como se procurasse um máximo de comunicação física:

- Olha, Ivo, uma única coisa é essencial: amar a Deus. Ouviu? Amar a Deus. De um modo ou de outro, tudo mais é fantasmagoria. Tudo mais que

não seja isso - fantasmagoria!

Parou um momento, indeciso se devia continuar e, depois lançou-se de novo:

- E escute outra coisa que só lhe vou falar porque sei que você é uma criatura formada, capaz de entender o que realmente quero dizer, sem perigo de deturpação ou de mal-entendidos tolos: para poder amar a Deus, não há nada que não se deva fazer. Nenhum sacrifício, ouviu? Estou lhe dizendo com a minha autoridade de sacerdote: nenhum sacrifício, nada... - E padre Luis repetiu, do fundo da sua experiência que na verdade ninguém conhecia nos seus detalhes últimos: - Nenhum sacrifício, nada...

Ivo o olhava boquiaberto, também muito perturbado. O padre prosseguiu:

- Afastar-se de Deus por causa de alguns escrúpulos - como os seus que, tenho certeza, são provocados por exigências dos seus desejos - é uma loucura.

- Não! Esses desejos não me afastam de Deus. Não há relação alguma.

- Ivo, eu sei o que estou dizendo. Eu conheço essas coisas, meu filho. Quando o nosso corpo quer uma coisa com a sua terrível violência - essa terrível violência de que, em todo o universo, só o nosso corpo é capaz - se acontece a nossa pobre consciência se opor, logo ele faz tudo para modificá-la, para fazer com que, dias depois, seja ela a primeira a aprovar o que antes proibiu. O frio para com Deus, é assim que começa.

- Padre - protestou Ivo - não se trata absolutamente de frio para com Deus. Deus me livre de uma desgraça dessas!

- A que lhe aconteceu, por acaso foi outra?

- Está claro que sim. Deus pode continuar a existir, perfeitamente, para quem não aceite a Igreja, os sacramentos, as religiões.

Padre Luis atalhou logo:

- Mas, Ivo, isso é uma loucura! Você sabe perfeitamente que...

- Eu sei, padre, eu sei que a Bíblia testemunha desse e daquele modo. E sei que a Igreja Católica se afirma a única e a verdadeira. Todavia, não creio mais nisso, não posso crer...

Ivo se sentia exaltado, capaz de dizer loucuras. Ao seu lado, o padre ficara mudo, dominado pela surpresa. Ivo prosseguiu, mais calmo:

- Não posso crer mais em nada disso. Estava custando muito a lhe dizer mas, já que foi o senhor a pedir que falasse sinceramente, não convém

esconder. Não creio. Que Deus não queira que eu passe minhas noites feliz, satisfeito, é uma coisa em que não posso acreditar.

- Não é o que eu dizia, Ivo?

- Como?

- Não é o que eu dizia? Quando o corpo realmente quer...

- Convence?

- Não é caso? Aí está um exemplo: o desejo entra em você contra a sua vontade, porém você o aceita, deixa que se abrigue, trabalhe em silêncio. E eis que ele o modifica, a ponto de você mudar de modo de pensar para estar de acordo com ele, com o desejo que está em você, com o seu corpo, enfim.

Houve um pequeno silêncio, carregado de irritação de parte a parte. Depois, o padre concluiu:

- E é isso que você chama sinceridade para consigo mesmo, Ivo?

- Não sei. Não sei se as ligações que o senhor estabeleceu estão certas ou erradas - se estão inteiramente certas, pelo menos. Sei que não posso fazer o que o senhor quer...

- Não posso - respondeu logo Ivo. E, depois de uma hesitação que não enganou o padre, voltou à carga: - Nem quero. (Essas duas falas de Ivo, em sequência, estão de acordo com o original. (N. do R.))

- Nem quer?

- Não posso, nem quero fazer o que o senhor diz. Nem há, creio eu, quem honestamente o possa.

Haviam parado junto ao gradil, perto da alameda que levava ao pátio dos menores, como se ambos tivessem consciência de que a conversa estava terminada. Ivo ainda acrescentou:

- E, desonestamente, se Deus quer as minhas confissões e as minhas comunhões...

- Não é isso, Ivo.

- ... então, quem não quer saber desse Deus, sou eu!

O movimento de repreensão do padre não o surpreendeu. Nem padre Luis tentou ocultá-lo. Apenas, procurou se dominar até ter certeza de que não deixaria perceber a zanga. Falou com calma, pouco depois:

- Ivo, deixemos de desculpas... Você não pensa seriamente nada disso. Nem compreendeu mal o que quis dizer. Você está brincando, eu sei.

- Brincando, eu?!

- Eu sei, eu sei... Mas, por hoje, é mesmo melhor ficarmos por aqui. Já é

tarde, não quero tomar toda a sua tarde. Você está com ideias ruins na cabeça, é inútil insistir. Amanhã ou depois falaremos de novo.

Ivo o olhou, curioso. Não teria entendido? Ainda procuraria tocar naquele assunto? Dissera: amanhã ou depois... Não lhe bastara aquela conversa para ver quanto já estava distante daquilo tudo?

Despediram-se sem efusões, porém o padre lhe bateu amigavelmente no ombro:

- Pense bem, em casa, no que lhe disse. E sobretudo, não se esqueça daquilo sobre que lhe falei da última vez que você se confessou - lembra-se? Deus não pode guardar rancor, Deus está sempre de braços abertos para quem vem a ele... seja como for, seja à hora que for.

Ivo fez que sim com a cabeça e se afastou rapidamente. Por que aquele padre se julgava depositário de Deus? Deus existia, certamente. Mas, por que haveria de ser como padre Luis dizia, como todos os padres diziam, como a Igreja Católica dizia? Deus devia ser alguma coisa de muito grande - e, por certo, não caberia dentro daqueles moldes apertados, mesquinhos. Porque, mesmo os de padre Luis o eram, e muito!

E foi para casa, nessa tarde, ideando um Deus maior do que aquele de que lhe falavam - um Deus mais generoso, amigo dos homens, incapaz de proibir prazeres que não faziam mal a ninguém e que tornavam a vida mais agradável, fácil de viver. Esse Deus, sim - um Deus generoso que não recusasse Maria, que não o recusasse...

12

SEM querer pensar em Lourdes, plenamente satisfeito com o que Maria lhe dava, Ivo não descansou enquanto não viu chegar o dia do encerramento dos cursos. Distribuíam-se os prêmios, faziam-se os discursos, multiplicavam-se os abraços e tudo estava acabado com o Colégio. Depois, vida nova.

No entanto, ainda no princípio do ano, lastimava frequentemente que estivesse se acabando aquela vida de colégio, não só boa, como certamente muito melhor do que a que o esperava no escritório de um tio com quem tinha arranjado para ir trabalhar, assim terminados os preparatórios. Uma vez que não queria entrar para uma escola superior, convinha não perder tempo. Com a certeza de que aquilo tudo era inevitável, fora pouco a pouco se convencendo de que, quanto mais cedo findasse aquela vida transitória, tanto melhor seria.

Aos poucos, estava mesmo no extremo da nova tendência. Se aquilo era apenas o fim de uma coisa impossível de preservar, o melhor era desejar logo o início da vida nova, da vida que devia lhe reservar tantas surpresas. As dificuldades religiosas, o aparecimento de Maria, a necessidade de evitar padre Luis ou indiscrições de outros padres menos hábeis, fizeram o resto. Passou a desejar ardentemente que aquele fim chegasse logo. Só assim teria liberdade completa e ninguém mais ousaria importuná-lo. E, se ganhar bastante no primeiro ano, como esperava, Maria poderia deixar o emprego e viver apenas do que ele lhe desse.

João, que o acompanhava em todos os itens do programa, discordava nesse ponto. Esse projeto, chamava-o: o “plano do louco”. O plano de quem queria ter o que não podia, de quem não sabia se contentar com o muito que já tinha. Para que dar a Maria mais liberdade do que gozava na casa de patrões que, a bem dizer, viviam na rua? Discutiam muito, porém não chegavam a acordo. Ivo não sabia como explicar a obstinação com que João se opunha ao seu projeto, achando-o irrealizável, absurdo. A não ser, naturalmente, que fosse o reflexo de um fato que já notara: o progressivo desinteresse de João por Djanira.

João negava de pés juntos. Quando Ivo se referia a esse desencanto, e brincava que, certamente, já devia haver alguém em vista, encabulava, desconversando logo.

Realmente, João perdia a naturalidade sempre que Ivo tocava nesse ponto. Não podia tirar da cabeça que já não suspeitasse alguma coisa do seu sentimento por Lourdes. Por mais esforços que fizesse, sabia que, mais dia menos dia, se trairia. E temia, acima de tudo, que Ivo se aborrecesse, rompendo-se assim aquela amizade de que fazia tanta questão.

Seus pensamentos iam tão constantemente a Lourdes que lhe parecia impossível guardá-los em segredo de Ivo. Vivia pensando nela, ansioso que os dias passassem, corressem sobre o sucedido entre ela e Ivo, e surgissem outras manhãs e outras tardes, dias mais distantes em que pudesse se aproximar, falar-lhe sem escândalo, dizer-lhe que a queria como companheira para a vida toda.

Enquanto não chegava o momento da concretização desse futuro tão sonhado, Djanira merecia bem o seu interesse e era tolice pensar que estivesse farto dela. Naturalmente, não tinha por Djanira aquele entusiasmo que, cada dia mais, ela parecia ter por ele. Nem mesmo o de Ivo por Maria. Contudo, falar em desinteresse, em cansaço, era loucura. Apreciava-a no seu justo valor, sem romantismos inúteis. E sabia que não devia se prender demais a ela, não sendo aquele o seu destino.

Também não era o de Ivo, prender-se a Maria. Não devia, portanto, enganar-se daquele modo. Mas, a verdade era que Ivo não acreditava que tivesse um destino e contra isso não havia o que fazer: “Seguramente Ivo não se aprecia no seu justo valor” - pensava João, contrariado.

A FESTA do encerramento dos cursos veio enfim, com muito calor e um dos mais lindos dias daquele ano. Ivo estava satisfeito, temendo apenas as inevitáveis despedidas de padre Luis. Depois da conversa de poucos dias antes, evitara-o com tanta habilidade, que não podia afirmar se o padre o procurara ou não. Impossível, porém, deixar de falar-lhe depois da festa. E então, certamente, o padre ainda tentaria aproveitar a ocasião para um último apelo.

Durante a solenidade, sentiu-se emocionado. Por mais contente que estivesse de acabar aquela vida de colégio, incerta e imprecisa, não deixava de ter saudades e de se comover com as recordações que o acometiam.

Lembrou-se, de repente, da festa com que terminara o ano anterior, ainda tão tranquilo para ele. Apenas um ano antes, e Lourdes viera, só por causa dele. Chegara cedo, toda de branco, acompanhada por Matilde e Lisa, receosas de não encontrar bons lugares. Tinham, naturalmente, conseguido cadeiras logo na primeira fala e esperado quase uma hora. No entanto, pareciam as mais satisfeitas da festa e, recordava-se bem, nunca Lourdes, e a atenção exclusiva de Lourdes por ele, tinham-no posto tão orgulhoso. Não duvidava: o colégio inteiro sabia que ela estava ali por causa dele, porque era sua namorada e seria, anos depois, sua noiva, sua mulher, mãe de seus filhos.

Agora, via Matilde e Lisa, num dos bancos do meio da sala, vendo mal, ouvindo mal o interminável discurso do Carlos e, ao lado delas, não havia nenhuma Lourdes... Acabara tudo aquilo. Fora uma aventura de meninice, um sonho que a vida desfizera assim se revelara na sua verdadeira realidade. Lourdes ficara para trás, como uma boa recordação fica sempre na memória adormecida - alguma coisa de que sentiria saudades, talvez mesmo uma certa falta em momentos difíceis. E nada mais.

A seu lado, escutando Carlos com um sorriso irônico, João parecia calmo, talvez o único da turma a não demonstrar a perturbação que estava em todos e que só fazia aumentar à medida que Carlos evocava os bons dias passados em comum, os ideais a defender, as glórias a conquistar, o “verdadeiro mundo” a conhecer. João sorria, superior, com plena consciência de que, na vida, já sabia tudo. Ivo o olhava, incerto, fundamente angustiado com aquele apelo de Carlos ao que havia nele de mais longínquo.

Carlos foi muito aplaudido e, apesar do tom dos comentários de João, Ivo o defendeu calorosamente. Não discutiram muito, porque logo foi preciso fazer silêncio. E a solenidade em breve estava acabada, dirigindo-se todos para o pátio, onde ia ser disputada a final do campeonato de futebol do ano entre os alunos que terminavam e os do curso imediatamente inferior. Todos os que estavam no salão nobre do Colégio, assistindo à distribuição de prêmios, vieram ver a partida sensacional. De lado a lado, a confiança era enorme. Ivo fazia força para que o seu ano brilhasse e até o próprio João não parecia indiferente ao resultado.

De repente, Ivo viu Leopoldo falando com Carlos Eduardo e largou João. Provavelmente, Leopoldo estava perguntando por ele: prometera vir e

ainda não o avistara.

- Onde você andava, Leopoldo?

- Cheguei há pouco. Não pude vir antes. Estava justamente sabendo de Carlos Eduardo onde você se escondia...

- Por aí... pensando até que você não viesse mais.

- E eu havia de não vir? - E, depois de uma pausa, enquanto caminhavam para o local onde se realizava o jogo: - Você quer dar um pulo lá em casa, de noite?

- Hoje, Leopoldo? - indagou Ivo contrariado, lembrando-se que não tinha podido ver Maria naqueles últimos dias.

- Que é que tem? Você vai comemorar a data com o pessoal?

- Eu não! Parece que vai haver farra grossa, mas não pretendo ir.

- Então?

- Não sei...

Subitamente, Leopoldo riu, lembrando-se que Ivo não era um “homem livre”, como diziam, caçoando. Acrescentou logo:

- Calma: não é a noite toda, apenas uma meia hora. Depois você sai, à vontade...

- Nesse caso...

- Muito bem. Fico esperando. À hora que você quiser, depois das sete. Sabe quem vai lá em casa?

- Imagino: Branco.

- Exatamente. Hoje, enfim, você vai conhecê-lo.

- Já é a terceira ou quarta vez que a apresentação dá em droga. Vamos ver se, dessa vez...

- Depende de você, Ivo. Das outras vezes, quem fugiu com o corpo...

- Eu sei. Mas você sabe, também, que não foi intencional, não?

Leopoldo ia responder, falar de novo em Branco, nas suas qualidades, para ele “espantosas”, quando uma altercação no meio do campo atraiu a atenção de todos e suspendeu as conversas. Para Leopoldo, que imaginava não devesse conhecer os contendores, Ivo explicou:

- Não é nada, é Rui discutindo com um menino do quarto ano...

- Roberto Dutra.

- Você o conhece? - indagou Ivo, surpreso.

- Se conheço, Ivo. É meu vizinho e muito amigo. Roberto é boa praça. Você não o conhece?

- Conhecer, conheço. Mas, pouco, pouco. Até achei engraçado - estou me lembrando agora: há tempos, uns meses atrás, ele foi me procurar em casa uma tarde, nunca soube ao certo para quê...

- Você não indagou?

- Eu não estava em casa. Foi Carlos Eduardo quem falou com ele. Não quis se explicar e, depois, não tirei a limpo o que queria. Provavelmente, nada de importância.

No campo, tudo serenara e o jogo recomeçava, com a animação de sempre. Ivo e Leopoldo prestaram atenção, interessados no resultado.

A VITÓRIA foi do último ano, porém não veio sem discussões e novos incidentes. A assistência achou graça e, no final, se retirou sem saber do resultado das últimas negociações porque já era tarde e a noite não parecia longe.

Ivo ia saindo com Leopoldo, procurando João com os olhos para apresentá-lo ao amigo, quando alguém o abraçou pelas costas, felicitando-o. Virou-se e não teve surpresa alguma vendo padre Luis. Constatou que, sem perceber, se esquecera todo o tempo dele e da inevitável despedida.

Leopoldo se afastou um pouco e foi se reunir a Carlos Eduardo, de quem, aos poucos, e apesar da diferença de idades, ia se tornando amigo. Ficaram conversando, à espera de Ivo.

A dois passos, Ivo e padre Luis já tinham esgotado as frases de congratulações, desejos de felicidade futura, e o comentário dos casos daquele dia de festa. Calaram-se por fim, sem jeito de continuar, sentindo o peso do assunto que estava entre eles. Foi padre Luis quem rompeu o silêncio. Era um sacrifício. Talvez aquilo acabasse de destruir os restos de amizade que Ivo tinha por ele, mas não podia deixar de tentar, ainda uma vez. Precisava dizer o que aqueles ouvidos surdos não queriam ouvir.

- E a mim, Ivo, você não dá nenhuma esperança? Refletiu bem no que lhe disse, da última vez que conversamos?

- Refleti, padre. Mas, eu já sabia, tinha lhe dito tudo...

- Tudo? Nenhuma esperança, então?

- Nenhuma, creio...

- Por enquanto, pelo menos. É isso que você quer dizer, não é? Com os dias, tudo mudará, estou certo.

- Nesse caso, padre, tanto melhor...

Olharam-se e padre Luis se perguntou se Ivo falava com toda a franqueza. Quis abraçá-lo, pedir-lhe que, pelo menos, tivesse sempre boa vontade, aquela mesma sinceridade ingênua, todavia Ivo já recomeçara a falar e não parecia animado da mesma simpatia de pouco antes:

- Não tenho receio de me perder, padre. Sei o que faço... e o que quero.

Padre Luis não pôde reter a exclamação:

- Que segurança, meu caro! Que segurança! Talvez a vida não seja tão simples, tão fácil como lhe parece nesse momento...

- Eu sei, padre.

- Na sua idade, não se pode saber ainda nada - exclamou o outro, sem perceber que atingia Ivo no mais vivo da sua ferida. E acrescentou ainda: - Aliás, em idade nenhuma. Pelo menos: eu penso assim. A vida é uma coisa terrível, Ivo...

Ivo o olhou com firmeza e não abaixou o olhar ao encontrar o seu:

- Eu sei. Mas, há outra coisa que a vida é...

Havia um certo ar de desafio nas palavras de Ivo. Talvez a discussão estivesse se tornando ingênua. Contudo, padre Luis não estava se preocupando com isso. Se o mundo precisava de alguma coisa, era de ingenuidade - daquela espécie de ingenuidade. Indagou com interesse:

- O que é, Ivo? Vamos ver...

- A vida é grande, padre.

Padre Luis compreendeu perfeitamente o que Ivo queria dizer. O tom de desafio não fora ilusório. No entanto, não se irritou, ao contrário do que Ivo esperara. Respondeu com confiança:

- Grande? E bela, também, não? Mas, eu não saberei disso, por acaso? Uma coisa abençoada por Deus, Ivo, como é que poderia deixar de ser grande e bela? Todavia, há uma outra coisa que a vida também é - e que você parece esquecer.

- Que é, padre?

- A vida é longa...

- Longa?

- Longa, imensa. Todas as coisas que começam, por mais longas que pareçam a princípio, acabam logo. São terrenas, são temporais. Há tempo para tudo, uma coisa sucede à outra sem parar nunca e numa velocidade muito maior que a dos nossos desejos, que a do nosso coração. Há tempo para tudo. Não se esqueça nunca da palavra das Escrituras: “Todas as coisas

têm seu tempo, e todas elas passam debaixo do céu, segundo o termo que a cada um foi prescrito.”

- Eu sei, padre. “Há tempo” para isso e tempo para aquilo... - não é esse trecho? Contudo...

Padre Luis o interrompeu antes que prosseguisse:

- Daqui a alguns anos, você verá, na sua própria vida, que há tempo para pecar e tempo para se arrepender... Porque, se há “tempo de rir”, o Eclesiastes diz também que há “tempo de chorar”. Muito tempo demais para isso, até!...

- Mas, por que o senhor tem tanta certeza de que esses tempos ruins virão para mim? Nem todos se arrependem, nem todos choram...

- Não resta dúvida, Ivo, não resta dúvida. Há pessoas, porém, especialmente marcadas pelo dedo de Deus, como se fossem escolhidas. Nenhuma fatalidade - não estou proferindo heresias - porém elas vivem à sombra da Cruz e à Cruz não conseguem fugir. O sangue que corre nelas é sangue cristão.

Fez uma ligeira pausa e proferiu a sentença:

- Você é desses, Ivo. Você, faça o que fizer, role pelos abismos que rolar, tenho certeza que há de voltar um dia.

- Nesse caso, padre, tanto melhor, não é? Terei tido tudo...

- Cuidado, Ivo! Cuidado que o perigo vem daí... dessa leviandade.

Padre Luis ia insistir, denunciar toda uma série de perigos, mas, nesse momento, Carlos Eduardo, receoso que Leopoldo estivesse com pressa, fez menção de se aproximar deles. Era preciso, pois, aproveitar ainda aquele último momento e baixou um pouco a voz para dizer:

- Seja como for, Ivo, não desespere. Depois, olhe para seu irmão. É um exemplo a seu lado, ele lhe pode ensinar mais do que qualquer outra pessoa, mais do que...

- Quem? Carlos Eduardo?

- É. Olhe para ele, sempre... Ninguém lhe poderá ser mais útil na vida.

Padre Luis notou o espanto de Ivo e não estranhou. Era o seu último trunfo, naquela tarde. Sabia que Ivo admirava muito o irmão, considerando-o mesmo uma natureza excepcional, mas, evidentemente, sua afirmação era de molde a chocá-lo. Não convinha explicar. Bastava que, movido pela curiosidade, tivesse o cuidado de ir se debruçar sobre o irmão, mais atentamente do que o fizera em outras ocasiões. Bastava isso para que

compreendesse tudo. Nenhuma impureza resistiria muito tempo à contemplação prolongada e atenta daquela placidez. Todavia, já estavam bem próximos, Carlos Eduardo e o rapaz que estava com ele, um desconhecido. Pegou a mão de Ivo, como para despedir-se, e disse com rapidez:

- De qualquer modo, Ivo, aqui fico nesse Colégio à sua disposição, rezando por você durante todo esse período que, sei bem, você vai levar afastado de Deus, rolando pela encosta do mal, sem achar consolo ou tranquilidade. Lembre-se bem: aqui fico para quando você precisar, seja hoje de noite, seja daqui a muitos anos, seja quando e como for, à hora que precisar, que quiser, para ir encontrá-lo no lugar que for, qualquer que ele seja - enfim, seja do modo que for. Ouviu?

Emocionado, Ivo não soube o que dizer, nem como agradecer. Limitou-se a apresentar-lhe Leopoldo. E despediram-se, como se não continuassem na mesma cidade ou necessariamente não pudessem se ver mais.

MINUTOS depois, quando os últimos alunos foram para casa e só restaram no chão papéis sujos e programas de festa amassados, padre Luis atravessou o pátio rapidamente, em direção à Capela. Queria, quanto antes, rezar um pouco por todos aqueles rapazes que iam começar a grande luta com a vida diária e suas dificuldades materiais, suas seduções e pecados mais graves. Queria rezar por todos. Todos precisavam. Mas queria, sobretudo, pedir por Ivo, por aquela pobra alma desorientada que viera às suas mãos ainda muito pura, passara por tantas tentações e alternativas tão diferentes, e se afastara, agora, do caminho de Deus.

Mais uma vez, vinha pedir por ela. No entanto, naqueles últimos dias, tinha sido assaltado por um receio: não estaria se obstinando demais numa coisa que parecia ser contrária ao desígnio de Deus? Não estaria querendo regular, pelo seu frágil modo de ver, coisas que só Deus podia saber como deviam e tinham de ser? Não estaria procurando fixar uma sombra que, por natureza, era móvel, sendo o próprio testemunho de Deus sobre a liberdade de suas criaturas?

Era possível. De qualquer modo, não podia deixar de pedir, naquele momento especial, por aquela alma em plena tribulação que sabia valer tanto e que justamente ia, com toda a certeza, sofrer tanto na vida, precipitada por aqueles passos loucos dados num momento difícil. Com

uma natureza elevada, sensível, nobre e boa, como a de Ivo, não há ninguém - pensa então padre Luis, em plena angústia - ninguém que não sofra muito nessa vida. Especialmente se viver uma existência miserável como a que Ivo aceitou e, agora, vai experimentar até o fim, até a última amargura. Com a natureza de João, por exemplo, pode-se talvez passar ao lado do sofrimento e do remorso a vida inteira. Com a de Ivo, fundamentalmente cristã, marcada pelas pegadas de sangue até as entranhas, “escrava” de nascença de um senhor que não esquece, padre Luis sabe que é loucura pensar nisso...

É essa certeza que o faz se compadecer de Ivo e dos dias amargos que o esperam. O caminho pelo qual se embrenhou é o caminho da perdição. Tem pois que se perder, rolar pela encosta até encontrar a terra abrasada do fundo dos abismos. Tem de arrostar as misérias da vida, tudo o que há de lamacento nas estradas que não são a Estrada. Tem de provar tudo, e então, sim, poderá chegar à salvação.

Ivo merecia uma sorte melhor. A vontade de Deus parecia ser aquela, mas, ninguém sabia o que lhe poderia ter sido evitado, se alguém tivesse velado mais por ele ou tivesse sido mais eficaz nas suas advertências, nos seus conselhos, nas exortações que acordam a alma, nas censuras que rompem as amizades mas abrem os olhos...

E padre Luis sentia a alma cheia de incerteza. E as dúvidas caminhavam contra sua consciência atormentada. Em momentos assim, como que esquecia tudo o que fizera, a severidade de certas palavras, os olhares sem duplicidade, a vigilância que separava, os sorrisos que feriam, os silêncios forçados, a admiração intelectual posta de lado, a própria amizade deixando de contar. Esquecia tudo. Só via a alma desorientada que ele não soubera chamar ao bom caminho. E, nesses minutos, era apenas o pastor que deixara a ovelha fugir, o responsável sobre quem pesavam as advertências terríveis de Sta. Gertrudes. Para que aquele dom, se não conseguia reter as almas? Não era de certo modo responsável por aquela atração exercida, ele que não possuía, depois, a força de convicção necessária para manter o prestígio de suas palavras?

Vinha depois a tranquilidade, porque era preciso, acima de tudo, conformar-se com a vontade de Deus. E era a ela que se entregava. Contudo, o coração estava dolorido e só a custo podia rezar. Iam ser dias difíceis de vencer, até que a paz voltasse inteiramente.

No entanto, desde já, uma coisa o consolava. E, naqueles minutos de desalento, não se esquecia de dar graças a Deus por ela: Carlos Eduardo continuava preservado. Se Ivo se perdera daquele modo, forçoso era confessar que nunca fora como o irmão. A diferença, apesar de todas as qualidades de Ivo, parecia-lhe enorme. E tinha certeza: Carlos Eduardo não cederia, Carlos Eduardo se preservaria. Por isso, dava graças a Deus e, acima de tudo, pedia uma nova graça: continuasse protegendo-o poupasse-o nos momentos decisivos.

II PARTE

A SOMBRA DE DEUS

1

PADRE LUIS não quis perder tempo com explicações supérfluas. O Reitor estava evidentemente ansioso pela solução daquele caso cuja investigação lhe entregara em grande segredo. Foi dizendo logo:

- Padre Reitor, a conclusão a que cheguei é essa: o papel que o senhor achou na carteira de Roberto Dutra é realmente uma página de diário, ou alguma coisa nesse gênero, escrita por ele próprio e esquecida por acaso.

Fez uma pausa para tomar coragem, porém, ao ver que o Reitor já ia interrompê-lo, prosseguiu:

- Trata-se mesmo do que nos pareceu, sem sombra possível de dúvida: um desses sentimentos monstruosos que, nessa idade, desgraçadamente prendem por algum tempo determinadas criaturas a outras, do mesmo sexo.

- Bem. Adiante.

- A pessoa a que se refere o papel é, realmente, Carlos Eduardo Freitas, em todo o Colégio só havendo um Carlos Eduardo...

- É incrível!

Padre Luis tratou de desfazer o possível equívoco:

- Naturalmente, padre Reitor, Carlos Eduardo Freitas nem suspeita que possa ter inspirado um sentimento desses. Mal se conhecem. Comumente, nem se falam. Enfim, o senhor conhece bastante esse nosso aluno para saber que dele não é possível suspeitar nada, a menor coisa...

- Por força. Por força. Aliás, duvidei de início que se tratasse dele.

- Sobre isso, porém, não há dúvida. Infelizmente, é dele que se trata, ainda que não tenha tido a menor conivência.

- Bem. E o outro?

- Roberto Dutra?

Perguntara apenas para ter mais tempo de arranjar um jeito de começar a falar daquela situação tão desgraçada, daquele menino que lhe inspirava tanta pena e por quem tinha uma amizade tão grande. Não podia se habituar àquela ideia. Desde que, dias antes, aceitara a investigação daquele caso para melhor poder resolvê-lo, não conseguira ainda se compenetrar bem de que se tratava do aluno exemplar que completva, naquele ano, um curso

brilhante, limpo de qualquer mancha. Era certo que, havia mais de dois anos, perdera completamente a fé, afastando-se de qualquer prática religiosa. Mesmo assim se mantivera sempre em contacto com ele e nunca lhe dera o menor motivo de queixa, de suspeita que fosse... quanto mais um escândalo, como aquele.

Durante dias, padre Luis pensou e repensou em tudo o que sabia de Roberto e não conseguiu se compenetrar bem da sua culpabilidade. As provas estavam ali diante dele, não podia duvidar de modo algum. Contudo, no íntimo, não aceitava. Como identificar o Roberto pervertido da página do diário com o Roberto que conhecia? Devia haver qualquer coisa. E essa qualquer coisa era, certamente, umas dessas loucuras, praticadas sem saber como, nem por que, e em si estranhas à pessoa que as pratica. Padre Luis sabia; na meninice, há dessas aventuras inexplicáveis, verdadeiras armadilhas do destino. E aqueles que têm a graça de escapar ilesos são especialmente protegidos por um Deus a que jamais serão bastante gratos e a quem deveriam consagrar todo o seu amor.

Tentando explicar tudo isso ao Reitor, naquela tarde, encontrou-o especialmente mal disposto. E seus esforços para fazê-lo compreender a necessidade que havia de ir buscar aquela alma desgarrada nos primeiros postos isolados de um terrível deserto, foram interpretados como pedidos de clemência e perdão, tentativas para fazer abrandar o rigo com que queria punir o culpado.

Debalde padre Luis tentou explicar o seu ponto de vista. Não recuou nem mesmo diante de lembrar que, afinal, tudo bem pesado, Roberto, propriamente, nada fizera. O perigo de um escândalo, o mau exemplo da acolhida no coração de um sentimento daqueles, justificariam uma expulsão? E uma expulsão, uma exclusão definitiva, quando, justamente, se tratava de não perder aquela alma, de mostrar-lhe o caminho de volta, de facilitar-lhe um recuo que não podia deixar de aceitar, dada a sua natureza, o fundo bom e honesto, a educação profundamente religiosa que recebera? Era evidente: impunha-se uma repreensão severa. Contudo, tinha de ser alguma coisa de eficaz, de produtivo, e não um desses golpes secos e estéreis, criadores de barreiras intransponíveis, capazes de matar em vez de curar. Se não fosse o começo de um movimento de volta, de aproximação, podia ser até um erro, um incentivo ao desespero - supremo perigo a evitar.

Diante da resistência do Reitor, que só via o castigo precisando cair

sobre a cabeça do culpado, padre Luis se atirou com paixão ao último argumento que trazia. Sentia-se emocionado, pois partia da absoluta necessidade de convencer o Reitor, demovendo-o dos seus propósitos inumanos. A importância daquele caso lhe parecia excepcional, tanto para a salvação da alma de Roberto, como para a tranquilidade futura de Carlos Eduardo. Tomou coragem para a nova investida e pediu mais uma vez a Deus que ajudasse sua inabilidade:

- Padre Reitor, agora, peço licença para lhe dizer que, a meu ver, há uma questão preliminar a essa sobre a qual estamos falando e em função da qual, me parece, tudo deve ser resolvido...

- Uma questão preliminar?

- Sim, preliminar a essa sobre a qual conversamos, fundamental a meu ver. Os problemas têm de ser resolvidos em função de um fator básico: Carlos Eduardo Freitas.

- Carlos Eduardo Freitas? Como assim?

Padre Luis explicou então que não bastava dispensar um inquérito direto junto a Carlos Eduardo, mas sim, evitar de todos os modos possíveis a chegada até ele de qualquer eco do incidente, de qualquer indício que lhe trouxesse a suspeita de ter inspirado a um colega sentimento tão monstruoso. Certamente, aquilo equivalia a pedir, para Carlos Eduardo, uma medida de exceção. E era justamente como privilégio que a reclamava. Carlos Eduardo merecia. Mais até: a medida se impunha, por se tratar de Carlos Eduardo.

Diante da surpresa do Reitor, cuja admiração pelo “mais moço dos dois Freitas” não passava da consideração afetuosa que tinha, indistintamente, por todos os bons alunos do Colégio, padre Luis encontrou palavras entusiasmadas e impressionantes para pintar o caso de Carlos Eduardo. Garantia-lhe: tratava-se de uma criatura realmente excepcional, tendo recebido de Deus graças especiais que não convinha arriscar a uma possível destruição. Vivia como uma criança, dormindo um sono capaz de se prolongar por muito tempo. E ele perguntava: era conveniente acordá-lo, de repente, com uma revelação daquelas, perturbadora, capaz de lançá-lo de encontro ao mundo e às suas misérias, num choque de que poderia se ressentir toda a vida?...

Sentindo o Reitor muito abalado, padre Luis concluiu:

- Sei bem, padre Reitor, trata-se de uma medida de exceção. Mas, não é

para um qualquer e, sim, para uma criatura verdadeiramente de exceção. Mesmo para Roberto Dutra, não a ousaria pedir.

- Compreendo a diferença, padre Luis...

- Mesmo para um rapaz de ótimas qualidades, como o irmão de Carlos Eduardo, o Ivo, que acabou o curso o ano passado, não lhe pediria tal privilégio.

- Não? - indagou o Reitor, surpreso porque ainda se recordava bem do apreço em que padre Luis o tinha.

- Não. O senhor sabe, ninguém eu prezava mais, entre os alunos, do que o Ivo. Um ótimo rapaz. Ótima natureza, muito inteligência, grandes qualidades, nobreza de alma. Tinha mesmo, talvez, mais amizade por ele do que tenho pelo irmão. Todavia, as condições em que Carlos Eduardo recebe diariamente a existência das mãos de Deus são diferentes, são tão diferentes mesmo, que não sei como agradecer a Deus de me fazer assistir, de tão perto, a tão grande graça.

- E nesse caso, que fazer?

- Nesse caso, padre Reitor, minha opinião é que temos a obrigação de ajudá-lo o mais que pudermos, evitando-lhe todas as ocasiões de escândalo, de desgosto com o mundo: um qualquer despertar mais violento, para o qual ainda não esteja preparado.

Calou-se por alguns segundos e prosseguiu, depois. Contudo, apesar dos argumentos e das soluções conciliatórias que apresentou, o Reitor não se decidiu logo. Só à noite capitulou e, na manhã seguinte, comunicou a resolução tomada.

Ao ver a alegria de padre Luis, o Reitor sorriu, satisfeito porque tinha certeza de que podia se deixar guiar pelos seus conselhos - conselhos seguros, já mais de uma vez experimentados. E combinaram chamar Roberto, naquela tarde, para a repreensão que se impunha. Padre Luis preferia, sem dúvida, que fosse entregue somente a ele a solução do caso. Mas, nesse particular, o Reitor permanecera inabalável. Falaria ele, para dar mais força, para a censura ter maior repercussão e a ameaça de expulsão ser mais séria. Padre Luis abaixara a cabeça, resignado, já satisfeito com o resultado. Por ocasião da conversa, tentaria dirigi-la, amenizando certos ângulos. E, se Roberto não lhe guardasse muito rancor, pelo fato dele “saber tudo”, tentaria agir depois, com a discrição que a natureza do caso exigia...

A REPREENSÃO foi, entretanto, um desastre. E padre Luis o sente desde o primeiro momento. Acontece justamente o que mais teme, o que, de todos os modos, quer evitar.

Desde o início, o Reitor toma o ar mais intratável do mundo e impossibilita qualquer comunicação mais profunda com Roberto. Não lhe explica porque o mandou chamar. Vai logo lhe estendendo a folha do diário e dizendo, em tom agressivo:

- O senhor reconhece sua letra? Reconhece que escreveu todas essas monstruosidades?

Diante deles, o espanto de Roberto excede tudo quanto tinham previsto. A princípio, nem compreende de que se trata. Reconhece apenas sua letra e vai estendendo a mão para tomar conhecimento do que está escrito no papel. Declara;

- É minha sim.

Só depois de falar, compreende. Num segundo, realiza a catástrofe: o trecho do diário, começado no Colégio durante um estudo, interrompido pela sineta do recreio, misturado mais tarde com outros papéis abandonados na desordem da carteira... Julgara depois tê-lo levado para casa e deixado na gaveta da mesa do quarto, junto com outras folhas soltas do diário que escrevia, ora num caderno velho, ora em páginas de bloco ou de outros cadernos...

Compreende, agora, quanto se enganou e com que tranquilidade descansou dias e dias sobre um verdadeiro vulcão. Aqueles padres curiosos e metidos tinham ido revistar sua carteira, como se ainda fosse um menino de curso primário, ele que estava terminando os estudos e dali a três meses não estaria mais no colégio, já não tendo que dar a menor satisfação a ninguém. E o que haviam descoberto era apenas aquilo: o seu grande segredo, a única coisa no mundo a não poder ser sabida por ninguém.

Logo no primeiro instante, sente-se aniquilado. Está descoberto, desmascarado diante dos colegas, de todo o mundo. A atitude contrafeita de padre Luis, constantemente de olhos abaixados, não pode significar outra coisa do que a expulsão. Como se já não bastasse a humilhação de ser censurado diante daquele padre que tinha por ele tanta amizade, tanta consideração, ia ser expulso quase na véspera de concluir o curso. E todos saberiam.E, naturalmente também, Carlos Eduardo...

No entanto, não pode pensar muito tempo sobre o desastre futuro. É

necessário prestar atenção ao que o Reitor está dizendo e se preparar para responder. É necessário ter coragem para se explicar, tentar salvar o que ainda seja possível, recorrer a padre Luis... De qualquer forma, evitar a expulsão, o escândalo.

De cabeça curvada, os olhos fixos nos sapatos pretos de padre Luis, uma imensa vontade de chorar dominando todos os outros sentimentos, Roberto espera que o Reitor termine de falar, de formular em termos vivos sua condenação da baixeza dos sentimentos aninhados no seu coração. Nenhuma indignação em Roberto, nenhuma revolta diante daquelas acusações: um absoluto esmagamento, a consciência de estar cegamente entregue às decisões daquele padre para quem não havia sentimentos, apenas um código moral a respeitar, não só na prática como no íntimo do coração.

Também padre Luis está de olhos baixos, aflito. O caminho seguido pelo Reitor, não só é errado como compromete decisivamente o que querem conseguir. Não é daquele modo que se fala a um menino de boa índole como Roberto, tão acessível às palavras simples, vindas diretamente do coração. Nem é daquele modo que se procura desalojar de um coração contaminado por um mal daqueles, sentimento tão vivo, tão intenso. Aquela descarga cega de adjetivos fulminantes, de repreensões vexatórias, só poderá conseguir uma coisa: afastar Roberto, tornar impossível qualquer penetração na sua alma, nessa pobre alma que necessita de auxílio, de conselhos, talvez mesmo de consolo.

Debalde procura intervir. Das duas vezes que o tenta, é inequivocamente reconduzido ao seu lugar de simples ouvinte. Não lhe resta senão esperar, calado, uma ocasião favorável.

Momentos depois, o estardalhaço do Reitor amaina um pouco, mas o que padre Luis espera não tarda a vir. Após uma pausa cuidadosamente medida na sua duração, o Reitor pergunta:

- O senhor sabe qual deve ser o seu castigo?

Roberto não levanta os olhos do chão, dos sapatos gastos de padre Luis, nem mesmo quando, um instante depois, o Reitor renova a pergunta. Continua imóvel, aterrado pela sentença que dentro em pouco vai ser pronunciada. Aliás, sabe perfeitamente: se quiser falar, não terá voz e, a mexer-se, seu corpo se recusa. Só lhe resta poder esperar.

Excitado, o Reitor prossegue:

- Não sabe? Pois vou lhe dizer: é a expulsão.

Da sua cadeira, padre Luis ergue os olhos sobre Roberto. O menino não se moveu sequer e os olhos continuam fixos no chão, como se procurassem um lugar, mais baixo ainda, para mergulhar nele a sua vergonha. Mas, já agora, estão cheios de lágrimas. Evidentemente, mais alguns segundos daquele martírio, e Roberto, incapaz de se conter, irromperá ali mesmo no mais triste dos choros. É preciso intervir, impedir a catástrofe próxima. E o olhar de apelo de padre Luis ao Reitor é tão expressivo que a longa pausa premeditada fica logo abreviada:

- Era o que o senhor merecia, certamente!

Surpreso, Roberto levanta os olhos, percorre rapidamente o horizonte, onde é possível que haja alguma coisa nova, inesperada. Abaixa-os logo, envergonhado. O Reitor conclui com rapidez, perturbado pelas lágrimas de Roberto:

- E seria mesmo o que eu faria, se não tivesse resolvido evitar um escândalo tão grande, tão degradante para o senhor e para o nosso Colégio. O senhor acaba seu curso daqui a pouco tempo - alguns meses mais, apenas. Por outro lado, sua conduta anterior foi sempre boa, digna da educação que recebeu em casa e da consideração que seus pais nos merecem. Enfim, como padre Luis ainda ontem salientava, a seu favor, todos esses fatos devem ser levados em consideração, mesmo em se tratando de uma falta da gravidade da sua... Resolvi, pois, poupá-lo.

Roberto sente de novo o sangue correndo nas veias, o ar, mais leve, a vida possível. O mundo ressurge do nada onde esteve mergulhado durante tantos minutos. Não sabe ainda o que vem, o que terá de suportar, nem como se sairá daquela aventura, porém é evidente: o grande perigo passou. O alívio é instantâneo. Contudo, a tensão nervosa foi muito grande, muito forte demais para a sua resistência. Agora, as lágrimas caem pela face e nenhuma força será capaz de retê-las. A seu lado, o Reitor continua:

- Vou poupá-lo, sim... mas, condicionalmente.

Os olhares de Roberto e do Reitor se encontram. Roberto abaixa logo o seu, apesar da angústia que se reacende frente ao novo perigo. Também o Reitor fixa o chão, perturbado pelas lágrimas que formam dois grandes veios nas faces de Roberto. É quando padre Luis intervém, aproveitando a aflição do Reitor, para ver se ainda consegue tirar algum resultado benéfico daquela conversa:

- Roberto, esqueceremos tudo o que você escreveu, absolutamente tudo, se prometer que está acabado, que nem mais pensará nisso.

E, fixando o olhar incerto que Roberto, surpreso com o tom, levantou sobre ele, padre Luis confirma:

- O que nos importa, é que se acabe essa infelicidade... é não permitir que vá adiante. Compreende?

A situação parece incerta. Padre Luis pensa: ainda há possibilidades. Dando o seu primeiro sinal de compreensão do que estão esperando dele, Roberto abana afirmativamente a cabeça. O Reitor o olha com severidade, descontente com o tom que a conversa está tomando. Padre Luis prossegue:

- Desse modo, queremos que rasgue ou queime esse seu Diário, tão nocivo, tão perigoso sobretudo... Trata-se de um Diário, não?

Roberto vai responder, vai explicar qualquer coisa, quando o Reitor intervém num assomo de energia destinado a contrabalançar o que lhe parece ser a complacência de padre Luis:

- Está claro que é preciso rasgar! Queimar logo! Onde é que já se viu conservar uma porcaria dessas, uma imundície capaz de lançar o escândalo no espírito dos que o lerem, dúvidas possíveis sobre a reputação de colegas seus perfeitamente honestos, incapazes de compartilhar esses sentimentos baixos?! Fogo com ele, e quanto antes!...

O ataque é tão rápido e descontrolado que é como se estourasse no ar. O próprio Reitor sente que foi longe demais. Padre Luis nota logo o movimento de protesto de Roberto e reconhece: “Qualquer outro teria a mesma reação. Nenhum rapaz dessa idade aceita que se trate o seu Diário desse modo. É preciso não conhecê-los absolutamente para poder, com as melhores intenções do mundo, feri-los desse modo, no que têm de mais suscetível: sua liberdade íntima, o direito de só prestar contas a Deus...” Mais um pouco, mais alguns passos em falso, e Roberto estará se insurgindo, lembrando que não fez nada, apenas falou consigo mesmo, num Diário, num caderno de confissões, numa coisa absolutamente íntima.

De tudo isso, padre Luis conclui a necessidade de intervir a tempo, antes de Roberto responder, antes de juntar coragem e pensar em reagir. Intervir de modo a desviar o curso da conversa. É ele quem responde por Roberto, com segurança absoluta:

- Não há dúvida, padre Reitor. Está já entendido: Roberto não deixará de rasgar o Diário.

No entanto, o Reitor não parece satisfeito. Roberto tenta falar, balbucia algumas palavras de confirmação. Ninguém as entende. O Reitor quer insistir ainda um pouco:

- De modo que ficamos entendidos: o menor passo em falso, no sentido que sabemos... e é expulsão, sem apelo.

- Ele não o dará, padre Reitor.

- Muito bem. Mas, fica o aviso de pé. Está de quarentena, sob os meus olhos, vigiado: a menor palavra, a menor indiscrição...

Percebendo a súbita irritação de Roberto, padre Luis atalha:

- Roberto não falará nada, padre Reitor. Também isso eu lhe asseguro.

Durante alguns instantes, o silêncio é absoluto. Depois, o Reitor faz com as mãos que está bem: confia. Padre Luis respira, por um momento aliviado. Porém o pior golpe, de todos os daquela desgraçada conversa, ainda vem, quando já não espera. No momento em que Roberto, depois de ter recebido licença de se retirar, vai saindo, o Reitor o chama e, abrandando o tom anterior, pergunta-lhe:

- Escute, Roberto... depois de tudo o que se passou, não sente necessidade de se reconciliar com Deus?

Por um momento, a suspensão é completa. A ansiedade está em todos. O Reitor insiste:

- Por que, para tudo ficar bem liquidado, não se confessa com padre Luis ou comigo? Não sente necessidade?

Padre Luis abaixa os olhos, dessa vez definitivamente vencido. Surpreso, desorientado, Roberto olha o Reitor com uma irritação surda, acusando-o mentalmente de estar querendo aproveitar a ocasião para trazê-lo de novo às confissões de dois anos antes. Certamente, entre ele e padre Luis, a conversa devia ter girado em torno dessa ideia: os malefícios da falta de religião entre os alunos, a necessidade de aumentar as aulas de catecismo. Sem se poder conter, como se estivesse incerto da resposta a dar e com uma humildade fingida que não escapa a padre Luis, Roberto indaga:

- Isso alterará a decisão... se eu não me confessar?

- Que decisão? A da sua não expulsão?

Roberto confirma com a cabeça. Sente que o Reitor vai responder, dizer logo que não, porém padre Luis não lhe dá tempo. O golpe que a pergunta de Roberto representa - a frase de efeito duplo, hesitante e covarde aos olhos do Reitor, agressiva, pérfida, em relação a ele - sente-o logo e resolve

não deixar passar uma impertinência daquelas, uma interpretação tão deprimente do gesto do Reitor. Faz logo face ao adversário inesperado:

- Sua pergunta é ridícula, Roberto. Naturalmente que uma coisa não depende da outra. Você sabe perfeitamente: a confissão é um ato de absoluta liberdade. Quando foi que você viu um padre se servir de meios desses? Não torne a fazer dessas perguntas, por demais ingênuas para a sua idade e para o simples conhecimento de catecismo de que você ainda não deve ter se esquecido inteiramente...

O tom é duro, cortante. O Reitor o olha surpreso, estranhando a súbita investida. Decididamente, uma alma estranha, aquele padre. Mas de qualquer modo a censura foi útil - úteis todas as censuras àquela criatura desviada do bom caminho...

Roberto sai de cabeça baixa, desconcertado. Não tinha querido humilhar o Reitor, como padre Luis visivelmente julgou. Cedeu apenas a uma irritação de momento. E o resultado estava ali: feriu padre Luis sem querer, feriu o aliado por simpatia, por amizade. Irritado consigo mesmo, com a sua falta de jeito, sente-se ingrato, estúpido. E, como a dor de cabeça já vai tomando proporções sérias, resolve não voltar à aula e tomar o caminho de casa, do quarto onde poderá se trancar, sozinho consigo mesmo.

A CONVERSA entre o Reitor e padre Luis foi curta e penosa. Apenas o enunciado de algumas medidas práticas urgentes, duas ou três observações do Reitor sobre a crescente falta de piedade nos colégios de meninos, e logo cada um se lembrou dos deveres que o esperavam. Padre Luis tinha uma aula, o Reitor precisava ir à Capela para confessar quem lá estivesse esperando por ele.

Padre Luis saiu contrariado. Não tivera coragem de dizer nada, nem mesmo de lançar a mais leve sombra no espírito do Reitor sobre o bom êxito da conversa com Roberto. Agora porém, acabado o enunciado das questões de aritmética que iam constituir a sabatina do dia, olhava os alunos daquele curso infantil sem vê-los, alheio a que pudessem estar colando ou falando entre si, inteiramente absorvido pelo desastre assistido pouco antes. Nada pudera fazer, nem mesmo reprová-lo ou denunciar a solidariedade aparentemente hipotecada aos métodos contraprodutivos do Reitor.

Conhecia bem Roberto. E não lhe faria favor dizendo que, de todas as pessoas qualificadas para isso, ele era quem melhor o compreendia. Melhor

que os pais, ou Silvinha, ou qualquer de seus colegas. Conhecia-o desde garoto, a natureza especial que cedo revelara as menores particularidades do seu temperamento. E não se esquecia nem mesmo que, a essas fontes de conhecimento, juntava mais uma, proveniente da existência de um não longínquo parentesco entre sua família e a de Roberto. Mais de uma vez sua mãe lhe contara a surpresa, o verdadeiro escândalo que fora, em tempos, o casamento dos pais de Roberto: Evangelina Carvalho, com menos de dezoito anos, acusara uma súbita paixão por Rogério Dutra, um homem doente, de mais de quarenta anos, de gênio insuportável sem nenhum predicado que justificasse o sentimento inspirado. Em vão, parentes e amigos tinham querido fazer-lhe ver que ia ligar para sempre a sua mocidade ainda em flor, a pureza de sua saúde, a alegria constante do seu gênio, a um destino já comprometido pela doença e pela neurastenia, a um fracassado para quem a vida era um peso. O casamento se realizara e Roberto viera ao mundo ainda em pleno período de exaltação materna pela obra de salvação e reerguimento em que se empenhara com todas as suas forças.

O que tinha sido, posteriormente, a vida dessa mulher cheia de coragem e entusiasmo, todos sabiam. Ao invés de melhorá-lo, de restituir-lhe a confiança perdida, os anos só tinham feito piorar Rogério Dutra e, apesar da sua real afeição pela mulher e pelo filho, a vida em comum se tornava às vezes insuportável. Nos períodos agudos da crise neurastênica, todo o esforço de Evangelina era pouco para evitar choques decisivos e o próprio Roberto não raro sofria os contragolpes de um gênio descontrolado que, sem exceção, parentes e amigos temiam.

Por Roberto, não se diria nada, no entanto. Gênio melhor, mais absoluta boa vontade, em relação à vida, alegria mais constante e tranquila, não se podia desejar. Explicavam todos: devia ser a herança materna, o legado de toda uma linha de criaturas de esplêndida saúde e de ideias claras e simples. Inclusive no físico, saíra à mãe: bonito menino, como ela fora bonita desde muito moça, e ainda continuava a ser.

Ao nascer, e nos primeiros meses, inspirara cuidados, porém, com os anos, fora robustecendo e, desde os quinze anos, era um rapaz alto e bem proporcionado, agradável à vista com a sua cara larga e os olhos claros e francos - o oposto do pai, homem pequeno e franzino, de traços aperreados e expressão pouco simpática. Não espantava pois que Silvinha, filha de uma

irmã de Evangelina, tivesse por Roberto, desde a meninice, um desses entusiasmos que nada conseguira amortecer - nem mesmo uma certa indiferença, difícil de esconder e já manifestada em mais de uma ocasião.

Filho único, filho especialmente querido, crescera rodeado de facilidades. Nenhum problema sério, nenhuma contrariedade que o marcasse. Aceitava o amor de Silvinha, considerava-se comprometido para o futuro em relação a ela, mas não lhe dava maior atenção. Vivia tranquilo, aceitando o desenrolar dos dias do melhor modo possível, aparentemente como se não houvesse nada de grave na sua existência. Exceto uma vez, durante algumas semanas, padre Luis sempre o vira assim, desde menino. E concordava com o otimismo do comum das pessoas. Fazia, no entanto, ligeira retificação: era uma natureza delicada e fortemente afetuosa, como conhecia muitas - "dessas que se agarram ao que vem ter a elas no desenrolar dos acontecimentos de cada dia, afeiçoam-se às menores coisas e custam tanto, depois, a se separar delas que acabam ficando com uma eterna saudade do passado, desse sorriso amigo da vida que tiveram e se foi para nunca mais voltar". Portanto, alguém para quem a vida, dificilmente, poderia ser ou continuar a ser, por muito tempo, uma mar inteiramente calmo.

Aliás, daquele mar tranquilo já assistira a uma crise bastante inquietante, suficiente por si para revelar o fundo tumultuoso daquela superfície tão calma. Mesmo antes da recente revelação sobre sua anormalidade, já o sabia trabalhado por forças estranhas, tão mais impiedosas quanto mais secretas. A crise que presenciara não podia deixar de ter sido profunda. Que ninguém soubesse de nada, era natural: passara-se tudo, a princípio, nas grades de um confessionário, depois no fundo de um coração. E conhecia bastante Roberto para saber que não era criatura de expor aos outros seus sentimentos íntimos. Da crise de Ivo, da de Olívio, da do Brandão, todos sabiam - tinha sido assunto de recreios inteiros, de longas conversas nos domingos, depois da missa. Roberto falava muito, mais que Ivo, mais que André, mais que muitos outros, porém sempre de coisas sem grande importância, evidentemente sem a menor significação para ele. Todos sabiam disso e, em consequência, alguns duvidavam da sua sinceridade. De sua crise religiosa - pensava padre Luis com segurança - certamente Roberto não falara a ninguém...

Tivera lugar bem antes da de Ivo, talvez justo um ano mais cedo. Ainda

se lembrava bem de todos os detalhes. Mesmo que quisesse não os podia esquecer. Sentira-se ferido no que tinha de mais sensível. Como Ivo, Roberto era dos alunos que mais prezava no Colégio, daqueles por quem tinha uma amizade especial, feita de atenção diária e esforço de compreensão. Julgava-a compartilhada. Na verdade, com ou sem amizade real, era fato indiscutível que poucos alunos tinham perseguido tanto padre Luis com perguntas e observações como o Roberto de anos antes, especialmente quando aluno do 1º e do 2º ano ginasiais. Padre Luis não se queixava. Regozijava-se no íntimo e cada vez mais se afeiçoava a Roberto, depositando nele uma daquelas "imensas confianças" que, no Colégio, só ele sabia ter.

Depois, subitamente, Roberto se retraíra. Em aparência, um mistério insolúvel. Espaçara as confissões. Mergulhara em silêncios estranhos que não se explicavam. E debalde tentara vencer o frio que, aos poucos, se estabeleceu entre eles. Cada dia as relações tinham se tornado mais difíceis e vagas. Roberto passava a evitá-lo.

Mais tarde, compreendeu tudo: Roberto se afastara dele ao mesmo tempo que se afastara de Deus. Os dois movimentos tinham sido paralelos. E ele não tinha percebido coisa alguma. Roberto levara longos meses perdendo a fé - perdendo-a em silêncio, sem dizer nada a ninguém, nem mesmo a ele, seu confessor... Pobre menino! Teria tido consciência do progressivo caminhar do mal? Era muito provável que sim, porém jamais pudera saber com segurança. Roberto nunca quisera explicar.

Nisso, fora bem diferente de Ivo. Ivo falara, discutira, não entregara o reduto último senão depois de longas lutas. Podia testemunhar, diante de Deus, quando chegasse a ocasião. Mas, com Roberto, tudo se passara de modo tão diferente que ainda ficava pasmo ao se lembrar das conversas de então. Perdera a fé porque perdera. Sentia, lastimava, reconhecia a desgraça - mas, que podia fazer? Desconversava, usava dos piores estratagemas para contornar as dificuldades criadas. Plano, simples plano? Indiferença? Covardia? Jamais pudera saber ao certo.

Sabia, sim, com segurança, que fizera tudo para conseguir atingi-lo em algum ponto ainda vivo, para obrigá-lo a reabrir o debate. Passara semanas agoniado, emagrecera de desgosto ao vê-lo continuar tranquilamente a sua vida, como se se tratasse de um assunto definitivamente encerrado. Pedira a Deus com todas as suas forças, e em espírito de absoluta humildade, uma

revisão de julgamento. Nada conseguira, senão uma severa repreensão do Reitor, a quem aquela tristeza aparecia como um quase-desespero ante a misericórdia de Deus. Teria perdido a confiança? Estaria pecando contra a esperança?

Padre Luis sabia que não. Não desesperava, a Deus tudo sendo possível. Todavia, a tristeza estava ali diante dos olhos, igual a tantas outras; Roberto perdera a fé. Perdera-a, no entanto, como alguém que perde alguma coisa insignificante, em nada essencial à sua existência. Conformava-se. A vida recomeçava para ele, como se nada fosse.

Sem dúvida, sempre é cedo para perder a fé e os homens jamais anulam completamente os sinais que essas crises deixam. No entanto, para padre Luis, perdê-la naquela idade e daquele modo, eram indícios seguros de grandes tristezas, de densas sombras que não suportavam a luz do dia. O perigo que Roberto corria devia ser imenso. Ninguém necessitava mais de orações do que ele, ninguém estando mais exposto, mais nu diante da vida...

SEMANAS, meses, dois anos inteiros haviam passado e eis que o Reitor, uma tarde - algumas tardes apenas antes daquela - surgira diante dele, ainda vermelho de indignação, trazendo entre os dedos trêmulos, uma folha de papel escrita por Roberto, uma estranha revelação sobre seu estado de alma atual.

As palavras lhe pareceram logo inequívocas. Não era a primeira daquelas misérias que chegava ao seu conhecimento, e ainda se recordava do seu tempo de meninice, das vezes que tivera de volver o olhar para não ver certos gestos, de fechar os ouvidos para não ouvir certas palavras... Sem dúvida, numa natureza mais elevada que o comum, como a de Roberto, essas tristes misérias deviam se passar de um modo diferente, menos brutal - e isso explicava os termos empregados, as imagens de que se servia para velar uma realidade por demais ignominiosa e repugnante. Em qualquer caso, porém, uma desgraça terrível, imprevisível, um descalabro para quem tinha por Roberto a mesma velha amizade, idêntico interesse, uma confiança ainda muito grande.

De queda em queda, de miséria consentida em miséria ainda mais consentida, viera ter ali, àquele pântano. Devia ter rolado muito, antes de descer tão baixo. Devia ter sofrido, sofrido intensamente - ele, cujo gênio era tão alegre e franco, tão bom de natureza, tão leal, tão puro mesmo.

Pobre Roberto, certamente devia ter sido de pequena abdicação em pequena abdicação que chegara a aceitar aqueles sentimentos e a considerá-los com tanto entusiasmo - um entusiasmo tão ingênuo, tão gritante, tão monstruoso.

Compreender era fácil. Ou, pelo menos, não tinha dúvida de estar com todas as peças do processo em mão: na idade em que se é mais fraco, uma natureza especialmente fraca, perdendo a fé, esquecendo Deus, cede à sua inclinação mais forte e nenhuma força consegue retê-la. Dia após dia, vão caindo as pequenas barreiras. Não há miséria a que não se chegue, então, quando se tem inclinação para ela. O exemplo, os exemplos ali estavam: Roberto, escrevendo aquelas monstruosidades, quem sabe mesmo tentando algum meio de perturbar a pureza de Carlos Eduardo, de seduzi-lo a se inclinar um momento sobre as fontes do mal. Ivo, tendo fracassado na sua primeira tentativa de trabalho, desorientado, cometendo toda a sorte de desatinos depois que percebera o interesse de João por Lourdes e suas intenções de fazê-lo valer - Ivo vivendo longe de Deus uma pobre existência de pecado, guiado por um novo companheiro que todos diziam mau amigo e coração depravado: Pedro Borges... De Olívio Santos, não tivera notícias recentes, mas as últimas eram péssimas. De outros, informações não menos penosas. Sempre a mesma miséria: uma vida estragada, sem nem ao menos a satisfação de se poder dizer feliz, contente, tendo acertado o caminho.

Por mais lastimável que fosse, era, no entanto, fácil compreender: Roberto rolara a encosta e se deixara levar pelo que havia de pior na sua natureza. Mergulhara fundo. Tão fundo, que ninguém podia saber até onde não iria, se continuasse seguindo por aquela estrada envenenada. Mesmo sabendo, como sabia graças ao conhecimento de casos semelhantes, que certos desvios são apenas passageiros e não atingem nada do essencial da natureza em formação, o perigo lhe parecia imenso. Roberto já passara da idade em que misérias como aquelas, quando acontecem, vão-se com o movimento indiferente dos dias. Aquilo era um sinal mais grave, mais fundo, sobretudo revestindo uma forma tão exaltada. Certas frases da página encontrada arrepiavam padre Luis. Pareciam-lhe frases de amor, definitivas, dessas que os anos não apagam e a vida jamais perdoa.

Agora, o fracasso total da repreensão do Reitor colocava padre Luis diante de um problema agravado em inúmeros aspectos. Roberto não só não desarmara, não oferecera caminhos para que pudesse falar-lhe de coração

aberto para coração aberto, de alma próxima para alma próxima, como até lhe parecera sair da conversa mais aguerrido do que antes para uma resistência futura. Ferido, fechava-se em si mesmo. Recusaria qualquer auxílio. Enclausurava-se na sua vergonha, na humilhação sofrida. E encerrava o debate. Mais uma vez pretendia passar uma esponja naquilo que de modo algum podia ser resolvido assim, como um acontecimento qualquer da vida cotidiana.

Porque, era evidente: não bastava preservar Carlos Eduardo, afastar dele até mesmo a possibilidade do escândalo. (E, para isso mesmo - pensava padre Luis inquieto - não seria necessária a colaboração de Roberto?) Salvá-lo era muito, mas não tudo. Carlos Eduardo era uma alma. Por mais extraordinária que fosse, não deixava de ser, apenas, uma das duas almas em perigo. Alma por alma, eram iguais, valiam o mesmo preço infinito. Salvar Carlos Eduardo não dispensava de salvar Roberto. E era essa possibilidade que lhe parecia ter ficado comprometida. A tarefa que via aberta diante de si, reclamando sua coragem, sua fé, era essa: impedir a perdição de caminhar mais adiante naquela alma. Não devia desesperar, sabia bem. Contudo, frente a uma dificuldade tão grande, como não sentir o ânimo abatido, a coragem vacilante, o olhar turvo de angústia e de medo?

Os alunos do infantil C podem segredar à vontade suas pequenas informações proibidas. Nessa tarde, padre Luis descuidará dos seus deveres de todo o dia e, diante de uma aula surpresa e ainda hesitante nos seus cochichos, manterá um olhar vago de quem não pode ver nada, com a atenção muito distante dali, ocupada para se lembrar da necessidade de impedir que eles "colem" uns dos outros a solução dos problemas propostos.

Mais uma vez, sente a responsabilidade especial que pesa sobre seus ombros. O amargor que a fraqueza de Ivo lhe trouxe ainda não cessou, a contrariedade ocasionada pela inesperada deserção do Brandão não passou, e já vê no seu pobre horizonte de criatura que se sabe sem grandes recursos persuasivos, mais aquele tremendo caso - questão de vida e de morte, de salvação ou de danação - entregue às suas mãos, como um navio naufragado em pleno oceano. Sente a carga pesada, os ombros muito fracos. Mas, inexplicavelmente, sente-se também aliviado por ser tamanha a desproporção, tão forte a sensação de presença de alguma coisa de sobrenatural, que regulará a balança conforme sua vontade todo-poderosa.

A sineta anunciando o fim da aula toca, enfim. Os meninos se levantam, em outros cursos alunos se movem, encaminham-se para o recreio. A vida do Colégio continua seu ritmo normal, como se nada tivesse sucedido. Padre Luis também mergulha no ritmo geral. A única coisa que nota, ao ver desfilar no corredor o último ano ginasial, é que Roberto não está na fila. Pensa: “Nós o expulsamos”. Depois, surpreso, corrige: “Quantos anos de vida não daria para vê-lo ali, neste momento, nada tendo acontecido, nada passando, na realidade, de um mau sonho meu?...”

2

NAQUELE dia, Roberto não teve fome para jantar, nem coragem para conversar com ninguém. Parecia-lhe que todos já sabiam do sucedido e só esperavam o momento oportuno para falar. Logo após o café, trancou-se no quarto, sob pretexto de ter muito que estudar para o dia seguinte. Uma dor de cabeça tenaz, trazida do colégio, conservou-o acordado até de madrugada. Nenhum remédio fez o menor efeito. Era como se a dor fosse solidária com o seu estado de contrariedade.

Só então compreendeu, verdadeiramente, o que tinha acontecido à tarde e quanto o golpe sofrido era irreparável. Foi como se uma onda de sangue lhe tivesse subido à cabeça: sentiu-se perdido de raiva, de humilhação, capaz de destruir não importa o que achasse na sua frente. Nada fez de violento, mas deixou-se ficar caído na cama, num tamanho desespero que, durante alguns segundos, tudo ficou confuso e nublado na sua cabeça. Depois, aos poucos, voltou a si, mas a irritação persistiu em toda a sua força.

Tanto o Reitor como padre Luis o tinham tratado mal. Honestamente, não se trataria um moleque ou um crápula daquela forma. De posse de uma página do seu Diário, antes de procurar indagar o que realmente havia, tinham preferido fazer uma interpretação absurda, ridícula, deturpando o seu sentimento. A censura se seguira, estúpida, humilhante. Ainda pior: valendo-se da possibilidade de expulsá-lo, poucos meses antes do fim do curso, tinham-no obrigado a ouvir insultos e misérias, incríveis deformações dos seus sentimentos.

Do Reitor, não se espantava. Nem mesmo de ele ter querido aproveitar uma vantagem momentânea para forçá-lo a se confessar, valendo-se, assim, da situação de excepcional dificuldade em que estava. Mas, por parte de padre Luis, era realmente estranha aquela atitude. Por mais que o tivesse protegido dos excessos do Reitor - e adivinhava quanto devia ter intercedido em seu favor para abrandar rigores mais funestos - não deixara de tomar parte, e sempre de um modo desagradável, repugnante mesmo. Também ele deturpara, também ele colaborara fartamente na humilhação.

Não queria mais nada com ele. Voltar-lhe-ia as costas, da primeira vez que tentasse lhe falar. Considerava-ao culpado, quase tanto quanto o Reitor. O simples fato de estar de acordo com aquela encenação vergonhosa bastava para condená-lo. Um padre decente, correto, como sempre pensara que ele fosse, teria de início se recusado àquela sujeira, àquele inexplicável intrometimento na sua vida, nos seus sentimentos íntimos. Teria convencido o Reitor de que se tratava de um papel particular. Um triste descuido (única coisa a censurar) deixara-o entre outros papéis sem importância... e nada mais. Se um acaso infeliz o entregara à sua bisbilhotice, devia certamente não ter visto, fingido ignorar tudo, como se costumava fazer entre gente de bem.

Padre Luis podia ter agido assim. Mesmo que não o fizesse por amizade: - por honestidade, por uma questão de dignidade. Não eram ambos da mesma qualidade moral, não pertenciam até a famílias ligadas pelo sangue? Ora, em vez dessa solidariedade, desconfiara dele. E se pusera ao lado do Reitor, auxiliando-o na tarefa de puni-lo. Ainda por cúmulo, lembrando ele próprio, na hora, a destruição do seu Diário... como se se tratasse de alguma miséria, de alguma lepra moral - de alguma coisa, enfim, que ele pudesse consentir em rasgar.

No momento, suportara tudo porque, tomado de surpresa, fora logo aceitando uma culpabilidade que o aterrava. Dominado pelo tom irrespondível do Reitor, permanecera todo o tempo calado, de pés e mãos atados pelo respeito e, sobretudo, pela preocupação de evitar a expulsão ignominiosa com que o ameaçavam. Só depois respirara. Só depois pudera raciocinar livremente. E só agora via bem o absurdo da interpretação que aqueles padres tinham dado aos seus sentimentos por Carlos Eduardo - a isso que considerava a grande paixão de sua vida. Só agora compreendia, também, quanto fora fraco prometendo destruir o Diário - aquele caderno azul e preto tão querido, onde narrara a sua paixão, dia por dia - como se fosse possível, como se em algum momento tivesse tido a intenção de praticar um crime daqueles!

Na verdade, o que aqueles dois padres cheios de malícia tinham pensado, exatamente, não o podia dizer. Uma imundície, por certo. Uma daquelas vilezas que se afirmava serem frequentes nos colégios e de que conhecia vários casos, ali a seu lado e quase sob os olhos de todos. Uma daquelas situações repelentes, cujas relações deviam ouvir em confissões, e

a que tinham logo assimilado o seu caso, sem procurar saber de mais nada, sem indagar dos seus sentimentos reais, desse verdadeiro amor que tinha por Carlos Eduardo. Habituados a lidar com porcos, tinham-no logo julgado um porco. Nenhuma dúvida, nenhuma consideração de prováveis diferenças. A ideia de que ele não devia ser igual, nos seus sentimentos, às criaturas que comumente se entregavam àquele gênero de prazeres não passara por eles, não lhes merecera, talvez, dois minutos de atenção. Haviam decidido logo, julgado de olhos fechados - provavelmente por hábito, por natural amargor e ressentimento. Condenação sem audiência do réu, mau julgamento, gratuito, pecaminoso.

A indignação de Roberto não conhecia limites. Mais do que a censura sofrida, era aquela confusão que o indignava. Conheciam-no bastante bem para poder respeitar seus sentimentos, sem precisar confundi-los com aqueles outros que, tão justamente, desprezavam e condenavam. De tudo, porém, o que mais o feria, era a lama lançada sobre o seu sentimento por Carlos Eduardo - miséria e injustiça que o punham fora de si.

Seu sentimento nada continha de impuro. E, sobre isso, não admitia a menor dúvida. Tratava-se de uma paixão que o invadira e a que se entregara sem restrições, num grande movimento de coração. Nenhuma impureza, nenhum egoísmo, nenhuma má intenção. Não é uma paixão como as outras todas, porque é mais nobre e mais elevada. Conhece as outras, sabe a quantidade de impureza que trazem consigo. E sabe quanto a sua é pura, transparente, inteiramente isenta daquele fundo sombrio de desejos maus e baixos.

A seu lado, no Colégio ou fora do Colégio, na vizinhança de casa, conhece casos, pode citar nomes. Já viu como se desenrolam, com que egoísmo cego e brutal as criaturas se desejam. Desde cedo criou horror a esses desejos surdos e impiedosos que entregam corpos a outros corpos, uns parecendo ter sede dos outros e devorando-os em poucos instantes, para se afastar depois, estranhos e quase hostis, sem nada mais que os una no futuro, como nada os uniu no passado.

Pelo pouco que já conhece, tem horror desses casos - e, naturalmente, o seu nada tem de comum com eles. Nunca desejou Carlos Eduardo, como vê esse desejar aquele ou aquela, com a preocupação exclusiva de tirar prazer do seu corpo, de se satisfazer e seguir viagem. Sem dúvida, Carlos Eduardo é tudo para ele e só pensa nele, de dia como de noite, sempre. Sem dúvida,

vive disso, dessa preocupação de todos os instantes, da contemplação diária daquela criatura que representa a vida e sem a qual não há mais nada no mundo. Não obstante, seu sentimento é diferente, sua paixão é outra coisa do que o comum das paixões. Qualquer confusão é um crime cometido contra o seu amor, um crime que, se o cometesse, jamais poderia se perdoar.

Rasgar o Diário, queimá-lo como lhe impuseram, seria, simplesmente, perpetrar esse crime, aceitar essa confusão que lhe parece destruir, não só seu amor, como sua própria vida. E isso é o que não pode consentir. O que não fará nunca! Enganará os dois padres, mentirá sempre que for necessário, mas não trairá sua paixão. Seu Diário resistirá a todos os ataques da maldade e da má fé, a qualquer tentativa de deturpação. Falará por ele diante de Deus e mais alto que as vozes juntas dos padres da terra.

Assim, de exaltação em exaltação, Roberto chegou naquela noite à leitura do seu Diário, daquelas páginas infantis onde contava tudo o que lhe acontecia e, ocupadas, nos últimos tempos, quase unicamente, pelos detalhes da sua paixão. Durante longas horas se deixou absorver por aquela leitura e a tranquilidade lhe veio enfim, como um consolo ou um remédio, não sabia bem...

A PRIMEIRA vez que notara a existência de Carlos Eduardo - lembrava-se perfeitamente - fora durante um jogo de futebol, quase dois anos antes. Carlos Eduardo devia ter, então, uns doze, ele quinze. Os cursos a que pertenciam, 1º e 3º anos ginasiais, jogavam um contra outro. E ele, sem querer, tinha atirado Carlos Eduardo ao chão. Não acontecera nada, mas, por um momento, sentira receio de ter machucado o adversário, tão menor que ele - um menino ainda de calças curtas. Carlos Eduardo se levantara e continuara a jogar, como se nada fosse. Não parecera nem mesmo ter prestado atenção. E o jogo prosseguira, alheio ao acontecimento que não acarretou penalidade alguma. Tudo, no entanto, foi completamente diferente, desde esse dia.

Não sabia como explicar e, na verdade, era coisa realmente estranha que, atento como era a tudo, coisas ou pessoas, só naquele momento tivesse percebido a existência de Carlos Eduardo. Há vários anos estava no colégio, e soube, depois, que também os Freitas, Ivo e Carlos Eduardo, há anos se educavam ali. Todavia, só naquele instante, e graças a um acontecimento absolutamente sem importância, notava a existência de Carlos Eduardo.

Como explicar a cegueira, o alheamento que o tinham feito passar tantas vezes ao seu lado sem vê-lo? Seu Diário foi fértil, nesses dias, em explicações da mais alta transcendência. Era certamente uma dessas fatalidades espantosas - "coisas do destino, que faz com que a gente só perceba a existência de uma pessoa no momento exato em que está maduro para dedicar-lhe toda a atenção de que é capaz". Destino, capricho, acaso, falava com a mesma exaltação de tudo e, no fundo, continuava sem entender, sem saber explicar.

O fato é que, assim vira Carlos Eduardo e fixara nele dois olhos trêmulos de emoção - onde, era evidente, não existia a mais leve sombra de um desejo - não pudera mais tirar o olhar de cima dele. Durante aquele recreio, no outro que se seguira, à tarde na saída do colégio, no dia seguinte e nos dias que vieram, a preocupação fora exclusiva.

Tudo girava, agora, em torno de ver ou não ver Carlos Eduardo. Nenhuma cogitação de saber o que aqueles olhares poderiam querer dizer, nem se iam de encontro às regras da moral, ou da religião, de que estava, justamente nesse momento, começando a se desprender. Nenhuma preocupação nesse sentido, apenas o problema de ver ou não ver, de encontrar ou não encontrar o objeto do seu entusiasmo. Disso dependia, na verdade, a sua vida.

De manhã, ao chegar ao Colégio, antes de mais nada, já os olhos emocionados da longa expectativa da noite anterior iam procurar Carlos Eduardo nos grupos de alunos do 1º ano. Queriam vê-lo, saciar a sede de longas horas de privação. Na forma, sabia como se colocar para vê-lo durante o máximo de tempo possível - e sabia lançar-lhe, quando as filas se dirigiam para as aulas, um último olhar de despedida, rico e quente, que levava consigo uma imagem mais viva e mais duradoura que as outras. Durante os estudos, não raro simulava necessidades urgentes para poder passar pela sala do 1º ano e se atrasar, contemplando somente a Carlos Eduardo, enquanto o olhar parecia percorrer a classe toda. Nos recreios - os grandes recreios que faziam do colégio, comumente já tão apreciado por ele, um verdadeiro céu aberto - seguia Carlos Eduardo o tempo todo e só receava uma coisa: a sineta que iria pôr fim àquele paraíso: vê-lo em liberdade, brincando, vê-lo tal qual devia ser em casa. E à tarde, na saída, demorava-se em conversas, subitamente declaradas inadiáveis e, sob mil pretextos, conseguia esperar o momento de Carlos Eduardo passar pelo

portão, de modo a não perder mais essa oportunidade e poder, assim, levar para casa a última imagem do dia, aquela que estaria com ele na solidão encantada do quarto e nas proximidades do sono feliz. Vê-lo uma última vez, para melhor poder imaginá-lo de noite, para ter mais uma probabilidade de sonhar com ele - esse supremo ideal de tantos meses seguidos...

Vivia assim, como que mergulhado naquela imagem, naquelas visões sucessivas que ia acumulando e representavam para ele a verdadeira personalidade de Carlos Eduardo. Vivia delas, de tê-las sempre presentes - tão presentes mesmo que era como se não houvesse mais lugar nele para nenhum outro interesse, para nada que não fosse Carlos Eduardo, vê-lo, lembrar-se de tê-lo visto: o ciclo da noite longe dele que sucedia ao dia cheio dele, do dia cheio dele que sucedia à noite longe dele.

Naturalmente, nos dias em que Carlos Eduardo não ia ao Colégio, sofria muito. Primeiro, era a dúvida, a cada minuto mais terrível, sobre se viria. Talvez estivesse atrasado, só fosse chegar à hora do primeiro recreio. No entanto, muitas vezes, os últimos prazos se esgotavam e Carlos Eduardo não surgia. Era inútil esperá-lo mais. Teria que passar o dia sem vê-lo. E as horas da tarde corriam numa lentidão exasperante. Que fazer? Tudo perdia o colorido habitual, parecendo monótono e de um desinteresse total. A vontade era de que a noite chegasse logo e viesse bem rápido o sono e, depois dele, um novo dia surgisse.

Se Carlos Eduardo era bonito ou feio, se tinha traços finos, modos delicados, se podia inspirar sentimentos iguais aos seus a outros rapazes, não sabia dizer. Não cogitava disso, não lhe interessavam os seus traços. Talvez não fossem muito finos e bonitos, mas, que lhe importava? Os de Silvinha o eram, sabia bem. No entanto, Silvinha o deixara quase indiferente. E raramente se lembrava dela. Enquanto que, em Carlos Eduardo, tudo era motivo de recordação. E daí vinha, justamente, a diferença: de Silvinha gostava, gostava muito mesmo, mas, como de uma irmã, de uma prima, no máximo.

Em Carlos Eduardo, tudo lhe agradava, indistintamente. Olhava-o com tanto ardor, sentia-se de tal modo mergulhado na sua contemplação, que não se preocupava de saber a cor dos seus cabelos, dos olhos, da pele, a conformação do rosto, nenhum desses detalhes que o comum das pessoas vê e guarda logo. Todo o tempo era pouco para ver o todo - aquela imagem

que lhe enchia sempre os olhos, emudecendo-o de admiração, numa emoção e num nervoso que o tornavam incapaz da menor reação, de qualquer defesa contra aquela escravidão. Sentia-se dominado, e era como se se tivesse abismado para sempre, nada podendo fazer contra aquilo. E, positivamente, não o queria.

Esse respeito quase religioso impediu que se aproximasse de Carlos Eduardo. A inibição era decisiva. Os acontecimentos da vida cotidiana do colégio punham-nos, às vezes, em contacto - rápidos momentos, sem nenhuma significação maior, mas que Roberto poderia ter aproveitado para se aproximar, multiplicando assim as ocasiões de ver Carlos Eduardo, de conversar com ele - dizer-lhe qualquer coisa, ouvir ele falar de si, dos seus gostos, do irmão, do colégio, de tudo. De todas as vezes, porém, não conseguia mais do que dizer uma ou duas palavras insignificantes, dessas que nada revelam do que vai em nosso íntimo de entusiasmo e de calor, de vontade de comungar e esquecer por um momento as outras criaturas.

Em recreios, em conversas no pátio em domingos ou dias feriados, diversas vezes aproveitara oportunidades, incidentes de futebol, discussões mais ou menos gerais, para dirigir a palavra a Carlos Eduardo. (Tamanha emoção, tamanha impressão de estar se traindo, revelando o segredo!...) Carlos Eduardo respondia solícito, bem educado. As conversas, no entanto, não iam nunca mais adiante. Como se o impulso, pequeno, morresse ali mesmo, por falta de interesse recíproco.

Sabia que não podia ser de outro modo. Fazia o que podia. E já era muito. Para pronunciar aquelas frases curtas, secas, natimortas, já lhe custava tanto, tamanho esforço que, em muitas ocasiões, se perguntava quem, no momento, o ajudaria a falar. Era como se arrancasse a custo cada palavra. A força de que dispunha não dava para mais.

Por seu lado, Carlos Eduardo não ajudava. Respondia, sem dúvida, mas como responderia a qualquer um. Era evidente que não se apercebia de sua existência voltada, girando em torno dele, tendo-o como interesse único. Tratava-o como a todos mais: bem, na hora em que se encontravam. Depois, parecia se esquecer completamente e, nos encontros posteriores, já não subsistia a menor recordação. O pouco conseguido de cada vez, era sempre a recomeçar.

Por um momento, julgara que talvez fosse mais fácil tentar o caminho à sombra de Ivo. Apenas um ano mais adiantado do que ele, Ivo, a quem já

conhecia e com quem falava com desembaraço, era de acesso bem mais fácil. Certamente um ano de diferença, outros amigos, gênios que pareciam bem diversos, eram obstáculos sérios para qualquer aproximação maior. Com um pouco de esforço, todavia, talvez não fosse impossível. Valia, pelo menos, tentar.

A primeira tentativa resultou num lamentável fracasso. Um mau acaso fez com que Ivo, num dia em que ia sozinho pela rua, não visse o seu sinal e passasse os olhos por ele como se fosse um estranho. Roberto não teve dúvida sobre a significação do fato. Por mais triste que fosse, não deixava de certo modo de ser natural: era um ano mais adiantado, tinha outros amigos, exceção feita de André. Perdeu, no entanto, a confiança no seu plano e passou-se bastante tempo antes que tornasse a tentar nova aproximação.

Uma tarde, tomou coragem e decidiu procurar Ivo em casa, sob pretexto de pedir-lhe emprestado um livro, de que diria ter grande urgência e que, por acaso nenhum dos seus amigos pudesse lhe emprestar, no momento. Seria o ponto de partida de toda uma amizade...

Lembrava-se bem: fizera uma das mais belas tardes de que tinha recordação. Parecera-lhe haver muita gente nas ruas, como se todos estivessem querendo aproveitar o tempo. Até o momento em que uma rápida e forte pancada dágua viera limpar o céu das nuvens acumuladas, fora um abafamento insuportável. Depois, com a chuva providencial, refrescara muito. Todos tinham respirado, bendito as nuvens oportunas. Fazia bem passear numa tarde assim. Roberto, também, sentia-se feliz, contente da vida como sempre. Valia a pena viver, quando se estava satisfeito daquele modo. Sobretudo, quando se depositava tão grande confiança no que se ia tentar.

O fracasso fora total. Carlos Eduardo ia justamente saindo, no momento em que abrira o portão. Surpreso e desorientado, os olhos já cheios daquela imagem inesperada, não se lembrava mais do que devia dizer. Perguntara por Ivo com a voz trêmula dos tímidos e dos suspeitos inocentes e, como Carlos Eduardo lhe respondesse que o irmão não estava, que ainda não viera do colégio, sentira-se perturbado, achando que, de qualquer forma, precisava se explicar. Esquecera o pretexto do livro e, abandonando o ar atarefado dos primeiros momentos, acabara por dizer gaguejando que, estando de passeio e passando casualmente por ali, lembrara-se de que

talvez Ivo também quisesse aproveitar a beleza da tarde. Atrapalhado com a explicação por certo inverossímil, despedira-se apressadamente, deixando Carlos Eduardo surpreso.

Apesar do fracasso do plano, ia radiante pelas ruas. Vira Carlos Eduardo, falara com ele. Poderia viver mil anos, não esqueceria jamais aquela súbita aparição no portão, aquele olhar por um momento curioso que caíra sobre ele, que o fixara, reconhecendo-o, aquele sorriso quase amigo, aquelas palavras calmas indagando a que vinha. Interessara-o, por um instante que fosse, prendendo sua atenção. Já bastava para aquela tarde ser diferente, inteiramente diferente das outras, extraordinária.

Não soube nunca se Ivo chegara a ter conhecimento da sua visita. Vendo que não o procurava no dia seguinte, como seria natural, resolveu não insistir e esperar um pouco. Não se passariam muitos dias sem que se renovassem as ocasiões propícias e, de uma delas, por certo conseguiria se aproximar definitivamente de Carlos Eduardo.

Deixou assim o tempo correr. Ver Carlos Eduardo, pensar nele, preocupar-se com ele, já era estonteante, bastava para encher dias e noites, para fazer de uma vida alguma coisa de realmente grande e bonito. E seu sentimento, longe de diminuir com os dias e a repetição das mesmas emoções, só fazia aumentar. A adoração era muda, porém seu Diário nunca tivera tons tão altos, páginas tão inflamadas.

Lendo-o, não havia como se iludir: o sentimento que tinha por Carlos Eduardo era uma verdadeira paixão. A princípio, recusara-se a aceitar, a pensar mesmo nessa possibilidade. Um dia porém, relendo trechos ao acaso, seguindo despreocupadamente a evolução dos sentimentos, compreendera, de repente, o que realmente se passava nele e a inutilidade de ser recusar à evidência. O Diário falava por si mesmo. E só talvez um cego não visse que a marcha desordenada daqueles sentimentos não era senão o lento caminhar de uma simples e irrefreável paixão. Os homens que reservam com rigor a palavra amor exclusivamente para as relações entre sexos diferentes, certamente não teria reconhecido, em tantos olhares, o olhar do amor que só sabe ver de um modo, com um mesmo entusiasmo cego e um mesmo exclusivismo que isola um ser e concede-lhe tudo. Roberto, todavia, encontrou logo a palavra e foi como se caísse de joelhos diante dela. O Diário a continha, escrita em todas as páginas, de todos os tamanhos e em todas as línguas, gritada com ingenuidade depois de ter sido ardentemente

gerada nas profundezas do seu próprio ser.

A princípio, hesitara, ainda receoso de palavras tão graves, tão importantes. Tivera mesmo um momento de dúvida, não quanto à pureza dos seus sentimentos - que, esses, não sofriam suspeita - mas diante do possível perigo que corriam se degenerasse, se ele se deixasse invadir por desejos maus, perversos. Logo baniu a dúvida, mas sentiu que uma angústia qualquer se apossara dele. Era como se a constatação de que estava amando (amando em silêncio, mas amando como poderia ter amado Silvinha, em determinado momento) e a simples etiqueta: paixão, que pusera nos seus sentimentos, tivessem levantado - embora ainda distante e sem as palavras inimigas de mais tarde - o grande problema dos sexos opostos e da vergonha de estar preso por amor a uma criatura do mesmo sexo.

Em certos dias, essa inquietação ia e vinha, como uma angústia à procura de caminho para seguir mais adiante, porém não passava de crise de momento, sem nenhum enraizamento maior. A paixão era nele tão forte que venceu logo todos os obstáculos e afogou a angústia do perigo hipotético na certeza de que nenhum sentimento poderia ser mais puro do que o seu. Era uma paixão, certamente. No entanto, podia existir alguma coisa de mais puro, de mais elevado, de maior? Se o sublime era alguma coisa mais do que uma simples palavra, não era aquilo, aquele sentimento onde não havia a sombra de um interesse mal orientado, um grão de impureza sequer?

3

O PERIGO, Roberto não o sentiu vir. A ameaça à sua tranquilidade passou por perto, desfez-se muitas vezes no horizonte, tornou a voltar, envolveu-o por todos os lados e ele nem sequer o notou. Quando a revelação se fez, já era tarde, toda a sua vida íntima estava invadida.

Tempos depois, quando procurou recordar esses dias que se tinham seguido à repreensão do Reitor, não pôde distinguir com nitidez nada do que realmente se passara com ele e com os seus sentimentos por Carlos Eduardo. Recordava-se, apenas, de que a antiga angústia, que em vão tentara ganhar corpo nos dias felizes de antes do desastre, voltara à carga, tenaz e como que segura da sua presa. Nos primeiros dias, vaga e fraca, talvez hesitante, pouco a pouco, tomara coragem, aumentara consideravelmente e viera enfim toldar por completo um céu sereno e claro como poucos tinham sido.

“Angústia de quê?” - perguntava Roberto, amargurado. No fim, quando tudo terminou ou pareceu ter terminado aos seus olhos pouco experientes, talvez pudesse dizer. Mas, como e por onde começara? Como explicar aquela inquietação inicial, aquele mal-estar de certos momentos, transformando-se aos poucos num sentimento nítido e claro, impossível de não ser identificado? Como compreender a gestação daquele mistério: uma força se desenvolvendo no mais profundo dele mesmo, envolvendo-o, subjugando-o em pouco tempo?

Debalde procurava refazer, à luz das consequências, o caminhar das causas profundas. A única coisa que sabia dizer com segurança era isso: desenvolvera-se nele um desses processos misteriosos e subterrâneos que tudo conseguem porque nada dizem e nem parecem existir - tão silenciosos, na sua lenta e poderosa minagem, que é de repente que se tem consciência da obra concluída, de que o edifício está por terra, o mundo sem eixo - a paixão transformada em desejo cego e repulsivo.

VOLTARA ao Colégio, no dia seguinte, e retomara a vida de sempre. Nada parecia ter mudado. A princípio, ainda se preocupara em saber se não

teria transpirado alguma coisa entre os colegas. A sua boa fama não parecia sequer tocada. Na aula, continuava-se a falar do mesmo modo diante dele. E as conversas com André Alves e Jorge Martins prosseguiram, igualmente prolongadas, igualmente insípidas, apesar de Jorge e André serem bons amigos, talvez mesmo as únicas criaturas do Colégio com quem se pudesse conversar sem excessos de linguagem: grosserias ou pornografia, vulgaridades que sua natureza detestava, apesar de silenciar sempre sua reprovação.

André tinha, sobre Jorge, uma inestimável superioridade: conhecia bastante Carlos Eduardo. E, ultimamente, ia sempre visitar Ivo com Branco e Leopoldo. Não era impossível que um dia o convidasse, a ele que tantas vezes deixara entrever sua vontade de assistir a uma daquelas intermináveis discussões sobre religião, moral, amor, casamento, a que André se referia com tanto entusiasmo, assegurando que Branco tinha um modo decisivo de considerar todos aqueles problemas, tornando-os questões apaixonantes, interessantíssimas. Roberto duvidava do milagre, mesmo reconhecendo que o santo era digno de respeito. Todavia, em nada diminuía o seu desejo de ser convidado para uma dessas reuniões: pois, de uma vez, André se referira, incidentemente, à presença de Carlos Eduardo, a qualquer coisa curiosa que perguntara.

André fora, aliás, uma das poucas pessoas a lhe ter falado de Carlos Eduardo. Lembrava-se bem: na festa do encerramento dos trabalhos do ano anterior. Ivo acabava o curso, Carlos Eduardo continuava estudando. Falara-lhe dos dois, sobretudo de Ivo, que ambos conheciam, um mais, outro menos. Dirigira a conversa para o irmão mais moço e André se deixara levar, dizendo tudo o que sabia sobre Carlos Eduardo, um grande entusiasmo, frases exaltadas. Parecia que André, falando, só tinha uma finalidade: agradá-lo, colocar o mais alto possível o objeto do seu culto pessoal. A julgar pelo que dizia, não existia criatura melhor dotada, mais extraordinária.

Havia, portanto, motivos de admirar Carlos Eduardo ainda ignorados por ele nessa época. Apesar de toda a sua adoração, ainda ficara muito aquém da realidade. E, desde esse dia, não só sentiu sua paixão aumentada, como passou a ter por André uma amizade maior, mais profunda e resistente.

O REITOR e padre Luis não tendo falado a ninguém do que sucedera, a vida no Colégio pôde prosseguir como se nada tivesse havido. Os dias passaram na sua habitual monotonia. No entanto, para Roberto, tudo já não estava mais no mesmo lugar.

Apesar de todos os desafios e das mais firmes decisões de continuar do mesmo modo, alheio a todas as observações que lhe tinham feito e sem cumprir a promessa, era indiscutível: a indignação tempestuosa do Reitor e a muda condenação de padre Luis haviam agido sobre ele. Não aceitava nada do que lhe tinham dito, continuava a não pôr em discussão o bem fundado dos seus sentimentos. Continuava, também, a negar terminantemente a qualquer um deles o direito de dar regras à sua vida, de delimitar o campo de suas afeições. Não obstante, sentia-se como que roubado em alguma coisa, misteriosamente diminuído em relação ao seu patrimônio anterior. Não chegava a perceber o que desaparecera. Mas sentia que lhe tinham tirado alguma coisa. E a ameaça de novas possíveis perdas pesava angustiosamente sobre ele.

Talvez estivesse imaginando um pouco, dramatizando mesmo, mas, às vezes, era como se se sentisse vigiado. Não podia dizer, de modo algum, que o estivessem seguindo ou espionando. No entanto, era como se fosse e, durante vários dias, aquela preocupação não o largara. Em certas horas mesmo, quando se surpreendia, num dos recreios, abismado na contemplação de Carlos Eduardo, ou quando, à noite, se perdia na discriminação de particularidades suas que consignava no Diário com uma fidelidade absoluta, tinha a impressão de estar roubando alguém - aqueles dois padres que pareciam ter adquirido direitos em relação à sua vida e certamente iriam reaparecer, reclamando o cumprimento da promessa: esquecimento total de Carlos Eduardo, destruição do Diário.

Acima de tudo preocupava-o essa ideia: mais dia menos dia, e apesar de já ter conseguido evitá-los várias vezes, padre Luis indagaria se já rasgara ou queimara o Diário. Do antigo padre Luis, em cuja amizade e lealdade confiara tanto tempo (um padre compreensivo e correto como poucos), seria possível esperar o esquecimento daquele triste dever. Do novo padre Luis, daquele padre reticente e submisso que surgira frente a ele, dias antes, como um aliado do Reitor, na tarefa covarde de amedrontá-lo e humilhá-lo, nada mais era possível esperar senão mesquinhez e beatices, exigências idiotas, como aquela imposta de concerto com o Reitor. Naturalmente, e

respondendo a uma deslealdade com outra, estava disposto a mentir, a dizer que rasgara o Diário. Que lhe importava aquele padre pouco sincero? Queria paz, queria acabar o curso sem desgostar os pais, sem escandalizar ninguém. Até o dia do encerramento das aulas, era preciso ser hábil, diplomata, mostrar a face mentirosa que exigiam dele. Não era essa, e só essa, a que queriam ver?

Assim, no dia em que não foi mais possível evitar o encontro, tomou coragem e, logo às primeiras palavras trocadas, avançou e declarou ter cumprido a promessa. Surpreso, desorientado, padre Luis ficou algum tempo sem saber o que dizer. Diante dele, de olhar baixo, muito vermelho da mentira, Roberto parecia alguém que estivesse sofrendo por ter tido de falar num assunto daqueles.

Padre Luis sentiu uma imensa pena daquele embaraço e tentou dizer-lhe uma palavra mais amiga. Ao Roberto humilhado de momentos antes, viu suceder um menino fechado e agressivo que não queria saber de modo algum do seu auxílio. Todas as tentativas subsequentes foram inúteis. Polido, Roberto se afastava, fugia. A recusa não deixava por isso de ser evidente. Padre Luis percebeu que estava perdendo tempo e, talvez, envenenando o assunto. Daquela vez, tinha de se contentar com a simples afirmação de que o Diário não existia mais. Pediu a Roberto que o procurasse no dia seguinte e afastou-se, o coração cheio de tristeza.

Roberto, por seu lado, não ficou menos desapontado. A mentira custara muito. Falara para evitar a pergunta esperada, mas aquilo ainda agravava o seu remorso. Por pior que padre Luis tivesse agido em relação a ele, não era qualquer um, e sim alguém por quem, até bem pouco tempo antes, tivera muito respeito e continuava a ter admiração. Enganá-lo, assim, era humilhante, desonesto - era como se estivesse comprometendo o seu amor por uma manobra desleal. E, de certo modo, afirmar que tinha rasgado o Diário, não valia como uma renegação do que existia de maior na sua vida?

No entanto, no dia seguinte, não só não procurou padre Luis, como evitou-o de todos os modos possíveis. E durante a semana que se seguiu, sentiu-se mais irritado contra ele do que nunca. E mais intranquilo também quanto à sua vida. Notou que não se sentia mais com a mesma liberdade para escrever, como se alguma coisa o impedisse, agora, de se entregar livre e integralmente ao seu amor.

Insensivelmente, o Diário se modificou, como se tudo estivesse se

passando longe dos seus olhos. Deixou de se referir aos seus sentimentos por Carlos Eduardo e, até certo ponto, dava a impressão de procurar evitá-los. Abundava em detalhes de pequenos fatos acontecidos cada dia, quase todos sem importância. Um observador perspicaz, que já tivesse lido algum trecho daquele Diário, não se teria enganado; não só saltava aos olhos a ausência completa de tudo o que, antes, era o essencial, como havia, agora, alguma coisa nova, uma presença qualquer de que Roberto ainda não tomara conhecimento...

Esse estado de inquietação e incerteza teria provavelmente se prolongado por bastante tempo, se um acontecimento inesperado, em si sem maior significação, não tivesse vindo subitamente obrigar Roberto a tomar conhecimento de uma modificação que iria ser o fim da sua alegria e o começo de uma existência que bem poucos, na verdade, hão de ter o direito de invejar. Uma existência diante da qual os homens que conhecem a vida e as misérias por ela reservadas a todos, aos virtuosos, aos normais ou aos pecadores de toda espécie, saberão se inclinar como, diante do sofrimento real sabem se inclinar, sem distinções de natureza alguma, as criaturas verdadeiramente nobres.

ESSE fato foi um simples campeonato de pingue-pongue, de que André teve a ideia e de que ele se fez logo um dos campeões.

Passara-se tudo num recreio, justamente em um dia em que Carlos Eduardo deixara de vir ao Colégio. Inexplicavelmente se sentindo mais tranquilo e melhor disposto, lamentava, num grupo de colegas do ano, a decisão que o Reitor, tendo em vista a aproximação do fim do ano, tomara na véspera: não permitir mais durante os recreios os jogos de futebol mistos, exigindo assim que cada ano jogasse por sua vez, com times fixos, de modo a ficar bem em forma para a disputa do campeonato anual.

Cada um apresentava a sua razão, mas, em geral, todos censuravam a medida. No pátio dos cursos ginasiais, só havendo um campo de futebol, não era possível, aos que não estavam escalados para jogar naquele recreio, senão ficar assistindo. Em cada dia, portanto, só se podia jogar durante um recreio, assim mesmo quando não se era o “ímpar” do dia.

Em todos os grupos, conversava-se muito, planejando reclamações conjuntas, mas ninguém deu nenhum passo nesse sentido. A uma ideia mais positiva de Jorge, apoiando um projeto de origem sua, Roberto subitamente

se opusera, temendo, agora, ter de ir ele próprio falar ao Reitor. Jorge ia estranhar sua inexplicável oposição, quando, também, subitamente, André sugeriu:

- E se fôssemos pedir a padre Luis para ele arranjar com o Reitor autorização para nós, do último ano, podermos jogar pingue-pongue nos recreios?

A princípio, a ideia pareceu estranha e sem grande interesse. Pingue-pongue não era jogo muito apreciado pelos anos superiores, nem tão bem visto quanto futebol. Contudo, em pouco, a ideia de André ganhou vários adeptos e transformou-se num plano mais ousado: estabelecer um campeonato de pingue-pongue entre todos os anos ginasiais, consagrando-se, no final, um campeão do Colégio.

Como Roberto apoiasse plenamente o projeto, Jorge comentou:

- Para você que é, provavelmente, quem vai ganhar o campeonato, é ótimo.

Antes de Roberto, André protestou: Roberto podia jogar bem, não negava, ninguém negava, mas havia outros capazes de disputar-lhe o título. Jorge indagou: “Quem, você?...” André explicou: ele não, que não tinha a menor pretensão, porém outros, o irmão de Jorge mesmo... “Outros?”... E, nesse minuto, Roberto se lembrou: também Carlos Eduardo jogava pingue-pongue e, já ouvira dizer, bastante bem. Imediatamente, sentiu-se possuído de um grande entusiasmo pela ideia do campeonato. Ali mesmo naquele recreio combinou com André e com o resto do grupo as providências a tomar para levar adiante o plano. Já então, todos o apoiavam, completamente esquecidos das objeções de momentos antes e sem pensar que aquilo não resolvia de modo algum o problema inicial. O entusiasmo pelo novo campeonato tinha feito esquecer todas as críticas ao Reitor. E o próprio Roberto se prontificou a acompanhar André e Jorge na difícil tarefa de obter, através da mediação de padre Luis, o consentimento do Reitor.

DOIS dias depois, conseguida, através de sérias dificuldades, a autorização necessária, reuniram-se num dos recreios, na saleta dos jogos, dois representantes de cada um dos anos ginasiais, para estabelecer o regulamento do campeonato. O Reitor acabara oferecendo um prêmio ao vencedor: uma medalha de campeão, a ser entregue, solenemente, no dia da festa de fim do ano. O campeonato devia começar logo, pois já não se estava muito distante do término do ano e todos previam um grande número

de inscrições.

Na reunião, André e Roberto representavam o 5º ano. Um dos delegados do 3º era Carlos Eduardo. Assim, naquela pequena saleta de jogos, reuniam-se, enfim. E Roberto sabia que com grandes possibilidades de aproximação. Tinham de se falar constantemente, discutindo pontos de vista pessoais. Podiam, portanto, conversar muito. De um modo bem diferente do que imaginara, fora de qualquer maneira André quem o aproximara de Carlos Eduardo.

Suas esperanças não foram vãs. Os resultados ainda ultrapassaram o que tinha direito de esperar. Como Carlos Eduardo não tinha nada contra ele, e falava com André com certa intimidade, a aproximação foi fácil. A defesa de um ponto de vista de André, logo adotado por Carlos Eduardo e seguido imediata e cegamente por Roberto, acabou de formar a aliança. Como as discussões se multiplicaram e a reunião se prolongou até o recreio seguinte, o fim do regulamento os viu conhecidos velhos, quase amigos. Roberto adquiriu a certeza de que, agora, a intimidade estava assegurada: Carlos Eduardo não o esqueceria facilmente, não o ignoraria mais. Podia dizer que haviam enfim travado conhecimento definitivo.

Nesse dia, à noite, o Diário celebrou o acontecimento como uma grande vitória. Dir-se-ia um triunfo longamente preparado e enfim conseguido. Era como se todas as dificuldades tivessem subitamente desaparecido. As conversas com Carlos Eduardo, a certeza de novos encontros, o direito adquirido de falar-lhe com simpatia, com intimidade semelhante à de André, a garantia de vê-lo com mais frequência agora, e durante recreios inteiros - todas essas mudanças, esses novos horizontes já assegurados, inevitáveis, enchiam-no, não só de um grande entusiasmo, como de uma invencível confiança na excelência dos dias a vir. Sentia-se de novo à vontade, pensando em Carlos Eduardo, falando demoradamente dos seus sentimentos por ele nas páginas exaltadas do Diário. Dir-se-ia mesmo que a angústia de dias antes tinha desaparecido. Ou, se existia, certamente devia estar represada, escondida. Nenhuma visão humana, nenhum olhar, por mais lúcido que fosse, conseguiria desencavá-la.

4

PADRE LUIS fizera questão de trazer ele próprio a Roberto a autorização do Reitor. Ninguém seria capaz de dizer o custo daquele consentimento: quantas vezes e com que segurança precisara se oferecer em garantia de que tudo se faria com o máximo de ordem, sem nenhum prejuízo da disciplina nem do patrimônio representado pela saleta de jogos do Colégio, comumente só aberta aos domingos, e sempre sob a vigilância de padre Paulo.

Não medira esforços. Valia a pena tentar todo o humanamente possível para mostrar a Roberto que era o amigo de sempre, disposto a ajudá-lo, mesmo naquelas coisas insignificantes. Nada podia ser excessivo que contribuísse para desfazer o mal-estar causado pela conversa no gabinete do Reitor e por aquela outra, de poucos dias antes, também desastrosa. Roberto precisava se convencer do seu desejo de auxiliá-lo, de facilitar o esquecimento do sucedido, agora que rasgara o Diário.

Seguramente, o caminho era esse: esquecer. Deixar para trás aquela miséria, como um sonho mau de que se acorda surpreso e irritado, e em que não se quer mais pensar. Talvez o insucesso da última conversa proviesse disso: Roberto interpretara mal sua atitude, não compreendera que, uma vez feita a afirmação de que rasgara o Diário, não pretendia insistir no caso, provocar nenhuma confissão. Seria um insensato, se o fizesse. Sabia bem: em situações daquelas, o que se impunha era um mínimo de palavras, de evocações. Tudo podia relembrar o que se estava procurando esquecer. Uma referência equivalia a uma censura. E uma censura valia por uma bofetada.

Se Roberto ainda estivesse se confessando, o problema mudaria inteiramente de aspecto. Como seu confessor - e Roberto falando no próprio ímpeto do arrependimento - não só teria base para atacar o assunto de frente, como não haveria mesmo outro caminho a seguir. Assim, porém, sem nenhum controle dos seus movimentos, sem meio algum de falar-lhe de mais perto, era loucura, era envenenar cada vez mais a ferida.

Tendo desvirtuado suas intenções, temendo a sua intromissão, não só indiscreta como carregada de reprovação, Roberto reagira acremente,

recusara uma simpatia que, naturalmente, não dependia nem podia depender da sua moral e sim, apenas, da boa vontade que houvesse no seu coração. Por certo, não havia nele a menor indulgência para com aquele gênero de desvios da sensibilidade a que preferia mesmo a mais triste violência das paixões habituais. Mas, era diante de Deus, no confessionário, que aquelas ondas de abjeção deviam morrer. E a função dos homens, dos padres como dos outros, não ia além do esforço por auxiliar esse movimento tendente a levar o pecador a cair de joelhos diante do único Juiz.

Assim, Roberto podia confiar: não o encontraria jamais de balança em punho, pesando seus atos. E, sim, como aquele cuja função era lhe indicar um caminho - esse caminho que devia ver traçado no fundo do coração e do qual a lama acumulada talvez tivesse apagado, como o mato recém-nascido muitas vezes esconde os sinais, o atalho aberto, tempos antes, em plena floresta.

Seria sempre o amigo seguro que se desdobrava em esforços para fazer-lhe uma simples vontade e se apressava, cheio de alegria, a ir comunicar que já fizera o pouco dependente dele. Como no caso do campeonato, seria assim em tudo mais. Roberto poderia descansar: a cena do gabinete do Reitor, a conversa de dias antes, e todos aqueles segredos tristes que os separavam, jaziam sepultados no fundo da sua memória.

Ainda daquela vez, fora grande a sua decepção. Roberto recebera muito bem a boa notícia que lhe trazia, chamara logo André e Jorge, mas, assim que as principais medidas a tomar tinham ficado estabelecidas e o interesse exclusivamente relativo ao campeonato se esgotara, mostrara-se de novo reservado, quase hostil. Tentara insistir, vencer uma resistência que atribuía ao ressentimento recente, porém fracassara mais uma vez. E quando fora obrigado a pôr fim à conversa, sentira-se triste e desapontado.

TAL foi o mau humor final de Roberto que ao largar padre Luis, André indagou:

- Por que você tratou padre Luis tão mal, agora no fim?

- Eu?

- Ele foi tão camarada...

Roberto ainda disse um - “Não foi por querer” - de explicação amigável e a conversa tomou o ramo dos detalhes e preparativos do campeonato. Ficou porém irritado por algum tempo. Quando é que aquele padre iria

desistir de tentar reatar com ele as relações antigas? Será que ainda não percebera o seu desinteresse por todas aquelas coisas?

O CAMPEONATO de pingue-pongue foi um sucesso. As partidas não só foram, desde cedo, disputadíssimas, como sempre assistidas por um grande número de torcedores dos diversos anos ginasiais, todos eles empenhados na disputa do título. Assim aberta, logo a saleta de jogos se enchia e, como não era grande, até as portas ficavam apinhadas de alunos. Corria sempre tudo na maior ordem, graças à vigilância de André, receoso de que o Reitor revogasse a autorização.

Em menos de quinze dias, estava-se diante das duas semifinais. Os vencedores deviam disputar, em presença do Reitor, o título de campeão. A primeira semifinal era entre Rodrigo de Souza e Luis Martins, irmão de Jorge. A segunda entre Roberto e Carlos Eduardo.

A disputa entre Rodrigo e Luis se decidiu sem grande dificuldade, a favor de Luis. Os próprios alunos do segundo ano, ao qual Rodrigo pertencia, não fizeram grande força para que vencesse, pois, poucos o toleravam. Em compensação, todo o quarto ano e a maioria dos outros alunos do Colégio saudaram antecipadamente em Luis o futuro vencedor do campeonato. Ainda teria de lutar com o vencedor da outra semifinal, e esse, certamente, seria Roberto (Carlos Eduardo não sendo jogador capaz de batê-lo), mas os torcedores de Luis tinham uma fé inabalável no seu jogo.

Assim, no dia da segunda semifinal, o interesse era enorme. Na forma, todos os olhares convergiam para Roberto e comentava-se a calma em que parecia estar. Muitos a explicavam pela certeza da vitória. Na verdade essa calma era unicamente aparente. Todos aqueles últimos dias tinham sido vividos em grande inquietação. Era evidente: havia determinadas coisas em que não queria pensar. Ao certo, não sabia o que era, porém sentia alguma coisa reclamando invencivelmente dentro dele, exigindo ser notada, levada em conta, recusada ou aceita. E o dia da semifinal tinha chegado, trazendo, por sua vez, um novo problema que o deixara perplexo.

Jogando, teria de ganhar ou de perder... Vencer Carlos Eduardo, sabia bem, não era difícil. Ao contrário, só temia não poder ganhar sem humilhá-lo muito, tal era, aos seus olhos, a superioridade de sua técnica. A verdadeira questão era outra; saber se queria ganhar, se a vitória valia... Dados seus sentimentos por Carlos Eduardo, ganhar era quase traí-lo, era

preferir-se ao outro. E não ganhar, perder habilmente, simular um mau dia, parecia-lhe a mais alta prova que podia dar, no momento, da elevação do seu amor.

No entanto, alguma coisa nele se opunha àquela disposição. Jogo é jogo - pensava, como um ladrão que penetrasse de surpresa numa casa bem fechada. E as boas regras do jogo estão acima de tudo - repetiam, pouco depois, vozes humaníssimas que o disfarce quase transfigurava. Insistiam: não se prova uma paixão, por mais alta que seja, entregando uma partida de pingue-pongue ao adversário. Basta tomar cuidado para não humilhá-lo. E essas vozes estranhas, às quais ainda não dera direito de falar claro, insinuavam-lhe que não se devia sacrificar, no seu bom nome de jogador, a sentimentos piegas, a deformações ridículas de coisas que pertenciam a terrenos diferentes.

A saleta estava repleta e a animação excedia as previsões. E como André, juiz da partida, estivesse demorando, Roberto se dirigiu a um dos extremos da sala, onde, perto de uma porta, Carlos Eduardo conversava animadamente com alguns colegas de ano. Ainda não o havia visto e, de acordo com a intimidade adquirida, foi a ele com grande desembaraço, brincando sobre a superioridade da sua "técnica" e prometendo ser indulgente, generoso, amigo. Chegou mesmo a dizer: - "Você pode confiar em mim que..."

Não terminou a frase. A dois passos, visivelmente tendo ouvido tudo, estava, de encontro à porta, o Reitor. Olhos fixos nele, respiração quase suspensa, Roberto fingiu não vê-lo e logo se arrependeu. Abaixou o olhar, tentou inutilmente ouvir a resposta de Carlos Eduardo. Percebia bem, eram brincadeiras, gracejos inocentes. Contudo, falava com uma intimidade que podia parecer mais do que a de um simples adversário brincando antes da luta. Não conseguia ouvir, distintamente, nada do que Carlos Eduardo dizia. Evidentemente, ao ver o Reitor, ficara perturbado, incapaz de compreender não importa o quê. Via, apenas, a imagem de um juiz escutando, interpretando. Que não estaria o Reitor achando daqueles indícios?... Aquela intimidade, a desenvoltura com que viera falar àquele Carlos Eduardo que, semanas antes, mal conhecia e de quem lhe tinham prescrito um total afastamento, o pedido para que autorizasse aquele campeonato "entre os diversos alunos do curso ginasial", o seu desastrado movimento de pouco antes fingindo não vê-lo, tudo, tudo estava contra ele,

atraiçoando-o miseravelmente. Podia pensar o que quisesse - as aparências falavam todas no mesmo sentido hostil. E a expansividade de Carlos Eduardo, o desembaraço com que respondia, ainda vinham aumentar a perturbação. Que viera o Reitor fazer ali? Vigiá-lo, como o vinha vigiando desde o desgraçado dia da descoberta da página do Diário? E padre Luis, o outro comparsa, atrás de qual daquelas portas não estaria escondido, pronto a surgir misteriosamente, cheio de reprovação e de nojo?

Com nitidez, palavra por palavra, jamais pôde recordar o que respondera a Carlos Eduardo no decorrer daqueles minutos. O alívio sentido, quando, de repente, viu André surgir a seu lado dizendo que podiam começar, foi tão grande que apagou toda e qualquer lembrança mais nítida. Só então teve coragem de tornar a olhar o Reitor. Já não estava mais na porta, como se, diabolicamente, seu vulto se tivesse esvanecido.

Não podendo dizer o instante em que saíra, não podia também imaginar o que acaso ouvira da conversa. De qualquer modo, sentiu-se aliviado, capaz de pegar na raquete e de acertar na bola, de dizer qualquer coisa, de não trair sua perturbação. Ninguém o vigiava, ninguém o espionava. Podia aproveitar. Ia ter um momento de liberdade para jogar. Para ganhar ou para perder?... Ainda uma vez colocou o problema, mas André não lhe deu tempo de responder, anunciando o início do jogo.

Apesar do aviso, André ainda parou um momento, antes de dar o sinal. Roberto não percebeu logo o motivo do atraso. Visivelmente acontecera alguma coisa, atrás dele. Virou-se, receoso, e não tardou a compreender: os alunos se afastavam e se comprimiam um pouco para dar passagem, primeiro ao Reitor e, logo em seguida, a padre Luis e a padre Paulo. Vinham assistir ao jogo. André os vira, assim haviam surgido na porta, e, como deferência, esperara que se colocassem numa boa posição para dar o sinal do começo da partida.

A princípio, foi apenas um vago sentimento de mal-estar, logo ao tornar a ver o Reitor. A irritação só veio depois, quando compreendeu, ou pensou compreender, o movimento do Reitor. Vertiginosamente, várias cenas desfilaram na sua imaginação. Reviu-o, saindo furioso da saleta, à procura de padre Luis para que viesse ver, com os próprios olhos, como o Roberto Dutra cumprira a sua “sagrada promessa” insistindo, reincidindo no seu pecado de escândalo, arranjando meios inacreditáveis de se aproximar do Carlos Eduardo Freitas, provocando toda uma intimidade com ele, sabe

Deus já lançado em que imundo plano de perversão! E imaginava também o espanto de padre Luis, o choque com a notícia, os momentos de dúvida, a aceitação pelo prestígio da autoridade, e os passos apressados dos dois vindo ver - as batinas pretas se agitando no corredor, os corpos ansiosos de chegar ao local sinistro, como urubus famintos que tivessem tido vento de uma rês em agonia.

Quando a partida começou, Roberto ainda estava debaixo dessa impressão. Jogou maquinalmente, quase sem prestar atenção, dominado pela ideia de que os dois padres estavam ali como espiões, suspeitando-o das piores coisas, de tê-los enganado do modo mais vil. Tinha, no entanto, de aturar aquilo tudo. Não podia dizer nada, nem exigir que se retirassem. E era como se se sentisse denunciado por eles a todas aquelas criaturas que ali estavam, seus amigos, colegas de ano, outros alunos.

Surpreso com a falta de agilidade do adversário e, mais ainda, com o seu aparente desinteresse pelo jogo, Carlos Eduardo aproveitava. Viera sem nenhuma esperança de ganhar. Conhecia bastante a técnica do jogo para saber que não havia termo de comparação entre o seu modo de jogar, inseguro, defensivo, e o de Roberto, violento, rápido, decisivo. Esperara tranquilamente pela derrota. Ora, o adversário que tinha diante de si era um jogador calmo e não muito ágil, limitando-se a responder às suas jogadas e, não raro, estando num canto da mesa quando a bola caía no extremo oposto. Dir-se-ia, realmente, que o estava protegendo, como prometera, brincando. Ou então, não era em absoluto o ótimo jogador de que todos falavam. E os assistentes tinham mais ou menos a mesma impressão. Ninguém compreendia.

Roberto só teve consciência da situação quando viu perdida a primeira partida da série, jogada à melhor de três. Diante do espanto geral, caiu em si. Estava perdendo. Tinha se saído mal. A seu lado, aproveitando o intervalo, André e Jorge indagavam o que havia, se não estava se sentindo bem. À volta, um zum-zum inequívoco: todos comentavam seu péssimo jogo, sua fraqueza inexplicável. Do outro lado da mesa, atrapalhado, sorrindo, Carlos Eduardo era felicitado, incentivado a continuar, a consagrar por uma vitória decisiva o triunfo parcial já obtido. Alguns passos atrás, conversando com outros alunos, o Reitor e padre Luis deviam continuar a vigiá-lo, a cada minuto mais escandalizados.

Foi então que uma frase imprudente de André precipitou o desastre.

Querendo pô-lo em brios, disse, num tom de quase-segredo: - “A impressão geral é que você não está querendo ganhar... está deixando ele marcar os pontos.”

Roberto corou, de súbito, e olhou fixamente os dois padres: - “... não está querendo ganhar...” - era, por certo, o que eles deviam estar pensando. Para eles, estava lançando mão de mais um recurso para conquistar as boas graças de Carlos Eduardo. E, se acaso perdesse, eram capazes até de mandar anular a partida, ou acabar o campeonato. Teriam descoberto o plano a tempo. Teriam obstado seus “negros propósitos”... Mas, iam ver. Iam tirar a limpo a natureza das suas relações com Carlos Eduardo, o caso que fazia de sua simpatia. Iam ficar pasmos! E a súbita decisão o empolgou. Até o fim do jogo, durante duas partidas seguidas, não viu nada, não mediu o alcance de nenhum dos seus gestos. Podia-se dizer, sem exagero: estava jogando ferozmente. Sentia-se possuído de um furor cego, absurdo, ferindo ao acaso, só por ferir, para provar aos dois padres que estavam errados, que o tinham julgado mal, pois não queria absolutamente a amizade ou a boa vontade de Carlos Eduardo Freitas. Foi estúpido, desmedido, não poupando deboches nem pequenas humilhações ao jogo mediocremente bom do adversário. O que queria era ridicularizar Carlos Eduardo, humilhá-lo a ponto de ficar demonstrado que, por livre vontade, colocara entre eles barreiras intransponíveis.

Começou proclamando, logo antes do início da segunda partida, que, até então, estivera apenas brincando. Diante da surpresa geral - pois raros tinham deixado de ouvir a frase dita alto a André e a Jorge - caíra na gargalhada e reafirmara do modo mais irritante possível que, até então, apenas se divertira em permitir ao “pequeno campeão” fazer pontos. Ia mostrar, agora, o que era jogar verdadeiramente e o “pequeno campeão” ia cair das nuvens. Não fazia nem mais um ponto, pois não era jogador que tivesse o direito de se apresentar numa disputa de semifinal de um campeonato de pingue-pongue.

Alguns riram, sem saber de pronto o que pensar daquela suficiência inesperada. A outros, aquilo pareceu apenas bazófia de Roberto. Mas, os que conheciam a qualidade habitual do seu jogo, sentiram logo um grande mal-estar. Como brincadeira, certamente não era das melhores, sobretudo diante do Reitor. André, como Jorge, desaprovaram, apesar de muito satisfeitos por ver desaparecer o risco de Roberto perder. Desapontado e

indeciso, Carlos Eduardo compreendeu com desencanto: não devia ter confiado demais numa coisa que sempre lhe parecera tão impossível. Padre Luis mantinha os olhos fixos em Roberto, o coração batendo mais forte, ansioso pelo que ia acontecer - talvez a elucidação daquela inconcebível atitude.

Quando o jogo recomeçou, todos perceberam. Roberto não se vangloriara à toa. Nem exagerara a desproporção das forças. Durante a primeira partida, apenas brincara, fingindo-se jogador da altura de Carlos Eduardo. Aceitara o jogo bonachão do adversário e deixara-se vencer, como se se tratasse de outro jogo. Agora, mostrava o que era o pingue-pongue que sabia, e Carlos Eduardo, nesse novo jogo, não conseguia fazer sequer um ponto. Inteiramente à mercê do adversário, perdia a todo instante, incapaz de tomar pé. Não era mais uma disputa e, sim, uma aula. E uma aula dada a um pseudoprofessor que saía, assim, coberto de vergonha. Apesar de Carlos Eduardo não se ter vangloriado, emergira da primeira partida como um triunfador. Não ele, mas os outros, muitos deles pelo menos, tinham se incumbido de elogiar o seu jogo calmo, seguro, apontando-o como o provável detentor do título de campeão do Colégio. Agora, porém, que se via quanto valia, quanto enganara a confiança depositada, era sobre ele próprio que recaía o ridículo, a evidente condenação tácita dos exaltados.

A segunda partida terminou debaixo de risos. O próprio Carlos Eduardo sorria, vexado de não ser da altura daquele adversário que a princípio, e ingenuamente, acreditara ter derrotado. Roberto passeava os olhos, satisfeito, e tornava a passeá-los triunfando sobre aqueles meninos apressados e inexperientes que haviam comentado momentos antes a sua fraqueza, proclamando talvez a sua decadência diante do novo astro que viam despontar. Ao encontrar, porém, o olhar de padre Luis, fixo no seu, duro, grave, perturbou-se e o sorriso lhe morreu nos lábios. Desviou os olhos, mas não pôde esquecer a inequívoca reprovação, a quase repugnância que padre Luis parecia fazer questão de lhe testemunhar.

Carlos Eduardo pagou caro por essa condenação silenciosa. Fora de si de irritação, já começando a se desprezar pelo que estava fazendo, Roberto perdeu completamente a medida. Fez da simples vitória um ruidoso triunfo, não se privando de pisar o adversário aos pés. Primeiro, durante o pequeno intervalo, com palavras as mais desagradáveis e impróprias para a situação, não atendendo de modo algum aos que procuravam intervir. Depois,

durante o novo jogo: a partida de desempate. Na anterior, o ano de Carlos Eduardo ainda procurara manter o decoro, torcendo por ele. Agora, porém, era totalmente impossível. Roberto se obstinava em ridicularizar o adversário. Brincava com ele de modo desagradável, ostensivo. Tanto assim que muitos interpretaram a saída do Reitor, ocorrida então, e realmente motivada por necessidades internas do Colégio, como uma censura à atitude de Roberto.

Os lances finais foram ainda mais desastrosos para Carlos Eduardo e o terceiro ano se retirou humilhado, só tendo como recurso censurar a falta de esportividade de Roberto. Jogava como poucos, era inegável, mas não sabia se comportar. Havia de encontrar mais forte que o ensinasse... provavelmente Luis Martins.

De acordo com as regras do campeonato, Carlos Eduardo foi cumprimentar Roberto. Estendeu-lhe a mão, sorrindo. Não lhe guardava rancor. No entanto, não sabia como explicar aquilo tudo. Teve vontade de perguntar a Roberto se, por acaso, lhe fizera alguma coisa, capaz de justificar o tratamento recebido, porém receou que não ficasse bem ali, no meio de tanta gente. Limitou-se a apertar a mão que Roberto lhe estendeu triunfalmente, ostentando desdém. Viu que ia falar qualquer coisa, caçoar talvez, mas André interveio logo, sob um pretexto qualquer. E Carlos Eduardo se afastou, rodeado de colegas de turma que censuravam o procedimento de Roberto, de encontro ao seu silêncio obstinado.

A sala se esvaziava aos poucos. Roberto ainda estava comentando a vitória num grupo, quando viu, subitamente, a dois passos, padre Luis parado, hesitando em vir até ele. Como de costume, foi o nervosismo de André que precipitou a crise. Atrapalhado com o ar grave do padre, dirigiu-se a ele, sem saber bem o que dizia:

- Então, padre Luis, que achou do jogo?

Sentindo a reprovação do padre, Roberto abaixou os olhos. E ouviu as frases de condenação pública que tanto tempo foram comentadas e recomentadas no Colégio, e que tanto o desesperaram mais tarde:

- Gostei ainda menos do juiz do que do jogo...

Como não havia possibilidade de ser brincadeira, André indagou:

- Do juiz, padre?!

Padre Luis explicou, ao mesmo tempo que se dirigia para a porta, como se quisesse ficar, de qualquer modo, com a última palavra:

- Um bom juiz teria anulado o jogo, ou impedido um espetáculo tão triste, tão contrário às boas regras de qualquer esporte, tão ridículo!

Todos ficaram pasmos e ninguém ousou responder ou comentar. Padre Luis saiu da sala certo de Roberto ter entendido o que quisera dizer.

NA VERDADE, porém, Roberto não entendeu, interpretando em outro sentido suas palavras. Quisera apenas reprovar o modo pelo qual Roberto jogara, humilhando o adversário. Compreendera logo sua intenção de dar, a ele e ao Reitor, uma prova evidente de que não estava tentando conquistar as boas graças de Carlos Eduardo. Para isso, jogara mal na primeira partida e, depois, mostrara o seu verdadeiro jogo. Enfim, um verdadeiro espetáculo, de mau gosto e de mau caráter, humilhante para o vencedor. Talvez o Reitor tivesse tido a culpa, indo chamá-lo para assistir ao jogo (afirmara-lhe não estar gostando nada do modo pelo qual, sem querer, surpreendera Roberto tratando Carlos Eduardo...) mas, de qualquer modo, nada podia justificar aquela exibição verdadeiramente destituída de pudor.

Roberto entendera de modo diferente. Prevenido contra padre Luis, temendo, no íntimo, que estivesse pondo em dúvida sua sinceridade, interpretou a palavra “espetáculo” no pior sentido possível. Evidentemente, padre Luis também perdera o controle e viera lhe dizer, na frente de todos, não só que reprovava seu procedimento, como que duvidava que não houvesse intenção má na sua recente aproximação de Carlos Eduardo. Tendo se visto descoberto pela vigilância do Reitor, resolvera simular aquela má disposição para com o adversário. Já que perdera a nova possibilidade, criada às escondidas e com a quebra da promessa feita, teria tentado salvar alguma coisa e, sobretudo, evitando uma possível nova censura no gabinete do Reitor.

Assim raciocinara padre Luis, segundo Roberto. E o padre não se contivera: viera dizer, na frente dos seus amigos, do Colégio inteiro, que o julgava indigno, louco, degenerado. (Teriam entendido alguma coisa? Já suspeitariam, já teriam tido notícia da descoberta do Reitor?) De forma que, quando, à noite, no mais forte da crise, todos os diques se romperam e a onda, misteriosamente contida durante aquelas últimas semanas de luta secreta, irrompeu em toda a sua violência, destruindo uma por uma as pequenas defesas e corrompendo as antigas afeições, padre Luis foi dos mais atingidos e, na verdade, não houve adjetivo deprimente que não lhe

aplicasse. O Reitor vinha logo em seguida. Julgara-o no entanto, sempre, tão pouco inteligente, que não se podia satisfazer, agora, em arrasá-lo. Assumiu assim padre Luis a culpa total - e, dessa vez, a carga não podia ser pequena, pois, nesse momento, era o que tinha de mais caro que sentia perdido, a própria vida que adivinhava comprometida, a paixão que se esfacelava e se ia perder ao longe, primeiro no lodo, depois na névoa e no vago de onde jamais voltaria.

NINGUÉM ignora que, em geral, ao condenarmos os outros homens pelas vilezas praticadas ou pelas loucuras ditas, quase sempre nos esquecemos da existência dessas noites fatais que vêm como abismos a que não é possível resistir e, longe de agravarem o depoimento, deviam valer como desculpas poderosas para a maior parte das desgraças sucedidas em consequência desses estados excepcionais. Olhamos para tudo, no entanto, como se essas noites, de que a todos não é dado se livrar, não existissem, ou como se os homens tivessem coragem para não se deixar levar por elas, para não se entregar ao horror das forças misteriosas e descontroladas que os afundam e aprisionam no seu seio, tornando-os completamente incapazes de se mover, de escapar, de fugir à sedução desse desespero morno e viscoso, ensurdecedor.

Essa noite foi tão mais terrível para Roberto quanto - todos nós sabemos - essas noites são mais terríveis na adolescência, nesse período das primeiras crises decisivas. É o momento em que o homem futuro ainda não se conformou ou se habituou a ver, no fundo da treva, a sua própria imagem despida dos traços preservadores, desnudada e violentada pela tentação da sinceridade - ele, como realmente é quando se abandona à sua natureza profunda e visceralmente caótica.

A importância dessa noite para Roberto, a importância de outras noites que, desde então, não faltaram na miséria da sua existência, só o amor de Silvinha a iria entender, anos depois, quando, numa noite semelhante, os olhos embaciados de choro, a voz incerta e trêmula, um Roberto humilhado e pisado pela vida lhe confessasse toda a tristeza da sua existência, desde a descoberta, nessa noite, da força terrível com que certos sentimentos se agitavam dentro dele - tudo aquilo que se aninhara, de repente, no seu coração desprevenido e indefeso, os monstros surgidos das flores, as flores transformadas em pedras...

Agora, compreendia perfeitamente o que tinha sucedido naqueles últimos tempos. Durante dias e dias, viera contendo aqueles pensamentos, aqueles sentimentos que lutavam por tomar vulto - adiando de todos os modos o reconhecimento de uma coisa que não queria ver. Uma série de circunstâncias, principalmente a facilidade e o agradável das suas relações diárias com Carlos Eduardo, à sombra do campeonato, tinham-lhe facilitado essa defesa semiconsciente de sua tranquilidade ameaçada. E a situação talvez se prolongasse por muito tempo, não fosse a infelicidade daquele jogo espetacular e despudorado que destruíra de um só golpe as suas mais fortes resistências e o entregara, desprotegido, à invasão de tudo o que se viera acumulando nele durante aqueles últimos dias.

E, em determinado momento, nessa noite, sentiu-se formular a certeza que mais receava, porque instintivamente percebera que havia de ser a brecha decisiva por onde ia penetrar a destruição no seu amor por Carlos Eduardo. Pensou: "Não foi só durante o jogo, tratando Carlos Eduardo como não se trataria a mais desprezível das criaturas, que eu profanei a minha paixão. Já antes, e de uma forma bem pior, num terreno bem mais grave..." Como? Quando? De que modo? Não sabia. Sabia que sim, e que, agora, era tarde para poder deixar de ver, como antes.

Fizesse o que fizesse, descobrisse a atenuante que descobrisse, não podia negar: seu coração era um ninho de desejos estranhos, considerados baixos por ele próprio. E o objeto deles, Carlos Eduardo, era o mesmo Carlos Eduardo dos grandes instantes de exaltação de tempos antes. Como fora, quando tinham penetrado nele aqueles desejos maus, não sabia. Quem pode dizer o momento em que, pela primeira vez, a onda veio e assolou o cais e a praia? Fora vendo, fora ouvindo, fora falando, fora pelo simples toque misterioso das mãos, nos inocentes cumprimentos de certos dias em que se falavam durante os recreios? Como fora, então, se não sabia, se não podia dizer o momento, o instante da infiltração traiçoeira?

Desde que o Reitor o chamara ao seu gabinete, sentira vagamente que na sua vida havia alguma coisa de novo, de ainda não experimentado, desconcertante, hostil, quase doentio. A angústia de tantas horas dúbias, de então, viera certamente disso. E se o campeonato, a princípio, conseguira fazer desaparecer essa aflição, modificando aparentemente os termos da situação, compreendia, agora, que trouxera apenas, em lugar da antiga inquietação, alguma coisa nova, não reconhecida logo, talvez ainda não

perfeitamente identificada, mas que fora o terreno misterioso onde todo o mal brotara e se desenvolvera. Não percebera, ainda, todos os contornos da nova situação com nitidez. Apenas isso: seus olhos como que já viam diferente, seus ouvidos também não sendo mais os mesmos, seu próprio modo de sentir se tendo transformado. Evitara pensar nisso. Durante muitas noites fugira à averiguação do que havia de substancialmente diferente no que vira no decorrer do dia, de insólito no que sentira no fundo do coração. Caminhara para a frente, sem pensar na possibilidade de um dia seguinte, sem olhar senão para o minuto que passava - bom se transcorria na presença de Carlos Eduardo, longo, maçante, ruim, se na sua ausência. E assim, nem a própria angústia pudera avisá-lo, nas imediações do dia decisivo, de que corria perigo gravíssimo, de que, talvez, amanhã não existisse mais nada do que, até então, havia sido tudo para ele.

No horror daquela vigília, depois de algumas horas de luta vã, de tentativas desesperadas para negar, para achar um caminho qualquer que permitisse fugir àquele abismo aberto diante de si, compreendia a extensão do desastre, o pântano em cujo meio se via atirado, sem esperança de salvação futura. O que profanara, com o seu acesso de fúria durante o jogo daquela tarde, não fora senão um resto, talvez setor ainda não violado da antiga paixão. O todo, o essencial, já tinha sido, se não devastado, pelo menos corrompido por um veneno baixo de indisfarçável sensualidade - dessa mesma sensualidade imunda que sempre o horripilara.

Não ousava pensar friamente, mas, sabia bem, o modo pelo qual queria a Carlos Eduardo, agora, era diferente, triste, repugnante aos seus próprios olhos. Queria-o como via outros quererem, como já ele próprio, em rápidos minutos de fraqueza, ousara querer alguns anos antes. Todavia, esses movimentos maus, pertencentes a um passado que esquecera completamente desde o dia em que deparara com Carlos Eduardo, não tinham tido sequência, não mereciam ser levados em consideração. Meras bobagens de criança, ensaios de movimentos sem sentido, hesitações dum segundo num largo caminho, traçado de há muito, e de há muito seguido com passo firme. Nada que contasse. Nada que pudesse ser comparado ao tremendo desastre de agora, ao reconhecimento catastrófico de que a estrada larga e limpa de sempre se desfizera de repente numa série de pequenos atalhos lamacentos e pedregosos que levavam todos ao mesmo abismo inaceitável.

Tinha certeza, era pura loucura lutar. Fraco como era, como sabia que era, querer lutar não passava de uma veleidade. De mais a mais, procurar lutar, esperar vencer aquelas forças que sentia nele tão enraizadas, tão poderosas, tão seguras do seu domínio absoluto, era pura tolice, pensamento vão de criatura ingênua que não esquecera, ainda, a recitação de cor dos preceitos do manual de doutrina cristã.

No entanto, largar-se, abismar-se, parecia-lhe a própria morte. Entregar, sem defesa, aquele amor que fora durante quase dois anos sua vida diária, sua força, seu entusiasmo, abandoná-lo à devastação cega daqueles desejos, era mais do que um absurdo - era um crime, um verdadeiro crime. Podia não haver outra solução, mas, por isso, o fato não deixava de ser uma tristeza, uma inconcebível desgraça desabada sobre ele.

E, como sentia intimamente ligados a ela, tanto o Reitor, como padre Luis, não cessava de amaldiçoá-los, especialmente a este último que, nesse momento, detestava do fundo da alma. Sobretudo, não suportava a ideia de que o estivesse supondo capaz de ter armado um plano abjeto para seduzir Carlos Eduardo. No instante em que sentia a corrupção penetrando na sua paixão, devastando tudo, podia aturar não importa o que, menos uma suspeita sobre a pureza dos seus sentimentos anteriores, dos seus atos realmente sem maldade. A reação podia parecer absurda. Era assim, porém, e não podia deixar de ser. Exigia que aquele padre, tão metido a entender de almas, a compreendê-las como amigo, fizesse a diferença entre ele e outras criaturas, percebendo de uma vez por todas que era incapaz de determinadas porcarias. Mesmo obrigado a profanar o seu amor no íntimo do coração, não era uma crápula para procurar sujá-lo com uma prática sexual qualquer. Padre Luis podia ficar descansado, podia tranquilizar também o Reitor: Carlos Eduardo Freitas, menino-prodígio, menino-pureza, não corria nenhum risco, por parte dele. Tudo o que se passasse nesse sentido, se passaria no seu coração - onde ninguém tinha o direito de penetrar - ou somente com ele, entre os muros discretos e tristes de um quarto de rapaz infeliz. E essas garantias, era necessário dá-las a padre Luis, custasse o que custasse. E quanto antes. Não suportava mais a suspeita. Urgia desfazer todos os mal-entendidos. Tinha mesmo a impressão de que, aquele equívoco subsistindo, era impossível viver. Procuraria padre Luis, por mais que isso lhe custasse, o mais cedo possível - assim terminasse a disputa do campeonato, na manhã seguinte...

5

A DISPUTA do campeonato, entre Roberto, representando o 5º ano, e Luis Martins, o 2º ano, foi um acontecimento de sensação do Colégio S. Luis de Gonzaga. A saleta dos jogos foi pequena para conter a assistência, naquela manhã de domingo. Cumprindo a promessa feita, o Reitor assistiu ao jogo e felicitou o campeão. E quase ninguém notou que, dos padres presentes àquela hora no Colégio, somente padre Luis não compareceu.

Roberto perdeu, contra todas as expectativas. Cansado da noite passada quase inteira em claro (e ninguém tinha menos o hábito dessas insônias esgotantes), jogara mal e acabara perdendo, apesar do adversário não ser realmente da sua categoria. O jogo de Luis não se assemelhava, naturalmente, ao de Carlos Eduardo, mas, não havia como negar, era inferior ao de Roberto. A torcida por este último foi grande, mas era evidente: estava num dos seus maus dias e o seu esforço para vencer Luis, que prudentemente se mantinha na defensiva, redundou em própria perda. Bem antes de ser o outro a ganhar, foi ele quem perdeu, investindo em ataques furiosos, que fracassavam por pouco, mas que o adversário, calmo, sabia aproveitar. Ajudado pelos alunos do 1º, 2º e 3º anos, que torciam por ele, Luis venceu, enfim, para alegria de tudo quanto era menino que ainda usava calças curtas naquele colégio...

Muitos notaram a ausência de Carlos Eduardo nessa sensacional disputa e a atribuíram, quase todos, a ressentimento em relação a Roberto. Entre eles, André, que dava razão a Carlos Eduardo, e que o disse a Roberto. Este, preocupado unicamente com a ausência de padre Luis, a quem teria de procurar pouco depois, sacudiu os ombros e assumiu logo atitude de quem estava cuidando em outra coisa. Ninguém, porém, formulou a verdadeira hipótese: Carlos Eduardo estava de cama, tendo amanhecido doente e, durante mais de uma semana, suas tias e Ivo ficariam à sua cabeceira, temendo graves perigos. A pneumonia passaria, no entanto, sem deixar vestígios.

AS DOENÇAS passam sem deixar vestígios, muitas vezes. Certos

males do espírito, da alma, são mais persistentes, mais rancorosos, e o Roberto que, nesse dia, procurou padre Luis, era uma criatura já marcada para a vida por meia dúzia de horas amargas sob pressão doentia, durante a noite da véspera.

Ao vê-lo surgir no seu confessionário, àquela hora desusada, padre Luis não teve grande espanto. Não sabia por que, tivera de manhã cedo um pressentimento naquele sentido e, agora que o via confirmado, era como se fosse a coisa mais natural do mundo. Pensara logo que suas palavras tinham obrigado Roberto a refletir, a cair em si. O arrependimento viera, assim, atrás do remorso e, talvez, os tempos antigos fossem recomeçar.

A esperança durou poucos instantes. Logo que Roberto começou a falar, rápido, seguro de si, sem esperar que lhe perguntasse nada, percebeu quanto se enganara. Primeiro, o tom - duro, hostil. Depois, as palavras - a revelação enfim do que aquela “confissão” significava realmente.

Roberto se ajoelhara e, com a voz ainda meio trêmula, recitara o princípio do Ato de Contrição. Depois, a um sinal seu, de que evidentemente ainda não se esquecera, passara à confissão. Dissera, com a voz subitamente endurecida, o olhar dirigido sobre ele por detrás da palhinha do confessionário, que se confessava de um pecado que estava, *apenas*, no seu coração: desejara, e continuava a desejar, um colega, de dois cursos menos adiantado. E assegurara logo: entre eles dois, era só isso o que havia e não tinha a menor intenção de levar adiante nenhum movimento de aproximação. Por ele, o outro ignoraria sempre o que sentia por ele, como ignorava até então.

Surpreso, padre Luis o ouvia falar, sem entender aonde queria chegar. Tudo aquilo era muito estranho, inaceitável mesmo, mas podia se explicar por vaidade, por simples desejo de não parecer pior do que realmente era. Convinha ouvir, para depois, então, corrigir o que estava errado.

No entanto, sobreveio a mais absoluta decepção. Fazendo menção de se levantar, como se tudo já estivesse dito, Roberto acrescentou:

- Esse é o único pecado que eu *quero* confessar.

Não se levantou, porém, como se esperasse alguma resposta. Padre Luis, no entanto, não conseguia dizer nada, tal a sua estupefação. Só agora compreendia o que Roberto viera fazer ali: justificar-se, justificar-se mesmo lançando mão de uma profanação daquelas! Era incrível, numa natureza boa e bem formada como a sua. Contudo, não era possível duvidar. E ele, sem

saber, deixara-se enganar, prestara-se àquele abuso.

Diante dele, Roberto continuava de joelhos. Mas, pronto para se levantar a um sinal seu, como se esperasse realmente uma resposta, uma possível absolvição. Desorientado pelo seu olhar, aparentemente tão insolente quanto o gesto todo - na verdade, apenas o simples olhar de defesa de alguém que teme ser ferozmente atacado - padre Luis disse com calma:

- Sendo assim, não posso lhe dar a absolvição.

A resposta veio, imediata e, ao mesmo tempo, Roberto se pôs de pé:

- Eu sabia que não.

E antes de se afastar, ainda acrescentou, encurvando-se sobre a grade de palhinha:

- Eu queria também lhe dizer que não rasguei meu Diário. Nem posso rasgá-lo. O senhor, se achar necessário, pode contar ao padre Reitor.

O tom talvez não fosse atrevido, porém padre Luis só prestou atenção ao sentido das palavras. Eram terríveis. E o todo lhe produzira a impressão de uma blasfêmia, um grito de desespero absoluto. Estava realmente aniquilado. O que ouvia, era a confissão de uma alma que se abismava voluntariamente e ainda vindo se servir, para fins de justificação pessoal, de um sacramento como a Confissão. Conhecia bastante Roberto, sabia-o, em tempos normais, incapaz de uma profanação daquelas. Mesmo tendo perdido a fé, em plena escuridão do pecado, não era pessoa para uma loucura daquelas. Como não era caráter capaz, comumente, de se aproveitar do segredo confessional para comunicar que, ao contrário do que lhe assegurara tempos antes, não rasgara o Diário. Muito menos, declarando a ele, padre, que podia contar ao Reitor, para efeitos de vigilância e de polícia do Colégio, o que acabara de lhe revelar por entre as grades do confessionário!

Roberto devia estar muito transtornado para ousar aquela série de disparates, verdadeiras misérias. E, também, para dirigi-las contra ele, que continuava seu amigo, apesar de tudo. Não respeitaria mais nada? Só uma grande perturbação podia explicar aquela atitude. Uma dessas estranhas transformações - pensava padre Luis - que tornam os homens capazes de todas as fraquezas e, no mais das vezes, nem mesmo são identificadas por eles, tão difícil lhes é tomar pé, no mar revolto que os envolve. Como aquele caso, conhecia outros, muitos outros, todos tristes. Nenhum, tanto quanto aquele.

E dir-se-ia que, naquele dia, o próprio tempo conspirava contra ele: desde de manhã cedo, caía uma chuva miúda e penetrante, entristecendo o ambiente e trazendo a todos uma impressão de umidade e frio. Apesar de haver na Capela outras almas precisando dele, teve de interromper as confissões, de tal modo se sentiu perturbado no momento em que Roberto saiu, como alguém que fugisse ou não quisesse ouvir mais nada. Procurou não pensar naquilo, esperar pelo menos até que pudesse ficar só na Capela, rezando por aquela alma em revolta. Era, porém, absolutamente impossível. E teve de o reconhecer logo. Confessar naquele estado, seria até um pecado. Atravessou o pátio molhado com a impressão de que aquela umidade se agarrava a ele e o acompanhava como um pecado contra a esperança. Precisava, depressa, o recolhimento do quarto para ajoelhar-se diante do Crucifixo salvador, entregar-se mais uma vez cegamente à vontade de Deus. Não raciocinar, não julgar - entregar-se apenas, aceitar, esperar para saber o que lhe cabia fazer por Roberto num futuro, aparentemente difícil, mas que não podia estar comprometido.

COM o fim do campeonato de pingue-pongue, voltou a calma ao Colégio. Os dias passaram numa grande monotonia, quebrada apenas pelos treinos para a disputa do campeonato de futebol.

Roberto era o único aluno a não poder falar em monotonia e desinteresse. Mas, a verdade é que sua posição, naquele momento, era excepcional. A semana que passou, logo após o domingo da disputa do campeonato, foi tremenda e, em todo o Colégio, não havia quem pudesse dizer ter caminhado, mesmo em sonhos, tão longe quanto ele, naqueles dias.

Nem mesmo mais tarde, quando tudo se perdeu no indistinto e no vago, e vieram outros acontecimentos, mais sérios e com maiores repercussões na linha do seu destino, esclarecendo tristes incógnitas, nem mesmo então pôde entender direito o desenfreado daqueles oito ou dez dias durante os quais se entregara cegamente, desabridamente, às loucuras de sua imaginação. Como, depois de toda aquela felicidade de meses e meses, depois da tranquilidade de tantas noites, como, depois de dias e dias de um amor tão puro, conseguira se entregar daquele modo àquela verdadeira voragem, àquele pandemônio de imagens lúbricas, aceitando-as com tanto entusiasmo, precipitando-se como um verdadeiro possuído, maculando tudo, inteiramente desnorteado, caótico?...

COMO pudera descer tão baixo, abismar-se em tanta lama, jamais conseguiu compreender. No momento, nada viu. Sentiu a onda vir, e vir muito forte. Entregou-se logo. De olhos fechados - talvez mesmo para não ver aonde ia ser levado - abandonou-se às exigências que despontavam, deixando tudo seguir o seu curso espontâneo.

Desde que, por um mistério inexplicável, perdera pé na conservação da pureza do seu amor, considerava tudo perdido. Não valia a pena tentar defender remanescente algum, pobres restos de coisa que fora tão grande e tão nobre - castelos violados, ruínas a arrasar. Pouco importava, agora, o grau de baixeza a que sua paixão atingisse. Os tempos tinham mudado. Agora, só o que queria, era imaginar, e imaginar com toda a intensidade possível, o que Carlos Eduardo seria para ele, se quisesse ser verdadeiramente seu.

Assim, durante vários dias, a imaginação a mais desabrida e repugnante triunfou na sua vida, até então calma e quase estranha às impurezas do mundo. Os amigos mais próximos, como André e Jorge, notaram aquele modo de ser diferente e esquisito, aparentemente desinteressado de tudo. Em casa, chamaram-lhe a atenção para esse alheamento, mas nem a isso dava importância por mais de alguns minutos. Estava como um possuído, preso num mundo à parte, e não houve miséria em que não afundasse longa e sofregamente, com essa sede que só o desespero dá, mesmo no mundo insaciável da carne.

FELIZMENTE durou pouco tempo a crise. Ou, pelo menos, duraram pouco seus efeitos mais imediatos e fortes. Dia após dia, foi se sentindo mais livre daquela atmosfera de vício triunfante. E a repugnância por aquela vida cresceu nele até que, numa bela tarde, não suportou mais o peso que sentia e explodiu de repulsa por si mesmo.

Tardes assim são raras, é verdade. Novembro caminhava para o seu termo e já se falava no provável rigor do verão cujas primícias eram tão significativas. Dias lindos e quentes sucediam a dias lindos e quentes, como se aquele tempo esplêndido fosse se manter indefinidamente. E a cidade não estava sendo alagada pelas grandes pancadas de chuva que em geral anunciam a entrada do verão. Naquela tarde, em especial, a probabilidade de chuva ainda parecia mais longínqua do que nos dias anteriores.

Roberto se sentiu tomado de embriaguez pela tarde. Precisava estudar para os exames, bem próximos, mas não era possível se recusar ao chamado daquele fim de dia. Precisava sair de casa, passear um pouco. Precisava fugir daquele quarto, daquela prisão de imagens necessárias, fatais. Precisava de ar, de luz, de calor, de ver pessoas, tranquilas e felizes, de movimento, de vida das ruas. Precisava sair dali, ir para junto do mar, para um jardim, para um morro, para algum lugar onde não se sentisse em presença daqueles testemunhos silenciosos dos últimos dias: aqueles móveis, aqueles livros de estudo, aquelas imagens suspensas no ar, filhas do ambiente, e que certamente voltariam, triunfando mais uma vez, se permanecesse ali.

Como morava perto da praia, não teve dúvida: mudou rapidamente de roupa e foi tomar um banho de mar. Ia quase nu, sem nenhuma vergonha do corpo exposto - ao contrário do que lhe acontecia sempre. E, ao voltar, uma hora depois, já a noite começando a cair, percebeu que era como se fosse outra criatura, totalmente diferente: sentia-se limpo, de novo cheio de ar para respirar, capaz de ver claro diante de si.

Não sabia, naturalmente, como se operara a modificação. Contudo, tentava recriá-la: o tempo todo, fora olhando as casas, as pessoas; no mar, preocupara-se com as ondas, com a beleza do céu, com o horizonte confundido com a água, ao longe, com o agradável que era, numa tarde quente, poder mergulhar, furar as ondas, deitar na areia descansando, armazenar frescor para uma noite inteira; de volta, olhara de novo pessoas e casas, interessado em tudo que via, quase despreocupado. E o resultado final estava ali: voltara outra criatura do que aquela saída uma hora antes, disposto a reagir contra a vida que vinha tendo. Inexplicavelmente, sentia forças para tudo isso, para muito mais, para o que quisesse.

NOS DIAS que se seguiram, o movimento de repugnância de Roberto pela sua vida acentuou-se muito. Naturalmente, não foi logo a libertação sonhada. Nem deixara de, naquela noite, voltar a se entregar à miséria das noites anteriores. Todavia, no dia seguinte, já sua indignação era maior e maior a necessidade de retomar pé na antiga existência. E, assim como se deixara levar, numa verdadeira onda, também num movimento dessa natureza veio de volta para regiões mais tranquilas e menos duramente abrasadas.

Da antiga paixão, do amor que se julgava com o direito de colocar acima de tudo, era forçoso confessar: não restava nada ou quase nada. Quebrara tudo, atirara longe o que possuía de maior e mais quisera poder conservar. Não fora por querer, sabia bem. Nem tivera mesmo consciência, senão depois de tudo feito. O fato, porém, permanecia real.

Sem dúvida, Carlos Eduardo continuava como preocupação única, verdadeira obsessão de seus pensamentos - ainda que a doença o tivesse mantido afastado de sua vida durante todo aquele tempo. Mas, por que ele, e não um outro qualquer? Que diferença fazia, agora? Se o que procurava era aquilo, se seu interesse se esgotava com a visão daquelas qualidades materiais, comuns a tantos outros, por que, então, Carlos Eduardo, e só Carlos Eduardo? Da paixão particularíssima que o prendia a ele semanas antes, não restava grande coisa. Por que, então, ainda levá-la em conta, respeitá-la em princípio, e se obstinar em misturar o antigo Carlos Eduardo a todas aquelas baixezas?

A onda de indignação que percorria Roberto levava-o a todos os projetos de reação e reforma de hábitos. Se a paixão por Carlos Eduardo estava acabada, urgia atirá-la fora, livrar-se inteiramente daquele simulacro. E, maior ainda que esse desejo, era a ânsia de se ver livre de todos aqueles impulsos imundos que o tinham levado, ainda que somente em imaginação, para junto de criaturas do seu próprio sexo.

Precisava se libertar daqueles desejos repelentes. Fácil ou difícil, era necessário, urgente. Já não se sentia mais capaz de se suportar naquele estado de abjeção. Fácil, certamente não seria. Não se iludia sobre a força que aqueles desejos haviam adquirido. O esforço a fazer seria necessariamente imenso. Entretanto, não havia outro jeito: tinha de tentar.

Foi, naturalmente, pelo caminho mais fácil que procurou se evadir. Nem por um momento teve ideia de limpar o coração dos desejos maus, varrendo tudo de um gesto único e forte, como certamente lhe teria aconselhado padre Luis, ou mesmo Branco, se tivesse a intimidade suficiente para se abrir com ele. Nem mesmo admitiu a hipótese de um recurso desses. Desde o princípio, desde os primeiros momentos de exaltação, a solução lhe pareceu achada, só faltando, então, coragem para confessá-la a si mesmo e, depois, ousadia para dar-lhe realidade: combateria aqueles desejos com outros desejos, apenas de outra espécie, não em oposição à ordem comumente estabelecida pela natureza.

DIAS depois, quando André recebeu de Roberto um convite, feito com certa encabulação, para irem, “uma noite dessas”, a uma casa de pensão, estava longe de compreender a verdadeira significação daquele ato.

Mais ou menos dois anos antes, haviam ido juntos - pela primeira vez na vida, para ambos - a uma pensão. De lá para cá, André renovara a visita com frequência e Roberto bem raramente, talvez uma ou duas vezes, logo nos primeiros tempos. Era evidente: ao contrário de André, não voltara entusiasmado. Silenciara suas impressões, evitara comentários, porém a decepção saltava aos olhos.

Roberto não procurava esconder, aliás. Jamais falara a quem quer que fosse, nem mesmo a padre Luis (pois, nessa época, deixara de se confessar) mas, no íntimo dos pensamentos, o fato era notório. O entusiasmo de tantos, não o sentira. Nem da primeira vez, nem mais tarde, quando voltara, com mais experiência e menos encabulação, para ver se se saía melhor. Bons momentos e momento vexatórios se tinham compensado - o resultado fora pequeno, medíocre. Valia o que valiam muitas outras coisas regulares da vida, difíceis de conseguir.

Não insistira. André, ainda que lutando contra a sua consciência de católico praticante, voltara várias vezes, surpreso, a princípio, por ver que não o acompanhava. Depois, parecera compreender que não se sentia seduzido por aquelas aventuras turvas das tardes de domingo e desistira de contá-lo como companheiro. Jorge o substituíra.

Os dias tinham passado. André não guardara nenhum ressentimento. Haviam tomado o hábito de não falar daquele assunto. Se não fosse o seu convite naquela tarde, era possível que jamais tornassem a tocar naquele ponto. Agora, porém, pelo modo pelo qual André aceitava a ideia e estabelecia logo os planos da ida, naquele dia mesmo, percebia bem que não se esquecera de nada. Interpretara o convite como o reatar de um elo duvidoso da amizade que tinham um pelo outro.

À noite, indo para a pensão Fenix, demoraram-se num café próximo, fazendo hora. Conhecedor dos hábitos da vida noturna, André alegara a necessidade de esperar um pouco. Roberto concordara logo, lembrando que podiam ficar conversando numa mesa de café.

Na verdade, pouco falaram. A princípio, algumas palavras soltas, comentários vagos. Logo Roberto caiu num alheamento que, debalde,

André tentou romper. Várias perguntas suas ficaram mais ou menos sem resposta e, apesar do seu horror de se ver diante de pessoas caladas, achou preferível não forçar o amigo. Ficasse pensando no que muito bem quisesse. Por seu lado, iria imaginar, calado, como o receberiam na pensão Fenix, onde não aparecia havia algum tempo.

Roberto pensava em Carlos Eduardo e, para ele, era como se a pensão Fenix não existisse. Assim, quando, uns quinze minutos depois, André propôs que saíssem, dessem uma volta pelo quarteirão, e fossem para a pensão sem ligar à hora, ainda era em Carlos Eduardo que tinha o pensamento. E, durante todo o trajeto, ainda foi nele que pensou.

Parecia-lhe incrível que estivesse fazendo hora para se lançar numa aventura daquela natureza. Um mês antes, veria aquela decisão como uma inominável traição, uma imundície que nada no mundo poderia justificar. Agora, era para mais facilmente se livrar de uma obsessão - e de uma obsessão chamada Carlos Eduardo - que ia procurar, numa casa daquela espécie, certa qualidade de prazer. Depois de dias de hesitação, fora o que, em absoluta sinceridade, lhe parecera melhor. E, mais grave ainda: desde o instante em que combinara tudo com André, percebera que, ao contrário do que se podia e devia imaginar, aquilo não lhe trazia o menor sofrimento, o menor remorso.

Era incrível, porém era assim. Estava tomando posição para atirar, de uma vez por todas, e para bem longe de si, todo e qualquer vestígio de sentimento por Carlos Eduardo. E não sofria, e não se sentia perturbado por remorso algum. Enveredava por um caminho que, segundo todas as probabilidades, só iria terminar em regiões de onde não se veria sequer o antigo panorama - o antigo panorama que fora, no entanto, a grandeza, a beleza de quase dois anos de sua vida. E não se sentia atingido, ferido em nada de fundo, de decisivo. Estava satisfeito, bem disposto, quase contente. Limitava-se a achar extraordinário, como se bastasse, como se servisse de justificação. Tinha calma suficiente para ser observador, para notar o contraste, para sorrir da situação. Realmente, devia atravessar um período muito ruim, muito deprimente, para suportar, quase feliz, tão grande frieza e insensibilidade.

A seu lado, a voz de André lembrou, de repente:

- É aqui.

Roberto olhou e reconheceu, emocionado, o gradil de ferro, a casa

velha, retocada há pouco tempo. Adiantando-se sobre André, empurrou ele próprio o portão e entrou sem hesitar, com o passo firme. O outro o seguiu, surpreso com a sua súbita volta ao mundo.

6

PADRE LUIS via a aproximação da festa do encerramento dos cursos daquele ano com grande apreensão. Faltavam poucos dias e nada conseguira fazer por Roberto. Depois, seria dificílimo tornarem a aparecer ocasiões favoráveis a determinadas conversas, ao entendimento que se impunha após aquela inacreditável cena do confessionário.

A princípio, padre Luis se recolhera, à espera de que Roberto ele próprio viesse se explicar, pedir desculpas da sua fraqueza, e voltasse ao confessionário para terminar a confissão iniciada, anulando o pecado numa grande onda de arrependimento. Era Roberto quem o devia procurar. Não ele.

Depois, diante do silêncio de Roberto, prolongado além dos limites do razoável, resolveu tomar ele próprio a iniciativa. Era mais do que provável que Roberto lhe oferecesse a mesma resistência das tentativas anteriores, mas não podia deixar de experimentar. Talvez mesmo estivesse arrependido, esperando apenas por um gesto seu para cair de joelhos pedindo perdão a Deus por aquela miserável cena e por todos os antigos pecados.

Era uma obrigação insofismável. Carlos Eduardo parecia definitivamente a salvo de qualquer perigo, proveniente daquela fonte, mas Roberto, a julgar pelas aparências, cada dia se afundava mais. Trabalhando por um, não se teria descuidado talvez do outro, abandonado um pouco a ovelha desgarrada? Às vezes, sentia-se acometido por essa suspeita e, quase sempre, nessas ocasiões, terminava por se culpar dos erros de Roberto. Ainda que não pudesse seguir em pensamento o triste caminho que fora o seu naqueles últimos tempos, pressentia mudanças bastante graves, talvez uma forma qualquer de desespero.

Mais uma vez, a situação se repetia: não era necessário, apenas, agir e agir depressa, antes de ser tarde, mas lançar mão de todos os recursos de habilidade para conseguir de Roberto uma conversa sincera, sem ressentimento e lutas secretas. O essencial não era falar, prevenir, como antes, mas não fracassar.

E, mais uma vez, o fracasso foi total. Roberto fez corpo duro, calou, ... (no original, há a repetição de uma linha, e a omissão de outra ou outras (N. do R.)) sentiu escorregando por entre suas mãos, mais fechado do que nunca. Teve de bater em retirada sem conseguir coisa alguma, decidido, no entanto, a recomeçar assim que pudesse.

FALTOU-LHE ocasião, porém. Nesse mesmo dia, horas depois, um encontro casual entre Roberto, o Reitor e padre Luis modificou inteiramente o curso dos acontecimentos.

Roberto vinha andando pelo pátio, à procura de Jorge, quando, de repente, sentiu-se chamado por alguém, ao lado de quem acabara de passar sem prestar atenção. Virou-se e viu, com surpresa, o Reitor, fazendo-lhe sinal para se aproximar. A seu lado, parado, de olhos fixos no chão, padre Luis. Pelo ar atrapalhado do padre, conjeturou logo: não devia ser nada de bom. Contudo, aproximou-se sem hesitar, a cabeça alta. No íntimo, temia que padre Luis tivesse se queixado ao Reitor da desconsideração sofrida no confessionário, do silêncio forçado de horas antes.

O Reitor começou perguntando coisas sem importância, sobre os exames. Roberto cuidou, por um momento, que não se tratasse de nada do que supusera. Mas, quando padre Luis fez menção de se retirar, este o reteve com um gesto e, mudando de tom, perguntou a Roberto:

- Escute, Roberto. Não tive ainda ocasião de lhe perguntar, mas, com certeza, já rasgou aquele diário, conforme nos prometeu, não?...

Roberto não previra que o ataque viesse daquele lado. Sentiu-se desamparado. Durante alguns instantes, hesitou, como se não estivesse compreendendo bem. Estranha ideia, a daquele padre: vir indagar daquilo, três meses depois... Olhou padre Luis, ansioso. Com ele estava a solução do mistério. Teria contado? Estariam ali para censurá-lo mais uma vez, para comunicar-lhe que estavam à espera de que cumprisse a palavra, se não queria vê-los usar de uma severidade de que certamente se arrependeria? E, de tudo o que se passara entre eles dois, que coisas teria padre Luis contado?

De olhos baixos, num dos momentos mais difíceis por que passara naqueles últimos tempos, padre Luis se conservava calado. Certamente, Roberto estava querendo saber se o traíra, se violara o segredo confessional. Era evidente: aqueles olhares angustiados, não podiam ter outra

significação. A aparência era contra ele e não havia dúvida que aquele menino lhe atribuía a autoria daquele novo conluio. No entanto, por mais que temesse o desenlace da situação, não podia intervir a favor de Roberto, preveni-lo que não contara nada - nada podendo ter contado, sob pena de grave pecado. Podia portanto negar, mentir friamente. Não interviria. Intervir era colaborar na possível mentira, tomar partido de Roberto, de seus pecados, contra o padre Reitor, contra a ordem hierárquica do Colégio. Por si, só podia ficar em silêncio, aguardando o resultado. Mesmo que Roberto confessasse a verdade, ele, por si, de nada sabia. O que ouvira, não ouvira para ser repetido, nem para o bem nem para o mal de ninguém.

A resposta de Roberto foi, no entanto, a que esperava - a que, no fundo do coração, temia. Levantando o olhar, primeiro sobre ele, como para avisá-lo, depois sobre o Reitor e fixando-o sem constrangimento de espécie alguma, declarou:

- Rasguei sim.

O Reitor o olhou com segurança, com a certeza que já tinha antes da pergunta inicial:

- Está bem. Era o que queria ouvir de sua boca mesmo. Nunca o pus em dúvida, aliás.

E afastou-se, levando consigo padre Luis. Roberto os olhou, ainda surpreso, desconcertado com o silêncio do padre. Enquanto o Reitor falava, vira-o de olhos baixos, atrapalhado como nunca. Era evidente: queria protestar, denunciar todo aquele embuste. No entanto, nada dissera, não o olhara sequer. Agora mesmo, ia se afastando, visivelmente sem dizer nada do que sabia. Já desaparecera mesmo de sua vista levando consigo o Reitor - o Reitor, enganado com sua cumplicidade...

DURANTE muito tempo, naquela tarde, Roberto ainda pensou nisso. O fato era, realmente, tão estranho que tinha de ter uma explicação qualquer. A atitude de padre Luis lhe parecia inexplicável. Para quem soubesse de sua fama, para quem o conhecesse como ele, não podia se explicar de modo nenhum, tinha de ser algum engano.

A explicação não tardou a surgir, como uma descoberta que emergisse do fundo da consciência, gritando que nada justificava não ter aflorado antes. Era evidente: padre Luis julgara que lhe tinha falado sobre o Diário ainda em confissão. Ora, na verdade, nem pensara nisso. Nem se lembrara

que padre Luis podia tomar a sério seu simulacro de confissão. Além disso, quando falara no Diário, já tinha se levantado, estava de fora do confessionário. O que revelara fora para padre Luis fazer o uso que julgasse necessário, conquistando, assim, o direito de ser plenamente acreditado no que asseverara anteriormente.

Compreendia agora, à luz dessa descoberta, o silêncio de padre Luis, pouco antes. Não quisera falsear o caráter sagrado do seu ministério. Possivelmente até, mentira para não divulgar o segredo. Emocionado, teve alguns momentos de admiração por padre Luis. Logo se sentiu irritado à lembrança da má ideia que devia estar fazendo da sua lealdade. Dizer-lhe, sob a garantia do segredo confessional, que não rasgara o Diário, como assegurara ter feito tempo antes e, depois, acrescentar que podia ir contar ao Reitor o que ficara sabendo daquele modo, era evidentemente uma sujeira, uma vergonha, uma fraqueza imperdoável. Padre Luis devia fazer um péssimo juízo seu.

Humilhado e irritado, resolveu ir procurá-lo no dia seguinte, dessa vez fora do confessionário, para lhe explicar que não tivera a menor intenção de abusar dele, tendo falado, na ocasião, como teria feito fora da Capela, ao ar livre, a mil quilômetros do confessionário. Continuava, portanto, absolutamente livre para dizer ao Reitor o que julgasse necessário.

Na verdade, podia dizer a padre Luis muito mais. Não o diria, sabia bem, mas, se quisesse, podia. Logo de início, e resolvendo de vez o problema criado, bastava dizer-lhe que, agora, rasgar o Diário não teria para ele, absolutamente, o mesmo sentido de meses antes. Tudo mudara. Só padre Luis parecia não perceber a modificação. O Diário valia para ele como recordação, como testemunho de uma coisa, antes muito grande, mas que, infelizmente, não existia mais. Sentia-se longe dele, quase desligado de qualquer relação com aquelas páginas ardentes e ingênuas.

Aliás, desde o dia da partida de pingue-pongue com Carlos Eduardo, parara de escrever o Diário. Naquela noite, naturalmente, não conseguira forças nem para abri-lo. Havia momentos, até, em que se julgava capaz de rasgá-lo, se quisesse. Não tinha mais nada com aquilo, não se reconhecia naquela criatura entusiasmada por tolices, pelo ar, pelo vento, sabia lá por quê.

Nessas condições, que importância podia ter a conservação daquela lembrança, simples recordação de uma ilusão grata? Tinha a impressão que

padre Luis, se soubesse do seu estado atual, não faria mais questão, continuaria a fechar os olhos. Quanto ao Reitor, que bem lhe importava?

No entanto, se fosse absolutamente necessário, rasgaria o Diário. Sentia-se num tal desmantelo, num tal abandono, que não ligava mais, quase, àquela recordação - puro sentimentalismo. De volta da casa de pensão, trouxera imagens mais vivas e sedutoras que tinham apagado, sem dificuldade, a vaga imagem de Carlos Eduardo. E, mesmo não tendo conseguido vencer completamente a repugnância que o ambiente da pensão Fenix lhe inspirara, resolvera voltar, triunfar aos poucos sobre as reservas que não pudera deixar de fazer ao entusiasmo desmedido de André.

NO DIA seguinte, assim que Roberto lhe explicou o engano que descobrira ter havido, padre Luis não pôde deixar de interrompê-lo, movido pela contrariedade que a cena da véspera lhe trouxera:

- Roberto, eu, por mim, considero esse incidente acabado. Não serei eu quem o reabrirá.

Falava no portão do Colégio, logo no começo do primeiro recreio. Roberto seguira padre Luis até ali, receoso de que fosse sair. Abordara-o indeciso, falando com dificuldade. Agora, depois de ter conseguido explicar com certa precisão, estava diante da resposta do padre sem saber o que devia pensar de sua atitude. Este, percebendo o escândalo que estava causando, não se furtou à explicação necessária:

- Roberto, desde o dia em que você me procurou no confessionário... - tenho querido lhe falar, mais ainda do que antes, porém as ocasiões têm faltado... ou melhor: você tem se recusado a aceitá-las.

Roberto corou e fez um gesto de quem vai cortar a conversa com uma explicação. Padre Luis alteou um pouco o tom, para melhor expressar o seu desejo de chegar ao fim da frase sem interrupções:

- ...Queria falar-lhe muito... não aqui, é verdade, e sim no confessionário que é onde temos de conversar.

A surpresa de Roberto, já a esperava mais ou menos. Com a voz pausada, certo do choque que ia provocar, continuou:

- Para mim, Roberto, você começou a se confessar comigo e interrompeu a confissão. Ainda espero o fim, compreende?

- Eu?

Padre Luis percebeu logo o que aquele “Eu?” queria dizer. Sabia que Roberto ia protestar: não o procurara para receber a absolvição. Quisera

apenas informá-lo, solenemente, de uma atitude particular sua. Enfim, não fora realmente se confessar, porque não acreditava naquilo, e mil outras tolices do mesmo gênero... Exatamente as mesmas leviandades de Ivo, um ano antes.

- Não me interessa, nesse particular, o que você possa alegar - apressou-se em positivar padre Luis. - Sua intenção, indo me procurar naquele dia, não é isso o que importa. Se ela tiver sido péssima, a pior imaginável - admitamos, se você quiser - permanece sempre que Deus foi chamado por mim, para ouvir seu caso ou parte do seu caso, os poucos pecados que você confessou. É com Deus que você tem de se explicar agora, e não comigo. Que significo, que posso significar eu, em tudo isso? Nada. Evidentemente, nada. Deus é tudo, meu filho... É no confessionário que a nossa conversa deve continuar. E somente lá. Estou à sua espera, Roberto, quando você quiser.

Roberto ia interromper, mas padre Luis ainda dessa vez foi mais ligeiro e corrigiu a tempo:

- ...quando você puder.

- Isso, acho que nunca, padre Luis.

- Isso, nós não podemos saber, meu filho. Ninguém pode dizer uma palavra decisiva dessas, senão falando com uma terrível leviandade ou pecando, também terrivelmente, por desespero. Não há esperança a que o homem não tenha direito, todo direito, e a qualquer hora, em qualquer situação. Não há porta que se feche diante dele - a não ser que seja ele a querer fechá-la...

Roberto o olhou inquieto. Padre Luis, sentindo o terreno pisado, a argila mole, voltou atrás na conversa:

- Depois, você não deve esquecer que, no ato sacrílego que praticou, apesar de todo o pecado que ele encerra, pode haver, deve haver mesmo, alguma coisa de bom, distante da indiferença em que você vinha se atolando.

Roberto abaixou o olhar, sem dizer nada. A conversa começava a ficar por demais desagradável. Padre Luis prosseguiu:

- Nós não sabemos nada, meu filho. Nem do que vai acontecer, nem do que está acontecendo diante dos nossos olhos, nem do que aconteceu. Nada de nada. Nem dos outros, nem, muitas vezes, de nós mesmos... Em determinadas situações, não sabemos porque estamos agindo assim e não de

outro modo. Às vezes, pensamos que só há motivos ruins, ali onde uma busca mais atenta nos faria descobrir fontes puras, totalmente ignoradas. Convém procurar. Por que você não procura?

Padre Luis ia aos poucos se animando. Sem jeito, as palavras não podendo vencer o obstáculo decisivo que era a sua garganta seca e hostil, também sentia-se levado, arrastado, e ansiava por estar longe dali. Culpa sua - pensava. Culpa de quem viera mexer sem necessidade absoluta, em casa de maribondos. Como se livrar, agora? O padre continuou:

- Convém olhar sempre duas vezes - que digo: muitas e muitas vezes - para um ato nosso que parece mau. Mau ou bom, não importa. Convém atentar, sondar os motivos secretos, desconhecidos...

Pela primeira vez, Roberto deu provas de impaciência. Padre Luis compreendeu, mas precisava falar, tocar-lhe na parte mais viva, na única capaz de reagir, naquele momento. A ocasião se apresentara. Tinha de aproveitá-la. Não podia recuar, perder a ocasião, provavelmente oferecida por Deus, para que começasse a recondução daquela ovelha desgarrada. Não hesitou mais e arriscou tudo de uma vez só:

- Roberto, se nós fôssemos lá na Capela, onde a conversa ficou interrompida outro dia?...

Assim que terminou, viu que, ainda daquela vez, a partida estava perdida. Roberto o olhou, irritado, disposto a largá-lo ali mesmo. As palavras mais definitivas lhe vieram à boca, mas limitou-se a responder com um “Não” inequívoco. “Bem mais difícil do que Ivo” - pensou padre Luis, desarmado pela sua crueza. E tudo teria ficado nisso, se, subitamente, uma onda de raiva não tivesse vindo até Roberto, submergindo tudo. Padre Luis o viu abrir a boca, vermelho, trêmulo, e palavras balbuciadas com dificuldade e rancor chegaram até ele:

- Padre Luis... se fizerem questão, eu rasgo, hoje mesmo, o meu Diário. Rasgo mesmo. E o senhor quer saber por quê? Quer?...

Surpreso, padre Luis não disse nada, esperando. Roberto explicou, alteando o tom, os olhos já ligeiramente embaciados:

- É por isso: não me interessa mais nem um pouquinho que seja. Nada mais me interessa. Rasgar ou não rasgar esse Diário, ou outro, é absolutamente o mesmo para mim. O que me interessa são outras coisas... outras, mais positivas, menos tolas.

Não havia dois modos de interpretar a cena: era uma crise de nervos, um

desses desabafos de pessoa amargurada que é encantoada pelas contrariedades da vida a ponto de não resistir mais, de explodir. Padre Luis tentou acalmar o nervoso de Roberto. Viu-o, porém, logo ao primeiro gesto, já com lágrimas nos olhos, afastando-se dele com rapidez, como alguém que pede por amor de Deus que não o acompanhem.

Seguiu-o a alguns passos de distância e viu-o entrar no pavimento das aulas, em vez de voltar para o recreio, que ainda não tinha terminado. “Nem para o recreio, nem para a Capela” - pensou com amargor. “Prefere o isolamento, o desespero”. E entrou ele próprio na Capela para lutar contra aquela recusa à esperança que nenhum argumento humano parecia conseguir abalar.

POUCOS dias depois, realizava-se, com o cerimonial dos anos anteriores, a festa de encerramento anual dos cursos do Colégio S. Luis de Gonzaga. O discurso de André causou sensação e, na verdade, de todos os presentes, somente Branco o considerou detestável. Havia quase unanimidade em saudar no orador da turma um futuro escritor e André, apesar do excesso de colaboração paterna solicitada, sentia-se orgulhoso e cheio de confiança no futuro.

Foi ele quem, depois da festa, durante a disputa do campeonato de futebol, apresentou Branco a padre Luis. O momento escolhido não foi bom e padre Luis mal pôde apertar a mão daquele que já conhecia de nome e tinha grande interesse em conhecer de mais perto, aquele com quem iria ter tantas e tão acidentadas relações.

André, ainda sob o efeito do sucesso obtido com o discurso, apresentara o amigo com uma brincadeira:

- Padre Luis, apresento-lhe a última grande fortaleza da religião entre os rapazes de hoje... um monge, um poeta.

Branco não sorrira, como padre Luis. Achara extremamente tola e desagradável a graça de André e, pouco simpático, o aspecto daquele padre de quem todos, Carlos Eduardo, André, Leandro, lhe falavam tanto e com tão evidente admiração. Padre Luis, ainda sorrindo, brincou com André que o autor do discurso que tinham acabado de ouvir com tanto prazer, ou era um hipócrita, ou estava se contradizendo, e teve de se despedir, assegurando voltar dali a pouco para conversarem mais demoradamente. Tal era, de fato, sua intenção, mas a obrigação de atender e conversar com os diversos pais

de alunos que se despediam para o período das férias, impediram-no de tornar a encontrar Branco. Este não o lastimou, apesar de só ter vindo àquela festa, que previra cacete e interminável, para conhecê-lo.

NESSA tarde, Roberto conversou pouco, mesmo com os pais e com os amigos mais próximos. Fugiu de todos, indistintamente, e padre Luis só conseguiu lhe dar um rápido abraço. Com Branco, esteve apenas uns poucos minutos, o assunto faltando, como de costume. Depois da solenidade e dos discursos, em vão André o procurou para fazê-lo participar do seu sucesso. Vendo os pais de Roberto e, junto a eles, aquela Silvinha de que Roberto já lhe falara tantas vezes, cuidou compreender. Devia estar entretido ali naquele meio, ainda que, no momento, estivesse em outra parte. Provavelmente com Branco ou com outro amigo. E deixou de procurá-lo, para cuidar da sua própria vida.

Na verdade, nesse momento, Roberto não estava com Branco, nem com outro amigo, nem em nada preocupado com Silvinha. Que lhe podia interessar aquele mundo de gente? Esteve alguns instantes com Silvinha, antes de começar a solenidade, e depois, outros momentos antes de se perder voluntariamente de todos e se confundir num grupo de pessoas quase estranhas, que mal lhe deram atenção. Falou com Silvinha de mil coisas à toa e fingiu não perceber seus olhares apaixonados, tão inabilmente disfarçados. Depois, aborrecido, afastou-se e não pensou mais nela.

Agora, o futebol está já acabando e ele continua no mesmo grupo, calado, concentrado em si mesmo, exatamente como se estivesse tão interessado naquele jogo entre o 3º ano e o seu quanto seus vizinhos, alunos do 4º ano. Seus olhos passam e repassam por mil detalhes insignificantes, mil pessoas desconhecidas. Não fixa nada e não procura ninguém. Que tem mais a ver com aquelas criaturas, com aquele lugar? Por um momento, seu olhar se detém sobre Carlos Eduardo - quase um reconhecimento, uma verificação vaga e sem interesse de que a doença o deixou magro, abatido - e segue, desinteressado daquilo, como do resto.

Sua impressão é que aquilo acabou, de uma vez por todas. Dali a alguns instantes sairá, deixará de ver aquele pátio, aquelas salas de aulas, aqueles padres, o próprio Carlos Eduardo. E tudo continuará da mesma forma, todos felizes, como sempre - apenas, ele longe, irremediavelmente longe. Um abrir e fechar de olhos e aquelas coisas todas terão desaparecido de sua

vida.

Sente-se morto. A verdade é essa: desde alguns dias, uma impressão de esgotamento, de vazio, de verdadeira morte, subjuga-o completamente. Que existe ainda nela, de tudo o que havia, de tudo o que podia justificar sua vida, dar-lhe um sentido real, elevado? Desde que foi chamado ao gabinete do Reitor, três meses antes, aquilo veio misteriosamente minguando nele e, de um certo tempo em diante, como que desapareceu por completo. Carlos Eduardo deixou de existir e, com ele, tudo mais. Porque, não foi só sua antiga paixão que morreu. Hoje, nem mais um rápido movimento de interesse aquela criatura, tão amada tempos antes, desperta nele. Nem um desses desejos maus que combateu com tanto desprezo, conseguindo substituí-los pela promessa de outros, mais normais. Nem um desses desejos irreprimíveis que tanto o enojaram, mas que, agora, não sabe bem se, afinal, não deve querer sentir... para, pelo menos, poder pensar que não acabou tudo, que está vivo, interessado em alguma coisa.

Olha Carlos Eduardo e sabe, certamente, porque, por que tristes motivos o desejava, algum tempo antes, ou o considerava tudo na sua vida, num passado ainda não muito distante. Reconhece todos esses rastros, porém é loucura querer reviver a aventura em si. Está tudo morto. O desejo não vem, não aparece senão como uma vaga sombra. Como não aparece, também, o antigo amor, aquele amor misteriosamente morto no dia em que o desejo surgiu. Como e por que, não sabe - ainda não tendo tido tempo de aprender as leis tremendas que regem o mundo instável dos sentimentos.

Uma imensa tristeza o envolve, enquanto decorrem, entre gritos e torcidas furiosas, os últimos minutos do jogo. Que lhe importa, agora, a vitória ou a derrota do seu ano? Ganharam? Podiam ter perdido, que pouco se lhe faria. Todos já se dispõem a voltar para casa e ele também, procurando evitar conhecidos. Que será feito dele? Que planos pode ter ainda? Com o que pode contar, quando não se sente mais com coragem para nada? De que lhe pode valer a pensão Fenix, suas mulheres em série, seus parcos prazeres? Aquela impressão de morte, é mais forte que tudo, avassala qualquer esperança em gestação. Daquelas pessoas todas que vão indo tranquilamente para suas casas, jantar, dormir, satisfeitas e felizes, ninguém tem nada a lhe dizer, ninguém o interessa. Das criaturas que existem no mundo, no vasto mundo que vai encontrar, agora, aberto à sua conquista, ao seu interesse, ninguém tem nada a lhe dizer, ninguém o

interessa.

Agora mesmo, entre as pessoas que vão saindo - e ele evita encontrá-las, e, entre elas, com especial insistência, a padre Luis, que tem um movimento para se dirigir a ele e fica parado, perplexo ante a sua recusa - entre esses indiferentes, lá se vai Carlos Eduardo Freitas... Não tiveram ocasião de se falar, de se despedir (Carlos Eduardo certamente nem pensou nisso...) e é muito provável, certo mesmo, que não se vejam mais, pelo menos com regularidade. Lá se vai para sempre, e, agora mesmo, é o portão do Colégio que transpõe. Desaparecerá de sua vida dentro de alguns segundos...

E Roberto não pode deixar de parar um instante, entre emocionado e surpreso consigo mesmo. Carlos Eduardo vai desaparecer e isso não lhe diz nada. Não sofre, como tantas vezes imaginou inevitável. Não o segue, não corre atrás dele na rua. Limita-se a olhar, vagamente interessado, e a constatar com melancolia que tudo acabou. Em pouco, é ele próprio quem passa pelo portão do Colégio. E nem sequer volve o olhar para aquele lugar onde talvez nunca mais volte. Sente-se de tal modo triste, acabrunhado, que só tem um desejo: ver-se longe de tudo aquilo, daquele pátio, daquela Capela, daquele gradil de ferro, que lhe lembram tanto os belos dias, o olhar feliz seguindo Carlos Eduardo, de lugar em lugar, durante dias, meses, quase dois anos inteiros. Não quer saber mais daquelas recordações mortas que trazem gosto amargo à boca e convém enterrar, quanto antes. Nessa noite mesmo, num gesto de alívio, rasgará o Diário.

COMO nos anos anteriores, nessa tarde, depois de todos os convidados se terem retirado, padre Luis atravessou o pátio vazio para ir à Capela rezar por aquelas criaturas que iam conhecer, agora, novos aspectos da vida. Ia pedir por todas elas e, especialmente, por duas ou três que sabia merecerem cuidados especiais.

André, o inconstante, o fraco e dúbio André, foi o último, antes de Roberto. Pediu que lhe fossem dadas forças, coragem para não se deixar levar por um respeito humano exagerado, por uma fé pouco viva e por aquela sensualidade que lhe tirava a paz da alma.

Depois, veio Roberto, o que corria o maior perigo. Não se importava com mais nada, não recuando diante de uma profanação para justificar uma atitude, vaidoso e fraco, sensual, desordenadamente sensual, exposto de um modo tão violento às fúrias dos grandes vendavais. Ainda há pouco, não se

recusara a falar-lhe, a despedir-se dele, a receber o abraço com que queria significar-lhe que ficava à sua disposição, mesmo só sendo para conversas de amigo para amigo?

Era uma lástima. Uma lástima que a vida, a verdadeira vida, começasse assim daquele modo, para tantas criaturas que tinham o direito de atravessar a existência cheias de esperança, de fé, sorrindo ao futuro, à obra do Criador. Do mesmo modo que Ivo, Roberto fechava as portas, barrava o caminho da salvação com um gesto de recusa, preferindo a sua adolescência sangrando às fórmulas de paz trazidas pelo Cristo. Não entendia bem o que podia ter acontecido com Roberto, com aqueles seus sentimentos estranhos, mas, pressentia: com eles terminara muita coisa. Sabia bem, aqueles sentimentos não prestavam, mas nada havia a salvar ali, o modo pelo qual Roberto triunfara deles, não podia ser bom, não devia ser aceito. Não levava àquele abismo de negação e desespero em que, visivelmente, estava mergulhado?

Confusamente, padre Luis se perguntava se não teria uma certa responsabilidade. Carlos Eduardo tinha sido preservado, mas, por isso, Roberto não fora um pouco prejudicado? E, mesmo isso não se tendo dado, que haviam conseguido, em relação a Roberto? Seu modo de agir, as rápidas palavras que lhe tinham escapado num momento de descontrole, eram bastante inquietantes. Chegavam para tirar o sono, para justificar todas as orações imagináveis, para pô-lo ali, de joelhos, pedindo que aquela miserável conversa interrompida no confessionário tivesse um dia sua continuação e um desenlace purificador. Por enquanto, trazia nos braços, em plena humildade e submissão, apenas uma vil profanação do Supremo Sacramento - tudo o que podia oferecer a Deus, naquele momento, em nome de Roberto.

Só muito depois, padre Luis se lembrou que, nas suas orações, estava esquecendo Carlos Eduardo. Esquecera-se de dar graças a Deus pelo que fizera em favor dele. Sentiu-se ingrato, mais uma vez só vendo na vida o que havia de triste e ruim. Lastimava-se, pedia por alguém em perigo. Entretanto esquecia a ação de graças, por onde devia ter começado. Esquecia o privilégio, o favor incomparável. O vendaval viera, derrubara tanta coisa e, por bondade divina, não tocara sequer naquela alma em repouso. Era como se tivesse desabado longe, muito distante daquela tranquilidade que não devia ser perturbada, daquelas folhagens nem sequer

balançadas. E padre Luis não sabia, agora, em que termos agradecer a Deus por tão grande graça, por tantos anos prolongada, mantida a despeito de tudo, com tão fortes promessas para o futuro...

III PARTE

O ANJO

1

NAQUELA noite, justo três anos depois do dia em que Branco conhecera padre Luis na festa de encerramento dos cursos do Colégio S. Luis de Gonzaga, a pensão de Mme. Ninon recebeu a visita de Leandro, Marcos e André que uma importante missão levava até lá, antes do que qualquer outro motivo habitual.

A pensão estava com pouca gente, àquela hora, e Mme. Ninon lhes deu toda a atenção que mereciam tão bons e constantes frequentadores. Envelhecera bastante, desde o dia em que Leandro a vira pela primeira vez, e era fácil perceber que ela própria não confiava em viver muito. Fazia-se, assim, mais cordata e aceitava tudo com paciência.

Fizera juntar cadeiras ao sofá, de modo que pudessem ficar todos juntos, bem à vontade com “as meninas”... Mandara ligar a vitrola e se sentara com o grupo, conversando um pouco. Com as primeiras danças, sentira-se demais e fora cuidar de outros fregueses.

Em determinado momento, quando a vitrola parou e o grupo se recompôs, Leandro repetiu para Marcos e André a combinação feita pouco antes com Lou, enquanto dançavam. E concluiu:

- Está tudo certo assim, Lou. Você cuida dele.

- Cuido. Pode deixar comigo, que sei como é preciso fazer.

André julgou necessário insistir:

- Mas olha lá, Lou, muito cuidadinho. Não se trata de qualquer um...

Lou respondeu com impaciência que estava farta de saber como é que se fazia naqueles casos. Não era o primeiro, podia ficar certo. Leandro acrescentou, conciliador:

- Lou já sabe de tudo, André. Já conversamos muito.

E, voltando-se para Lou, muito terno, roçando-lhe a nuca com os lábios, explicou:

- Aliás, é preciso que se diga, ela adivinhou logo o que nós queríamos.

Lou sorriu, satisfeita. Também, não era difícil... Contudo, André fez questão de explicar, não querendo aceitar a posição falsa em que a conversa o deixara:

- Não é isso, Leandro. Você conhece Carlos Eduardo. Já vai ser difícil convencê-lo de vir. Portanto...

Glorinha, que estava sentada no seu colo, pôs-lhe a mão na boca para que não continuasse e pudesse ouvir o que tinha para perguntar:

- Mas, ele não quer vir?!

Leandro pensou que ia ser muito difícil explicar. A Lou, fora fácil, naturalmente. Mas, Glorinha... Era uma mulher já feita, forte e decidida, em tudo o oposto do que lembrava o nome pelo qual a chamavam. Não se podia dizer que fosse bonita, como Lou, mas não lhe faltavam qualidades de atração e André, desde que a conhecera, não quisera saber de outra. No entanto, para compreender qualquer coisa, por mais simples que fosse, não se podia contar com ela.

Em meia dúzia de palavras, descrevera Carlos Eduardo a Lou, dissera-lhe quem era, o que representava para os amigos, quanto o estimavam. E explicara: sempre o haviam tido como uma criatura absolutamente fora do comum, necessário tratá-lo de um modo especial. Daí terem resolvido precipitar a sua "iniciação" que, inexplicavelmente, não se dera até então. Queriam que tivesse a melhor impressão possível, sem contratempos desconcertantes. Merecia bem aqueles cuidados - que só lhe pareceriam exagerados até o dia em que o conhecesse pessoalmente. Lou aceitara tudo em confiança, como aceitaria aliás, naquele momento, não importa o quê, uma vez que fosse dito por Leandro.

Agora, diante da pergunta inoportuna de Glorinha, Leandro não sabia o que responder. Como não estava disposto a recomeçar a explicação, repetiu apenas:

- Deve estar querendo, naturalmente. Mas, você sabe como são essas coisas, nessa idade...

- Negócio de religião? - indagou Lina, que continuava na pensão, cada ano parecendo remoçar, ao contrário das outras.

- Ninguém sabe bem... acho que não.

André porém se precipitara assim que Lina falara em "religião":

- Não é nada disso! Ele tem é uma certa repugnância desse jeito todo... - e parou, desapontado com a infelicidade da expressão usada. Logo apontou, num gesto rápido, a vitrola parada, uma pilha de discos desarrumados no móvel ao lado, os cálices de vermute espalhados pela mesa, a atitude desembaraçada de dois pares no outro extremo da sala, todo o ambiente da

pensão. O mau efeito, no entanto, não o conseguiu desmanchar e foi a própria Glorinha quem respondeu:

- Ora, que deixe de fita, esse belezinha!...

Lou interveio, procurando conciliar:

- Não é isso, meu bem. Da primeira vez, é quase sempre assim, você sabe... ? Acontece com tantos!

- Bobagem, Lou! Bobagem e mais nada.

- Eu sei. Mas, quantas vezes não é assim? Pelo menos, até se habituarem com tudo, não é verdade?

Os rapazes esperavam o fim da discussão. Glorinha perguntou, de súbito, a Leandro:

- Afinal, que idade tem esse menino?

- Dezessete para dezoito.

- Dezoito! exclamou Glorinha e Lina a acompanhou no espanto.

Comentaram acremente o "atraso" e Lou se juntou a elas. Marcos quis logo salvar as responsabilidades:

- A culpa não é dele - nem nossa!...

- De quem, então? - indagou Lina com curiosidade.

- Do irmão, acrescentou Marcos. - E, voltando-se para Lina, explicou: - Do teu Ivo...

Lina protestou logo: Ivo não era dela, não o via há meses, não se lembrava mais senão do seu olhar deslumbrado, na noite em que se tinha "iniciado". Contudo, o maior protesto foi o de André:

- A culpa é de Ivo? Por quê?

- De Ivo, sim. Ivo é que devia ter cuidado disso.

- Ora, Marcos!

- Por força... ele é que é o irmão, o irmão mais velho, a pessoa que o conhece melhor, mais intimamente.

- E que tem isso?

- Que tem? Tem, que devia ajudá-lo nessas coisas.

- Ora essa! Que tolice, Marcos!

Leandro resolveu intervir. Daquele modo, não acabariam nunca de discutir. E não fora para isso que tinham vindo. Agora que a tarefa estava feita, só restava aproveitar o pouco tempo que ainda tinham diante de si.

Algum tempo depois, estavam de volta, tomando um último cálice antes de ir embora. Todavia, André continuava louco para discutir com Marcos a

culpabilidade de Ivo.

Na verdade, era por motivos bem pessoais que não podia aceitar a acusação contra Ivo. Censuravam-no por não ter querido se meter na vida de Carlos Eduardo, por não ter tentado o que eles estavam fazendo. Ora, por si, desaprovava aquela ideia de Leandro e de Marcos. Viera apenas por camaradagem, para ver, e porque lhe era mais ou menos indiferente. Mas, não aprovava. Era católico, católico praticante. Não podia, portanto, concordar em precipitar no pecado uma criatura absolutamente inocente, como Carlos Eduardo era. Essa era, aliás, a opinião de Branco. Branco, porém, não viria nunca ali, se achasse que não devia vir. Ele vinha, porque queria ver Glorinha e porque, afinal, tudo dava no mesmo: com ele ou sem ele, Leandro levaria adiante o plano concebido com o auxílio de Marcos e de outros.

Não pretendia se meter. Fizessem os outros o que quisessem. No fundo, pouco importava, porque tinha certeza: Carlos Eduardo acabaria só fazendo o que muito bem entendesse. Inútil porém - pensava André com rancor - envolver Ivo nisso, acusá-lo diante de todos. E acusá-lo de quê? De não ter se metido na vida do irmão? Evidentemente, pura e simples vontade de falar, de sobressair. Sempre Marcos!... E logo ia escolher o pobre Ivo que já mal podia com sua própria vida, quase exilado em São Paulo, vivendo Deus sabe como, depois que João Graça lhe tomara a pequena...

André ia voltar ao assunto, quando, de repente, notou, pela rapidez com que Leandro falou, que devia ter acontecido alguma coisa. Leandro dissera:

- Bem, fica combinado para sexta-feira. E, por favor, nem uma palavra dessa história a ninguém...

André e Marcos procuraram, ao mesmo tempo, com os olhos, a razão de ser daquela solicitação inesperada. Na porta, reconheceram a face magra e dura de Pedro Borges, sorrindo para todos. Entrara pouco antes e não era impossível que tivesse ouvido o fim da frase de Leandro.

Era um rapaz alto e bem feito de corpo. Talvez não muito forte, mas, os amigos asseguravam: seria dos mais, no dia em que moderasse a vida desregrada que levava. Diziam-no bom e generoso, porém ele próprio não acreditava nisso, sabendo perfeitamente que, da vida, queria uma coisa só, não recuando, para obtê-la, diante de nada. Argumentava, com segurança: para quem tem certeza de que a vida é curta e a morte possível a qualquer momento, só há uma coisa a fazer: procurar tirar de cada hora o máximo de

prazer, de vantagens em geral. O resto, pura tolice, preconceito, invencionices diversas, falta de compreensão das coisas. E todos sabiam que ninguém aproveitava melhor a vida. Era conhecida a sedução que exercia sobre as mulheres. Dizia-se que a principal razão dessa atração estava na sua face, magra e macerada, no seu olhar ardente, sensual ao possível, nos seus lábios grossos, duros, parecendo impiedosos no sugar de todo os vinhos novos. Tinha má fama entre as meninas de família e isso aumentava muito, sem dúvida, a sua segurança no tratar com elas. E ninguém ignorava o ódio intenso que Branco nutria por ele, parecendo, aliás, ser bem retribuído: questões antigas, provenientes de uma rivalidade dos tempos de colégio...

Ao entrar, naquela noite, na casa de Mme. Ninon, vinha disposto a passar a noite com Lou, apesar de tê-la sentido meio distante da última vez, talvez preocupada com alguma nova aventura. Logo da porta, viu o grupo: André e Leandro, de quem não gostava muito. Marcos, já bem mais aceitável, e as “meninas”... e Lou, naturalmente. Seguro de si, veio logo, sorrindo, como se não houvesse na terra encontro mais agradável. E estacara a dois passos de André, simulando:

- Você por aqui, André?!

Ferido ao vivo, André ficou sem resposta. Pedro Borges continuou:

- Pelo que vejo, o nosso amigo Branco... está lá dentro?... - e apontava com o dedo para o interior da pensão, para a porta onde surgira Mme. Ninon.

André se levantou sem responder. Virando-se para Leandro e Marcos, perguntou:

- Vamos indo, pessoal!?

Houve um momento de mal-estar. Diante do olhar espantado de Pedro Borges, Marcos se achou na obrigação de explicar que já iam indo, não podendo se demorar mais. Levantaram-se todos e as despedidas foram rápidas, quase secas.

Lou parecia ter perdido a naturalidade. Pelo modo de Leandro se despedir, Pedro Borges notou que havia novidade daquele lado e quase acertou com o motivo das preocupações de Lou. Contudo, a obrigação de responder à série de perguntas que a familiaridade de Mme. Ninon se permitia, forçou-o a desistir de seguir a pista.

Momentos depois, estava abraçado a Lou, no sofá. Indagava dos

acontecimentos do dia, solícito. Como ia? Pensara nela a tarde toda e estava precisando tanto dos seus carinhos que nem podia imaginar. Se não a encontrasse, era capaz até de morrer de tristeza. Quando a vira no meio daqueles meninotes insuportáveis, só temera uma coisa: não tivessem acabado, fossem ficar ainda por muito tempo. Tinha pena dela ser obrigada a aturá-los, àqueles bobalhões!

Como Lou risse e dissesse que pouco tinham se demorado, Pedro Borges, que a curiosidade feria de quando em quando, indagou, um pouco ao acaso, que mistério era aquele de que surpreendera os últimos ecos. Faltou a Lou presença de espírito para negar a existência do mistério. E, uma vez admitida essa existência, percebeu que não tinha jeito de esconder de que se tratava. Não queria trair o segredo de Leandro, mas, também, a culpa era um pouco dele que se fora com os outros, mesmo depois de ter pedido para ele ficar a noite toda. Se fazia tão pouco caso dela, não merecia maior consideração...

Inteirado de tudo, depois de ter prometido nada dizer a ninguém, riu às gargalhadas daquele pequeno conluio contra a inocência do "anjo". E, dizia ele, falando assim, não fazia mais do que repetir a expressão consagrada de uma famosa cavalgadura muito conhecida de todos...

A EXPRESSÃO era de Branco. Tinha ficado - e, desde o dia em que fora proferida. Os que a conheciam e admiravam Carlos Eduardo, costumavam repeti-la como uma dessas opiniões já definitivas, aceitas sem discutir e repetidas sempre que era preciso falar de um modo decisivo.

A frase não viera pronta de casa, como Pedro Borges pretendia. Surgira de repente, da própria conversa que Branco estava tendo com André e Leopoldo, na última noite de Natal que haviam passado juntos, andando pelas ruas da cidade. Subitamente entusiasmado, interrompera a enumeração das qualidades de Carlos Eduardo que Leopoldo fazia, espantando-se que fosse possível ser tão bem dotado, tão privilegiado:

- Não, não é só isso. Vocês sabem, de tudo, o que é que me parece verdadeiramente incrível?

E, como que tomando tempo e distância para destacar a sua ideia de tudo quanto tinham dito até então, lançara a sua primeira bomba:

- Não é o fato de reunir essas qualidades todas - ou outras... todas as que vocês quiserem! É, simplesmente, o fato de Carlos Eduardo existir.

Unicamente isso: Carlos Eduardo existir.

- Ora essa, Branco... Que ideia!

Branco olhou André fixamente, a dois passos de uma grande irritação. Estaria pensando que quisera fazer frases? Não teria realmente entendido? Sabia, no entanto, que achava aquilo, não fazendo nenhuma restrição a Carlos Eduardo. Procurou explicar-se:

- É isso mesmo, André. Olhe aqui: o que costuma existir, o que a natureza consegue fazer comumente, são coisas assim como nós - eu, você, Leopoldo, Ivo, nós todos... As nossas fraquezas, você as conhece. Somos coisas incompletas, cheias de defeitos - mesmo os melhores, como Leopoldo.

Leopoldo não protestou, o nome de André não foi mencionado. Todavia, André não deixou Branco continuar:

- Entendo, entendo onde você quer chegar. Seu espanto vem de não poder imaginar como é que conseguiu se criar, existir, uma criatura, uma "coisa" como Carlos Eduardo...

Leopoldo apoiou com a cabeça e Branco continuou:

- Uma "coisa" como Carlos Eduardo, reunindo, evidentemente, as melhores qualidades, sem os defeitos... sem nenhuma dessas fraquezas que todos nós temos e que acabam pondo por terra mesmo os mais fortes, os melhores.

E, entusiasmado, dissera, com a mesma espontaneidade com que falara o tempo todo:

- É uma espécie de anjo... um anjo que ficou perdido entre nós.

Leopoldo e André se entusiasmaram com a ideia que o luar e a cumplicidade da noite tornavam mais bela ainda do que, comumente, já lhes pareceria. Por um pouco mais, teriam saído gritando que um anjo habitava na terra e que o conheciam e vivia entre eles. Limitaram-se a repetir a expressão no dia seguinte e a propagá-la. E, como as gargalhadas de Pedro Borges não conseguiram pô-la em ridículo, tornou-se conhecida, usual.

Ao ouvi-la, naquela noite, da boca de Pedro Borges, Lou ficou um momento pensativa. Que iria fazer ela com um anjo nos braços? O grotesco da ideia ajudou-a a rir com o riso desabrido de Pedro Borges. E o auxílio inesperado não era excessivo, numa noite daquelas, com a perspectiva que tinha diante de si e o desânimo sentido desde que Leandro se fora.

ALGUNS dias depois, Leandro reapareceu, sozinho desta vez, na pensão de Mme. Ninon. Logo ao entrar, notou o olhar brilhante de Lou fixo nele. Podia contar com ela, mesmo naquele mês de quebradeira.

Estavam, ela e Glorinha, conversando animadamente com dois rapazes, à volta da mesa onde se viam vários cálices vazios reunidos no centro, como se alguém os tivesse juntado ali para mais facilmente poder tirá-los. Assim que viu Leandro, Lou deu uma desculpa qualquer e veio a ele, transbordante de contentamento. E foi logo indagando: viera para vê-la, daquela vez? Viera?... Se sim, não haveria dificuldade, pois os rapazes com os quais ela e Glorinha tinham estado, já iam saindo.

Como que avisados, os rapazes se levantaram e, de longe mesmo, disseram-lhe adeus. Só Glorinha os acompanhu até a porta, Lou tendo se limitado a responder ao sinal. E, dirigindo-se a Leandro, explicou, como se ainda fosse necessário, que os rapazes tinham ido e não havia mais nenhum empecilho. Estava livre - para a noite toda, se ele quisesse.

Apesar das declarações, Leandro parecia indeciso, hesitante. Pelo menos demonstrava não ter a menor pressa. Talvez não estivesse disposto - talvez cansado? E Lou, cheia de solicitude, indagou se estava sentindo alguma coisa, se não preferia ficar conversando, bebendo um pouco, até se sentir melhor. Leandro não explicava nada, limitando-se a opor negativa sempre que a hipótese formulada por Lou ia tomando corpo demais. Por fim, Lou tocou no ponto justo: se era simplesmente uma questão de aperto de “cintura”, não se importasse. Leandro sorriu, encabulado. Lou brincou, ou fingiu brincar, porque nunca falara com mais sinceridade: quantas vezes seria preciso repetir que o queria muito, muito... que, com ele, tudo era diferente, não havia hora nem dinheiro?

Leandro brincou também, meio sem jeito e, a um sinal mais decidido, seguiu-a, de cabeça baixa, receoso de que alguém tivesse percebido a situação. Detestava aquela posição humilhante. Já não era a primeira, nem a segunda vez. Desde que Lou começara com aquele sentimento por ele, aquelas fitas de mulher apaixonada, iam-se tornando mais frequentes aquelas noitadas que Mme. Ninon tanto desaprovava. Voltava sempre, incapaz de resistir ao que lhe era oferecido com tanto entusiasmo. Aceitava, seguia Lou de olhar baixo.

Lou era, então, o maior encanto da pensão. Havia quem lhe preferisse Lina, ou a vivacidade estonteante de uma mulatinha recentemente chegada

do Norte: Deolinda - Deô, como a chamavam. Mas, em geral, as preferências eram por Lou e não fora por acaso que Leandro e Marcos a tinham escolhido para “iniciar” Carlos Eduardo. Lina se encarregara de Ivo, no tempo em que era ela a maior atração. Agora, cabia a Lou fazer o mesmo com o irmão. Uma secreta repugnância de entregar os dois irmãos à mesma criatura, também influíra na decisão de Leandro, ainda que não tivesse tido consciência disso.

Todos concordavam: Lou era extraordinária. E Leandro talvez não fosse dos mais entusiasmados. Achava-a tudo o que se quisesse de bom. Estava longe de ser o seu tipo. Preferia outras. No entanto, nada dizia e todos o tinham como o maior entusiasta de Lou. E, como parecia ser o preferido, o indiscutível substituto de Pedro Borges, não cessavam de gabar-lhe a sorte.

Naquela noite, foi só depois de entrar no quarto que Lou se lembrou de perguntar:

- E o rapaz, que fim levou que ainda não veio dessa vez?

Leandro pareceu um pouco atrapalhado ao responder:

- Ah... é mesmo. Já ia me esquecendo. Desistiu.

- Desistiu? Como assim?

Leandro não respondeu. Lou indagou:

- Não houve jeito! - confessou Leandro, pensando na conversa da véspera. (Omitida no original a indagação de Lou. (N. do R.))

Não chegara a haver discussão. Apenas, Carlos Eduardo afirmara, de modo categórico, não estar pretendendo ir a um lugar que não o atraía. E, com surpresa de todos - dele, Leandro, de Marcos, de Leopoldo, de André, de Jorge Martins, de todos os presentes - declarara que já tinha pensado muito sobre isso e era coisa decidida, de há muito. E não quisera explicar por que, como se se sentisse envergonhado de falar de coisas que deviam estar guardadas no mais íntimo de si mesmo.

Lou tornou a insistir:

- Ainda a tal repugnância?

Leandro ficou calado durante alguns instantes. Lou percebeu que o assunto não estava lhe agradando. Resolveu tirar a atenção daquela aventura fracassada. Entretanto, ainda obteve uma espécie de resposta:

- Mais ou menos.

No momento da despedida, de madrugada, voltou-lhe de novo a história à cabeça. E a infelicidade fez com que não se lembrasse de outra coisa para

dizer, senão isso:

- Dê lembranças minhas ao “anjo”...

Leandro teve um sobressalto e ainda pôde ver o movimento de contrariedade de Lou, o gesto de mãos que se elevam até a boca, como para ver se ainda é tempo de reter as palavras traidoras.

- Quem foi que te falou nisso?

Não havia como negar ou disfarçar. Confessou que fora Pedro Borges, mas que ela não lhe contara nada - jurava por tudo...

Ao ouvir o nome de Pedro Borges, Leandro se sentiu fora de si de raiva. Percebeu logo que Lou estava mentindo. Haviam conversado sobre o plano. Provavelmente, tinham caçoado deles, de Carlos Eduardo. Sentiu-se atraiçoado por aquela mulher que jurava querê-lo tanto e não pôde reprimir o movimento de desprezo. Da porta mesmo, lançou-lhe dois ou três palavrões que escolheu ao acaso mas que a feriram fundo e por mais tempo ainda do que pensava. Saiu irritado, disposto a não voltar mais ali. Contudo, antes de chegar em casa a irritação já tinha caído e pensava que talvez não tivesse muita importância o fato de Pedro Borges ter sabido daquele projeto fracassado. “Antes ele, do que Branco” - pensou consigo mesmo, ao abrir a porta de casa.

NO ENTANTO, foi ele próprio quem falou a Branco, poucos dias depois, do fracasso da tentativa. Queria explicar-lhe o seu ponto de vista, mas Branco não lhe deu ensejo, tomando a coisa logo pelo pior lado. Despediram-se um pouco sem jeito e, meia hora depois, ao entrar num café, Branco encontrou André, que não via há algum tempo.

Assim, quando André lhe contou o segredo, Branco já sabia de tudo. Depois de ter caçoado do fracasso, acrescentou:

- A primeira vez que encontrar Marcos vou me rir muito dele.

- Mas, Marcos ainda não desistiu... Você não sabe da nova ideia que ele teve? Leandro não lhe contou?

- Leandro? Não! - e Branco sacudiu os ombros com desprezo, acrescentando: - Melhor para ele e para a ideia dele! Vamos ver, no fim de tudo, a quem Carlos Eduardo dá razão.

Para Branco, nenhuma dúvida possível. Conhecia bem Carlos Eduardo. Procurassem adiante, procurassem outro - aquele, seguramente, era outra pessoa, bem diferente de todos. Não se entregaria, assim por duas razões, só

para fazer, ele também, o que todos costumavam fazer. Seus movimentos eram sempre sinceros - vinham sempre como expressão do seu eu, como um autêntico sinal de que era ele todo que agia. Era inútil pensar que ia ceder, só porque meia dúzia de intrometidos resolviam bulir na sua vida, no seu equilíbrio íntimo. Ou então não se tratava mais da criatura realmente excepcional que conhecia.

Não conseguia se explicar por que os amigos de Carlos Eduardo - seus amigos também, em grande parte - insistiam tanto naqueles planos. Deviam conhecer Carlos Eduardo tão bem quanto ele. Por que, então, aquela obstinação em forçá-lo a fazer o que não sentia vontade ou necessidade de fazer? Por que aquela preocupação de torná-lo igual a todos, com as mesmas fraquezas que, no fundo, pelo menos os melhores, como Leopoldo ou André, consideravam uma inferioridade, uma miséria? Por que não se resignavam a admitir que vivesse de modo mais elevado, mais puro que os outros? Como explicar tamanha obstinação contra a liberdade de vida de um dos poucos seres que pareciam fugir completamente às regras comuns de conformação com a miséria ou de tragédia constante para evitá-la?

A irritação o levou a falar logo:

- Aliás, André, quero repetir a você o que disse, há pouco, a Leandro e o que direi a Marcos e a quem ainda for preciso dizer: acho essa maquinação que vocês estão fazendo uma porcaria incrível... uma imundície... uma...

E o palavrão saiu, quase sem consentimento, como que arrancado pela indignação. A surpresa de André, ao ouvi-lo falar desse modo, pouco usado por ele, não o impediu de protestar:

- Vocês, vírgula! Não tenho nada com a ideia, ora essa! Estou assistindo, não estou fazendo coisa alguma!

Branco conhecia André. E de há muito. Por mais que gostasse dele, não lhe podia perdoar aquela habitual fraqueza de caráter que o fazia estar sempre com todos os lados, ao mesmo tempo. Sofria por isso. Num caso como aquele, por exemplo, onde, para ele, Branco, só havia duas posições possíveis - a sua ou a de Leandro, que assumia a responsabilidade, achando necessário agir daquele modo para o próprio bem de Carlos Eduardo - num caso simples como aquele, André estava com uns e com outros, trabalhava um pouquinho num sentido e um pouquinho noutro, hoje desse lado, desejando a vitória do outro, amanhã em posição inversa.

A seu lado, André prosseguia na justificação começada:

- Nessa história toda, faço questão que se saiba: não influí *isso* que seja! Nada. Absolutamente nada. Acho mesmo que o certo é deixar Carlos Eduardo fazer, por si, o que julgar melhor... sem ninguém se meter, ninguém... nem de um lado, nem de outro.

Branco sorriu e não respondeu. André podia achar o que bem entendesse. Ele sabia perfeitamente o que devia fazer. Quem estava certo, era ele. E não os outros. E, julgando-se certo, só pedia a Deus que nunca lhe faltasse coragem para falar a Carlos Eduardo como costumava falar, sem se preocupar com o que os outros pensavam.

Magoado pelo sorriso de Branco - não conhecesse ele há tanto tempo a intransigência insuportável de Branco! - André continuou a se defender, de olhos baixos:

- Agora mesmo, nessa nova ideia de Marcos, não quis nem mesmo fazer ato de presença. Fico de fora - façam eles o que entenderem.

- Eles, quem?

- Leandro, Marcos, Jorge...

E, depois de uma pequena pausa, André largou o nome de sensação, a bomba que, sabia bem, ia pôr Branco fora de si:

- ... Pedro Borges.

- Pedro Borges também?

- Também.

- Mas, o que vem *isso* fazer na história?

Ante a indignação de Branco, André achou bom explicar:

- Da primeira vez, não tinha nada, nem sabia. Parece que veio a saber e, encontrando Marcos, conversaram. Diante do fracasso da tentativa, propôs uma combinação nova...

- Que combinação?

- Não sei direito... Parece que se trata de uma conhecida de Pedro Borges.

- Uma conhecida?

- É. O que é que tem isso?

- Nada. Nada. Naturalmente que havia de ser uma "conhecida" de Pedro Borges!...

André não entendeu. Levantaram-se ambos da mesa do café, André tendo onde ir e já estando atrasado. Ao se despedir, ainda disse:

- Por favor, não diga nada que eu falei nessa história. Se Leandro não te

contou...

Branco sorriu, tranquilizando André:

- Pode ficar descansado que não falo... nem me meto. Basta Carlos Eduardo, não? Vamos ver como ele descalça a bota...

A CONHECIDA de Pedro Borges, era Joan. No grupo de Leandro e Marcos, ninguém ainda ouvira falar nela. Certamente ninguém, pois não era nome que se ouvisse sem guardá-lo. Filha de um casal de estrangeiros que se tinham separado, ficara com a mãe e, como a mãe, tomara aquele caminho. Era ainda moça, bonita, muito procurada. Tinha cabelos louros, pele muito clara, lisa. Um corpo bem proporcionado, não muito alta. Vivia num quarto de hotel bom, recebendo quem queria, numa ótima situação.

Pedro Borges a encontrara um ano antes e, mesmo depois de terem se separado, tinham continuado bons amigos. Apreciava-a muito, como simples companhia. Ousava dizer até: poucas criaturas conhecia mais adoráveis do que ela. Talvez um pouco exigente, caprichosa - não era qualquer um que aceitava - mas, desde que se acertasse com o seu jeito, ninguém mais agradável.

Lembrara-se logo dela, quando Marcos lhe contara o fracasso da tentativa de levar Carlos Eduardo à casa de pensão. Para casos assim, nada melhor do que a discrição de um apartamento aonde se vai apenas para conversar, dançar ou beber alguma coisa. - “O resto vem sozinho” - dizia Pedro Borges. E propusera a Marcos falar com Joan, para ver se concordava em desempenhar o papel de apaixonada, num encontro que teriam, casualmente. Marcos aceitara logo e sugerira o apartamento de Leopoldo, onde Carlos Eduardo ia frequentemente conversar, à noite. Em dado momento, Pedro Borges surgiria com Joan - uma visita de acaso - e, mais tarde, iriam para o quarto de Joan. Ou a aventura tomaria um outro curso qualquer, imprevisível de antemão. O que parecia fora de dúvida, porém, era isso: Carlos Eduardo não resistiria a uma mulher como Joan, disposta a seduzi-lo.

Tom combinado e, no dia seguinte, Pedro Borges telefonara a Marcos. Joan estava de acordo. Se quisessem, passariam um momento pelo apartamento de Joan, naquela noite, e combinariam tudo com mais precisão.

Marcos aceitou logo o convite. À noite, ele e Leopoldo acompanhariam Pedro Borges ao apartamento de Joan. Leandro se recusara a ir, pretextando

não suportar a companhia de Pedro Borges. Na verdade, combinara com Lou ir vê-la para fazerem as pazes e esquecerem o último incidente.

Não, Carlos Eduardo não resistiria. Essa era, pelo menos, a opinião de Marcos e a de Leopoldo ao saírem do apartamento de Joan, naquela noite. Tinham-na achado extraordinariamente atraente, de uma irresistível simpatia pessoal. Não se podia desejar melhor. Era só questão de pô-los em contacto, em condições favoráveis. E todas as medidas foram propostas para que não houvesse nenhum choque inicial.

Com essa finalidade a "legenda" de Carlos Eduardo desfilou diante de Joan. Desde a infância estranha - a perda de pai e mãe num mesmo desastre, o crescimento entre a solicitude de duas tias extremamente sensíveis e carinhosas - até a enumeração das diversas qualidades que, no conceito dos seus amigos, constituíam a razão de ser da sua existência excepcional.

Interessada, Joan fitava de quando em quando Pedro Borges, que não lhe soubera dizer nada daquilo. Sentia-se desde já possuída de uma grande simpatia por aquele menino diferente que devia ser tão bom poder querer muito e ter nos braços, dormindo, como que velando seu sono tranquilo. Num momento de maior sinceridade, chegou a levantar a tímida hipótese de que, talvez, tanta inocência e paz de alma merecessem não ser perturbadas pela revelação daqueles mistérios, por vezes tão dolorosos, provocadores de tamanhas angústias. Sempre seria tempo daquela criança acordar de um sonho tão grande, tão bonito e tão irreal...

Leopoldo sorriu da ideia, achando-a bonita, muito mais elevada do que era normal esperar de uma mulher daquela espécie. Marcos a classificou logo de sentimental, "romântica". E, de Joan, foi a única coisa de que não gostou. Pedro Borges se irritou com o inoportuno da lembrança e não disfarçou o desagrado. Também, Joan não insistiu e não se falou mais nisso.

A conversa tomou outro rumo. Leopoldo e Marcos falaram muito e sobre mil coisas, demorando-se bem mais do que tinham combinado. À saída, quando se despediram de Joan e de Pedro Borges - que ainda ia ficar mais um pouco, não lhe sendo possível encontrar Lou, naquela noite - Leopoldo lembrou:

- Bem, então... no decorrer dessa semana, eu lhe aviso pelo telefone o dia, para ver se também lhe convém. Fica combinado, não?

Joan não vacilou:

- Certo. Fico à espera de seu telefonema.

BRANCO teve uma certa decepção, quando veio a saber, por André, que Carlos Eduardo concordara, enfim, em se encontrar com a “conhecida” de Pedro Borges. Já estava marcado o dia.

Na verdade, afastado das negociações desde o fracasso do plano anterior, André ouvira falar de tudo muito por alto e nem sequer sabia que, de fato, Carlos Eduardo ignorava o comparecimento, na reunião do apartamento de Leopoldo, de outras pessoas além dos seus amigos e dos de Leopoldo. André ouvira apenas Leandro dizer que Carlos Eduardo combinara ir ao apartamento de Leopoldo. Não indagara de mais nada. Na manhã seguinte, vira Branco de longe e correra atrás dele para lhe contar o que julgava saber.

Decepcionado com a concessão de Carlos Eduardo, Branco teve um violento movimento de irritação contra todos aqueles sujeitos que se metiam com aquele impudor na vida dos outros. André o sentiu fora de si, descontrolado nas palavras, num dos seus piores dias.

- Eu acho isso, André, o cúmulo dos cúmulos. Um descaramento, uma falta de pudor, de respeito para com a dignidade dos outros. Dá vontade de mandar àquele lugar uns ordinários dessa espécie - Leopoldo e Leandro, como os outros, que no fundo se valem... valem o que vale Pedro Borges!

Parou, sentindo a injustiça. Impossível não fazê-la, no entanto. Subira-lhe à cabeça uma onda de sangue. Precisava falar, ser injusto daquele modo porque, afinal, era o único meio de fazer justiça, de compensar a porcaria que estavam fazendo. Subitamente, lembrou-se de Marcos e carregou contra ele:

- Minha vontade é pegar um sujeito feito Marcos, agarrá-lo bem a jeito, e dar-lhe na cara até ele cair sem sentidos...

E, como André não parecesse acompanhá-lo até os limites últimos da sua indignação, reafirmou, voltando-se de novo contra o grupo todo:

- Isso é um atentado contra a liberdade dos outros, contra a decência de cada um, contra o brio, sei lá contra o quê! É o cúmulo! Juntarem-se três ou quatro imbecis que não se interessam pela pessoa em questão, que amanhã não mexerão uma palha para tirá-la de um simples apuro, e resolvem precipitá-lo num abismo desses! Por que, ninguém sabe. Porque aconteceu assim com eles - como se fossem padrão de alguma coisa, de homens, suponho que seja o que se imaginam... Como se fossem padrão de outra

coisa do que disso: como se é lama e imundície! Uns...

E, de novo, André ouviu de Branco uma série de palavrões que o escandalizaram. Não que os desconhecesse ou não costumasse empregá-los. Mas, por provirem de Branco. André não conseguia se habituar àquela ideia. Como é que um católico como Branco se permitia aquela liberdade de linguagem, aqueles nomes que, nos colégios religiosos, era proibido dizer?

Ao sair, André ainda deixou Branco em plena irritação. E a calma custou a voltar. Depois, pensou: se queriam luta, não seria ele a recusá-la. E se sentiu aliviado. Iriam disputar a vitória encarniçadamente e nada estava decidido, ainda.

O encontro no apartamento de Leopoldo, segundo lhe dissera André, só teria lugar dois dias depois. Até lá, muita coisa poderia ocorrer. Procuraria Carlos Eduardo, e conversariam. Não seria necessário perguntar nada, trair ninguém. Carlos Eduardo, falando de uma coisa e de outra, acabaria contando tudo. E ele então, pelo menos, poderia compreender aquela súbita modificação. Naquela tarde mesmo, procurá-lo-ia em casa, depois do almoço, antes que saísse.

FOI Matilde quem lhe veio abrir a porta. De uma janela da sala, vira-o entrar e quisera ela própria recebê-lo. Seguramente, dos amigos de Ivo e de Carlos Eduardo, era o que mais estimava. Aliás, Lisa também, e ambas concordavam que era difícil ter opinião diferente. Mesmo porque a opinião de Carlos Eduardo não parecia divergir e isso resolvia todas as possíveis dúvidas. E devia ser também a de Ivo. Mas, para ter certeza disso, era necessário que Ivo tivesse dito alguma coisa nesse sentido. Ora, nos últimos tempos, antes de partir para São Paulo, não dizia nada, trancado no seu desgosto. E, muito menos, teria falado nessa época de amizades ou de qualquer assunto que, de longe ou de perto, lembrasse o modo pelo qual João Graça o enganara.

Matilde não esperou que Branco perguntasse. Foi logo dizendo:

- Carlos Eduardo saiu, agorinha...

Todavia, não deixou Branco partir logo. Fê-lo entrar para conversarem, enquanto a soalheira melhorava um pouco. Sentaram-se na saleta e Branco indagou notícias de Ivo. Matilde se fez melancólica:

- Sempre o mesmo - um cartãozinho de nada, de quando em quando... muito curto, muito seco. Não diz quase nada e nem dá para matar as

saudades de ninguém.

- Ivo é assim mesmo, a senhora sabe. Para os amigos, nem desses cartõezinhos de que a senhora ainda se queixa. Questão de jeito de pessoa...

- Ivo nunca foi assim, Branco!

Calaram-se ambos, lembrando-se que, realmente, Ivo mudara desde que brigara com João Graça, por achar que ele não tinha o direito de namorar Lourdes. Ninguém nunca soubera, ao certo, o que houvera por detrás daquele caso, nem com quem estava a razão. Mas, o fato é que Ivo se afastara de João, e João de Ivo, e um quase-noivado se desfizera, um dia, para dar lugar, tempos depois, a um verdadeiro noivado. Alguma coisa devia ter havido. E era provável que a razão estivesse com Ivo. Ficara tudo no vago, Ivo tendo se recusado sempre a explicar em que consistira, realmente, a traição de João.

Para vencer o mal-estar formado pela evocação do caso, Branco indagou:

- E não fala em voltar?

- Diz que daqui a dois, três meses... Não quero esperar muito, para não ter, depois, decepção muito grande, se não vier... mas ele diz que é quase certo e Lisa não tem a menor dúvida.

Na porta da saleta, Lisa apareceu pouco depois, sorrindo assim que viu Branco:

- Veio ver o menino?

- É... Mas, ele já saiu.

Lisa olhou para Matilde. Sorriram ambas discretamente, mas Branco percebeu logo que devia haver qualquer coisa de novo na calma constante daquela casa, cuja alegria tranquila conseguira resistir até mesmo às desconcertantes malucadas de Ivo, antes da partida para São Paulo.

Foi Lisa quem vendeu a mecha do segredo, dizendo, com ar significativo:

- Agora, vai ser mais difícil encontrá-lo, sabe?...

- *Agora,* por quê? Aconteceu alguma coisa?

- Se aconteceu!... - exclamou Matilde, levantando-se da cadeira e dirigindo-se para a porta. - Pergunte a Lisa, a grande privilegiada que merece as confissões do menino. Por mim, tenho que ir ver um doce que estou vigiando... Volto já.

Matilde saiu rindo, deixando a Lisa a narração sensacional. Branco

estava ansioso, mas, sabia, com Lisa, era preciso pacientar. Falaria no seu ritmo próprio, cheio de propósitos. E era inútil querer que o alterasse.

Lisa começou pedindo-lhe que não se impressionasse muito. Matilde estava um pouco enciumada, desde que, naquela manhã, Carlos Eduardo procurara a ela, Lisa, para lhe contar certas coisas. E não procurara Matilde. Mas, não era natural? Quem gostava de Carlos Eduardo como ela? O próprio Ivo dizia sempre, brincando naturalmente: ela preferia o irmão a ele, e nem ao menos se dava o trabalho de esconder a preferência, como Matilde... E ele, Branco, não notara já que, de todos, era ela quem mais gostava de Carlos Eduardo?

Branco ia concordando, cada vez mais interessado em saber do segredo que Carlos Eduardo contara. A menos que fosse qualquer coisa relacionada com a "conhecida" de Pedro Borges... mas isso, seguramente, era impossível. Por fim, sem poder mais se conter, indagou:

- Mas, essa confissão... é segredo?

- Se é, meu Deus!

E, depois de um pequeno riso satisfeito e inocente, Lisa prosseguiu:

- Para você, Carlos Eduardo não tem segredo. Você, aliás vai saber de tudo, assim que o encontrar. É só olhar e ver... está escrito no rosto!

Veio um pequeno silêncio, que foi como um aviso que, enfim, ia começar a se desvendar o mistério. Lisa disse:

- Você nem imagina como Carlos Eduardo voltou diferente da festa de ontem, na casa do Coronel Paiva. Você conhece a família?

- Um pouco... - respondeu Branco sem demonstrar a perturbação ocasionada pela notícia. E, voltando a Carlos Eduardo, indagou: -
Afinal, ele acabou indo à festa? Tinha me dito pelo telefone que era provável que não fosse.

- Foi e passou a noite toda! Parece que dançou muito e, sobretudo, com a filha mais moça do Paiva... uma menina que Laura só agora está deixando aparecer em festas, dizem que para ela não envelhecer aos olhos dos outros... aliás, uma belezinha, uma joia de menina, só você vendo. Chama-se Sílvia, Silvinha como todos a tratam.

- E Carlos Eduardo? - indagou Branco, tranquilizado, e já imaginando todo o "segredo".

- Ora... Voltou da festa tão entusiasmado que só falava em Silvinha, essa manhã. Deve ter ficado acordado toda a noite, pensando nela. Estava tão

excitado e nervoso que precisou contar logo tudo.

Lisa parecia tão contente quanto Carlos Eduardo devia estar, se não houvesse exagero de sua parte. Animara-se tanto, que se sentiu ridícula e a rir. Branco riu também, cada vez mais surpreso e, sossegado por não se tratar de Elza, indagou:

- E a senhora conhece muito essa moça?

- Muito, não. Vi-a apenas duas ou três vezes. Muito menina ainda - acho que deve ter a idade de Carlos Eduardo, talvez um pouquinho mais velha, alguns meses... não deve chegar a um ano.

Parou um momento e depois concluiu, visivelmente radiante:

- Sei que é um encanto, uma belezinha e, todos dizem, uma pérola como moça. Nada daquele jeito estabanado de Laura...

Branco riu, conhecendo a fama de dona Laura Paiva. Uma santa, ainda, junto do Coronel, diziam todos. De qualquer modo, essa Silvinha devia ter puxado aos avós ou a alguns tios... Pensou em Elza e, subitamente, corou.

Matilde voltou e ainda conversaram um pouco sobre a novidade. Tanto Lisa como Matilde se sentiam radiantes com o encontro da véspera. Carlos Eduardo nunca ia a festas, raramente conversava com moças. Naquela idade, um certo contacto, certas brincadeiras, eram indispensáveis. E Branco não hesitou em concordar.

Momentos depois, saía, voltando diretamente para casa. Inútil procurar Carlos Eduardo. A partida estava ganha. Seguramente não pensava mais na “conhecida” de Pedro Borges. Desse lado, podia ficar descansado. Devia estar perdido numa praia qualquer, pensando em Silvinha. Ou, procurando-a liricamente pelas ruas, esperando vê-la surgir no meio de um grupo de amigas, rindo, em plena felicidade, como ele também estava...

2

À noite, em casa dos Graça, entre lamentações de toda espécie, aquele fato seria contado com grande espanto: à tarde, João, enquanto esperava por Lourdes, vira-o passar a dois passos, alheio a tudo, sorrindo. Não podia ter a menor dúvida: Carlos Eduardo ia inteiramente distraído, nem o vira. Ainda pensara em chamá-lo para saber notícias de Ivo, mas Carlos Eduardo já ia longe e tão distante de tudo que deixara para outra vez.

João não se enganava. O rapaz alheado de tudo que passara por ele, era Carlos Eduardo. Saíra de casa cedo, tendo um encontro marcado às quatro horas com André e duas compras a fazer. Assim, uma vez escolhido o par de sapatos e a gravata de que precisava, viu-se com mais de uma hora diante de si e nada, absolutamente nada, para fazer. Num dia qualquer, isso talvez o aborrecesse. Naquele, seguramente não. E aceitava muito bem a ideia de ficar andando de um lado para outro, olhando as coisas, simplesmente. Quem estava contente como ele, não podia se amolar por ter de ficar sozinho.

Pensou em telefonar a Branco, em passar um minuto em casa para lhe contar os acontecimentos da véspera. Precisava falar de Silvinha, conversar com alguém sobre o mundo novo que sentia nascendo dentro dele. Contudo, desistiu logo da ideia: para estar com Branco e falar daquilo, o tempo era pouco. Procurá-lo-ia à noite e conversariam, se preciso, até de madrugada.

Pôs-se a andar, ao acaso, pela cidade. Que bem lhe podia importar a direção a tomar? Contente como estava, tudo lhe era fácil e agradável. Ir aqui ou ir ali, parar um momento diante de uma vitrine ou tomar uma xícara de café, ir olhar o mar ou continuar rodando pelo centro da cidade, tudo lhe parecia igualmente favorável ao desenvolvimento daquele cuidado único: Silvinha.

Não era de hoje que gostava de andar, assim ao acaso, achando simplesmente bonitas as coisas. Mas, desde que vira Silvinha, tudo lhe parecia diferente, maior, infinitamente mais bonito. Tudo se lhe afigurava semelhante àquela Silvinha vestida de branco e verde que lhe sorria na memória, no fundo azul claro das cadeiras da saleta onde tinham ficado

conversando grande parte da noite.

Passeava, portanto, pelas ruas cheias de gente, vendo tudo de modo diferente, iluminado pelo entusiasmo. E, na verdade, nada via, completamente absorto pelo fato extraordinário acontecido na véspera. João Graça e muitos outros conhecidos poderiam passar por ele. Nem os notaria. Gostava de João, tinha muitas dúvidas que tivesse realmente feito com Ivo o que se dizia, gostava de outras pessoas, sobretudo de Branco, mas Silvinha era diferente, merecia tudo, tudo. Não podia prestar atenção a mais nada. Mesmo que quisesse, não podia.

E seguia pelas ruas com o pensamento nela, nas coisas que lhe diziam respeito. Valia a pena viver, só para conhecê-la. Louco, inteiramente louco, o Ivo que lhe escrevera, dias antes, aquela carta - aquela carta que trazia consigo, para melhor poder escondê-la de suas tias. Já lhes bastava o afastamento, a constante preocupação com o modo pelo qual Ivo estaria suportando a solidão. Não era necessário mais aquele grito de desânimo, aquele amargor de que nem Branco conseguira lhe dar todas as razões.

Louco, na verdade, o Ivo que lhe escrevera aquela carta onde dizia, entre muitas outras coisas tristes, estar tão cansado da vida que não queria tentar mais nada. Entregava-se, de uma vez por todas. Viesse o que viesse, a vida fizesse dele o que bem entendesse. Para que lutar mais em lutas daquelas? Para que pretender resistir, quando se é de um modo e se foi feito para ser levado, sempre para longe e para o fundo? Dizia mesmo que só pensava em poder afundar numa poltrona confortável, muito confortável, e deixar os anos passarem, um, dois, três, dez, tantos quantos ainda tivessem de vir. Escrevera até essa frase que não conseguia esquecer: “Um ‘maple’, Carlos Eduardo, um ‘maple’! - e eu creio que a vida não tem nada de melhor reservado para mim. Nada que eu ambicione, pelo menos...”

Respondera logo. Dissera que o considerava inteiramente louco e não o entendia. E, nesse momento, não sabia ainda da existência de Silvinha! Agora que a encontrara, e descobrira de que modo as coisas mudam do dia para a noite, e como mudam, inteira, fundamentalmente, mesmo quando antes já satisfaziam, sentia-se impelido a escrever de novo a Ivo, sem esperar sua resposta. Precisava falar-lhe de Silvinha, da possibilidade dele também encontrar alguém como Silvinha, alguém que transformasse tudo para ele - o preto em branco, o triste em alegre, o ruim em bom. Encontros desses existiam, davam-se a todos os momentos. Era só ter coragem de

esperar, de confiar na vida, em Deus. Porque Lourdes não gostara dele tanto quanto teria sido necessário para estar sempre a seu lado, não era razão para não surgir outra, para a vida não lhe apresentar mais nenhuma oportunidade.

Durante muito tempo, Carlos Eduardo andou assim, pensando ora em Ivo, ora em Silvinha, entusiasmado com a ideia de que o irmão também precisava encontrar uma criatura como Silvinha. E certamente encontraria essa criatura excepcional, perfeita, que poria em cima de um altar, como uma santa, e a quem dedicaria toda a sua vida e todo o seu amor. E só assim poderia voltar a confiar na vida, em si mesmo. Só assim esqueceria o “roubo” de que fora vítima. Precisava ter diante dos olhos o que ele tivera quando Silvinha surgira. Bastava isso.

AINDA a via naquele instante como lhe aparecera, na festa, num momento verdadeiramente inesquecível - espécie de visão que o perturbara por alguns instantes e, depois passara a ser o supremo encanto entre as inúmeras recordações extraordinárias que lhe tinham ficado. Um vestido branco, muito simples, com um enfeite verde nos ombros. E um sorriso de anjo, vindo do fundo de um rosto cuja delicadeza e suavidade excediam de muito tudo quanto vira até então.

Em casa dos Paivas, Carlos Eduardo só conhecia Armando. Fora quem insistira para que não deixasse de vir. Hesitara um pouco porque, em geral, não se divertia em festas, mas afinal decidira ir para não desagradar a Armando, de quem gostava muito. E já tinha sido apresentado a todos os membros da família, quando, num canto da sala, Silvinha surgira de um grupo de amigas, à procura de seu primo, Roberto Dutra, que prometera vir cedo e ainda não chegara.

Todos sabiam: naquele amor sempre hesitante, “capenga”, como dizia Dona Laura Paiva, era Roberto, agora, quem estava mais entusiasmado, enquanto Silvinha parecia reservada, quase desanimada. As amigas lhe davam razão: tinha motivos para não avançar muito, dados os contínuos desenganos ocasionados pela inconstância de Roberto. De qualquer modo, porém, não se podia dizer que não estivesse correspondendo ao seu interesse. E, agora mesmo, largara as amigas para indagar de Armando se o vira. Fora quando, subitamente, se achara frente a Carlos Eduardo.

Não se podia afirmar que o entusiasmo imediato que acometeu Carlos

Eduardo, ao vê-la, tivesse tomado Silvinha de assalto. Mas, a simpatia instantânea foi como que a permissão para Carlos Eduardo se aproximar e ficar a seu lado quase a noite inteira. Como ignorava inteiramente o amor de Roberto por ela, não sentiu o menor constrangimento. A ausência de Roberto - inexplicável para todos, exceto para Silvinha, com quem Roberto se zangara à tarde - provocou discussões e comentários, mas nem Silvinha nem Carlos Eduardo o perceberam. Embevecidos um pelo outro, haviam ficado o tempo todo conversando.

A princípio, tinham dançado. Mas, como Silvinha respondera, depois, a dois rapazes que a tinham vindo tirar, que estava cansada, fora necessário sustentar a mentira até o fim.

E as horas tinham passado como num verdadeiro sonho - pensava Carlos Eduardo. Ainda via Silvinha rindo a seu lado, contente, olhando-o com a mesma ternura com que a olhara todo o tempo. Sentiam-se felizes por estar ali, um ao lado do outro, falando das mil pequenas coisinhas de suas vidas, dos mais insignificantes detalhes de seus sentimentos, absolutamente esquecidos do resto do mundo. Ainda a via falando, os lábios se movendo docemente, o olhar se fixando nele de quando em quando. O que dizia, o que diziam ambos, não tinha a menor importância: apenas um meio de falar ao outro de si, das coisas que lhe eram mais caras e íntimas - um meio de se sentir mais próximo, íntimo, recuperando tantos anos perdidos - esses longos anos que haviam vivido longe um do outro, sem se conhecerem. E Carlos Eduardo ainda a via, despedindo-se com o mais extraordinário dos sorrisos, com mil promessas nos olhos para o futuro que tinham começado a pôr de pé naquela noite. Um novo encontro havia sido marcado para o domingo seguinte, alguns dias depois.

QUANDO Carlos Eduardo deu acordo de si, eram já quase quatro horas. Como tinha se distanciado sem querer do local do encontro com André, percebeu que era necessário apressar o passo. O calor e o excesso de pessoas à volta o fizeram parar, meio desnorteado. Raras vezes tinha visto a cidade tão movimentada como naquele dia. Achou bonito e, sem saber por que, sorriu e recomeçou a andar. Do próprio calor que tornava o ar pesado, quase sufocante, tirava agora um motivo de satisfação.

Numa tarde assim - pensou - depois de uma noite como a da véspera, não era possível desanimar. Um “maple” podia ser o ideal para um dia de

chuva mesquinha e renitente que se seguisse a uma noite de derrota. Mas, num momento daqueles? Seguramente, Ivo mudaria de opinião, se algum dia encontrasse alguém como Silvinha. E era disso que o irmão precisava para cicatrizar aquela ferida que não o deixava viver e por onde seu sangue estava aos poucos escorrendo. À noite, conversaria com Branco e, juntos, iniciariam uma campanha para fazer Ivo voltar logo, sem esperar por mais nada. Sozinho numa cidade onde não havia, para ele, nenhuma fonte de alegria, só podia piorar, abismando-se mais e mais.

De repente, Carlos Eduardo se lembrou: o encontro!... Pensando em Ivo, retardara o passo, quase parara. Era preciso não fazer André esperar. E esqueceu tudo mais, o lugar onde estava, os desconhecidos que o rodeavam, o movimento, os próprios pensamentos de instantes antes, tudo. Durante segundos, apenas a lembrança de André - André o esperava, André já devia estar no ponto marcado, André precisava lhe falar, não sabia ainda para quê. E, alheio a tudo, a não ser a esse atraso insignificante, apressou o passo, sem olhar para lado nenhum. A esquina da rua, foi como se não existisse, como se a calçada por onde vinha continuasse indefinidamente, segura e protetora...

O táxi já estava muito perto demais para ter tempo de parar, mesmo na marcha vagarosa em que vinha, segundo constou, depois, de todos os testemunhos. A violenta freada do chofer foi inútil. Inúteis seus gestos de pessoa abismada com a audácia de um transeunte que não olhava os sinais, o movimento das ruas, atravessando de uma calçada para outra sem prestar atenção a nada.

Tudo inútil. Atingido bem de cheio, pela frente do carro, Carlos Eduardo foi atirado longe. O corpo caiu de frente, a cabeça batendo na sarjeta.

O ajuntamento foi enorme. Ouviram-se gritos de pessoas que tinham assistido o inevitável se processando diante delas - aquele pobre rapaz marchando para a morte sem ver, sem saber, sem que ninguém pudesse avisá-lo, fazer nada por ele, vindo, vindo!... - e o círculo de curiosos se tinha formado em torno do corpo. Da testa e da orelha direita corriam dois pequenos filetes de sangue, provavelmente o resultado do choque contra a sarjeta, no momento da queda. Nenhum outro sinal inquietador, a não ser, talvez, o desalinho da roupa, rasgada em mais de um ponto.

Enquanto a assistência não chegava, alguém se curvou sobre o corpo e examinou-o alguns instantes, com visível inabilidade. Levantou-se, a

fisionomia emocionada, declarando ao guarda e aos mais próximos que era um caso liquidado. Não soube explicar por que, de que se tratava... talvez uma fratura da base do crânio, mas, não podia assegurar, não sendo médico...

FOI nesse momento que Pedro Borges surgiu do círculo de desconhecidos formado à volta de Carlos Eduardo. Sua face, já comumente magra e significativamente marcada, parecia ainda mais dura e macerada do que nunca. O sono, de que vinha de acordar, mal lhe recompusera as forças. Viera à cidade, mas já estava disposto a voltar para casa e de novo mergulhar no sono reparador, quando um agrupamento de pessoas, numa esquina, chamava sua atenção. Fora ver, esgueirara-se até chegar à primeira fila. E, só então, pudera identificar o atropelado.

Seu primeiro movimento fora de recuo. Nada tinha a ver com aquilo, não precisava se meter em mais uma aventura, arranjar novos embaraços. Contudo, a pena que lhe inspirou aquele pobre corpo de adolescente à beira do último momento, privado para sempre da vida - da vida de que, ainda na véspera, usufruíra os maiores esplendores - levou-o a se abaixar para ver se ainda era possível fazer alguma coisa. Pelo menos, poderia identificá-lo ao guarda.

Curvado sobre Carlos Eduardo, passou a mão pela sua testa. O suor frio que a molhava provocou nele um gesto de recuo, de quase horror, que não passou despercebido aos presentes. Fez com os ombros um gesto de desânimo e todos compreenderam que, também para ele, o pobrezinho não duraria muito.

O calor parecia cada vez mais forte. E, aquelas pessoas amontoadas, respirando, agiam como se estivessem roubando um resto de ar de que Carlos Eduardo ainda podia precisar. No entanto, ninguém se afastava, à espera da chegada da assistência. De repente, o círculo se apertou ainda mais. Carlos Eduardo abriu os olhos e esboçou gestos vagos. Pareceu muito aflito, sem ar, e seus olhos percorreram vagarosamente as fisionomias das criaturas que o rodeavam. Alguns achavam que queria pedir alguma coisa, água talvez. Para outros, aqueles olhos só exprimiam uma coisa: dor, uma dor terrível que não se expandia em gritos somente porque já não tinha mais forças.

Quando o olhar de Carlos Eduardo passou pela fisionomia de Pedro

Borges, demorou um pouco mais e houve quem afirmasse ter se esboçado nele um leve sorriso, prova inequívoca de que reconhecera “o amigo”.

- Felizmente encontrou um amigo. Já não morre tão sozinho, coitado...

Talvez Carlos Eduardo não estivesse morrendo sozinho, porque não é possível acreditar que alguém morra sozinho, mas, certamente, não reconheceria Pedro Borges. No seu estado, não podia mais distinguir ninguém. Devia estar vendo tudo numa grande névoa, os homens já muito distantes, quaisquer que fossem suas faces.

No entanto, a seu lado, Pedro Borges tentava suavizar-lhe os últimos momentos. Levantou-lhe um pouco o busto e Carlos Eduardo pareceu melhorar. Logo uma pequena golfada de sangue lhe veio à boca e correu pelo queixo, até a garganta. Depois, ergueu os olhos e pareceu estar fixando o céu. Pedro Borges seguiu seu olhar, sabendo que não havia mais nada a fazer. No céu muito limpo, nem a mais leve sombra de nuvem. Via-se, por sobre as casas, de um lado e de outro da rua, a imensa coberta azul, cheia de sol. Faltava muito ainda para o cair da tarde e para a formação das nuvens sem sentido do crepúsculo dos dias quentes.

Pedro Borges voltou a olhar o chão, depois os circunstantes e, para dizer alguma coisa, comentou com o polícia a demora da assistência. Contudo, os olhos de Carlos Eduardo continuaram fixos no céu, como se estivessem vendo alguma coisa. No fim de alguns instantes, apareceu por cima das casas, de um dos lados da rua, uma dessas nuvens inconsistentes que se desmancham por si em pleno céu, como que devoradas pela rapidez com que o pretendem atravessar. Carlos Eduardo não a viu, porém.

Momentos depois, abaixou o olhar e pareceu procurar ansiosamente qualquer coisa. Ninguém sabia o quê. Mas, apesar do colarinho aberto, era evidente: sentia falta de ar e talvez fosse isso, o que estivesse procurando. O guarda pediu que abrissem o círculo formado à volta do corpo, para o rapaz poder respirar melhor. O círculo se alargou um pouco, mas logo em seguida se cerrou de novo, quando Carlos Eduardo, num movimento de grande agitação, pareceu querer falar.

Pedro Borges e o guarda se aproximaram, quase encostando os ouvidos na face de Carlos Eduardo. O guarda desistiu logo. Mal conseguia respirar, como é que podia falar?... No entanto, da boca constantemente entreaberta, saiu enfim um som fraco que só Pedro Borges conseguiu ouvir. Explicou para a curiosidade de todos:

- Chamou pelo irmão.

Houve um murmúrio de aprovação e de interesse entre os ouvintes. Pedro Borges prosseguiu:

- Disse: *Ivo*... É assim que o irmão se chama. Está fora, agora... e os pais já morreram.

Ouviu-se um murmúrio de lástima, de momentâneo interesse. Os comentários prosseguiram por alguns instantes, até que se ouviu, ao longe ainda, o sinal da assistência. Pedro Borges se ergueu e olhou mais uma vez a face apagada e já mais ou menos sem expressão de Carlos Eduardo. Pobre menino, que se ia assim em pleno começo de existência, antes de prová-la no que tinha de melhor. Pobre menino - mesmo assim, pálido, desfeito, com manchas de sangue desfigurando-o, os olhos parados, mortos antes do resto do corpo, impressionava pela tranquilidade e pela beleza calma, que ignorava tudo, miseravelmente roubado...

EM POUCOS instantes, removeram Carlos Eduardo da calçada para o interior da assistência. E o carro saiu a toda velocidade, enquanto o guarda, retomando a autoridade esquecida, mandava as pessoas se dispersarem. Pedro Borges viu a assistência desaparecer e ficou parado, sem saber o que fazer. Quem estaria ao lado daquele menino nos últimos segundos? E, quando e como iria morrer?

NINGUÉM assistiu a esse último momento. Carlos Eduardo não chegou com vida ao posto para onde o levaram. Numa parada forçada, foi como se procurasse o ar livre de pouco antes, o céu de que lhe tinham tirado a vista, e como se sentisse, de repente, que tudo ia acabar e estava escurecendo cada vez mais depressa e mais profundamente. Não se mexeu, não deu um gemido, não chamou sequer a atenção do médico. Quando o carro se pôs de novo em movimento, procurando recuperar o minuto perdido, já estava morto.

3

A consternação que a notícia da morte de Carlos Eduardo causou entre seus amigos e os conhecidos da família Freitas foi tão grande que a ninguém pareceram por demais estranhas as conversas e as cenas que tiveram lugar no dia do enterro. Nem a conversa descontrolada da noite de vigília, nem a própria luta corporal que se travou na saída do cemitério, entre Branco e Pedro Borges, conseguiram escandalizar.

Foram, no entanto, uma noite e um dia cheios de frases estranhas e gestos inesperados. Dir-se-ia mesmo que, sob o choque do acontecimento, muitos tinham perdido a calma e não se controlavam mais. Na verdade, havendo tanta gente presente, pelo menos à hora do enterro, era inevitável que se encontrassem dois ou três menos senhores de si para, num ambiente superexcitado, provocar o desequilíbrio e impelir mais alguns a pequenos atos de descontrole.

Desde bem antes da hora do enterro, a casa estava cheia. E não tardou que os diversos grupos formados se sentissem tolhidos tendo de se apertar um pouco. Tinha chegado a hora dos mais estranhos, dos parentes afastados - a eterna hora em que os simples conhecidos se nivelam aos verdadeiros amigos. Os mais próximos, os amigos de Carlos Eduardo, esses, haviam passado a noite velando o corpo.

A noite fora bem dura de suportar, à sombra de choque tão forte e recente. Distribuídos pelas cadeiras à volta da cama, Branco, André, em parte Leandro, Rui, Jorge, Marcos, todos tinham passado uma noite de acabrunhamento, de um silêncio penoso, entrecortado de pequenos períodos de agitação, conversa descontrolada, às vezes mesmo de crises de choro a que Lisa e Matilde se entregavam. Um ambiente insuportável em que se haviam dito coisas graves, de que, felizmente, ninguém se lembrava mais.

O silêncio era a regra. No entanto, de quando em quando, alguém lembrava alguma coisa e logo se estabelecia um diálogo que a excitação do momento levava, quase sempre, a extremos insustentáveis. E o silêncio voltava como o único meio de se atravessar aquela interminável noite.

Agora, porém, que os amigos menos próximos e os conhecidos da

família começavam a chegar, tudo ficara mais fácil. E até Lisa parecia mais consolada, distraída um pouco de sua mágoa pela necessidade de agradecer a todo momento um abraço ou um aperto de mão. “Pelo menos por esse lado - pensava Branco - justifica-se a não expulsão, a pontapés, desses intrometidos estúpidos...”

A CASA estava realmente repleta e já se começava a ouvir, em crescendo, aquele contínuo ruído de vozes conversando com cuidado para não altear muito o tom, que parecia a Branco a prova suprema da incompreensão, de todos, do que estava se passando ali. Tudo aquilo, seguramente, não passava de um dos muitos disparates que em vão procurava compreender no mundo a que pertencia, de que defendia os fundamentos, mas cujo estranho e repelente funcionamento, invencivelmente se recusava a aceitar.

Estava sozinho nesse instante, encostado à balaustrada da varanda que ladeava a casa, procurando respirar um pouco de ar fresco. A seu lado, um velho que não conhecia, como a maioria das pessoas ali presentes, dizia descansadamente a uma mocinha que parecia ter vindo só para acompanhá-lo:

- Como elas estão, meu Deus!... Pobre Matilde!

A menina comentou, esclarecendo as dúvidas de Branco:

- Mas é para menos, vovô? Deve ter sido um golpe muito duro...

Branco se afastou. Sabia o resto. Já ouvira - e quantas vezes! - o mesmo comentário: assim de repente num desastre tão tolo... e um menino ainda, de menos de vinte anos... uma criança que mal conhecia a vida... Ouvira já tudo, tudo o que se podia dizer. Conhecia aquelas lamentações - não podia aturá-las mais.

No entanto, ainda não conhecia a que ouviu, ou julgou ouvir logo adiante, numa parada ocasional, no outro extremo da varanda. Duas senhoras conversavam com animação. Assim que o viram ao lado, ouvindo o que diziam, pararam de falar. Mas, Branco chegara a escutar um fim de frase que lhe permitiu compreender a conversa toda, auxiliado, sobretudo, pela expressão de decepção das senhoras.

O que escutara não era muita coisa - dava apenas para compreender: uma delas lastimava que, tendo de morrer um dos irmãos Freitas, tivesse sido logo o melhor dos dois, e não o outro, o farrista, que estava vivendo

uma vida dissipada em São Paulo... Branco se irritou além de todos os limites. Era verdadeiramente o cúmulo que alguém se achasse com direito de vir ali para fazer observações como aquelas. E sofria ainda mais pensando que era da vida de Ivo que as duas senhoras estavam dispondo. Pensou logo: devem ser do tipo “senhoras de caridade”. E daquelas que nem imaginação tinham, pois, no lugar de Carlos Eduardo, só conseguiam ver uma pessoa: Ivo. Mas, era difícil, num velório, ouvir coisa melhor. E Branco se afastou, pensando, irritado, que deviam ser católicas praticantes (“nove décimos são assim...”), beatas, de sacristia, gente de obras de caridade.

Estava nessa má disposição, quando André veio a ele. Parecia contrariado. Branco foi logo indagando:

- Que foi que aconteceu, André?

- Nada... - e, em imediata contradição com o que acabara de dizer, perguntou: - Você já viu quem acabou de chegar?

- Não. Quem?

- Pedro Borges.

- Pedro Borges? - indagou Branco, como se não tive compreendido. E tornou a perguntar: - O que é que ele vem fazer aqui?

Branco considerava aquilo um desaforo. Pedro Borges estava ali, *também* estava ali, *também* viera dar seus pêsames às pobres tias de Carlos Eduardo. E elas, certamente, não teriam a menor repugnância em estender-lhe a mão. Deviam estar mesmo muito agradecidas pelo que fizera na véspera, já completamente esquecidas do seu papel imundo, nas últimas cabeçadas de Ivo, antes da partida para São Paulo.

Em resposta, André sacudiu os ombros. Ninguém sabia o que Pedro Borges vinha fazer ali. Carlos Eduardo não parecia apreciá-lo muito e dizia sempre que, em vez de ajudar Ivo, só fizera empurrá-lo para o desespero em que caíra. Mas, de qualquer modo - explicava André, pedindo com os olhos a aprovação de Leandro que se reunira a eles, nesse momento - uma coisa devia ser levada em conta: na véspera, fora ele quem assistira a tudo... e viera prevenir as tias, solícito, realmente emocionado.

Branco cortou logo a atenuante de André:

- Razão de mais para não vir, hoje.

- Por quê?

- Por quê? Ora essa... já não basta a infelicidade de ter sido ele a única

pessoa, a única que...

Subitamente, Branco parou de falar. Marcos chegava e reunia-se ao grupo. A frase ficou por terminar. Leandro e André se entreolharam, compreendendo. Marcos comentou, sem perceber que a conversa parara por sua causa:

- Quanta gente! Daqui a pouco, a casa não comporta mais ninguém.

- Daqui a pouco, por quê? - indagou André, sorrindo: - Há muito tempo que já me sinto sobrando.

Marcos ainda acrescentou qualquer coisa à confirmação de André. E estabeleceu-se, em seguida, um silêncio desagradável que teria provavelmente se prolongado por algum tempo, se Leopoldo não tivesse tido a boa ideia de surgir, indagando por notícias de Ivo. Só tinha tido notícia da morte de Carlos Eduardo naquela manhã e queria saber se haviam conseguido avisar Ivo. André respondeu:

- Já veio até um telegrama, em resposta ao de Dona Matilde. A essas horas mesmo, deve estar em viagem.

Leopoldo apoiou a lástima de André. Realmente, para Ivo, ia ser um golpe muito duro e sério. Carlos Eduardo iria fazer muito falta naquela casa. A ninguém, porém, mais do que a Ivo. E, como se alguém estivesse pondo em dúvida o que acabara de afirmar, chamou Branco a testemunho. Como este concordasse logo, prosseguiu, falando para os outros exatamente como se ninguém ali conhecesse as relações existentes entre os dois irmãos:

- Vocês não imaginam como Ivo confiava nele, apesar de três anos mais moço. Como descansava nele!

E, como ninguém dissesse nada, Leopoldo voltou à carga:

- Vocês podem achar que é exagero meu, mas, sinceramente, sempre tive a impressão de que Ivo só não desanimou completamente, porque ainda acreditava nele.

Houve um instante de silêncio e Leopoldo corrigiu:

- Aliás, em duas pessoas...

- A outra? - indagou Marcos.

Leopoldo sorriu e fixou Branco. Depois, acrescentou:

- Ora essa... Quem havia de ser?

Branco não protestou. Sentia-se muito sem jeito. Teve vontade de sair, de procurar outras pessoas. Leopoldo prosseguiu:

- Não confiando mais em si próprio, nem, creio, em nenhum de nós, Ivo

precisava dessa confiança que depositava em certas pessoas, a seus olhos privilegiadas. Precisava para poder viver, para...

Não terminou a frase. Acompanhado por Paulo Santos e Mário Vilelba, ambos colegas de classe de Carlos Eduardo, Pedro Borges surgiu no grupo. Não houve apertos de mão - apenas um cumprimento em geral, polido, amável mesmo por parte de Marcos e de André, o que permitiu a Branco não se manifestar.

E a conversa recomeçou, puxada por Mário Vilelba, dessa vez visando diretamente Carlos Eduardo. No entanto, agora, tudo era diferente, o ambiente totalmente outro. E o que mais impressionava a todos era isso: Branco dirigia a conversa, falando muito e com arrogância. Devia estar nervoso, excitado provavelmente pela noite passa em claro.

Evidentemente, sua intenção era provocar Pedro Borges, mostrar-lhe que não tinha vergonha de elogiar Carlos Eduardo, e pelas razões que mais o podiam irritar. Todos desaprovavam, no entanto. Branco estava descontrolado, tornando Carlos Eduardo quase ridículo pelo modo desajeitado e ingênuo pelo qual o enaltecia. Dava, aliás, de quando em quando, desses passos em falso. Estava oferecendo matéria fácil demais às inevitáveis caçoadas de Pedro Borges. Que queria, afinal? Ofendê-lo, simplesmente, de modo que se sentisse obrigado a ir embora? E, para que se referir, assim daquele modo, ao caso da antevéspera com Silvinha Paiva? Só para informar Pedro Borges, certificá-lo do fracasso de um certo plano?... Evidentemente, o nervoso o fizera perder o controle e era preciso levá-lo a mudar de assunto.

NESSE mesmo momento, Dona Laura Paiva tentava consolar Lisa com mais um apelo à sua resignação cristã. Não era muito de enterros, detestava tudo o que representasse tristeza, proximidade de doenças, “cheiro de morte”, mas, daquela vez, sentia-se comovida e já se desdobrara em tentativas de consolar Lisa - Matilde não sendo de sua especial simpatia...

Lisa se deixava levar, agora, pela narração do abalo que Silvinha sofrera com a notícia. Dona Laura tornava a explicar: a filha ficara em casa, com os olhos vermelhos, sem coragem de vir.

- Pobrezinha! - comentou Lisa, como se Silvinha já fosse realmente noiva de Carlos Eduardo.

O silêncio testemunhou que estavam pensando na mesma coisa, ambas

sabendo de tudo. Lisa prosseguiu:

- E só se viram uma vez... anteontem!

- Que tristeza! - exclamou Dona Laura, os olhos rasos dágua. E comentou, imaginando num segundo para a filha todo um futuro, bem diferente daquele que via se desenhando: - Que tristeza! Ia ser tão bonito, não?...

- Estavam tão bem um para o outro!

Dona Laura a abraçou, comovida. E tentou consolá-la mais uma vez, lembrando-lhe que aquilo era a vontade de Deus. Uma tristeza, mas não adiantava sofrer daquele modo...

- O mais triste, Laura, é que não é possível nem mesmo discutir - acrescentou Lisa, num grande sofrimento.

Dona Laura não insistiu. Diante de uma criatura com tanta fé, o melhor ainda era não tocar no assunto. E escolheu outro meio de desviar a atenção de Lisa, sem perder, com olhar irônico, nenhum dos gestos de consolo com que, a dois passos, Dona Noca tentava acalmar uma nova e prolongada crise de lágrimas de Matilde.

AINDA que receosa de encontrar Ivo, Lourdes acompanhara os pais à casa dos Freitas. Dona Noca passara parte da noite com as tias de Carlos Eduardo, velando e consolando. De manhã, dissera à filha que Ivo só era esperado à noite. Lourdes compreendera. De qualquer modo, viera preocupada, temendo vê-lo surgir de surpresa.

Estava quase noiva de João. Esperava, apenas, que terminasse o curso de medicina, colocando-se definitivamente, para marcar a data do casamento. Fazia tudo para esquecer Ivo, e João parecia reunir qualidades que facilitavam a tarefa. Sentia-se muito feliz, certa de que viveriam bem, um ao lado do outro. Não lhes faltariam nem filhos nem alegrias. Provavelmente mesmo, seria muito mais feliz com ele do que com Ivo, se Ivo...

Não gostava de pensar naquilo. Sempre que lhe vinha à cabeça alguma recordação dos dias passados ao lado de Ivo, bania a imagem, disposta a esquecer, de uma vez por todas, o que não havia nenhum motivo para permanecer vivo na sua memória.

Ainda agora, naquela casa enlutada, bania a imagem do primo com uma violência inacreditável. Depois do rompimento, não tornara a lhe falar.

Vira-o de longe, várias vezes. Estivera com Carlos Eduardo, com as tias. Com ele, nunca. Nas visitas projetadas a Matilde e a Lisa, Dona Noca cedera sempre e acabara indo sozinha ou com o marido. Ivo, por sua vez, nunca mais aparecera em casa dos tios. E, um belo dia, soubera da sua partida para São Paulo, sem se despedir de ninguém, quase fugindo, não se sabia bem de que, nem por que.

Agora, enquanto todos lastimavam aquele pobre Carlos Eduardo, de quem gostava tanto, era Ivo quem evocava, naquelas peças onde tinha vivido tanto tempo e onde, mais de uma vez, se haviam encontrado, em dias de visita. Via-o na escada, chamando-a. Via-o a dois passos, consolando Lisa, consolando Matilde. Via-o correndo de um amigo a outro, grave, dilacerado de tristeza, ferido no que tinha de mais sensível... Estaria precisando dela?

Bania a preocupação com energia, tentava se interessar nas frases de convenção com que sua mãe pretendia consolar Matilde. Contudo, adiante, voltavam as imagens de pouco antes. Decididamente, o que não devia era ter vindo. Parecia-lhe estar traindo o amor exclusivo que dedicava a João. Ivo tinha saído da sua vida. Para que pensar mais nele?

Assim pensa Lourdes nesses momentos de tentação e de engano de si própria. Ainda não sabe que o amor é isso, essa coisa que resiste a tudo e está sempre em todas as esquinas, nas curvas mais fortes da estrada tranquila que se vai seguindo, certo de que ficou tudo acabado para trás. Ainda ignora que, muitas vezes, são esses amores, aparentemente inermes e gelados, que governam a vida, eles que as paixões mais violentas não conseguem arrancar do coração e estão na velhice como estiveram na infância, igualmente intocados, prontos para serem vividos. Não sabe de nada, só quer fugir daquele lugar, daqueles sentimentos que lhe parecem traições - traições que nem mesmo poderá confessar, pois, a nada João é tão sensível quanto a qualquer recordação do seu antigo sentimento por Ivo. E é Lourdes quem vai forçar Dona Noca a sair antes do enterro, poucos momentos depois, com surpresa de todos.

NA VARANDA, a conversa continuava. Branco persistia no seu entusiasmo sem restrições. Todos, aliás, tinham se deixado envolver por aquele arrebatamento e escutavam-no sem estranhar. Só Pedro Borges não tomava parte no movimento geral. Um pouco afastado do grupo, não

querendo perder nada do que se dizia, ouvia, extremamente irritado.

Breve - pensava Pedro Borges - seria forçoso sair dali. Ninguém, por mais paciente que fosse, resistiria indefinidamente àquela cascata de elogios e tolices. Aqueles amigos de Carlos Eduardo, que ouviam boquiabertos, positivamente deviam estar loucos. Ou eram doentes. Em seu estado normal, ninguém ousaria concordar com aquela série de enormidades.

De Branco, nada o surpreendia. Além de católico, de "carola" até o último limite, sempre lhe parecera um imbecil de primeira categoria, um desses tolos que não só se privavam de gozar a vida - pelo menos franca, declaradamente... - como queriam que outros também os acompanhassem em tão despropositada loucura. Não, de Branco, nada era de espantar. (Conhecia-o desde o tempo de colégio, do namoro com Elza.) Todavia, dos outros, de rapazes inteligentes como Marcos, ou Mário Vilelba,como explicar aquela cegueira? Sinceramente, achariam mesmo tudo aquilo que Branco dizia? Ou estariam apenas fingindo, obrigados pelas circunstâncias?

Um pequeno engano de Paulo sobre Carlos Eduardo fez com que Leandro, tomando subitamente a palavra, se lançasse numa longa explicação sobre os sentimentos de Ivo por Carlos Eduardo. "Também esse!" - pensou Pedro Borges... A mesma cegueira, a mesma obsessão de tomar sempre tudo pelo lado ideal. "É verdade que esse..." - disse consigo mesmo, sem terminar a frase, do fundo da sua má vontade por Leandro, nascida da desconfiança que fosse por causa dele o desinteresse de Lou.

No entanto, como Leandro, os outros todos... Era evidente: pensavam do mesmo modo, concordavam com Branco. Deles todos, somente André era bastante hipócrita - "jesuítico como Branco", pensou logo - para simular tão grande admiração.

Na verdade, não compreendia. Marcos sabia aproveitar a vida. Mário Vilelba também. Outros mesmo sabiam - Leandro ou Leopoldo, para não ir mais longe. E, no entanto, não era a esses que admiravam, e sim a um meninote ingênuo que nunca se salientara muito - senão, talvez, por se comportar bem: "um comportamento exemplar", deviam dizer as tias, os padres e os imbecis de toda espécie! Carlos Eduardo falava como qualquer um, dizia as mesmas coisas sem interesse. De realmente extraordinário, a única coisa que conseguira fazer, fora morrer cedo, num desastre sem nenhum heroísmo, num atropelamento de rua que podia acontecer a qualquer um. Morrera sem saber nada da vida, sem conhecer ainda o que

realmente valia ser provado... e isso por culpa própria, por falta de interesse, provavelmente por frieza diante da vida - da vida ardente que parecera não sentir. Depois, por que o exagero de querer ver naquele pobre fim a que assistira sem lhe descobrir nada de mais, um horror quase cósmico, uma calamidade difícil de ser suportada sem uma grande revolta?

Evidentemente, tinha muita pena do rapaz. Considerava mesmo grande tristeza morrer assim no começo da existência. Mas, sem a menor dúvida, o que estava na base do seu pesar, era o logro sofrido por Carlos Eduardo. Nada pudera aproveitar do que, na vida, merecia ser provado e apreciado, longa e sabiamente gozado - uma meia dúzia de prazeres a que só a experiência das coisas dava, com os anos, o seu justo valor.

Ora, aqueles rapazes, deixando-se levar por Branco, elogiavam em Carlos Eduardo coisas inteiramente absurdas, tornando-o ridículo. Ainda havia pouco, Branco falara longa e carinhosamente de uma espécie de aventura, extraordinária aos seus olhos, que Carlos Eduardo tivera na véspera do desastre. Extraordinária, por que? Ninguém jamais poderia dar as razões. Um simples começo de namoro. A quem não acontecera aquilo? Evidentemente, não com aqueles exageros de angelicismo, tolos, de que Branco revestia o caso para fazê-lo mais parecido com os seus próprios, provavelmente... como aquele que, anos antes, tinha feito deles quase dois inimigos. No entanto, todos ali presentes, mesmo os que melhor sabiam aproveitar a vida, como Mário Vilelba, Marcos ou ele mesmo, já tinham encontrado na vida uma, várias meninas, de quem, nos primeiros dias de encontro, só tinham querido saber da "pureza". E depois, não tinham todos eles esquecido aquelas tolices, aqueles preconceitos de menino ingênuo, por outras coisas mais importantes... mais verdadeiras? E com Carlos Eduardo seria, certamente, o que iria acontecer. Com os dias, com a experiência, também ele haveria de querer ver a vida de mais perto. Todos os homens eram assim. Seria feito, por acaso, de massa diferente? Não teria os mesmos desejos, corpo de homem?

Pedro Borges não podia suportar o que chamava os "floreados" de Branco. Não aturava, aliás, mais nada do que se estava dizendo ali. Será que não percebiam que um exagero daqueles, por si, bastava para liquidar com a paciência de um santo? Não estariam vendo que já não podia se conter, e, em pouco, estaria dizendo tudo o que pensava? Ou ia embora logo ou acabava falando. O que não podia, de modo algum, era permanecer calado,

consentindo que pessoas inteligentes continuassem a se deixar enganar, daquele modo absurdo, por um desses jesuítas encapados que ainda corriam o mundo, fazendo publicamente o elogio de meia dúzia de virtudes que consistiam, sob diversas formas, nesse feito único e perfeitamente imbecil: deixar de gozar a vida...

ENTRETANTO, pôde continuar na varanda, o tempo que quis. Vendo, de repente, padre Luis atravessar uma das salas, Branco largou ostensivamente o grupo para ir ter com ele. Instantaneamente, a conversa mudou de rumo e, em pouco, o próprio grupo se dispersou. Na varanda, só ficaram Mário Vilelba e Pedro Borges que em vão tentava dissuadir o amigo de ir ao cemitério. Mário não só insistia em ir, como queria que também ele fosse, para depois poderem seguir juntos, sem ter de marcar novos encontros.

Na sala, Branco não alcançou padre Luis senão com certa dificuldade. Foi logo levando-o para um canto:

- O senhor saberá me dizer o que toda essa gente veio fazer aqui?

- É mesmo. Mal se pode respirar. Depois, com um calor desses...

- Eu acho isto um desaforo, uma falta de pudor...

Houve um momento de silêncio. Padre Luis o rompeu, falando baixo:

- Então, Branco, já um pouco mais resignado?

Branco não respondeu. Padre Luis se referia à conversa que tinha tido de manhã e que não fora das mais calmas. Prevenido na tarde mesmo do desastre, Branco passara a noite velando o corpo. Padre Luis só soubera de manhã cedo. Viera logo, mas já o encontrara esgotado por uma noite de excitação, de conversas nervosas, de xícaras de café tomadas constantemente. E o choque que vinha se anunciando havia algum tempo, apesar da admiração e simpatia mútuas, dera-se ali mesmo.

O verdadeiro golpe que a morte de Carlos Eduardo iria produzir nele, padre Luis ainda não o sentira naquele momento. Assim padre Paulo viera lhe dar a notícia que acabara de ler no jornal da manhã, ficara como que paralisado. Durante alguns momentos, não se movera. Depois, pensara logo em Ivo, na necessidade de socorrê-lo. Sabia-o em São Paulo, muito desanimado, num período extremamente difícil. Agora, tudo seria mais penoso. Era necessário, no entanto, não discutir a vontade de Deus, aceitar suas decisões que eram a própria sabedoria, a própria justiça e a própria

misericórdia.

Fora com essas disposições que entrara, naquela manhã, em casa dos Freitas e encontrara, a se opor tenazmente à sua palavra de resignação, um Branco indignado contra a estupidez de uma morte daquelas, um Branco que se recusava a aceitar, parecendo disposto a discutir a vontade de Deus, a censurá-la quase por ter escolhido, entre cem mil criaturas, aquela especial entre todas, aquela que representava tanta coisa para tantas pessoas...

Padre Luis sabia a significação da existência de Carlos Eduardo para aqueles rapazes todos - como aliás, para ele próprio. Via-o como um desses milagres vivos que os homens roçam sem perceber, sem se inquietar, e só os mais próximos compreendem na sua natureza excepcional. Via-o às vezes mesmo como uma graça especial que suas orações haviam merecido, um ser privilegiado para quem a vida se abria bem grande e larga, sem mesquinharias e misérias, sem capitulações e traições, na sua verdadeira beleza de obra do Criador... Via-o assim, mas o modo pelo qual Branco parecia querer se insurgir contra o fato acontecido, era inteiramente absurdo. Como se uma revolta daquelas pudesse ter algum sentido numa criatura que realmente acreditava em Deus e na Providência...

Tinham discutido muito. Sem dúvida, padre Luis não ignorava que Branco estava muito excitado com as contínuas conversas, não tendo dormido. Ainda pensava sob a ação do choque sofrido. De qualquer forma, não era possível deixar de combater aquelas palavras que podiam levar à insubordinação, à franca revolta. Para lastimar um acontecimento daquela espécie, era necessário primeiro aceitá-lo, conformar-se com a vontade de Deus, banir qualquer veleidade de desespero. Ninguém o lastimava mais do que ele. Tudo, porém, depois de ter se compenetrado de que aquilo devia ser a melhor solução - pois, vinha de Deus. E como Branco se erguesse contra essa ideia que lhe parecia quase monstruosa, padre Luis disse:

- Meu filho, nós não sabemos nunca o que pode ser na nossa vida, amanhã... o sofrimento, a miséria, a vergonha que nos espera sem que a possamos sequer prever.

- A Carlos Eduardo, padre?!

- Você sabe que outros destinos poderiam estar reservados para ele? Você já pensou que há cinco, dez motivos - mais, provavelmente... que podem explicar essa morte em aparência tão gratuita, tão desarrazoada? Por que não pensar um pouco nisso?

- Não, padre Luis. Assim não é possível. Assim, tudo se justifica, tudo, tudo!

Padre Luis continuou, como se não tivesse ouvido:

- Você sabe se esse tristíssimo destino, que eu lastimo tanto, e tanto quanto você, não era, no entanto, o melhor de todos, o escolhido por ser o melhor... Você sabe se isso que se deu e que, naturalmente, não podemos entender,não foi uma suprema prova de amor de Deus para com essa criatura que, eu estou convencido, era amada de um modo especial?

Escolha, destino, melhor destino, prova de amor - não, Branco não podia aceitar. Nem mesmo compreender. No entanto, padre Luis insistia, continuava, entrincheirando-se por detrás daquelas verdades duras e agressivas com uma segurança desnorteante - a mesma firmeza que desnorteara Ivo, Roberto, André, o Brandão e outros, em tantas ocasiões. Pois o que dizia naquele momento não era senão o que já dissera a Ivo, a Roberto, a André, ao Brandão, a outros - precisamente o que jamais fora necessário revelar a Carlos Eduardo... Branco ignorava essas circunstâncias, mas, naquela noite mesmo, durante a conversa com Ivo, todos aqueles véus haveriam de cair. Por enquanto escutava, semirrevoltado, todo ele discordância diante das afirmações de padre Luis:

- Meu filho, é preciso não querer demarcar a sombra de Deus na terra. Nós, o que vemos da vontade de Deus, é uma sombra apenas - é como se víssemos a sombra que se projeta sobre a terra, de um vulto sempre em movimento. Como fixá-la? Como demarcar essa sombra em eterno movimento?

Surpreso, Branco exigiu logo uma definição:

- Então, padre, não é possível saber nunca? Não é possível julgar se um acontecimento é bom ou ruim, se é justo ou injusto?

Diante das dificuldades, padre Luis hesitou. Depois, como se vencesse uma grande resistência, respondeu com rapidez:

- Não é bem isso, Branco. Ou, pelo menos, não é desse modo que quis colocar o problema. O que quero dizer é o seguinte: não entendo porque essa eterna obstinação, querendo compreender, julgar, quando sucede depararmos com acontecimentos decisivos como a morte, a perdição, o milagre... Na verdade, nós nada sabemos dessas coisas, meu filho. De importante, nada. Vemos os acontecimentos, os grandes vendavais que passam sobre o destino sempre pequeno dos homens e já é muito quando os

vemos bem, sem paixão, sem erro essencial. Compreender, verdadeiramente - não compreendemos. Ou, vagamente... Verificamos que sucedeu desse ou daquele modo e sabemos: foi por vontade de Deus. Mas, compreender, verdadeiramente compreender?...

- Todos? E os padres, então?

De novo, padre Luis hesitou um pouco. Depois falou com segurança:

- Nesse particular, um homem comum ou um padre valem o mesmo. Mesmo um padre pode ver e não compreender nada de nada! Pode falhar, tanto quanto outro qualquer. Minhas explicações da morte de Carlos Eduardo podem ser as verdadeiras... e podem não valer nada - exatamente como as suas. Quem poderá dizer qual de nós está certo?

Padre Luis ainda vacilou um pouco e depois prosseguiu, já com menos segurança, sentindo cada vez mais viva a resistência de Branco:

- Sem dúvida, você já viu ou verá ainda, em circunstâncias semelhantes, muitos padres julgando, condenando... dizendo que isso foi castigo e aquilo recompensa. Mas, creia, é apenas no terreno da longínqua probabilidade que eles estão. Julgamentos iguais aos dos outros homens, leviandades ainda maiores talvez. Na verdade, da vontade de Deus, das decisões da Providência, quem pode falar com segurança? Quem pode compreendê-las, vendo apenas o que acontece? Somente certos privilegiados, não nós, o comum de nós, pelo menos... Somos cegos. Cegos que nos sabemos cegos, felizmente. Temos que nos guiar pelas nossas regras divinas, pelos nossos mandamentos imprescritíveis, pelo amor que estiver em nós- e deixar de lado os julgamentos, as grandes condenações e os grandes aplausos. Querer explicar esses fatos pela nossa pobre visão da justiça Divina, é a mais louca de todas as loucuras.

Apesar de ter ficado extremamente impressionado com as palavras do padre, Branco não se rendeu. Era evidente: não viam do mesmo modo a presença de Deus no mundo. E os caminhos da Providência, segundo eles, não passavam pelos mesmos atalhos, para atingir o fim comum.

Branco já suspeitava disso, aliás. De outra forma não se explicaria a dificuldade que sempre tivera de aceitar padre Luis integralmente. No entanto, só nesse dia compreendeu bem porque certas barreiras entre eles eram intransponíveis, porque não conseguia se entregar inteiramente nas conversas, e saía sempre com a impressão de ter lutado muito. Padre Luis, porém, atribuiu a resistência de Branco à excitação do momento, a esse

movimento de revolta que o levantara contra a aceitação da morte de Carlos Eduardo. Os anos teriam de vir, muitos, e carregados de pesados acontecimentos, para que sentisse ao vivo à beira de que abismos Branco vivera debruçado nesses anos quase tranquilos de pequenas discussões e choques passageiros.

POR isso, ao indagar, à tarde, se Branco já estava mais resignado, o que padre Luis na verdade queria, era saber se já caíra em si, se pensara com calma no que lhe dissera de manhã. Não tinham podido, no entanto, levar adiante a conversa, porque André viera ao encalço deles, e a proximidade da hora da saída do enterro impedira qualquer isolamento posterior.

Branco o lastimara. Mas, agora que, depois de um longo percurso pelas alamedas do cemitério, haviam chegado à beira do túmulo onde iam deixar o corpo de Carlos Eduardo, tornava a pensar na pergunta de padre Luis, no que lhe poderia ter respondido, e era, para ele, como se a conversa estivesse prosseguindo. Não, decididamente, apesar de toda a fé em Deus, apesar de não duvidar, de modo algum, que, àquelas horas, Carlos Eduardo já estivesse num mundo bem melhor, não podia encarar os acontecimentos com a serenidade exigida por padre Luis. Às vezes, não tinha dúvida que estivesse certo, certíssimo mesmo. No entanto, sabia bem, sua religião, sua fé em Deus, não eram suficientemente fortes para lhe permitir esquecer, assim de um modo absoluto, as coisas da terra, a imensa tristeza, o horror que representava a morte de uma pessoa como Carlos Eduardo.

Naturalmente, agora que refletira muito sobre o fato, não sentia mais a indignação violenta dos primeiros momentos, das trocas de exclamações com André e Leandro, naqueles minutos inesquecíveis que tinham precedido a chegada à casa dos Freitas. Então, fora tudo excitação, nervosismo, vibração incontida. E o ambiente de desequilíbrio e divagação tinha entrado pela noite adentro, só começando a se dissipar quando os primeiros clarões do dia tinham trazido o cansaço que corta regularmente as excitações e os entusiasmos mais violentos.

Diante do corpo de Carlos Eduardo, meditara longamente sobre a morte. Por uma reunião de circunstâncias, acontecia ser a primeira vez que a via face a face. Aquele corpo morto do amigo tão querido, aquilo, era a morte... E pensava que jamais supusera a morte assim, tão visível. Bastava olhar para Carlos Eduardo inerme, sentir o arrepio de frio, a contração que a

tristeza trazia até o mais profundo de si, para ver o que era a morte. A estupidez, a revolta, o vazio, a desolação, o inalterável, a saudade, a hostilidade do mundo - tudo misturado, confundido, uma sensação única que reduz tudo, absorve a personalidade de cada um e a anula completamente. Sentira-se assim, envolvido e imóvel, dominado, aniquilado. E, acima de tudo talvez, surpreso diante de uma coisa em que jamais pensara: tudo o que já se escrevera e dissera sobre aquela terrível presença, ficava muito aquém do que se sentia, realmente, diante de uma criatura morta especialmente querida. Em vão poetas e romancistas tinham tentado recriar aquele ambiente. A verdadeira sensação era tão mais estranha e violenta, tão diferente, que a impressão era de aproximação, de flou fotográfico, de mera tentativa. Faltava alguma coisa, sempre. Pouco, às vezes, mas o bastante para dar o direito de pensar: é outra coisa, outra coisa inteiramente diferente...

Assim era a morte. E a criatura morta era Carlos Eduardo. Em torno desses marcos inalteráveis, vagara a noite inteira, sofrendo daquela tristeza que sentia a cada hora penetrando mais fundo. Não podia aceitá-la, não podia entregar-se. E, só então, à luz dessa resistência mais forte que tudo, mais forte mesmo que a aceitação da vontade de Deus, compreendera quanto aquela morte o deixava só no mundo, entregue à fraqueza que sentia em si e à hostilidade das coisas que era inútil tentar disfarçar.

Ainda naquele momento, no silêncio do cemitério, Branco se perguntava o que seria dele, sozinho, sem Deus - sem Deus que era tudo, que só Ele lhe podia valer. Estava só. E só no mundo, isto é: num lugar tremendo, onde unicamente os que não prestavam ou não valiam muito se sentiam bem e viviam felizes. Porque, os bons, os que eram como Carlos Eduardo, puros de coração, desapareciam, misteriosamente levados por desastres tolos ou tragados por abismos imprevisíveis. E esses abismos, na sua inutilidade, na sua estupidez, só pareciam servir para uma coisa: mostrar o que o mundo realmente era, que loucura, que disparate, que caos tremendo! Nesse labirinto onde os homens andavam de olhos mais ou menos velados, procurando desajeitadamente tecer seus destinos grosseiros e inúteis, uma preciosidade, uma raridade da ordem de Carlos Eduardo perdia-se sem que ninguém pudesse fazer nada. Seria preciso dizer mais alguma coisa? Gritar mais alto a miséria que via no mundo e sentia dentro de si?

Quem morria, era Carlos Eduardo, eram outros como ele - outros que

deviam certamente existir, em outros bairros, em outras cidades. Os que ficavam, entregues à própria fraqueza, eram eles todos - ele que não valia grande coisa e a qualquer momento estava ameaçado de fracassar no seu esforço: única coisa capaz de justificar, aos seus olhos, sua existência - e os outros todos, Leopoldo, André, Leandro, Roberto, e muitos ainda, rapazes todos eles cheios de boas qualidades, porém condenados de antemão, por uma fraqueza inicial, a uma vida medíocre, igual à dos outros homens nas suas pequenas misérias. Todos esses ficavam. Quem morria, era Carlos Eduardo...

Branco parou subitamente, num movimento de contrariedade. Estava se excitando, se revoltando de novo, ao repensar tudo aquilo. Era necessário reagir, não se entregar. Ter confiança em Deus, na Providência que velava por todos e sabia de tudo. Veio-lhe à lembrança, mais uma vez, a frase com que padre Luis quisera esmagar sua revolta: "Meu filho, é preciso não querer demarcar a sombra de Deus na terra..." Aquela e muitas outras frases do padre lhe voltavam agora à memória, poderosas em força persuasiva. Só Deus, realmente, só a vontade de Deus, podia explicar um mundo como aquele em que viviam. E era necessário se conformar, aceitar tudo porque não podia ser de outro modo. O mundo era assim. O mundo tinha que ser assim. E talvez mesmo, a morte de Carlos Eduardo tivesse sido uma "suprema prova de amor" de Deus. Era necessário, pois, aceitar - olhar e aceitar, ver a sombra e não quer fixá-la. Isso é que era viver como um verdadeiro cristão.

E uma imensa tristeza invadiu Branco. Não era só o amargor de ver as primeiras pás de terra sobre o caixão, baixando à sepultura, daquela criatura de que era preciso se despedir de uma vez por todas. Era também por ele próprio, por todos os que, como ele, procuravam reagir às formas de vida degradada que o mundo lhes tentava impor. Sentiu-se de novo muito só, privado de ar. Aquele horizonte era por demais pequeno. Não podia renunciar a outros, mais vastos, mais iluminados. Preferia não pensar na morte de Carlos Eduardo e no que padre Luis lhe dissera. Preferia esperar, deixar passar os dias sobre aquele acontecimento tão triste...

NO TREM, de volta de São Paulo, Ivo vinha, justamente nesse momento, pensando em problemas bem semelhantes, ainda que caminhando em sentido diverso. Depois de uma noite passada em claro,

embarcara ainda meio desnorteado e viera todo o tempo raciocinando sobre as mesmas coisas.

Uma ideia, entre todas, atormentava-o como uma espécie de tema inicial para uma série de divagações posteriores: se aquele era o tratamento que se recebia de Deus, quando se chegava a ser bom como Carlos Eduardo, então, para que merecer? Bastava esse absurdo para destruir tudo mais. Se, por detrás daquela miséria, permitindo-a, estava Deus - o Deus de bondade, o Deus de misericórdia e justiça de que Branco tanto falava - então ele, Ivo, não queria nem mesmo ouvir falar em Deus. E tomava partido dos que o combatiam.

Estava decidido a dizer aquilo tudo a Branco, assim que estivesse com ele. Faltavam ainda umas duas horas para a chegada, mas, era como se a conversa já fosse principiar. E punha-se a imaginar como Branco iria conseguir justificar o sucedido. Essa morte absurda, injusta, revoltante, como explicá-la? A escolha de Carlos Eduardo, entre tantos, como compreendê-la? Chegara, simplesmente, a sua hora - poderia responder Branco. Mas então - pensava ele - que hora era aquela, tão cedo, tão no começo ainda? Um engano? Nesse caso, como atribuir a Deus, à Providência, uma insanidade daquelas?

O trem parou numa estação. Ivo desceu para tomar café. A mudança de ambiente o chamou a si. Percebeu que, a julgar pelas palavras, já não era propriamente a Deus, mas a Branco que estava responsabilizando, na sua onda de indignação. Sorriu, contrafeito. Verdadeiramente, estava exausto. Era preciso se reanimar com aquele café quente e deixar de lado, até a hora da chegada, aquelas ideias mexidas e remexidas durante longas horas.

No entanto, quando voltou para o vagão, estava de novo pensando nas mesmas coisas de pouco antes. Apenas, variara um pouco o caminho. Dessa vez, começava se insurgindo contra a ideia de querer responsabilizar quem quer que fosse pela morte de Carlos Eduardo. Não havia ninguém com culpa. Deus, muito menos que qualquer outro - Deus que, na verdade, não existia. Estava convencido disso. Branco se enganava, como André, como tantos - como padre Luis e ele próprio, no tempo ingênuo do colégio e dos primeiros chamados do mundo. Deus era, apenas, o medo que tinha de uma luta pressentida na sua violência esmagadora...

E Ivo pensava: responsável, propriamente, ninguém. Ninguém podia ser responsável por um disparate daqueles. E Deus, esse, certamente não

existia. Dizia-o bem alto, para que se convencesse de vez. O que existia, era um mundo torto, errado, caótico, tão visceralmente desordenado que, nele, tudo podia acontecer, até mesmo a morte de Carlos Eduardo. Um mundo triste que, naquele momento, execrava - um mundo repleto de pessoas más e viciadas que viviam para fazer mal umas às outras e com algumas pessoas boas, como Branco, como Leopoldo, que se enganavam totalmente, acreditando em forças superiores ou numa Providência capaz de governar o universo.

O trem se pôs de novo em marcha. Ivo não o notou. Nem prestou atenção à paisagem que se desdobrou ante ele, comumente, de todo o percurso, o trecho que mais lhe agradava. Nada via de bonito naquele fim de tarde tão triste - apenas, pressentia a aproximação de grande temporal. O que via, realmente, naquele instante, era o mundo - o mundo inteiro, em vez daquele trecho de região montanhosa - o mundo hostil em que a morte vinha, traiçoeira e estupidamente, arrebatar Carlos Eduardo no melhor momento de sua existência. Aquilo, sim, era o mundo. Aquilo, e não a "obra do Criador", de que a cegueira de Branco tanto falava.

E o olhar mergulhado na paisagem, sem vê-la no entanto, sem nem sequer notar que a chuva começara a cair com violência, Ivo tentava se convencer da impossibilidade de acreditar na "Providência Divina" quando um automóvel matava Carlos Eduardo daquele modo e ele acabava de viver, em plena tranquilidade, talvez uma das semanas mais repelentes de que se recordava. Sinal de Deus naquilo tudo, "vontade de Deus", "caminhos da Providência"? - Contassem isso a outro, não a ele, que não nascera na véspera! Sabia o que acontecia, o que os homens de olhos abertos costumavam ver. E o que ele próprio via, não era diferente: um mundo desumano onde forças invencíveis rondavam dia e noite, sem descanso, cobiçando todas as coisas que mereciam um certo interesse, até conseguir devorá-las ou destruí-las por completo. O mundo era isso: ele, vencido, incapaz de fazer nada, de resistir à sedução daquela vida suja a que se ia habituando - Carlos Eduardo, triunfante, seguro de si, de seu destino (sua última carta não deixava dúvida, nesse sentido... - uma carta linda de tranquilidade, de pureza, de força viva, nobre), um belo dia, atropelado e morto por um automóvel qualquer... E o mundo era, também, as outras criaturas que conhecia, miseráveis, fracas, incrivelmente covardes, incapazes de viver em paz consigo mesmo, incapazes de se tornar felizes.

Se o mundo era assim (e não havia como duvidar), então Branco estava errado, tremendamente errado. E não sabia nem mesmo o que estava fazendo. Seu esforço seria vão. Vã aquela pureza, aquele heroísmo, que tanto admirava, apesar de duvidar dos resultados finais. Por mais forte que fosse, um dia ou outro teria de fracassar. Pois, não vivia no mundo, rodeado de todos os lados por forças hostis? Não sabia o que acontecia sempre? Que pretendia? A morte numa rua mais movimentada ou na que atravessasse com um pouco menos de cuidado? Ou uma bala perdida num conflito em que se tivesse visto envolvido de surpresa? Inútil procurar se iludir, porque o mundo era assim mesmo.

A indignação o levou até os domínios de Pedro Borges. Pedro Borges era um crápula. Seguramente, um crápula. O inegável, porém, é que parecia conhecer a vida melhor do que qualquer outro. Conseguia aproveitá-la. Sem a menor dúvida, fazia-o de modo repugnante, "porco" como dizia o insuspeito Leandro. Mas, a morte não o lograria mais - já tivera uma parte bem grande, era ele próprio como que uma espécie de vingança antecipada do fim de Carlos Eduardo.

E depois, havia outros meios de aceitar a vida, além do de Pedro Borges. Era, aliás, o ponto de vista de Leopoldo, de Leandro - o velho e tão discutido argumento de João, no Colégio... Lembrava-se até de uma frase de Leandro, numa discussão entre Leopoldo e Branco, dois anos antes, num aniversário de Carlos Eduardo em que tinham se reunido para conversar, "entre homens":

- Quando vocês acabarem de discutir, estaremos já todos mortos. E a vida terá acabado para todos, do mesmo modo - para nós que soubemos aproveitá-la, gozá-la em tudo que nos quis oferecer e para vocês - você, Branco, e outros, como ele - (apontara para Carlos Eduardo, sorrindo, indulgente com o aniversariante) - que estarão ainda esperando licença dos padres.

Leandro dissera qualquer coisa assim. Agora, talvez estivesse modificando as palavras, mas o essencial, sabia, não alterara. Com perfeita exatidão, só se recordava de uma coisa: o indisfarçável espanto de Carlos Eduardo diante da referência de Leandro à sua espera por uma licença dos padres para aproveitar a vida. Do resto, só se lembrava do essencial, daquela afirmação que, agora, traduzia num equivalente: ser Pedro Borges, sem ser Pedro Borges...

De qualquer modo, era o velho tema de João: aproveitar o mais possível sem, no entanto, ir além de certos limites. E sabia bem o que aquela expressão “limites” queria dizer. Era por detrás deles que sentia Branco entrincheirado, armado daquela violência que parecia gritar a todo momento: não existem limites, não podem existir limites!... Branco, de longe mesmo, já lhe gritava através do temporal que desabara diante dos seus olhos: fora da recusa total, só existe a aceitação absoluta. Exatamente como se Branco estivesse querendo afirmar, diretamente em resposta ao que pensara havia pouco: - não é possível se Pedro Borges, sem ser Pedro Borges.

Ivo teve um movimento de mau humor e prestou um momento atenção à paisagem. A chuva começava a diminuir. E ainda faltava muito para a chegada. O tempo podia ainda mudar. Era inútil, completamente vão, estar remexendo aquelas ideias e conversas passadas. Sabia por que Branco estava errado. Naquela noite mesmo, haveriam de conversar sobre aquilo. Abri-se-ia com o amigo que não via há tanto tempo e cujas cartas se tinham espaçado. Falaria da necessidade que sentia de uma defesa feroz contra o mundo. Mostraria como tinha de aceitá-lo integralmente, cegamente, para não afundar no desespero, no abandono de si mesmo. Como era preciso saber aproveitá-lo, para não ser roubado quando viesse o imprevisível momento da morte... ele que já fora roubado, uma vez, no que tinha de mais precioso na vida.

Não temia as respostas de Branco. Estava disposto a enfrentá-lo, a convencê-lo do seu erro. Era só chegar, vencer o choque tremendo dos primeiros encontros em casa. Falaria, logo que estivessem a sós. No entanto, o trem parecia não avançar - e a monotonia daquelas habitações desgraçadas, disseminadas ao longo da estrada, revelando uma miséria que sempre procurara não ver, irritava-o ainda mais. Tinha a impressão de estar viajando há já muitos meses, sem chegar nunca, sem nem mesmo ver se aproximar o momento esperado.

COM o cair da tarde, veio também a hora do cemitério fechar. De volta do lugar onde o corpo de Carlos Eduardo tinha ficado enterrado, vinham dois grupos que se haviam deixado ficar por último e tomavam agora a alameda central em direção ao portão. Na frente, iam Branco, André e Leopoldo. Um pouco atrás, Leandro, Mário Vilelba e Pedro Borges.

Ao tomar a alameda, Leandro, que ficara calado o tempo todo, apressou o passo e se aproximou do grupo da frente. Foi logo se dirigindo a Branco, com visível nervosismo:

- Escute aqui, Branco, eu queria lhe explicar um pouco, antes de nos separarmos, a minha atitude em relação à “iniciação” fracassada de Carlos Eduardo e ao outro projeto que tínhamos. Você sabe a que me refiro, não? Não sei se você entendeu bem, quero me explicar...

Pedro Borges e Mário Vilelba também haviam se aproximado, e tão rapidamente, que Leandro não pudera parar no meio da frase. Não teria começado, se tivesse previsto. Não contara, com a tensão em que todos estavam, com o interesse de Pedro Borges de que não se dissesse nada que ele não ouvisse. Agora, era tarde, e os dois grupos estavam fundidos, continuando em direção ao portão.

Coagido a continuar, Leandro explicou que não tinha querido fazer nada às escondidas de ninguém - muito menos dele, Branco. Também desorientado e irritado com a aproximação de Pedro Borges, Branco perguntou:

- De mim, por quê?

A pergunta atrapalhou Leandro ainda mais. Não sabia como se explicar, agora. Invocou, em termos confusos, o fato de Branco ser um dos melhores amigos de Carlos Eduardo e de pensar de um modo absolutamente diferente do de todos mais que haviam tomado parte na empresa. Não era verdade? Não viam aquelas questões por prismas diversos? Ele, por exemplo, tinha considerado tudo como uma obrigação de amigo...

Branco interveio, irritado com o tom de Leandro:

- Obrigação, Leandro?

Houve alguns instantes de hesitação por parte de Leandro. Branco rompeu o silêncio, intencionalmente agressivo:

- Obrigação de amigo, *isso* que vocês queriam fazer?...

- Mais ou menos, Branco. Você sabe que nós não vemos essas questões da mesma maneira.

- Eu sei. Nem isso importa, nesse momento. Mas, *obrigação*?

Leandro pensou algum tempo se manteria a expressão. No entanto, com o espanto de todos, não veio dele a resposta:

- Obrigação, sim - declarou Pedro Borges, como se temesse o recuo de Leandro.

André olhou para Leopoldo e, instantaneamente depois, para Branco. Não encontrou o olhar de nenhum dos dois. Ambos tinham se fixado em Leandro, que não pudera esconder seu aborrecimento por ver Pedro Borges se solidarizar com suas ideias. Era difícil recuar agora, mas Leandro mediu o perigo da situação. E, alguns segundos depois, fixou-se em Branco, sorrindo:

- É... talvez a palavra tenha sido mal empregada.

Era evidente: recusava a aliança. Todos compreenderam e Branco também sorriu. Pedro Borges sentiu duplamente o golpe. Não atacaria Leandro, que não se queria dar por achado. Mas, não deixaria passar a ocasião, agora que estava tudo acabado e não havia mais solenidade alguma, para dizer bem alto, bem claramente, o que pensava daqueles ridículos, e daquele meninote imbecil e fingido que andava querendo fabricar auréolas à volta de cabeças perfeitamente banais, iguais às de todos.

- Pois mantenho eu a "obrigação". Os amigos que a gente tem são para isso.

- Os amigos? - indagou logo Branco, que não estava disposto a deixar passar a insinuação.

- Sim, os amigos.

- Certos amigos, talvez...

Era a luta. Apesar da tensão existente, André não pôde deixar de pensar em Marcos que, na única vez que se afastara do grupo, ia perder a "tourada" a que tantas vezes dissera estar certo de ainda assistir.

- Há amigos para tudo, não? Há mesmo os que só servem para levar a gente para as sacristias e para as comilanças de hóstias... e depois, ainda fazem de qualquer um, um pequeno "anjo".

André e Leopoldo protestaram. Leopoldo interveio com energia:

- Calma, Pedro.

Tinham chegado já ao portão central e talvez ainda fosse possível ficar nisso, sob pretexto de uma separação imediata. Branco, no entanto, já estava todo inteiro empenhado na luta e não seria ele a recuar num momento daqueles. A frase que disse, diria de qualquer modo, todos sabiam. Parando diante de Pedro Borges, já do lado de fora do cemitério, fixou-o bem para positivar:

- É, Carlos Eduardo tinha bons amigos... Tinha também um ou outro

hipócrita capaz de vir ao seu enterro para tentar diminuí-lo, ou para caçoar da religião que ele tinha...

A resposta de Pedro Borges não tardou um segundo, como se estivesse de há muito prevendo o ponto exato do ataque:

- Ah! Carlos Eduardo era religioso? Curioso, pensei sempre que isso fosse apenas intrometimento dos outros na vida dele.

Estavam parados um defronte do outro, na calçada, a alguns passos do portão. Mais ou menos da mesma altura e de forças iguais, prometiam uma luta violenta, talvez imediata. E ninguém tinha coragem de fazer o menor gesto para deter aquela explosão, evidentemente necessária, fundamental para ambos. Precisavam desabafar daquele modo. E era o momento. Ansiosos, todos esperavam. A noite vinha caindo rapidamente e a luz da rua ainda não se acendera. Não se podia desejar instante melhor para uns empurrões firmes e dois ou três pontapés.

Foi Branco quem precipitou o desfecho, dizendo:

- Olhe: quer saber de uma coisa? Não se meta com a minha vida, ouviu? Nem torne a falar de Carlos Eduardo desse modo estúpido - ouviu também?

Ao contrário do previsto, não foi Pedro Borges quem avançou primeiro. Juntando todo o seu desprezo, limitou-se a lançar as palavras, uma a uma, contra Branco:

- Deixe de ser berta, menino carola. Você e esse seu “anjo” que...

Não terminou a frase. Sentiu-se de repente violentamente empurrado pela mão de Branco, num gesto de expulsão, de horror. Ao mesmo tempo, um insulto dos mais vulgares saiu da boca de Branco. Apesar de prevenido, Pedro Borges vacilou um momento com o golpe e recuou até encontrar o muro. Depois, veio com raiva cega sobre Branco e, durante alguns rápidos instantes, os dois rolaram no chão, os golpes se perdendo no acaso com que eram distribuídos.

Foram logo separados. No furor em que estavam, era perigoso deixá-los prosseguir. Depois, mesmo àquela hora e naquele lugar ocasionalmente sem testemunha, desde que se fechara a porta do cemitério, aquela luta era capaz de atrair curiosos, um guarda talvez.

Separados os contendores, ficaram todos se olhando por alguns instantes, sem saber o que fazer. A luta terminara sem nenhum dano sério, mas os dois adversários estavam sujos e com as roupas em desalinho. Pedro Borges ainda falava em brigar, em acabar de uma vez com Branco. Mário

Vilelba procurava contê-lo, enquanto os outros tentavam afastar Branco. Como a situação perdurasse indecisa, Mário tomou enfim uma resolução. Segurando Pedro Borges firmemente pelo braço, dirigiu-se aos demais, apontando com o dedo para um dos lados da rua:

- Nós vamos para lá... Vocês?

A pergunta era tola, mas ninguém o notou. E foi o próprio Branco quem respondeu. Apenas, falou por si, como se não lhe importasse o caminho de mais ninguém. Fixando Mário Vilelba nos olhos, disse, apontando para o lado oposto ao que o outro indicara:

- Eu vou para cá.

Petrópolis - 1935-1936
Rio - 1936
Campo Belo - 1936 -1937

Revisado por ***Joroncas*** apud: Faria, O. - *Mundos mortos (Tragédia Burguesa I)*, 4ª edição, Gráfica Record Editora, Rio de Janeiro, 1969.